

*Você saberia o que é verdade se sua
mente tivesse sido apagada?*

REINICIADOS

TERI TERRY

FAROL
LITERÁRIO

 leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:



A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como

o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

REINICIADOS

FAROL
LITERÁRIO

TERI TERRY

Tradução: Flávia Côrtes

Copyright © 2012 do texto: Teri Terry

Copyright © 2012 da imagem de capa: Nirrimi

Copyright © 2013 da edição brasileira: Farol Literário

Todos os direitos reservados ao autor.

Título original: Slated

Publicado originalmente em inglês em 2012 pela Orchard Books.

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior

EDITORA: Eliana Gagliotti

ASSISTENTE EDITORIAL: Jessika Mascarenhas

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda

TRADUÇÃO: Flávia Côrtes

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO: Simone Zac / Paulo Santoro

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Aeroestúdio

PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da língua portuguesa.

Farol Literário

Uma empresa do Grupo DCL – Difusão Cultural do Livro

Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 – Bairro do Limão

CEP 02712-120 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3932-5222

www.editoradcl.com.br

Para Graham,

*que não sabia em que estava se metendo,
mas, apesar disso, sempre ficou ao meu lado.*

PRÓLOGO

Corro.

Os punhos das ondas rasgam a areia enquanto forço pesadamente um pé à frente do outro. Escalo, escorrego, repito o processo. Mais rápido. Olhos fixos nas dunas à minha frente. Não olhe para trás. Não devo olhar. Respiração ofegante; inspira, expira; inspira, expira. Ainda assim eu corro.

Quando os pulmões estão prestes a entrar em combustão e o coração a explodir, uma estrela carmesim na areia, tropeço.

Um homem retorna. Ergue-me e apressa-me.

Está chegando mais perto.

Não posso aguentar, e caio novamente. Não consigo mais correr.

Ele se ajoelha para me pegar e olha em meus olhos.

— Está na hora. Rápido, agora! Erga a parede.

Está perto.

Então eu a construo, tijolo a tijolo. Fileira a fileira. Uma torre alta, como a de Rapunzel, mas esta não tem janela, nenhum lugar para jogar os meus cabelos. Sem chance de resgate.

— Jamais esqueça quem você é! — ele grita, segura meus ombros com firmeza e me sacode com força.

Um manto de terror suprime o mar. A areia. Suas palavras, as contusões em meus

braços, a dor em meu peito e pernas.

É aqui.

CAPÍTULO 1

Estranho.

Tudo bem, não tenho muita experiência nisso para embasar este julgamento. Posso ter dezesseis anos, não ser lenta, ou retardada, nem ter sido trancada num armário desde o nascimento — até onde eu saiba —, mas ser transformada numa Reiniciada faz isso com você.

Deixa a pessoa vazia de experiências.

Leva um tempo para que tudo deixe de ser novidade. Primeiras palavras, primeiros passos, primeira aranha na parede, primeira topada no dedão. Você entende: primeiro tudo. Então, me sentir estranha e desconhecida hoje poderia ser só por isso.

Mas estou roendo as unhas, esperando que minha mãe, meu pai e Amy venham me buscar no hospital para me levar para casa. Só que não sei quem eles são. Nem sei onde fica minha

“casa”. Eu não sei de nada. Como pode isso não ser... estranho?

Bzzzz: uma suave vibração de aviso do Nivo no meu pulso. Caí para 4.4, o lado errado da felicidade. Então como um pedaço de chocolate e ele começa a subir lentamente enquanto saboreio e observo.

— Se continuar ficando nervosa, vai ficar gorda.

Dei um pulo.

Doutora Lysander está no beiral da porta. Alta, magra, vestida de branco. Os cabelos escuros esticados para trás. Óculos pesados. Ela desliza, silenciosa como um fantasma, dizem

os rumores, sempre parecendo saber antes de alguém cair no vermelho. Mas ela não é como

algumas das enfermeiras que podem trazer você de volta com um abraço. Ela não é exatamente

o que você chamaria de gentil.

— Está na hora, Kyla. Venha.

— Preciso mesmo? Não posso ficar aqui?

Ela balança a cabeça. Um lampejo de impaciência em seus olhos parece dizer *Já ouvi isso um milhão de vezes antes. Ou, ao menos, 19.417 vezes, já que 19.418 é o número do meu Nivo.*

— Não. Você sabe que isso não é possível. Precisamos do quarto. Venha.

Ela se vira e atravessa o vão da porta. Pego minha sacola para segui-la. É tudo o que eu tenho, mas não é pesada.

Antes de fechar a porta lanço um olhar para minhas quatro paredes. Dois travesseiros, um cobertor. Um guarda-roupa. A pia com uma lasca no canto direito, a única coisa que diferencia meu quarto da fileira interminável de quartos deste andar e dos outros. As primeiras coisas de que me lembro.

Por nove meses foram os limites do meu universo. O quarto, o escritório da doutora Lysander, a academia e a escola, no andar de baixo, onde encontro os outros como eu.

Bzzzz: mais insistente agora, ele vibra em meu braço, exigindo atenção. Os níveis caíram para 4.1.

Muito baixo.

Doutora Lysander se vira, aparentando desaprovação. Ela se inclina até que nossos olhos estejam na mesma altura e coloca a mão no meu rosto. Outra das primeiras coisas de que me lembro.

— Acredite, você ficará bem. E, no início, vou ver você a cada quinzena.

Ela sorri. Um breve espasmo de lábios entre os dentes que parece desconfortável em seu rosto, como se ela não tivesse certeza de como aquele sorriso chegara ali ou o que fazer agora

que chegou. Eu estou tão surpresa que esqueço meu medo e começo a me afastar do vermelho.

Ela balança a cabeça, ajeita o corpo e caminha pelo corredor em direção ao elevador.

Descemos em silêncio os dez andares para o “Térreo”, depois seguimos por um curto corredor até uma outra porta. Porta que eu nunca havia atravessado antes, por razões óbvias.

Sobre ela está escrito “P&L”: Processo e Liberação. Uma vez que alguém passa por essa porta, nunca mais será visto novamente.

— Vá em frente — ela diz.

Paro indecisa, mas depois empurro a porta até a metade. Me viro para dizer adeus, ou por favor não *me deixe, ou as duas coisas, mas ela já está desaparecendo no elevador, com*

um sacolejo do casaco branco e dos cabelos escuros.

Meu coração bate muito rápido. Eu inspiro e expiro, e conto até dez de cada vez, até que ele começa a desacelerar, como eles nos ensinaram; endireito então os meus ombros e escancaro a porta. Do lado de dentro, um longo cômodo com uma porta na extremidade oposta, cadeiras de plástico ao longo da parede, dois outros Reiniciados sentados, com uma

sacola como a minha no chão em frente a eles. Reconheci os dois das aulas, embora eu tenha

estado aqui por mais tempo. Assim como eu, eles estão livres dos macacões de algodão azul

desbotado que sempre usamos e vestem um jeans de verdade. Seria apenas outro uniforme?

Eles estão sorrindo. Emocionados por finalmente deixar o hospital com suas famílias.

Não importa se eles nunca se viram antes.

Uma enfermeira, na mesa encostada à outra parede, ergue o olhar. Eu atravesso a porta, relutante em deixá-la se fechar atrás de mim. A enfermeira franze levemente a testa e agita a

mão num convite para que eu me aproxime.

— Você é a Kyla? Precisa registrar-se comigo antes de dar saída — ela diz, com um largo sorriso.

Forço o passo até sua mesa; meu Nivo vibra quando a porta fecha com estrondo atrás de mim. Ela segura minha mão e escaneia meu Nivo enquanto ele vibra com força: 3.9. Ela balança a cabeça; com uma das mãos segura forte meu braço e enfia uma seringa em meu ombro com a outra mão.

— O que é isso? — pergunto, retirando e esfregando meu braço, embora eu já desconfie do que se trata.

— Apenas algo para manter o seu nível até que você seja o problema de outra pessoa. Sente-se e espere seu nome ser chamado.

Meu estômago está revirado. Sento-me. Os outros dois me olham espantados. Posso sentir o Elixir da Felicidade começando a se espalhar por minhas veias, relaxando, mas isso

não cessa meus pensamentos mesmo quando meu Nivo lentamente se eleva para 5.

E se meus pais não gostarem de mim? Mesmo quando eu realmente me esforço — o que, para ser sincera, não acontece com frequência —, as pessoas não parecem se encantar comigo.

Elas ficam chateadas, como a doutora Lysander, quando não faço ou não digo o que esperam.

E se eu não gostar deles? Tudo que sei são seus nomes. Tudo que tenho é uma foto, emoldurada e pendurada na parede do meu quarto no hospital, e agora enfiada em minha sacola. David, Sandra e Amy Davis: papai, mamãe e irmã mais velha. Eles sorriem para a câmera e parecem bem simpáticos, mas quem sabe como eles realmente são?

No final das contas, nada disso importa, porque não importa quem eles sejam, tenho de fazê-los gostar de mim.

Fracassar não é uma opção.

CAPÍTULO 2

“Registrar” não é grande coisa. Sou escaneada, fotografada e pesada. Verificam minhas impressões digitais.

No final das contas, “Liberar” é que são elas. A enfermeira me instrui sobre como devo dizer *olá* para minha mãe e meu pai, explica que vamos assinar alguns papéis para atestar que

somos todos agora uma família feliz, e então iremos embora juntos para vivermos felizes para

sempre. Claro que eu percebo o problema logo à frente: e se eles derem uma olhada em mim e

se recusarem a assinar? E aí?

— Ajeite essa postura! E sorria — ela resmunga, e então me empurra por uma porta.

Tasco um largo sorriso no rosto, certa de que isso não irá me transformar de assustadora e infeliz em angelical e alegre; estava mais para uma demente.

Paro na entrada da porta, e lá estão eles. Quase espero vê-los na pose da fotografia, usando as mesmas roupas, como bonecos. Mas cada um está com uma roupa diferente, numa

posição diferente, e os detalhes pedem uma nota: é muita informação, todas ameaçando me

dominar e me enviar para o vermelho, mesmo com o elixir da felicidade ainda ativo em minhas veias. Ouço a voz tediosa da professora, as mesmas palavras se repetindo, como se ela

estivesse parada ali na minha frente: uma *coisa de cada vez*, Kyla.

Foco em seus olhos e deixo o resto para depois. Os do pai são cinzentos, indecifráveis, contidos; os da mãe são de um castanho suave e brilhante, olhos impacientes que me lembram

a doutora Lysander e que, como os dela, não perdem nada. Minha irmã também está lá. Grandes olhos escuros, quase negros, me encaram curiosos, numa pele cintilante como um veludo cor de chocolate. Quando a foto me foi enviada, algumas semanas antes, perguntei por que Amy era tão diferente dos meus pais e de mim, e me disseram secamente que a raça é irrelevante e não é mais digno de nota ou comentário sob a gloriosa Coalizão Central. Mas como ignorar?

Sentam-se os três a uma mesa, diante de um homem. Todos os olhares estão em mim, mas ninguém diz nada. Meu sorriso é cada vez mais artificial, como um animal morto que agora está em meu rosto num sorriso de morte.

E então o pai salta da cadeira.

— Kyla, estamos muito satisfeitos por recebê-la em nossa família — e sorri e pega minha mão, beija minha bochecha, seu bigode arranha. Seu sorriso é carinhoso e real. A mãe e Amy estão lá, também; os três são bem mais altos do que eu, com minha insignificante altura de pouco mais de um metro e meio. Amy passa o braço sobre o meu e acaricia meus cabelos.

— Uma cor tão linda, como cabelo de milho. Tão sedoso!

A mãe também sorri, mas seu sorriso é como o meu.

O homem atrás da mesa dá um pigarro e mexe em alguns papéis.

— Assinem aqui, por favor.

A mãe e o pai assinam onde é mostrado, depois o pai me entrega uma caneta.

— Assine aqui, Kyla — diz o homem, apontando para uma linha em branco no final de um longo documento, com “Kyla Davis” digitado abaixo.

— O que é isso? — pergunto, as palavras saindo antes que eu pudesse pensar e depois falar, como a doutora Lysander está sempre me dizendo.

O homem do outro lado da mesa levanta as sobrancelhas, enquanto sua expressão passa de surpreso a irritado.

— Documento padrão de soltura do tratamento obrigatório para a sentença externa. Assine.

— Posso ler primeiro? — pergunto. Algum resquício de teimosia me faz agir assim, embora outra parte de mim sussurre que é uma péssima ideia.

Os olhos dele se estreitaram e ele suspira.

— Sim. Pode. O resto de vocês aguarde enquanto a senhorita Davis exercita seu direito legal.

Eu folheio, mas se trata de uma dúzia de páginas com um longo texto flutuando diante de meus olhos, e meu coração começa a bater forte novamente.

O pai coloca a mão em meu ombro e eu me viro.

— Está tudo bem, Kyla. Vá em frente — diz ele, o rosto calmo me tranquiliza; suas palavras e as da mãe são as que devo ouvir de agora em diante. Me recordo de uma enfermeira me explicando tudo isso pacientemente na semana anterior: isso é parte do que há nesse contrato.

Eu corro e assino: Kyla Davis. Não mais apenas Kyla — o nome escolhido por um dos diretores quando abri meus olhos pela primeira vez nesse lugar onze meses atrás, em homenagem à sua tia, que, segundo ele, tinha olhos verdes como os meus. Agora um segundo

nome me pertence, por fazer parte dessa família. Isso também está em algum lugar do contrato.

— Pode deixar que eu levo — diz o pai, pegando minha sacola. Amy me dá o braço e atravessamos a última porta.

Dessa maneira, deixamos para trás tudo o que eu conheço do mundo até então.

A mãe e o pai me observam pelo espelho retrovisor enquanto nos deslocamos no estacionamento do hospital em direção à saída. É justo que eu também os observe.

Eles provavelmente estão se perguntando como conseguiram filhas tão incompatíveis.

Nada a ver com a cor da pele, o que eu supostamente não deveria notar.

Amy está sentada ao meu lado no banco traseiro. Ela é alta, peitos fartos e três anos mais velha do que eu, dezenove anos. Eu sou baixinha e leve, com cabelos ralos e loiros; os

dela são escuros, grossos e pesados. Ela tem um tchã, como diz um enfermeiro sobre uma enfermeira por quem ele tem uma queda. E eu...

Meu cérebro busca por uma palavra que defina o oposto de Amy, mas não encontra nada. Talvez seja essa mesma a resposta. Sou uma página em branco. Uma página sem graça.

Amy está com um vestido estampado vermelho de mangas longas, mas ela levanta uma delas para que eu veja seu Nivo. Meus olhos se arregalam de surpresa: então ela também foi

Reiniciada. Seu Nivo é de um modelo antigo, grosso e largo, enquanto o meu é uma fina corrente dourada com um visor pequeno, feito para se parecer com um relógio, mas que não

engana ninguém.

— Estou tão feliz por você ser minha irmã — ela diz, e fala com sinceridade, já que seu Nivo marca

6.3 em enormes números digitais.

Chegamos ao portão; os guardas estão lá. Um vem até o carro e os outros olham por trás do vidro. Papai toca em alguns botões e todas as janelas do carro e o porta-malas se abrem.

Mamãe, papai e Amy puxam as mangas de suas roupas e colocam as mãos para fora das janelas; eu então faço o mesmo. O guarda olha para os pulsos vazios de mamãe e papai e balança a cabeça, depois vai até Amy, segura algo sobre seu Nivo e ele bipa. A seguir ele faz

o mesmo comigo, e o meu também bipa. Ele olha o porta-malas e o empurra para fechar. Uma cancela se ergue em frente ao carro e nós atravessamos.

— Kyla, o que você gostaria de fazer hoje? — pergunta mamãe.

Mamãe é rechonchuda e afiada, e, não, isso não é ridículo. Sua forma é rechonchuda e suave, mas os olhos e as palavras são afiados.

O carro pega a estrada e eu me viro para trás. O complexo hospitalar que eu conheço, mas só por dentro. Estende-se de lado a lado e para cima. Fileiras intermináveis de janelinhas

com grades. Cercas e torres altas com guardas a intervalos regulares. E...

— Kyla, eu te fiz uma pergunta!

Levo um susto.

— Não sei — eu disse.

Papai ri.

— Claro que não, Kyla; não se preocupe. Kyla não sabe o que quer fazer, ela não sabe o que existe *para se fazer*.

— Mas, mamãe, você sabe — diz Amy, balançando a cabeça. — Vamos direto para casa, deixar ela se acostumar um pouco com as coisas, como orientou o médico.

— Sim, porque médicos sabem de tudo — suspira mamãe, e eu prevejo uma longa discussão.

Papai olha o retrovisor.

— Kyla, você sabia que cinquenta por cento dos médicos se formam como um dos últimos de sua turma?

Amy ri.

— Honestamente, David — diz mamãe, mas ela também está sorrindo.

— Vocês já ouviram aquela do médico que não sabia a diferença de esquerda e direita?

— pergunta papai, mergulhando em uma longa história de erros cirúrgicos que eu espero que

nunca tenham acontecido em meu hospital.

Mas logo me desvio de tudo o que eles estão fazendo e dizendo e me distraio olhando pela janela.

Londres.

Uma nova imagem começa a se formar em minha mente. O hospital New London está perdendo seu lugar, engolido pelo mar que o cerca. Estradas para todos os lados, carros, edifícios. Os mais próximos ao hospital estão enegrecidos e lacrados; outros estão cheios de

vida. Nas varandas, plantas e cortinas esvoaçam das janelas. E por toda parte: gente. Nos carros, andando pelas ruas. Multidões de pessoas, lojas, escritórios e mais multidões de pessoas apressadas, em todas as direções, ignorando os guardas nas esquinas que se tornam

mais escassos quanto mais nos afastamos do hospital.

Doutora Lysander havia me perguntado muitas vezes por que tenho compulsão em observar e saber *tudo, memorizar e mapear todo relacionamento e ponto de vista*.

Não sei. Talvez eu não goste de me sentir em branco. Há tantos detalhes perdidos, que precisam ser organizados.

Após dias reaprendendo a colocar um pé diante do outro e a não cair, eu havia andado, contado e mapeado com imagens em minha mente cada andar do hospital cujo acesso era permitido. Eu seria capaz de encontrar cada posto de enfermagem, laboratório e sala pelo número, e de olhos vendados; eu poderia fechar meus olhos agora e ver tudo isso diante de mim.

Mas Londres é outra história. Uma cidade inteira. Eu teria de subir e descer cada rua para completar o mapa, e parecíamos estar em uma viagem de linha reta em direção ao “lar”,

um vilarejo uma hora a oeste de Londres.

Eu havia visto mapas e fotos, é claro, na escola do hospital. Todos os dias eles levavam horas nos alimentando com conhecimento geral, o quanto nossos cérebros em branco pudessem absorver, para nos preparar para quando fôssemos soltos.

A variedade era grande. Eu me agarrei a cada fato, memorizando, desenhando e escrevendo várias vezes em um caderno para não esquecer. A maioria dos outros era menos

receptiva. Muito ocupados distribuindo enormes sorrisos dopados para tudo e para todos. Quando nos tornamos Reiniciados, eles intensificam a felicidade em nossos perfis psicológicos.

Se eles aumentaram a minha capacidade de sorrir, devem ter tido de começar do zero.

CAPÍTULO 3

Papai tira minha sacola do porta-malas e caminha na direção da casa. Assobiando, com as chaves na mão. Mamãe e Amy saem do carro e se viram, ao perceber que não as sigo. — Venha, Kyla — a voz de mamãe está impaciente.

Eu empurro a porta com força e depois com mais força, mas nada acontece. Olho para mamãe, meu estômago começa a revirar enquanto o olhar dela vai combinando com seu tom de

voz.

Amy abre a porta pelo lado de fora.

— Você abaixa essa maçaneta, do lado de dentro da porta, e então empurra para abrir. Certo?

Ela bate a porta novamente, e eu seguro a maçaneta e faço o que ela manda. A porta se abre e dou um passo para trás, feliz por esticar as pernas e o corpo após tanto tempo dentro do

carro. Uma hora se transformou em três por causa do atraso do trânsito e dos desvios, e mamãe ficava mais irritada quanto mais o tempo passava.

Mamãe segura meu pulso.

— Vejam, 4.4 só porque ela não consegue abrir uma porta. Deus, isso não vai ser fácil.

Eu quero contestar, dizer que é injusto e que não é a porta, mas a forma como eles estão reagindo a isso. Mas não sei o que devo ou não devo dizer. Em vez disso, fico quieta e mordo

o interior de minha bochecha. Com força.

Amy passa um braço pelos meus ombros enquanto mamãe segue papai para dentro de casa.

— Ela não quis dizer isso, só está irritada porque seu primeiro jantar sairá atrasado. De qualquer forma, você nunca esteve num carro antes, não é? Como poderia saber?

Ela faz uma pausa e eu não sei o que dizer, de novo, mas desta vez porque ela está sendo gentil. Então tento sorrir, sem exagero, mas agora com sinceridade.

Amy sorri de volta e seu sorriso é sincero.

— Quer dar uma olhada por aí antes de entrarmos? — ela convida.

O carro está estacionado ao lado da casa sobre um chão de pequenas pedras que fazem barulho e se movem sob nossos pés quando andamos sobre elas. Um quadrado de grama verde

cobre o jardim da frente e há uma árvore à esquerda, talvez um carvalho. Suas folhas são uma

mistura de amarelo, laranja e vermelho, algumas esparramadas no chão. Folhas caem no outono, eu digo a mim mesma, e me pergunto que dia é hoje. 20 de setembro. Ainda há algumas poucas flores vermelhas e rosas, aqui e ali, de cada lado da porta de entrada, suas pétalas caindo no chão. E há muito espaço a minha volta. Tudo tão silencioso após o hospital

e Londres. Eu paro sobre a grama e inspiro profundamente o ar frio. É úmido, cheio de vida e

de final de vida, como aquelas folhas caídas.

— Vamos entrar? — pergunta Amy, e eu a sigo pela porta da frente. Chegamos a uma sala com sofás, lâmpadas e mesas. Uma enorme tela plana se estende por uma das paredes. Será uma TV? É muito maior do que a que havia na sala de recreação do hospital. Claro que

eles não me deixaram me aproximar dela de início. Assistir TV fazia com que meus pesadelos

ficassem piores.

Essa sala leva até uma outra, com longas superfícies de trabalho, com armários na parte de cima e de baixo. E um enorme forno diante do qual mamãe está curvada agora mesmo, colocando uma travessa em seu interior.

— Vá para o seu quarto e desfaça a mala antes do jantar, Kyla — diz mamãe, e eu estremeço.

Amy segura minha mão.

— Por aqui — ela diz, me conduzindo pelo corredor. Eu a sigo escada acima, em direção a outro corredor com três portas e mais escadas para cima.

— Ficamos neste andar. Mamãe e papai no andar de cima. Veja, esta é a minha porta — ela aponta para a porta da direita. — Ali, no final do corredor, é o banheiro que vamos dividir. Eles têm o próprio

banheiro lá em cima. E este é o seu quarto — ela aponta para a esquerda.

Eu olho para Amy.

— Pode ir.

A porta está entreaberta; eu empurro e entro.

É muito maior que o quarto do hospital. Minha sacola já está no chão, onde papai deve ter colocado. Há uma cômoda com gavetas e um espelho sobre ela, um guarda-roupa ao lado.

Nenhuma pia. Uma enorme janela que dá para a frente da casa.

Duas camas.

Amy senta-se em uma delas.

— Pensamos em deixar duas aqui no começo; posso ficar com você durante a noite, se quiser. A enfermeira disse que pode ser uma boa ideia, até você se acostumar.

Ela não disse o resto, mas eu deduzi. Devem ter dito a eles. Para *o caso de eu ter pesadelos*. Eu costumo tê-los e, se não houver ninguém ao meu lado quando acordo, meus níveis caem muito e meu Nivo me derruba.

Sento na outra cama. Sobre ela há uma coisa enrodilhada, preta e peluda; eu coloco a mão e então paro.

— Continue. Este é o Sebastian, nosso gato. Ele é muito carinhoso.

Toco seu pelo gentilmente com a ponta de um dedo. É quente e macio.

Ele se estica e se desenrosca enquanto coloca as garras para fora, põe a cabeça para trás e boceja.

Eu já tinha visto fotos de gatos antes, é claro. Mas isso é diferente. Ele é muito mais do que uma imagem chapada: vive e respira com seu bafo de peixe, o pelo aveludado se eriçando

enquanto se estica e enormes olhos amarelo-esverdeados me encarando.

— Miau — ele diz, e eu levo um susto.

Amy levanta-se e se curva sobre ele.

— Faça carinho deste jeito — ela diz, passando a mão sobre seu pelo, da cabeça ao

rabo. Eu a imito, e ele faz um som, um ronco profundo, que vibra da garganta por todo o corpo.

— O que é isso?

Amy sorri.

— Ele está ronronando. Quer dizer que gostou de você.

Mais tarde, quando a noite aparece pela janela, Amy dorme do outro lado do quarto. Sebastian ainda ronrona sonolento ao meu lado enquanto eu o acaricio. A porta está entreaberta por causa do gato, e um som se ouve através da escada. Vem da cozinha. Vozes.

— Ela é meio calada, não é? — é a voz do papai.

— Você não tem por que reclamar. Não é como Amy, que não parava de tagarelar desde o primeiro dia que passou por aquela porta, não é?

— Ainda não parou — ele diz, dando risada.

— Ela é uma garota diferente, tudo bem. Meio esquisita, se quer saber; aqueles incríveis olhos verdes apenas observam.

— Oh, ela é muito meiga. Dê a ela uma chance de se adaptar.

— Esta é a última chance dela, não é?

— Shhhh!

Uma porta bate lá embaixo e não ouço mais nada. Apenas um murmúrio abafado.

Eu não queria deixar o hospital. Não que eu quisesse ficar lá para sempre, mas, entre aquelas paredes, eu sabia onde estava pisando. Sabia como me comportar e o que era esperado.

Aqui é tudo desconhecido.

Mas não é tão assustador quanto pensei. Já vi que Amy é um amor. Papai parece ser legal. Aposto que Sebastian será melhor do que chocolate para me colocar de volta nos níveis,

se eles caírem. E a comida é muito melhor. Meu primeiro assado de domingo. Amy disse que

fazemos isso toda semana.

Jantar e depois um banho, mas nada de chuveiro, e sim uma banheira — uma enorme tina de água quente para relaxar —, onde fiquei quase até as sete, hora de dormir.

Mamãe me acha esquisita. Tenho de me lembrar de não ficar encarando demais.

O sono foi chegando e aquelas palavras não saíam da minha cabeça.

Última chance...

Eu tinha tido outras chances?

Última chance...

Corro.

As ondas lançam suas garras na areia sob meus pés, sem parar. Respiro de forma tão irregular que meus pulmões estão prestes a explodir, mas continuo correndo. A areia dourada abre caminho sob meus pés e se estende até onde meus olhos conseguem ver, e ainda assim eu me arrasto, escorrego e corro.

O terror está em meus calcanhares.

Ele se aproxima.

Eu poderia me virar e encará-lo, ver o que era.

Corro.

— Shhh, está tudo bem.

Eu luto, depois me dou conta de que é a Amy, com os braços em volta de mim.

A porta se abre e a luz jorra do corredor.

— O que está acontecendo? — mamãe pergunta.

— Apenas um sonho ruim — Amy responde. — Mas você está bem agora. Não está, Kyla?

Meu batimento cardíaco está lento; a visão está clareando. Eu a afasto.

— Sim, estou bem.

As palavras saem de minha boca, mas parte de mim ainda está correndo.

CAPÍTULO 4

Embrenho-me entre as árvores, me viro e me esparramo na grama e nas margaridas do chão, sozinha. Olho para as nuvens, buscando formas e rostos conhecidos. Nomes começam a

escapar se eu tento segurá-los, então os deixo lavar o passado: apenas deito em silêncio e volto a ser eu mesma.

Está na hora. Como a névoa, eu me disperso até desaparecer. As árvores e o céu são substituídos pela escuridão das pálpebras fechadas, e a grama macia se torna a cama sólida.

Silêncio. Por que está tudo tão quieto? Meu corpo sabe que já passa das cinco da manhã, mas não se ouve nem um murmúrio, nada de carrinhos com café da manhã passando pelo corredor.

Fico deitada, prendo a respiração e escuto.

Dócil, até na respiração. Está perto. Será que desmaiei na noite passada, será que tem um Vigia no meu quarto? Se tiver, soa como se preferissem dormir a vigiar.

Sons alegres e suaves vêm de outra direção, uma cadência distante, parece música.

Pássaros?

Algo aquece meus pés.

Não estou em meu quarto de hospital. Meus olhos se abrem lentamente enquanto me recordo.

Não há sequer um Vigia em todo o quarto: Amy parece estar dormindo e respira profundamente, assim como Sebastian aos meus pés. Talvez ela seja de um outro tipo da mesma coisa.

Deslizo silenciosamente até a janela e puxo a cortina.

Nossa!

Listras vermelhas cruzam o céu, bolsões de rosa em fiapos de nuvens, como metal retorcido e ondulado, a luz brilhando sobre a grama e as folhas úmidas, uma profusão de cores. Laranja, dourado, vermelho e outros matizes de cor.

Bonito.

A minha janela do hospital dava para o oeste. Eu já havia visto algumas vezes o pôr do sol, é verdade, a maioria bloqueada por edifícios, mas nunca um nascer do sol.

Os pássaros trouxeram seus amigos e a música suave de um pouco antes se torna mais intensa conforme chegam mais alguns. Abro a janela toda, me debruço e respiro. O ar é fresco,

sem cheiros metálicos ou de desinfetante. Sinto a umidade verdejante dos jardins e dos campos que cintilam às luzes da manhã.

E, de alguma forma, eu sei. Nunca pertenci à cidade. Fui — sou — uma garota do interior. Isso é tão certo quanto o ar que respiro, tão indiscutível quanto o fato de que este lugar é mais como um lar para mim.

Como um lar, não, um lar de verdade: ontem, hoje, quantos dias a mais eu não sei.

Mas também antes de me tornar quem eu sou. Doutora Lysander diz que fantasio coisas em meu subconsciente, que não há como saber se são ou não reais. Dando sentido ao desconhecido para organizá-lo, assim como desenho diagramas, mapas e rostos.

Abaixo, a grama cintilante, as folhas caídas em ricos padrões de cores, e mais especialmente as flores desbotadas ao redor da casa, todas acenam. Todas gritando para

serem capturadas, organizadas, para se tornarem linhas no papel. Puxo a janela com cuidado e

atravesso o quarto em silêncio. Amy está deitada imóvel, seu peito se movimenta levemente

vez ou outra.

Dois olhos verdes me observam da ponta da minha cama. “Miau!”

— Shhh. Não acorde a Amy — eu sussurro, passando a mão no pelo de Sebastian. Ele se estica e boceja.

Onde está o meu material de desenho? Foi a Amy quem desfez minha mochila ontem à tarde. Eu estava com a cabeça muito desorientada para me envolver, tantas novidades e pessoas tirando minha atenção.

Abri uma gaveta, depois outra; cuidadosa e em silêncio, até encontrar: minha pasta de desenho, papel e lápis.

Tirei-os da gaveta e encontrei uns chocolates, que ganhei como presente de despedida dos enfermeiros do décimo andar ontem pela manhã. Foi ontem, me dei conta, surpresa. Parecia ter sido há mais tempo; isso já era parte do meu passado.

Meus níveis estão em 6.1. Nada baixos. Eu não *preciso* de chocolate. Mas quem precisa de desculpa? Abri a tampa.

— Escolha interessante para o café da manhã — diz Amy, sentando-se e bocejando. — Você acorda com os passarinhos? — Olhei para ela sem entender. — Você sempre acorda cedo?

Pensei por um momento.

— Acho que sim — respondi, finalmente. — Mas talvez seja por causa do hospital, lá não temos escolha.

— Oh, eu me lembro disso. Porcaria de alarme da manhã. Café às seis — ela estremeceu.

— Quer um? — levantei a caixa.

— Ahhh, tentador. Talvez mais tarde, quando estiver mais desperta. O que é isso? — ela aponta para a pasta na minha outra mão.

— Meus desenhos.

— Posso ver?

Hesitei. Eu raramente mostro para alguém, embora a doutora Lysander insistisse em dar uma olhada neles de vez em quando.

— Você não precisa me mostrar se não quiser.

Sento perto dela, abro a pasta, tiro as folhas. Amy gosta do que está por cima. Um autorretrato. Eu, mas diferente: pela metade, como se estivesse em um espelho, a outra metade

sem pele, o globo ocular pendurado de uma órbita vazia.

— Posso? — ela estica a mão e eu passo o desenho para ela.

Mas aquele não estava em cima dos outros antes. Começo a folhear o resto.

— Você é muito boa, isso é incrível.

Não há muitos, não é mais um maço grosso como deveria ser. Onde estão?

— O que foi?

— Alguns dos meus desenhos sumiram.

— Tem certeza?

Balancei a cabeça. E olhei para eles com mais cuidado.

Aqueles em que eu aparecia, meu quarto, pessoas e lugares imaginados estão presentes e contabilizados. Muitos outros não estão.

— Tenho certeza. Quase a metade sumiu.

— Eram sobre o quê?

— Várias coisas. Enfermeiras. O andar do meu hospital, mapas de diferentes áreas, quartos. Doutora Lysander. E...

— Você disse doutora Lysander? — os olhos de Amy se arregalaram.

Fiz que sim, ainda olhando para os papéis, convencida de que, se eu olhasse com bastante cuidado, eles estariam todos ali.

— *A doutora Lysander? Você realmente a conhece?*

Paro de olhar. Eles não estão ali. Se foram.

Bzzzz. Um alarme em meu pulso: 4.3 e caindo.

Amy passa um braço por meus ombros. Estou tremendo, mas não de frio desta vez.

Quem faria isso: pegar as únicas coisas que tenho de minhas?

— Você pode fazer outros desenhos. Não é?

3.9 e caindo. — Kyla! Olhe para mim! — Amy me sacode. — Olhe! — ela repete.

Desvio meus olhos do meu autorretrato, do olho morto na órbita. Para Amy. Seus olhos demonstram que está preocupada e aflita por mim. Seja lá quem eu seja.

3.4...

— Kyla, você pode me desenhar. Faça isso agora.

Ela puxa algumas folhas em branco de baixo da pilha e coloca um lápis em minha mão. Eu desenho.

CAPÍTULO 5

— Posso ver? — Amy pergunta. Ela estica o pescoço para a frente, mas eu viro o bloco para o lado.

— Ainda não. Continue parada, ou não vou conseguir terminar.

— Mandona.

— Não vai demorar — eu digo, olhando para Amy e a seguir para meu desenho, para uns últimos movimentos do lápis.

Amy sorri.

— Seu nível está bom?

Viro meu pulso para olhar.

— Sim. 5.2 e estável.

A porta abre, mas eu não olho para cima.

— Vocês, meninas, estão prontas para o café? — pergunta mamãe.

— Quase — eu respondo, olhando para Amy mais uma vez, depois para o bloco em minhas mãos. Um toque final, e aí está.

— Pronto — eu digo, e abaixo o lápis.

— Deixa eu ver! — Amy se levanta e mamãe se aproxima.

— Oh! Ficou muito bom — diz Amy.

Mamãe está com a boca aberta, surpresa.

— É a Amy. Você a representou tão bem. Quero emoldurar e pendurar na parede.

Posso?

— Sim — eu sorrio.

O café da manhã é panqueca. Com manteiga derretendo pelos lados, e xarope ou geleia de morango. Experimento os dois. Juntos. Muito bom.

— Não pense que vai comer assim todos os dias — diz mamãe. O desenho que fiz da Amy está na geladeira preso por um ímã em vez de emoldurado na parede e mamãe já voltou

ao normal. — Amy, você tem vinte minutos até o ônibus chegar e não me parece nem perto de estar pronta.

— Posso ficar em casa com a Kyla hoje?

— Não.

— Onde está o papai? — pergunto.

— No trabalho, é claro. Onde eu deveria estar, mas tive de tirar uma folga para cuidar de você.

Fiz o cálculo. Amy está indo para o colégio, papai está no trabalho: somos só eu e mamãe o resto do dia.

— Quando posso começar a estudar? Posso ir hoje?

— Não.

— Você tem que ser avaliada pela enfermeira local primeiro — explica Amy. — Ela tem que considerar você pronta. Depois o colégio faz um teste para ver onde colocar você, em

que ano. Mas eles enviaram alguns livros para você ler.

— Oh.

— A enfermeira vai passar hoje à tarde para conhecer você — anuncia mamãe.

Eu juro que vou fazer de tudo para parecer o mais ajustada possível.

Amy sobe as escadas como um furacão, atrás de livros e uniforme. Ela está no último ano. Aos dezenove, ela já deveria ter terminado e estar na Universidade, estudando enfermagem como queria. Mas ela precisou de um ano a mais para se adaptar. E ela tinha quatorze anos quando se tornou uma Reiniciada. Eu tenho dezesseis. Quantos anos a mais eu

terei de ficar no colégio?

— Você pode lavar — diz mamãe.

— Lavar o quê?

Ela revira os olhos.

— Os pratos.

Eu me levanto e olho para eles sobre a mesa.

Ela suspira.

— Tire os pratos sujos da mesa e os coloque ali — ela aponta para a bancada ao lado da pia.

Eu levo um prato e volto para pegar outro.

— Não! Desse jeito vai levar o dia todo. Coloque um sobre o outro. Assim.

Ela empilha os pratos, tirando facas e garfos, colocando-os por cima, batendo um no outro. Depois os coloca com força sobre a bancada.

— Encha a pia. Coloque sabão, só um pouco — ela aperta um frasco sobre a pia.

Bolhas!

— Lave-os com essa esponja — ela esfrega a esponja sobre o prato. — Enxágue sob a torneira, coloque-o no escorredor, deste jeito. Repita tudo. Entendeu?

— Acho que sim.

Mergulhei minhas mãos na água quente.

Então lavar é isso.

Limpei com cuidado um prato com restos de panqueca e xarope, enxaguei-o e coloquei-o no escorredor.

— Pegue o ritmo ou ficará aí o dia todo.

Parei e olhei em volta.

— Pegar o quê?

— O ritmo. Quer dizer fazer mais rápido.

Pratos, depois xícaras. Não é tão ruim. Eu acelero e mamãe começa a enxugá-los com uma toalha. Amy desce as escadas quando chego aos talheres.

Respiro fundo e olho para baixo: uma linha fina de gotas vermelhas pinga de uma faca espremida em minha mão direita.

Amy corre em minha direção.

— Oh não! Kyla!

Mamãe se volta e respira fundo. Ela pega uma folha de papel toalha.

— Aperte isso, não deixe pingar sangue por toda parte.

Faço isso; Amy acaricia meu ombro e olha para meu Nivo: 5.1.

— Não está doendo? — pergunta Amy.

Dou de ombros.

— Um pouco — respondo. Dói, mas eu ignoro o calor que lateja do corte em minha mão e observo, fascinada. Um vermelho intenso encharca a toalha de papel, lentamente, depois para.

— Foi um pequeno corte — diz mamãe, levantando o papel para olhar. — A enfermeira pode dar uma olhada depois. Ela está bem, Amy. Corra ou vai perder o ônibus.

Mamãe enrola uma faixa em minha mão enquanto Amy atravessa a porta.

Mamãe sorri.

— Esqueci de mencionar, Kyla. Facas são afiadas. Não segure pela ponta.

Tanta coisa para lembrar.

Mais tarde, a enfermeira Penny tira a faixa da minha mão para dar uma olhada.

— Não deve precisar de pontos — ela diz. — Vou apenas colocar um pouco de antisséptico. Pode

arder um pouco, se prepare — ela passa uma coisa amarela em minha mão que dói demais e faz meus olhos lacrimejarem, depois a enfaixa novamente.

— Estranho — diz mamãe. — Quando ela se cortou, apenas ficou ali olhando para o sangue escorrendo da mão. Sem lágrimas, sem reação.

— Bem, ela provavelmente nunca havia se cortado antes. Nunca tinha visto sangue desse jeito.

Hum. Adoro quando as pessoas falam sobre mim como se eu não estivesse ali.

— Não baixou os níveis dela nem nada. E...

— Com licença — mostrei meu melhor sorriso equilibrado. As duas se sobressaltaram como se eu fosse um fantasma que tivesse se materializado no momento em que falei. — Quando vou poder ir ao colégio?

— Não se preocupe com isso por enquanto, querida — disse Penny. — Dê uma olhada nos livros que eles enviaram — e se voltou para mamãe: — Você precisa se lembrar de apontar os perigos, como facas, por exemplo. Pode não parecer, mas em alguns aspectos ela é

como uma criança pequena, e...

— Com licença — eu sorrio novamente.

Penny se vira.

— Sim, querida?

— É sobre os livros que o colégio enviou. Dei uma olhada neles esta manhã. São muito fáceis, eu já aprendi aquilo tudo na escola do hospital.

— Então você é um gênio? — pergunta mamãe, com um olhar que diz exatamente o contrário.

Penny retira um netbook de sua bolsa, franze a testa e dá toques no canto da tela, depois passa o dedo por ela, buscando arquivos.

— Bem, na verdade, é mais ou menos isso. Sua idade mental foi testada antes de ela deixar o hospital. Isso não é comum; a maioria deles está muito atrasada. Vou pedir ao colégio

que envie mais coisas. Ou talvez a Amy ainda tenha livros antigos? Precisamos descobrir

que

assuntos você deve estudar.

Ela fechou o netbook e se voltou para mamãe.

— Onde foi que parei? Ah, sim. Não há cantos pontiagudos, nem coisas perigosas no hospital. Então, tudo tem que ser explicado. Como atravessar uma rua, e...

— Com licença — mesmo para mim, meu sorriso está começando a parecer falso.

Exagerado.

— O que foi desta vez? — pergunta mamãe.

— Eu já sei que disciplina quero fazer.

Penny ergue uma sobrancelha.

— Oh, você sabe? Qual?

— Artes.

Ela sorri.

— Bem, você pode precisar de algumas matérias práticas. E eles terão que avaliar você para aceitá-la em artes.

Mamãe aponta para a geladeira.

— Ela desenhou isto hoje de manhã. É a Amy.

Penny se levanta para olhar; seus olhos estão arregalados.

— Bem, querida, acho que eles vão deixá-la entrar.

Ela se volta para mamãe.

— Você fez um trabalho incrível com a Amy; ela é encantadora. Estou certa de que, com o tempo, Kyla se ajustará a sua família.

Cruzo meus braços. Kyla se ajustará. Mas e os outros?

— Ela teve um pesadelo ontem à noite — disse mamãe. — Acordou a casa toda com os gritos.

Penny abriu o netbook novamente. Que tal perguntar para mim: sou eu que sei.

— Infelizmente há um histórico sobre isso. Não é de admirar que a tenham mantido no hospital por tanto tempo. Onze meses em vez dos costumeiros seis. Vamos encontrar meios de

controlar isso em grupo. Tentaram todo tipo de medicamento no hospital, mas só a faziam piorar. E...

— Com licença. A senhora poderia falar comigo, em vez de sobre mim?

O sorriso desapareceu do rosto de Penny.

— Está vendo com o que tenho de lidar? — diz mamãe, suspirando.

— Parte criança pequena, parte adolescente rebelde — diz Penny. — Agora, Kyla querida, me deixe conversar com sua mãe. Por que você não vai lá para cima?

Fecho a porta, com força, e me jogo na cama. Nem sinal de Sebastian, e faltam duas longas horas para Amy chegar.

Minha pasta de desenhos está sobre a penteadeira. Pego um bloco de desenho.

O choque já passou, não me preocupo mais com os que desapareceram. Se fecho meus olhos, estão todos em minha mente. Cada detalhe. Vou desenhá-los de novo.

Pego um lápis, mas não funciona muito bem: ele fica apoiado entre meu dedão e o indicador, exatamente onde cortei a mão. A mão com que desenho e escrevo. Hora de fazer

uma experiência: lápis na mão esquerda. É estranho no início; errado. Faço alguns poucos esboços e ele começa a se soltar, mas eu não posso afastar a sensação de que há algo errado,

quase medo, de que algo vai acontecer se eu continuar.

Mas não consigo parar.

Uma nova página: quem será o primeiro?

Doutora Lysander. O segredo para desenhá-la direito são os olhos. Ela tem olhos traiçoeiros; basicamente blindados e frios, mas que nos espreitam de vez em quando. Quando

ela faz isso, parece mais surpresa com isso do que eu.

Começo, hesitante a princípio por usar a mão que não é a habitual. Linha, sombra, tudo.

Mais rápida e segura conforme a confiança aumenta. Doutora Lysander começa a me olhar por

baixo do meu lápis. Passo a sentir arrepios nos braços e no pescoço.

Estranho.

Desenho muito melhor com a mão esquerda.

CAPÍTULO 6

Vozes ecoam em minha mente. De onde vêm?

Largo meu lápis e vou até a janela. Um menino e duas meninas estão parados no jardim, usando uniformes escolares iguais ao da Amy: blusão marrom e calças pretas. Escondo meu

desenho por baixo dos outros em uma gaveta e vou para as escadas. Amy e mamãe estão na

entrada da casa.

— Vamos só dar uma caminhada. Por que não? — diz Amy.

— Não acho que seja boa ideia; ela ainda não esteve fora da casa. E os carros? — pergunta mamãe.

Falavam de mim, novamente.

— Na verdade eu sei como não me jogar na frente dos carros — digo ao chegar ao último degrau.

— Ah, tá bom! Leva! Mas tome conta dela, com muito cuidado.

— Eu sei, mamãe — diz Amy. Quando mamãe deixa o hall, ela acrescenta em voz baixa:

— Sei disso melhor do que você.

Ela se volta para mim.

— Kyla, venha conhecer meus amigos.

Eu me dirijo para a porta.

— Coloque um sapato primeiro.

Ah, é verdade. Amy me entrega o tênis que eu usava quando cheguei do hospital ontem e espera enquanto luto com o cadarço. Vamos para fora.

— Este é o Jazz — ela aponta para um garoto. — Chloe e Debs. Pessoal, esta é a Kyla.

— Oh, ela é fofa. Eu queria poder trocar minha irmã — diz Chloe. — Quantos anos ela tem?

— Fale com ela se quer saber alguma coisa — diz Amy.

— Tenho dezesseis — respondi.

— *Na flor dos dezesseis e nunca foi beijada* — Jazz começa a cantar enquanto caminhamos, e minhas bochechas queimam.

Amy lhe dá um tapa no braço.

— Cale a boca, seu cabeça de vento, ela não é para você.

Amy olha para trás, nossa casa está sumindo de vista.

Jazz segura a mão dela.

— Desculpe, senhorita, eu estava brincando. Me perdoa?

— Talvez — ela diz, e ele coloca um braço em sua cintura. Amy é alta, mas ele é ainda mais alto; ombros largos com um jeito descontraído de andar. Agora que estou mais perto, percebo que ele não é um menino, deve ter uns dezoito anos, é muito mais velho do que todos

que conheci no hospital. E ele é diferente não apenas por isso. Seu sorriso tem algo de

malícia

que eu nunca tinha visto em um menino Reiniciado. Ele é uma gracinha.

Caminhamos pelo povoado, tomando o trajeto que o carro tinha feito ontem.

Passamos por outras casas independentes como a nossa, depois por fileiras de chalés geminados, um pub, com a placa “Leão Branco”. Até chegarmos a uma placa apontando para

um caminho verde: “trilha”.

— Querem passear? — perguntou Jazz.

Chloe e Debs evidentemente não queriam e se despediram.

Amy deu um braço para Jazz e outro para mim.

— Vamos lá — disse ela.

O chão é irregular e íngreme, e tenho de me concentrar em meus passos. Há uma cerca alta de um lado, campos irregulares cobertos de mato seco ou seja lá o que estivesse crescendo ali antes. O caminho se estreita; Amy solta o braço de Jazz e segura minha mão. Ele protesta.

— Cala a boca, cabeça de vento — ela diz, e ele passa a caminhar na frente.

Nós subimos, cada vez mais alto; tenho dificuldade para respirar. A cerca e o chão dão lugar às árvores, e eu me encanto com a profusão de folhas laranjas e vermelhas, troncos marrons e cinza; alguns com frutinhas vermelhas e folhas pontudas que espetam se tocarmos

nelas. Azevinho?

— A vista é deste lado, senhoritas — avisa Jazz.

Contornamos uma curva e avistamos abaixo, ao longe, florestas e campos, telhados, jardins, estradas.

— Olhe, Kyla — diz Amy. — Você pode ver todo o vilarejo daqui. Ali está a nossa casa. Está vendo? Segunda à esquerda — ela aponta, e eu percebo o telhado e as paredes de

tijolos de nossa casa.

Nos sentamos em um tronco caído. Jazz abraça Amy por trás, com um olhar resignado em seu rosto. Tenho a sensação de que eles costumam vir aqui sozinhos.

Ela o cutuca nas costelas.

— Então, Kyla. Como você está se saindo com o dragão? — ele pergunta.

— Dragão?

— Ele quer dizer a mamãe — explica Amy.

— Ah...

— Não diga mais nada! Eu entendo este “Ah”. Significa que você já percebeu que ela não é a figura santa de mãe que prometeram, mas na verdade uma criatura verde e mítica que

cospe fogo.

Dei uma risadinha.

— Não é justo — diz Amy. — Mamãe não é tão ruim assim, você precisa conhecê-la.

Eu costumava ter medo dela e de repente ela passou a ser legal.

— Sabe, a coisa mais estranha para mim é como vocês duas começaram a chamá-la de mamãe imediatamente — disse Jazz.

— Por que é tão estranho? — perguntei.

— Bem, vocês acabaram de conhecê-la, não foi?

Amy balançou a cabeça.

— Isso não importa. É o que nos dizem no hospital desde o começo. Que mamãe e papai estão vindo para nos levar para casa.

— Filhos pré-fabricados — diz Jazz, se desviando quando Amy se vira para lhe dar um tapa.

— Quer dizer que somos diferentes para as outras pessoas — falei.

— Únicas — diz Amy.

— Minha garota especial — diz Jazz, beijando o rosto de Amy.

— Somos só nós duas nesse vilarejo — explica Amy. — Por isso estou tão feliz por você ter vindo. Eu não sou mais a única. Mas tem por volta de uma dúzia de nós em nosso colégio; de vários lugares.

Após dar uma olhada no relógio e xingar, Jazz desapareceu apressado descendo pelo caminho de volta.

— Os pais dele têm uma fazenda; ele precisa ajudar depois do colégio. Vamos voltar — avisa Amy, e nos encaminhamos para a outra direção. — Sério: como você se saiu com a mamãe hoje?

Encolhi os ombros.

— Acho que ela não gosta de mim. Mas por que me pegou se não me quer?

— Mas ela gosta. Só não sabe demonstrar muito bem. É complicado.

— Simplicidade já é difícil. Quem precisa de complicação?

— Não se preocupe com isso agora. Mas tem uma coisa. Às vezes a mamãe não ouve as coisas, a não ser que você diga. Não tenha medo de contar a ela o que você está pensando. O caminho se torna mais íngreme e Amy escorrega na minha frente; tenho de me concentrar em meus passos novamente enquanto descemos. Penso no que ela falou sobre mamãe: o dragão, como

Jazz a chamou.

— Jazz é o seu namorado?

— Sim. Não conte para a mamãe. Ela não gosta dele.

Jazz: ele cantou para mim. Na flor dos dezesseis e nunca foi beijada. Ou será que já fui? Se eu não me lembro, que diferença faz?

— Insistiram bastante no hospital para que eu evitasse os garotos a qualquer custo. Eles bagunçam nossos níveis.

— Oh, eles fazem isso! — Amy ri. — Talvez seja melhor não se envolver com eles por enquanto. O segredo, no entanto, é começar com um que não mexa demais com você.

E que graça isso tem?

CAPÍTULO 7

— Onde vocês estavam? — mamãe espera na porta, de braços cruzados.

— Eu disse. Fomos dar uma volta — responde Amy, enquanto entramos e tiramos os sapatos.

— Esses sapatos estão com lama. Vocês não pegaram a trilha sozinhas, pegaram? Eu disse que não é seguro.

— Não, claro que não. Não estávamos sozinhas — disse Amy, revirando os olhos de costas para mamãe.

— Kyla? Isso é verdade? — mamãe se virou para mim com um olhar de dragão.

— Sim — respondi. E era verdade. Jazz estava conosco. Ele não voltou conosco, mas não foi isso que ela perguntou.

— Me ouçam, vocês duas. Vocês sabem que não é seguro andarem sozinhas. Vocês não podem se proteger.

Amy concordou, fazendo que sim com a cabeça, e eu me lembrei das lições de segurança *pessoal* no hospital. Faz parte de ser um Reiniciado. Você não tem como se defender já que

não pode mais atacar ninguém, então precisa ter muito cuidado.

Mas o que é a trilha, além de árvores e mais árvores?

— Vocês levaram séculos. Eu estava preocupada. E quase desencontraram do papai — diz mamãe, e eu percebo que ela está parada próximo a uma maleta na entrada.

Os braços dela estão cruzados e eu vejo agora que a pele da mamãe tem uma tonalidade estranha: um suave verde-dragão. Posso imaginar escamas de linhas luminosas cruzando sua

testa, próximas aos olhos. Será um vestígio de fumaça saindo de suas narinas?

— O que é tão engraçado, senhorita? — ela me pergunta.

Tiro o sorriso do rosto.

— Nada. Desculpe.

— Deixe a pobre menina em paz — diz uma voz vinda da sala de estar: papai.

Amy atravessa a sala e o beija na bochecha. Eu espero indecisa na soleira da porta.

— Venha, Kyla. Sente-se. Me conte como foi seu dia e eu falo do meu.

Então trocamos histórias. E ele parece tão interessado no corte da minha mão, na visita da enfermeira Penny e meu passeio, quanto eu estou interessada no que ele tem para contar.

Papai trabalha com computadores. Ele viaja muito, instalando e testando novos sistemas.

Está prestes a viajar e só voltará no sábado. Cinco dias inteiros. E então ele me conta coisas

da família. Que tem duas irmãs; uma virá no sábado nos visitar com o filho. A outra mora longe, na Escócia, e talvez iremos visitá-la no próximo verão. Que mamãe é filha única, seus

pais morreram há muitos anos em um acidente na estrada. Ela tinha apenas quinze anos.

Mais tarde, naquela noite, quando Amy e eu subimos para dormir, pego o desenho de hoje, que eu havia escondido embaixo dos outros.

— Amy, essa — eu seguro meu trabalho da tarde — é a doutora Lysander. Por que você ficou surpresa por eu conhecê-la?

Amy pega a folha em minha mão.

— Ela parece assustada.

Eu me encolho.

— Ela pode estar. Mas às vezes ela está bem.

— Eu adoraria trabalhar com ela quando for enfermeira. Ela é incrível.

— Por quê?

— Você não sabe? Ela começou tudo: os Reiniciados. Ela inventou isso. Aprendemos

sobre isso em ciências no colégio.

Olhei para a imagem em minhas mãos, para aqueles olhos fundos que encaravam os meus. Eu não sabia disso. Ou sabia? Todos sempre se submetiam à doutora Lysander; saíam

de seu caminho, apressados. Todos os Reiniciados têm um médico responsável por eles no hospital, e ela era a minha. Mas agora, pensando nisso, nunca havia ninguém ao meu lado em

sua sala de espera. Ninguém mais que eu conhecia a tinha visto. Se ela é tão importante, por

que perderia seu tempo comigo?

Eles nos ensinaram o básico sobre os Reiniciados na escola do hospital. Éramos todos criminosos, sentenciados — apagariam nossas memórias e personalidades —, e assim poderíamos recomeçar. Com o Nivo no lugar para garantir que tudo desse certo, até ser removido no ano em que completássemos vinte e um anos como Reiniciado. Era uma segunda

chance, pela qual devíamos ser gratos: ela nos manteve fora da prisão, ou da cadeira elétrica.

Mas, se você estivesse na cadeia, ao menos saberia quem é. Não por muito tempo, é claro, se fosse para a cadeira elétrica. Se tivesse feito algo tão ruim que merecesse isso.

— Você nunca quis saber? — perguntei, mordendo o lábio.

— O quê?

— Como se tornou uma Reiniciada.

— Não. Se o passado é intolerável, por que ir atrás dele?

Dei de ombros. Porque é o meu passado.

— De qualquer forma, isso soluciona o mistério do que aconteceu com seus desenhos.

— Soluciona?

— Os seguranças devem ter confiscado antes de você deixar o hospital. Eles não iam querer que alguém soubesse como é a doutora Lysander ou qualquer outra pessoa que trabalha

lá, ou como são as coisas no hospital. É muito perigoso.

Murmúrios começam a se misturar em minha mente; fragmentos, rumores, e sons noturnos, distantes e estridentes. Guardas e torres. Edifícios em chamas.

— Terroristas?

— Isso mesmo.

Amy apaga a luz. Logo sua respiração demonstra que ela dorme. Sebastian se enrosca ao meu lado.

Então, a doutora Lysander é uma pessoa importante, e eles roubaram meus desenhos para manter seu rosto incógnito para o mundo. E, agora, eu a desenhei novamente. Será que

devo escondê-lo melhor? Esse retrato dela é o melhor que eu já fiz.

Mesmo tendo usado a mão errada.

Estou em um lugar pequeno, sozinha. A floresta à minha volta. Está escuro, mas tenho uma tocha em minha mão direita.

De pernas cruzadas no chão, estou faminta e está frio e úmido. Minhas pernas estão rígidas e não há espaço para alongá-las, mas não me importo. As páginas repousam sobre meus joelhos, mantidas esticadas por um pedaço de madeira abaixo delas. O lápis desliza sobre o papel, uma dança mágica que é totalmente minha. Criando um lugar imaginário longe deste aqui, em distância e tempo: um lugar onde quero estar.

Estava tão absorvida que a princípio não ouvi os passos, subindo as escadas sobre minha cabeça.

Apaguei a tocha e preendi a respiração.

Eles pararam no fundo; pausa. E então recomeçaram, se aproximando mais e mais do meu local secreto. Eu devia fazer alguma coisa. Esconder meus desenhos, qualquer coisa, mas estou rígida como uma pedra.

Uma luz se acende em meu rosto. Me cegando.

— Aí está você.

Não digo nada. Ele pode ver tudo; os desenhos, o lápis. A mão que o segura.

— Levante-se! — ele ordena.

Me arrasto para fora, a luz ainda ofusca meus olhos.

— Você sabe os motivos; você sabe como isso é importante. E ainda assim você desobedece.

— Sinto muito. Não vou fazer isso de novo. Não mesmo. Prometo!

— Estou cheio de suas promessas. Não se pode confiar em você.

A voz dele está tomada de arrependimento; talvez tristeza.

— Me dê sua mão esquerda — ele diz, e, como não dou, ele a agarra.

— Você precisa aprender. Sinto muito.

E eu quase acredito que ele diz a verdade. Ele então esmaga meus dedos, um por um,

com um tijolo.

CAPÍTULO 8

A agonia golpeia meus olhos, contorcendo-se como a lâmina de uma faca. Sinto um gosto metálico e amargo sob minha língua. Tusso.

— Ela está voltando.

Uma voz masculina. Quem será?

Tento abrir os olhos, mas eles queimam como se o sol tivesse caído do céu. Estou gemendo.

— Kyla? — uma mão toca a minha. Amy.

— Apague as luzes — ela diz. A luz se apaga e eu espio com as pálpebras entreabertas.

— Aí está você — ela diz e sorri.

Estou no chão. Tento sentar.

— Não se mexa ainda — a voz masculina de novo, e eu me viro para a fonte. Um paramédico? E mais outro. Mamãe, rosto pálido, está de pé na soleira da porta.

Eles me colocam de volta na cama enquanto Amy segura uma bolsa de soro. Um deles a ajeita, o outro injeta algo e um calor preenche minhas veias, fazendo com que a dor vá embora. Meus olhos se fecham.

As vozes se misturam e enfraquecem.

Um pesadelo fez isso? Incredulidade.

Ela podia ter morrido...

Mantenha-a na cama por um dia ou dois...

Controle da dor...

Se Amy não tivesse acordado quando ela caiu no chão, ela poderia ter morrido...

Última chance.

CAPÍTULO 9

Posso ao menos ler um livro?

— Não. Você devia estar descansando — diz mamãe, cruzando os braços.

— Posso descansar enquanto leio.

— Não.

— Eles me deixariam ler no hospital — menti.

— Você não está no hospital, está sob minha responsabilidade, e está descansando. Vá dormir — ela ordena, e me deixa novamente, expulsando Sebastian e fechando a porta.

Eu posso até acreditar que ela tem boas intenções. Mas é difícil descansar com alguém vindo averiguar de dois em dois minutos se você está descansando.

Fecho os olhos. Minha cabeça ainda parece estar sendo esmagada por um torno, embora esteja melhor do que de manhã, quando até mesmo o som do ronronar de Sebastian vibrava em

meu crânio como um tambor, e pedi que o mantivessem longe de mim. Mas tenho medo de

dormir. Medo de sonhar novamente. Agora que passou o efeito da injeção, qualquer coisa pode acontecer.

Meus pesadelos no hospital eram aterrorizantes, mas vagos. Na maioria das vezes eu não me lembrava de muita coisa; apenas acordava gritando. Geralmente correndo de algo, sem

saber o que era.

Mas esse tinha sido diferente. Lembro vividamente, como se estivesse acontecendo ou se repetindo diante dos meus olhos, agora mesmo, sem parar. Posso sentir a dor e ver meus dedos quebrados e ensanguentados. É tão real.

Real como uma memória gravada por dentro, forte e clara; tão horrível que você não consegue esquecer, não importa o quanto se esforce. Mas memória é algo que não devo ter.

Nada de antes de ser uma Reiniciada. É quase como desenhar com minha mão esquerda, como

aconteceu ontem, algo trazido de volta, de algum lugar escondido, para a superfície.

Quem é ele? Seria real ou só uma criatura dos sonhos que habita minha mente? No sonho eu não vi seu rosto. Primeiro a luz me cegava, depois eu não conseguia enxergar por causa da

dor e das lágrimas. Mas no sonho eu o conhecia, até reconheci seus passos.

Uma coisa é certa. Se ele é real, eu não quero saber.

— Heim?

— Desculpe. Acordei você? — perguntou Amy.

Eu realmente estava dormindo; em um lugar escuro e silencioso, sem sonhos. Talvez tenha passado o efeito dos remédios.

— Tudo bem. Estou cansada de ficar na cama. Posso levantar?

Amy balança a cabeça.

— Ela nunca vai permitir. Eles disseram que você tem que ficar na cama o dia todo.

Mamãe acredita em seguir as instruções, quer ela concorde ou não.

— Estou tão entediada.

— Tadinha. Como está sua cabeça?

— Nada bem.

— Quer alguma coisa? Já está com fome?

— Não.

Amy se virou para sair.

— Espere. Há algo que você pode fazer por mim.

— Sim?

— Meu bloco de desenho. Ela o levou e não posso desenhar.

Amy hesita. Vai ao seu quarto e retorna.

— Isto serve? — ela segura um pequeno caderno em branco e um lápis.

— Perfeito. Obrigada.

— Mantenha escondido — ela pisca um olho.

Eu me ajeito nos travesseiros e viro de lado para a porta, para que meu corpo esconda o caderno. Fico atenta a qualquer barulhinho que possa ser a mamãe xeretando das escadas. Mas, com o riscar confortante do lápis no papel, fico mais e mais absorta. Escapando de mim mesma, do sonho, de tudo.

Sou outra pessoa.

— Sorte que sou eu.

Levo um susto.

Amy fecha a porta e coloca uma bandeja com sopa na mesa ao meu lado.

— O que está desenhando?

Mostro a ela. Metade mamãe, metade dragão. Em poses variadas. Lançando fogo, voando sobre a casa.

Ela ri.

— Oh, Deus. Não deixe ela ver isso. Temos que esconder e...

Ela para e franze a testa, olhando para minha mão. Minha mão esquerda, que segura o papel. O medo passeia por meu estômago.

— Pensei que você fosse destra. Quando me desenhou, usou a mão direita.

— Eu sou! Eu estava desenhando com minha mão direita. Só troquei para te passar o caderno.

— Ah! Desculpe. É claro — ela diz, sorrindo novamente.

Meu Nivo vibra; 4.6.

— Chocolate? — ela pergunta.

Balanço a cabeça.

— Sebastian.

Ela abre a porta e momentos depois volta carregando Sebastian, que se acomoda em meu colo. Ele mia, indignado por ter sido mantido lá fora o dia todo. Eu o acaricio e ele se deita em meu colo, ronronando. Suas patas me amassam através da coberta, as garras entram e saem.

— Você não vai comer? — pergunta Amy.

— Daqui a pouco.

Assim que meu nível volta para 5, ela sai para ver TV lá embaixo. Me enrosco tão apertada em torno de Sebastian, que ele se contorce e protesta até eu afrouxar.

Por que menti?

Naquele momento, eu estava com medo. Da Amy? Isso é loucura. Mas o medo estava lá, era real. Como se a Amy pudesse ser outra empunhando um tijolo.

Segurei minha mão esquerda. Virei-a de um lado para o outro. Os dedos estão inteiros e perfeitos; não há cicatrizes. Quase me convenço de que nunca aconteceu, de que meu subconsciente inventou tudo. Que, ao descobrir que desenhava melhor com a mão esquerda, de

alguma maneira dei vazão ao sonho. Não pode ser uma memória. Elas foram apagadas; eu não

tenho memórias.

Mas de alguma forma uma certeza doentia me aperta o peito, tornando difícil a respiração. Todos os instintos de autopreservação gritam dentro de mim e não serão ignorados.

Ninguém pode saber.

CAPÍTULO 10

— Turma, temos uma pessoa nova hoje! — anuncia a enfermeira Penny, sua voz quase tão radiante quanto o colete amarelo que ela usa.

A turma é uma dúzia de Reiniciados como eu, convocados de vilarejos próximos e distantes, sentados em um grande círculo em uma sala arejada e de pé direito alto.

A enfermeira Penny me dá um empurrão.

— Vamos lá. Apresente-se e pegue uma cadeira.

— Oi. Eu sou a Kyla — digo, pegando uma cadeira no canto e a colocando no círculo.

Os outros sorriem para mim e uns para os outros. São bem mais jovens. Exceto por uma garota, que deve ter a minha idade, sentada de braços cruzados, olhando para fora da janela

em direção à escuridão.

Que ótimo... Primeiro dia no grupo. Justamente do que eu precisava com essa dor de cabeça pós desmaio ainda me incomodando atrás dos olhos. Elas normalmente levam de dois

a três dias para ir embora. Mamãe disse que talvez eu pudesse deixar isso para a semana seguinte, mas decidi vir esta noite. Ao menos desse jeito finalmente saí de casa. Além do mais, não tem por que adiar: será toda quinta-feira às sete, até aviso contrário. Amy não precisa mais ir, então acredito que “aviso contrário” é até eles estarem convencidos de que você não precisa ser monitorado constantemente.

Também tínhamos um grupo no hospital, então sei como funciona. Falamos sobre nossos sentimentos em um “ambiente de apoio sem julgamento”, mas sempre me parece que eles nos

dizem o que devemos sentir.

Penny cruza os braços.

— Alguém se lembra do que precisamos fazer agora?

Eles se olham.

É doloroso.

Até que afinal a garota mais velha deixa de olhar a janela e revira os olhos.

— Esse grupo é devagar quase parando. Se apresentem, antes que todo mundo aqui morra de velhice.

Sinto meus olhos se arregalando assim como os de todos os outros do círculo. Ela estava dizendo, em alto e bom som, o tipo de coisa que passa pela minha cabeça. Como ela se

atrevia?

Penny franze a testa.

— Obrigada por nos colocar nos eixos. Talvez você pudesse começar?

— Claro. Saudações, querida Kyla; eu sou a Tori. Bem-vinda ao nosso grupo feliz.

Os outros começaram a se pronunciar falando seus nomes, um após o outro. Sorrindo. Sem se dar conta de que a voz de Tori estava tomada pelo sarcasmo. Todos eles, com exceção

de Penny, que ainda olhava de testa franzida para Tori.

Assim que terminam as apresentações, Penny olha para o relógio: sete e dez.

— Bem, acho que seria melhor se nós...

Mas então a porta se escancara ao fundo.

— Desculpem o atraso — diz uma voz. Masculina. Eu me viro apenas quando uma cadeira é arrastada pelo chão; Tori empurra a dela para um lado para dar espaço e ele se senta ao lado dela.

Penny finge um olhar severo.

— Você precisa aprender a ser pontual, Ben. Como está indo o treino?

— Bem, obrigado — ele sorri, e, quando Penny sorri de volta, eu vejo nos olhos dela: queridinho da enfermeira. Ele não está nem um pouco preocupado por estar atrasado, nem ela

está. Ele é o favorito.

Não me surpreendo. Ele obviamente tornou-se um Reiniciado antes de qualquer outro daqui, exceto,

talvez, pela Tori. Seu sorriso é sincero, o tipo de sorriso que faz ter vontade de sorrir de volta. Penny falou de um treino: ele está usando um short, embora esteja uma noite fria; suas

pernas são musculosas, e uma camisa de manga comprida cobre as costas e os ombros. A pele

é levemente bronzeada, o que indica que ele passa mais tempo ao ar livre do que dentro de lugares fechados. Tori lança para Ben seu primeiro sorriso verdadeiro da noite. Isso muda seu

rosto: ela é impressionante.

— Oi. Você é a garota nova? Eu sou o Ben — ele diz, e percebo que estive encarando. Sinto meu rosto corar.

— Kyla? — Penny me chama, e eu me assusto.

Tori revira os olhos.

— Sim, Ben, você perdeu as apresentações. Ben, esta é Kyla; Kyla, este é Ben.

— Bem-vinda — ele diz, sorrindo e me olhando nos olhos.

— Obrigada — eu respondo e olho para meus pés.

— Podemos começar, então? — pergunta Penny. Ela observa cada rosto do círculo, depois o meu. — Kyla, por que você está aqui? Por que estamos todos aqui? Olho para ela sem reação.

A resposta em minha mente — porque temos de estar — pode ser verdadeira, mas não é a resposta certa. Eu tinha aprendido no grupo do hospital que, embora aquele fosse um lugar

seguro, onde você pode falar qualquer coisa, era melhor não ser muito honesto. Honestidade

demais me levava direto para a doutora Lysander consertar meu cérebro, o que me deixava exausta e atordoada por dias.

Dei um largo sorriso e não respondi. Enfermeiras geralmente caem nessa se não me conhecem bem.

— Kyla, nós estamos aqui para apoiarmos uns aos outros em nossa transição do hospital para nossa família e sociedade — ela explica, respondendo à própria pergunta. — Agora, por

que você estava no hospital? — ela dá um sorriso cintilante.

Isso é mais interessante. Quero dizer, sei o que eles fizeram comigo, em termos gerais.

Eles apagaram do meu cérebro as sinapses e conexões que me constituíam. Minha personalidade, minhas memórias. E sei as razões pelas quais normalmente isso é feito: perigo

para nós ou para a sociedade é o mais comum. Mas não sei o porquê de eles terem feito isso

no meu caso específico. Será que está em algum lugar dos arquivos da enfermeira Penny?

— Vamos lá, Kyla — ela insiste.

— Me diga você.

Tori se volta para cima e encontra meus olhos. Interesse e diversão se refletem nos dela.

Penny franze a testa. Eu já conheço essas coisas o suficiente para saber que não virá nenhuma resposta real. Antes que ela possa reagir, sou salva por Ben, que levanta a mão.

— Nos foi dado um novo começo — ele diz. Quando sorri para mim novamente, sinto um choque, um reconhecimento. Olhos castanhos claros, cabelos escuros puxados para trás

que se curvam ao passar das orelhas, tudo de alguma forma familiar. Como se eu já o conhecesse. Estremeço por dentro, desvio o olhar.

— Exatamente — diz Penny. — Agora, pessoal, vamos continuar de onde paramos na

semana passada. Alguém se lembra do que estávamos falando para contarmos à Kyla? Ela esperou, mas ninguém se voluntariou.

— Falávamos sobre como manter nossos níveis. Como estão todos vocês agora?

Nós obedientemente checamos e dizemos a ela. Eu estou com o nível mais baixo, com 4.8.

Penny parece preocupada.

— Quais são as nossas estratégias?

— O que quer dizer?

— Se seus níveis estão caindo. O que você faz para elevá-los novamente?

— Como chocolate. Abraço pessoas. Ou, ultimamente, faço carinho no gato.

— Essas são coisas externas que podem ser feitas para que vocês se sintam melhores. E o que fazer dentro de você?

Bem, talvez realmente estejamos prestes a aprender algo de útil.

— Que nível estamos visando? — ela pergunta ao grupo. Uma discussão começa e eu me desligo. Já ouvi isso antes, muitas vezes.

Um nível médio é algo entre 5 e 6.

10 é a completa felicidade; 1 é uma raiva que pode matar ou deixar você tão atordoado a ponto de não ser capaz de se mover. Se fica abaixo de 3, você está indo para a Terra do Nunca: o Nivo queima o chip em seu cérebro e você desmaia, como me aconteceu na outra

noite. No caso de haver algum impulso violento à espreita, que o processo de transformação

em Reiniciado tenha deixado passar, se de alguma forma seu nível ficar abaixo de 2 e você não desmaiar, será pior do que queimar. É como ser assado. Convulsões se repetem, e, se sobreviver, será um completo idiota.

Penny busca em seus arquivos do netbook, tec, tec.

— Estou vendo que você tem um histórico de pesadelos e desmaios. Vamos ver se podemos ajudar Kyla com algumas estratégias. Que tal, pessoal?

Parece que ela não conhece o nome de ninguém. Será que não sabe que nem mesmo os Reiniciados respondem a “pessoal”?

Ela aponta um por um para que respondam, e escuta, sem muita vontade.

Segue-se uma série de sugestões; algumas eu já tentei.

Distração: focar em outra coisa. Repetir a tabuada, contar o ladrilho do chão. Ben

prefere correr; essa distração eu conheço. Costumava passar horas na esteira da academia do

hospital, até que os sentimentos desaparecessem, e tudo o que restava era o tum tum dos meus

passos. Ou minha outra versão: organizar o desconhecido em rostos feitos de linhas e sombras, desenhar mapas de corredores, portas e tudo o que estivesse relacionado para criar

limites. É por isso que faço essas coisas?

Visualização: ir para outro lugar em sua mente. Um “lugar feliz”, no linguajar das enfermeiras.

Transferência: direcionar seus sentimentos para outra pessoa.

Desagregar: se tornar outra pessoa, deixar seus sentimentos para trás.

Estou me tornando uma especialista nesse aí.

Não estamos todos?

Depois Penny mandou que nos separássemos em pequenos grupos, para praticar conversação. Tópico de hoje: nossas famílias.

E todos começam a mover suas cadeiras em pares e grupos de três, sem discussão: cada um sabe seu lugar. Eu hesito, incerta sobre o que fazer, e me assusto quando uma mão quente

segura meu ombro: Ben. Ele se curva.

— Fica com a gente? — ele pergunta, sorri, e eu me pego olhando em seus olhos. De perto é possível ver as manchas douradas misturadas com o marrom: seriam um desafio para

pintar, para conseguir a tonalidade certa e... Sua expressão é de diversão. — E então?

— Tudo bem — concordo e me levanto. Ele tira a mão do meu ombro, suspende minha cadeira e a coloca ao lado de Tori, depois ajeita a dele de frente para nós duas.

Os olhos de Tori se estreitam. Ela começa a dizer algo, mas para quando Penny se junta a nós.

Logo descubro que o pai de Ben é professor; a mãe é uma artista e trabalha no escritório da fábrica de laticínios. O pai de Tori é membro do conselho de Londres. Ele só passa algumas semanas em casa e, pelo jeito como ela fala, parece que isso é uma boa coisa. Os dois têm dezessete, um ano mais velhos do que eu, e conhecem Amy do colégio. O mesmo colégio para o qual irei assim que deixarem.

— De onde você realmente veio? — perguntou Tori quando Penny se afastou para ver

como o grupo

seguinte estava se saindo.

— O que quer dizer?

— Onde você esteve, antes daqui?

— No hospital. Acabo de sair, no domingo passado.

— Não acredito em você.

— Tori — Ben interrompeu. — Seja gentil.

Ela lhe deu um sorriso debochado.

— Não é possível que ela tenha acabado de sair, pelo jeito como ela fala. Você sabe disso tão bem quanto eu. Já estamos aqui fora há mais de três anos; você sabe como são os novos.

— Fiquei no hospital por mais tempo que a maioria — expliquei. — Por causa dos pesadelos.

— Quanto tempo?

— Nove meses, foi o que me disseram.

— Mesmo assim. Você é diferente.

Eu quero protestar, argumentar. Chego a entreabrir a boca, mas a fecho novamente. Aí está a prova. A maioria dos Reiniciados apenas daria um sorriso e concordaria com qualquer

coisa que lhe dissessem. Por que negar o que é tão óbvio?

Dou de ombros.

— E se eu for?

— Ah, ha! — exclama Tori.

Ben se inclina para frente e analisa meus olhos com interesse.

— O que há de errado em ser diferente?

Tori faz uma careta, Ben lhe dá um abraço e então a careta desaparece.

— Quer sair com a gente no domingo? — Ben me olha, seus braços ainda sobre os ombros de Tori. — Vamos ao show do condado.

Tori parece surpresa e aborrecida.

— Não sei. Preciso ver se tenho permissão.

Ela revira os olhos.

— Claro. Tanto faz.

E eu tenho a nítida impressão de que, se quiser me relacionar bem com a Tori, terei de

me manter afastada de Ben. E, de alguma forma, acho que não é isso que eu quero.

Penny me retém enquanto todos saem.

— Kyla, fique. Quero falar com você a sós.

Ela espera até que a última pessoa saia, depois se senta ao meu lado.

— Soube do seu desmaio de umas noites atrás. Preciso checar seu Nivo.

Ela pega um scanner portátil, como os do hospital, só que menor, e o pluga em seu netbook. Penny o segura sobre meu Nivo e gráficos aparecem na tela do netbook.

— Oh, meu Deus!

— O quê?

— Olhe, Kyla. Veja por você mesma — ela toca a tela e seleciona um gráfico chamado 23/09. Uma seção inteira, nas primeiras horas da manhã de quarta-feira, está em vermelho. Ela

toca a pontuação e alguns números aparecem na tela.

— Kyla, você estava com 2.3. Isso é muito perigoso. O que houve?

Eu a encarei. Apenas 0.3 para não acordar de vez. Meu estômago dá voltas.

— E então?

— Não sei. Tive um pesadelo, só isso. Eu não acordei. Quando dei por mim, os paramédicos

estavam lá, me injetando o elixir da felicidade. Ainda tenho dor de cabeça para provar.

— Seu Nivo não é afetado por sonhos, você sabe disso, mas sim depois, ao acordar. Dei de ombros.

— Eu nem acordei.

— Qual foi o sonho?

— Eu não me lembro — menti.

Ela suspirou.

— Só quero ajudar você, Kyla. Você não precisa fazer sua primeira checagem até o fim de semana após o próximo, mas talvez possamos adiantar para este fim de semana.

— Não! Eu só preciso... — como colocar isso em palavras que soem amistosas para uma enfermeira? — Eu preciso de distração, para ocupar meu tempo e minha mente. Posso

começar a ir para o colégio? Por favor.

Ela se reclina e me olha nos olhos, buscando por algo.

— É muito cedo. Você precisa se acostumar às coisas em casa primeiro. E...

— Por favor — não digo o que estou pensando, que ficar em casa o dia todo com mamãe, o dragão, é que me preocupa. Esses últimos dias de cama com ela e Sebastian como

minhas únicas companhias fizeram com que até meus pesadelos parecessem bons.

— Distração é uma boa coisa, mas você precisa de redirecionamento também. Vou passar alguns exercícios para fazer, está bem? Se você os fizer, realmente fizer, e se esforçar,

então vamos colocá-la no colégio na semana que vem. Combinado? — ela estendeu a mão.

Olhei para ela. Hoje é quinta-feira; faltam apenas quatro dias para segunda.

— Tudo bem. Combinado — respondo, apertando sua mão.

Amy dá uma espiada do corredor, provavelmente enviada para descobrir por que eu ainda não saí. Penny a vê.

— Amy? Venha cá. Você pode ajudar.

Elas logo me fizeram visualizar um Lugar Feliz. Escolhi meu lugar dos sonhos, com árvores e flores, deitada de costas, olhando para as nuvens do céu. Sempre que estou aborrecida ou assustada, vou para lá em meus pensamentos. Até que se torna automático. Fácil, não é?

CAPÍTULO 11

— Tem certeza de que ficará bem tomando conta dos dois? — pergunta mamãe, voltando-se da porta.

— Sim, já disse — respondeu Amy. — Pode ir.

Mas eu não tenho tanta certeza. O barulho está entrando em minha cabeça. Como alguém tão pequeno consegue fazer tanto barulho? Gritando mamãe sem parar.

A porta se fecha, e pela janela vejo mamãe e papai caminhando pela rua em direção ao pub, com a irmã mais nova do papai, nossa tia Stacey, que parece imune ao choro do seu filhinho.

Ele respira com força para encher os pulmões antes de outro ataque de fúria.

Amy se curva para ele.

— Robert, quer um biscoito?

Ele faz beicinho. Ela estica a mão, ele olha para ela, a indecisão estampada em seu rosto cheio de lágrimas. Ela o carrega até a cozinha. Em segundos ele está dando risinhos e mastigando biscoitos no chão.

— Como é que ele vai do grito ao riso em um minuto?

— Ele é só um bebê; fácil de se distrair.

Sebastian se aproxima, dá uma olhada em Robert e salta sobre a bancada.

— Gatinho? — aponta Robert. — Gatinho!

Ele derruba seu biscoito e fica de pé, se apoiando nas pernas de uma cadeira, apontando para Sebastian. Ele dá alguns passos e cai sentado; parece assustado. Seu rosto se altera.

— Está tudo bem, Robert! — Amy o pega e o segura de maneira que ele possa colocar uma mão em Sebastian, que parece resignado.

— Faça carinho no gatinho assim — ela diz. E lhe mostra basicamente o mesmo que me mostrou no meu primeiro dia.

Mas ele não entendeu, bateu mais que acariciou, e então passou a mão no sentido errado e fez o pelo se levantar. Sebastian deu um salto e desapareceu pela sua portinha de gato.

Amy senta-se e começa a cutucar o joelho de Robert antes que ele se aborreça. Ele ri.

Segue-se uma hora ou mais de brincadeiras com as portas dos armários e batiques de potes com colheres de pau. Robert começa a esfregar os olhos e adormece nos braços de Amy.

— Chá? — ela oferece, e eu me levanto para encher a chaleira e colocá-la no fogão.

Amy se vira em sua cadeira e eu percebo que ela está observando. Como disse mamãe.

Ela observa *nós duas*. *Como se eu fosse queimar a mão no fogão ou perder o equilíbrio e cair de bunda no chão*, como o Robert.

A enfermeira Penny disse a mamãe que sou como uma criança pequena. Mas olhe para Robert: ele não aprende tão rápido como eu. Ele não consegue nem acariciar o gato direito.

Amy diz que ele aprendeu a andar há semanas, e ele ainda cai; ele tem um ano de idade, mas

mal sabe falar.

Quando me tornaram uma Reiniciada, consegui andar em poucas semanas, sem desequilibrar. Falar frases completas dias após minhas primeiras palavras. Fui mais rápida que a maioria, é verdade, mas mesmo os mais lentos podem ter uma conversa básica em um mês ou dois.

Minhas memórias se foram, mas parte de mim se lembra. Meu corpo, meus músculos.

Como a mão esquerda com o lápis. Ela sabia o que fazer no instante em que o coloquei ali.

Então não é a mesma coisa que começar do zero, não mesmo. É como se, ao dar o impulso certo, você consiga fazer coisas que tinha esquecido. Quem sabe do que mais sou capaz? Coloquei xícaras de chá na mesa e me sentei.

— Ai! Meu braço está dormente. Você pode segurar a cabeça dele? — Amy se move e eu passo minhas mãos sob Robert, enquanto ela se ajeita na cadeira. Ele não acorda.

— Obrigada. Ele não é adorável? — ela pergunta.

Dou de ombros, incerta.

— Muito barulhento, quando acordado. Gosto mais dele deste jeito.

— Verdade. Como ele berrou pela mãe...

— Ela não parecia preocupada em deixá-lo; ela e mamãe praticamente saíram voando daqui.

— Sim. Para mamãe é difícil tê-lo por perto.

Notei isso também, e de alguma forma não é uma coisa óbvia, como o fato de que o bebê grita ou precisa de uma fralda limpa antes de eles saírem. Mamãe parecia querer distância dele o mais rápido possível; foi ela quem sugeriu que eles fossem ao pub, deixando nós três

para trás.

— Por quê?

— Não sei se posso dizer.

— O quê? Me diga.

Amy olha para trás e acaba concordando.

— Está bem, mas isso é segredo de família. Você não pode contar a ninguém.

— Está bem — concordo.

— Tia Stacey me contou no ano passado, quando eu estava cuidando do bebê; mamãe não sabe que eu sei de tudo. Mas, antes de mamãe e papai ficarem juntos, mamãe tinha outra

pessoa e eles tiveram um bebê chamado Robert. Eles se separaram quando o menino era pequeno. Stacey era amiga da mamãe naquela época; foi assim que mamãe conheceu o papai.

Depois que eles se casaram, Robert morreu. E Stacey deu esse nome ao seu bebê em homenagem a ele. Ela teve boa intenção, mas eu acho que, toda vez que mamãe o vê, ela se

lembra do filho que morreu.

— Que horrível! — Senti minha garganta apertar. Primeiro os pais, quando ela tinha quinze anos; tempos depois seu filho também morreu. Não é de admirar que ela seja um verdadeiro dragão.

— Sei que mamãe pode ser difícil, mas ela tem suas razões — disse Amy.

— Ela nunca fala sobre o Robert dela?

— Nunca. Não para mim, ao menos.

Olhei para Amy, confusa. Mamãe é contraditória. Tudo sobre ela está na superfície, e ainda assim ela guarda tanta coisa dentro dela.

— Não a compreendo — eu disse, finalmente.

— Veja por este lado: você vai entendê-la melhor se pensar como ela. É assim que ela sobrevive.

Logo ouvimos vozes e passos do lado de fora.

Amy coloca um dedo nos lábios e eu balanço a cabeça, concordando.

A porta da frente se abre e momentos depois mamãe e tia Stacey entram na cozinha.

— Aí está o meu menino — diz tia Stacey, e ela realmente parece ter sentido falta dele.

Ela o retira dos braços de Amy e logo se despede.

— Onde está papai? — pergunta Amy.

Mamãe revira os olhos.

— Ele recebeu um telefonema: alguma emergência no trabalho. Saiu na metade do almoço.

Mamãe começa a varrer os farelos de biscoito que Robert deixou no chão; Sebastian reaparece pela portinhola e se esfrega nos tornozelos dela.

— Hora do jantar do Sebastian? — ela diz, pegando uma tigela no armário. É quando ela foca nos restos de nosso lanche e no aparelho de chá na bancada.

— Sério? Você morreria se lavasse isso? — ela repreendeu.

Me encolho e seguro para não correr e começar a lavar na mesma hora. Ela ficará ao meu lado, olhando e falando o que estou fazendo errado. Mas então uma voz dentro de mim

sussurra apenas diga *a ela o que você pensa*.

— *Estávamos muito ocupadas cuidando do Robert para lavar a louça* — eu disse.

Mamãe se volta, surpresa. Depois balança a cabeça.

— Está bem, era muita coisa. Estou feliz que você não tenha vindo de fraldas — diz ela, e ri. E eu rio com ela. Amy pisca em sinal de aprovação quando mamãe não está olhando.

Fizemos o jantar juntas, e pela primeira vez eu quase me senti relaxada em sua presença. Mais tarde, Amy e eu damos boa-noite e nos dirigimos para as escadas, quando Amy se vira para trás.

— Quase esqueci de perguntar. Mamãe, podemos ir ao show de Thame amanhã?

O show: não era o que o Ben tinha falado? Para eu ir com ele e Tori. Eu dou um giro.

Mamãe abaixa seu livro.

— Com quem?

— Vai todo mundo, mamãe. Você sabe: Debs, Chloe, Jazz; todo mundo.

Os olhos dela se estreitam.

— Bem, já que vai todo mundo. Não vejo por que não. Mas eu levo vocês.

— Obrigada — agradece Amy, mas seu rosto diz algo diferente.

Ela fecha a porta quando chegamos lá em cima. Revira os olhos.

— Não acredito que ela ainda insiste em levar a gente. Como se tivéssemos doze anos.

— Ela parecia desconfiada.

— De quê? — pergunta Amy e ri. Se você está se referindo a mim e Jazz, isso é só a metade.

— O que quer dizer?

Ela joga um travesseiro em minha cabeça.

— Por causa do Ben, é claro.

— O quê?

— Ele me perguntou ontem no colégio. Se você poderia sair amanhã, para ir ao show.

Acho que você o impressionou.

— Oh!

— Só isso? “Oh”? Ele é uma gracinha, não é?

— Acho que sim — é claro que ele é, mais do que uma gracinha, é de outra categoria. E há mais alguma coisa sobre ele, algo que ainda não compreendo, e que quero saber mais. Mas

não tem por que eu me iludir com Tori na jogada.

— Até mesmo algumas garotas do sexto ano ficam atrás dele. Mas eu não vi ninguém fisgá-lo.

Dei de ombros.

— Acho que ele está ocupado com Tori.

— Duvido. Ela não é o tipo dele.

— Por que não? Ela é linda — e era mesmo, especialmente quando sorria. Ela tinha aquela estrutura óssea e proporções perfeitas, além de longos cabelos escuros e esvoaçantes.

Ela poderia ser modelo, se essa não fosse uma das coisas que você não tem permissão para fazer quando se torna um Reiniciado.

— Eu apenas sei. Ela é amarga e perturbada; ele é legal. Isso é óbvio.

— Bem, se for isso mesmo, ela ainda não percebeu.

— Então ela é uma idiota — disse Amy, rindo. — Mas ela acabará percebendo.

Amy apaga as luzes e logo adormece. Mais tarde ouço algo arranhando a porta e vou abrir. Sebastian mia e salta sobre minha cama. Fora ele, a casa está escura e em silêncio.

O sono não vem. Há muito para processar. Todos são tão complicados; nada é o que aparenta ser. Amy parece entender mamãe de uma maneira que eu não consigo, e ainda acho

que ela está errada sobre Ben e Tori. Por mais que eu quisesse que ela estivesse certa.

CAPÍTULO 12

No final das contas o show é bem legal.

Quando mamãe, Amy e eu finalmente chegamos lá após o trânsito lento, com filas de carros passando por várias estradas através dos campos e fazendas, há uma longa fila de pessoas esperando para entrar. Todas de bom humor, conversando e se acotovelando enquanto

se movem pouco a pouco para mais perto da entrada. Quando passamos pela tenda que cobre a

entrada, no entanto, tudo silencia.

Há um portão de segurança que precisamos passar. Mamãe parece surpresa.

— Eles aumentaram a segurança do ano passado para cá — ela diz em voz baixa.

Mas não parece ser isso que silenciou a multidão. Supervisionando tudo estão vários homens de rosto sério em ternos cinza, de pé atrás da grade de segurança. Observando a multidão. Ninguém cruza o olhar com o deles ou os encara, mas, quando todos olham com atenção para toda parte menos para um lugar, fica óbvio que é para esse lugar que estão olhando.

Mamãe tinha explicado que o show de Thame havia surgido séculos antes, mas tinha começado a decair com o declínio da indústria agrícola no início do século 21, até que terminou de vez. Com o grande impulso para a autossuficiência agrícola do Centro de

Coalizão décadas mais tarde, esse e outros shows em áreas rurais foram restabelecidos, e este

agora é o maior de todos. O maior de todos os tempos.

Quando chegamos à frente, nós três tivemos de andar uma após a outra para atravessar o portão. Amy e eu adiante, é claro, com nossos Nivos. Somos encaminhadas para um canto, perto dos homens de terno cinza, e escaneadas da cabeça aos pés.

Sem nenhuma razão para sentir medo, ao menos que eu pudesse identificar, minhas mãos começaram a tremer. Quando eles terminam e acenam para que possamos entrar, Amy segura

minha mão e praticamente tem de arrastar minhas pernas vacilantes até mamãe, que aguarda.

— O que há com você? — pergunta Amy. — Você ficou pálida.

Dei de ombros e olhei para o meu Nivo: um pouco baixo, em 4.6, mas se mantendo constante, agora que tinha me lembrado de visualizar árvores verdes céu azul nuvens brancas,

árvores verdes céu azul *nuvens brancas*...

Mamãe me espreita de canto de olho enquanto me dirijo para o show.

— Multidões são uma coisa complicada para você, Kyla? — ela pergunta e passa o braço pelo meu ombro.

— Eu estou legal — afirmo, e, com Amy de um lado e mamãe do outro, logo fico bem. Nem mesmo sei o que me incomodou no final das contas.

O show é barulhento, com pessoas e animais por toda parte. O forte cheiro do campo preenche o ar. Percebo que me sinto satisfeita por estar perto da mamãe, mesmo quando Amy

desaparece com seus amigos.

Há exposições intermináveis e competições de frutas e vegetais, além de pratos feitos com esses ingredientes; artesanato e esculturas de madeira; animais de todos os tipos em canetas e em anéis. Mamãe parece conhecer quase todo mundo e dá uma palavra aqui e ali enquanto caminhamos.

— Kyla! Você conseguiu — chamou uma voz vinda de trás.

Nos viramos e lá estão Ben e Tori. O sorriso dele é acolhedor, mas a mão dela está segurando o braço dele. Ele é meu, ela quer dizer, e ele está permitindo que seja assim. Mamãe sorri.

— Ben? Não o vejo desde que Amy parou de ir ao grupo. Você está mais alto.

— Sim, senhora Davis.

— Em boa hora — disse mamãe, acenando para alguém. — Você pode me ajudar, dando uma

olhada em Kyla, enquanto vou beber algo com uma amiga?

Corei envergonhada. Eu precisava de babá.

— Claro — disse Ben. — Estávamos pensando em ir para o Show de Ovelhas, se você quiser ir.

Tori revirou os olhos.

— Ah, que ótimo! Está no cartaz que é o Miss Mundo das ovelhas. Mal posso esperar.

Mamãe ergue uma sobrancelha.

— Você faz bem em ter cuidado com as palavras por aqui, minha jovem — ela diz, sua voz agora tão baixa que é difícil ouvi-la acima de todas as vozes que nos cercam. E então ela

desaparece com a amiga.

Tori está de boca aberta.

— Quem ela pensa que é? — ela reclama, em voz alta e irritada, ignorando o shhhhh de Ben.

— Se você não sabe, garotinha, então vou lhe contar — diz um homem parado atrás de nós, que deve ter ouvido cada palavra. — Aquela é Sandra Armstrong-Davis.

— E daí? — desafia Tori, as mãos na cintura.

— A filha de William Adam M. Armstrong.

A compreensão começa a tomar o rosto de Tori, mas eu não entendo nada.

— O que ele quer dizer? — pergunto, enquanto o homem se afasta.

— Você nem sequer sabe quem é sua própria mãe?! — exclama Tori.

Olho para Ben, confusa.

— Ela é a filha de William Armstrong, que não teve misericórdia e acabou com as gangues nos idos de 2020 — ele disse. — Ele era o comandante dos Lordeiros, antes de os terroristas o explodirem.

— Mas eles me disseram que os pais dela morreram em um acidente na estrada — eu disse.

— Sim — diz Tori, rindo. — Se você quiser chamar de acidente a explosão de uma estrada.

— Você está legal? — pergunta Ben, me dando seu outro braço. — Isso tudo aconteceu

há muito tempo. Achei que soubesse.

— Estou bem — menti.

Seguimos para o Show de Ovelhas. Uma variedade de ovelhas muito interessantes — se você gosta desse tipo de coisa — com nomes curiosos, como Lady Gaga e Marilyn Monroe,

todas desfilam enquanto suas virtudes são exaltadas, e em seguida vem a cerimônia de premiação. É tanta bobagem que todos nós — até Tori — acabamos rindo e aplaudindo com a

multidão. Marilyn ganha.

Segue-se uma demonstração de tosquia de ovelhas. No começo, o animal luta. Depois vemos a compreensão em seus olhos: o homem que imobiliza a ovelha é muito forte. Ela não

pode fazer nada a não ser deixar o corpo mole enquanto lâminas afiadas muito próximas a sua

pele a aliviam de sua lã; nada para mantê-la aquecida durante o inverno. Talvez isso não importe se ela está chegando ao fim da linha.

Me pergunto se ela está visualizando seu lugar feliz para aguentar tudo isso.

Mamãe e Amy me encontram.

— Vamos? — pergunta mamãe, e eu faço que sim com a cabeça.

Sair é mais fácil que entrar; não há revistas de segurança, apenas passamos pelo portão.

Mas de um lado vejo alguns homens de terno cinza cuidando da saída. Verificando rostos, um

por um, enquanto todos saem. E, como se eles estivessem parados em um local de cegueira

coletiva, a multidão finge que eles não existem.

Mais tarde naquela noite olho para o teto. Amy confirmara a história de família da mamãe. Por que

ninguém me contou?

Talvez porque soubessem que eu ligaria os pontos de uma maneira que Amy não conseguiria. Os pais de mamãe haviam sido mortos por terroristas; o trabalho do pai dela era

expulsar e aniquilar as gangues que quase destruíram o país, muito antes de passarem a transformar pessoas em Reiniciados. Naquela época, todos eram mortos.

E, mesmo assim, ela adotou duas Reiniciadas. Duas novas filhas criminosas, não

importa do que se lembram agora. Que podiam muito bem ter sido membros de gangue, terroristas, ou até as duas coisas.

Justo quando eu estava começando a sentir como se, talvez, ao menos às vezes, eu a entendesse. Agora surge isso. Descubro que não a entendo, de jeito nenhum.

A outra coisa que me mantém acordada são aqueles homens de terno cinza que todos ignoraram. Por algum motivo eu não consegui perguntar quem eles eram, mas a mera presença

deles me deu arrepios e medo. Tanto que foi até difícil me mover. Mas uma pulguinha atrás da

orelha me fez seguir em frente, sem chamar atenção. Gritar não faz com que eles notem você.

Se fui bem-sucedida? Amy teve de me ajudar a andar quando chegamos.

Ouçó um som suave lá embaixo. Sebastian? Ele não está enroscado em meus pés, como sempre; talvez possa me ajudar a dormir. Saio da cama e desço a escada.

— Sebastian! — chamo baixinho e entro na cozinha escura, o chão frio sob meus pés descalços. Sinto arrepios em meus braços e subindo por minha coluna.

Me viro ao perceber um movimento, pouco mais que um deslocamento de ar, que não era condizente com um gato.

Luzes me ofuscam a vista.

Abro a boca para gritar.

CAPÍTULO 13

— Tem certeza de que não quer um pouco de chá? — pergunta papai.

— Estou bem, de verdade — respondo e volto em direção à porta.

— Não quis assustar você — ele sorri, mas seus olhos estão frios.

Ele parece muito cansado, como se não tivesse dormido desde que saíra no dia anterior.

Está amarrotado, como se também não tivesse trocado de roupa, mas a calça preta e o pulôver

que veste não são o que usava quando saiu para o pub.

Para alguém tão cansado ele se movia bastante rápido. Atravessou a cozinha e tapou minha boca rapidamente com a mão, parando o grito que já saía da minha garganta, e tudo o

que saiu foi um pequeno e estrangulado gemido.

Ele me soltou tão logo parei de lutar. Assim que meus olhos desembaçaram o suficiente para eu ver que era ele.

Agora ele parece estar pensando em alguma outra coisa, depois balança a cabeça para si mesmo.

— Sente-se — ele diz e pega duas xícaras ao lado da chaleira.

Obedeço.

Ele faz chá, sem pressa. Olha para mim vez ou outra. Para alguém normalmente tão falante, o silêncio se estende ao nosso redor.

— Estou curioso em relação a algumas coisas — ele diz, finalmente.

— Com o quê, por exemplo?

— Primeiro, por que você está de pé?

— Não consegui dormir — dei de ombros.

Ele mexe seu chá, parece prestes a perguntar algo mais, então balança a cabeça levemente.

— Entendo. Segunda pergunta: por que você desceu?

— Eu estava procurando o Sebastian.

Ele parece levar em consideração essa resposta, depois balança a cabeça.

— Terceira: por que se assustou tanto quando acendi a luz? — ele diz, como uma constatação, não uma pergunta; algo que estivesse tentando entender.

— Não sei. Você me assustou — respondo, honesta. Embora provavelmente tivesse algo a ver com o sonho: a parte em que fico ofuscada pela luz, não consigo ver quem é e...

— Diga o que acabou de pensar — ele diz e me sobressalto.

— No meu pesadelo da semana passada, uma luz ofuscava meus olhos e eu não conseguia ver; fiquei muito assustada. Acho que deve ter sido por isso — falo tudo muito rápido, surpresa de ouvir minha voz respondendo a uma pergunta sobre o sonho que eu dissera a todos não conseguir lembrar.

— Você apagou depois disso, não foi?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ainda assim, apesar do susto de ainda há pouco, mesmo que bobo, seu nível não baixou.

— Não.

Meu Nivo está bem satisfatório, 5.1.

— Interessante — ele diz. Faz uma pausa e sorri, seu usual sorriso alegre. — Vá para a cama, Kyla. Não comece no colégio amanhã? Precisa descansar.

Subo apressada, tão aliviada quanto confusa; o chá deixado para trás, intocado. O que foi aquilo? Me senti como se estivesse sendo interrogada. E respondi às perguntas dele com

mais honestidade do que esperava; praticamente me senti compelida a isso. A ponto de quase

contar a ele a história dos meus dedos esmagados no pesadelo.

Mas, não sei por quê, omiti isso. E fiquei com a desagradável sensação de que, de alguma forma, ele sabia que eu não havia lhe contado tudo. E, apesar do sorriso, ele não estava feliz com isso.

CAPÍTULO 14

Finalmente a manhã de segunda-feira.

— Não consigo entender por que você está tão ansiosa para ir para o colégio — diz Amy. — Não é tão bom assim.

Vesti meu uniforme: blusa branca, calças pretas e casaco avermelhado. Entregues na semana passada, quando tinha ficado óbvio que nem mesmo os antigos da Amy caberiam no

meu pouco mais de um metro e meio.

— Gosto de aprender — respondo, enquanto escovo os cabelos. O que é verdade, embora não completamente. Eu quero — não, eu preciso saber tudo. Cada fato e detalhe que

eu possa descobrir e categorizar, desenhar e listar, é mais um passo.

— Isso é bom, eu acho. Mas para por aí.

— Como assim?

Amy suspira.

— Não é como o colégio do hospital. Nem todo mundo vai ser legal.

*

Mamãe está ansiosa na cozinha, quando descemos para o café da manhã. Fico alerta, temendo que papai esteja ali, ou não esteja, e o que qualquer uma das opções possa significar.

Será que sonhei a coisa toda?

— Falem baixo — ela diz. — Papai foi deitar tarde na noite passada; ainda está dormindo.

Não foi um sonho.

Amy e eu comemos cereal; finalmente mamãe veio se sentar conosco.

— Kyla, escute. Tem certeza de que quer ir hoje? Você ainda não precisa, você sabe disso.

Olho surpresa para ela. Mamãe tinha ficado feliz ao ouvir que eu ia começar a estudar, *sair da barra da sua saia, ela disse, assim poderia voltar a trabalhar.*

— Sim, tenho certeza — afirmo.

— Ontem, no show, você pareceu nervosa com toda aquela multidão. Lord Bill é um colégio grande: tem mais de mil alunos. Tem certeza de que está pronta para isso?

— Por favor, me deixe ir — imploro, subitamente preocupada com a possibilidade de ela não deixar e eu ter de ficar em casa por dias, que se transformariam em semanas. Uma longa marcha de monotonia de inverno sem ninguém com quem conversar ou fazer alguma coisa.

Ela me encarou, depois encolheu os ombros.

— Tudo bem. Se você está certa de que é isso que quer. Você prefere que eu leve você, em vez de pegar o ônibus?

— Não. Ficarei bem com a Amy.

Me levanto e começo a recolher a louça.

— Deixe aí. Eu faço isso.

Está bem.

Olhei para Amy. Ela sorri enquanto mamãe carrega a louça para a cozinha.

— Viu? Eu disse que ela não é tão má — cochicha.

Entro no ônibus do colégio, com Amy atrás de mim; está quase cheio.

Cabeças se viram; murmúrios surgem enquanto andamos pelo corredor. Sinto olhos atrás de mim, como pegadas me seguindo. Há dois lugares vazios, de frente um para o outro. Me

aproximo de um deles e a garota na janela estreita os olhos. Ela coloca a mochila no banco vazio.

Amy cruza os braços. O ônibus dá uma guinada quando se afasta do meio-fio, pega a estrada e eu me seguro no encosto do banco para não cair.

— Sabe, acho que isso foi um pouco rude — diz Amy.

A garota olha para Amy e coloca os pés no assento. As vozes se calam; olhos se voltam e encaram.

Uma mão acena na traseira do ônibus.

— Kyla? Há lugar aqui.

Olho por entre as cabeças: é o Ben. Sinto um alívio por ver um rosto conhecido. Um lugar seguro.

Amy ainda encara a garota.

— Está tudo bem — digo a Amy e vou para a traseira do ônibus. Pensando em árvores verdes céu *azul nuvens brancas*, *árvores verdes céu azul nuvens brancas*...

— Oi — cumprimento Ben e me sento ao seu lado. Há outras pessoas do grupo também, todos sentados e sorridentes, espremidos em um banco apertado no fundo do ônibus. Todos

com o mesmo uniforme preto e avermelhado, embora de alguma forma ele pareça diferente em

Ben. Tudo parece melhor em Ben. Mas onde está Tori?

Ele se reclina e se aproxima do meu ouvido.

— Melhor ficar longe daquela garota — ele diz, em voz baixa.

— Por quê?

— Ela odeia Reiniciados.

— Ah.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul...

— Sinto muito por isso — diz Amy, quando saímos do ônibus.

— Não é culpa sua.

— Eu devia ter avisado. Eu...

— Você me avisou de várias coisas a semana inteira.

— Não importa. Na maioria das vezes vamos pegar carona com o Jazz. Ele está no dentista esta manhã.

Senti um alívio em meu estômago.

Amy e Ben me mostraram a porta da Unidade, depois saíram para suas aulas.

— Não demonstre tanta preocupação, você ficará bem — diz Ben, acenando e saindo.

Chego à UANEE, a Unidade de Alunos com Necessidades de Educação Especiais.

Aparentemente é isso que eu sou, até que provem o contrário.

Lá dentro há uma mulher sentada diante de uma mesa, digitando algo em uma tela.

— Olá — cumprimento.

Ela ergue o olhar, mas não sorri.

— Sim? O que deseja?

— Sou uma nova aluna.

— Mais uma? Nome.

Olho para ela. Nome... o quê?

Ela se concentra em meu Nivo e suspira.

— Seu nome? — pergunta, devagar e mais alto.

— Sou a Kyla. Kyla Davis — o novo sobrenome, o mesmo da mamãe, papai e Amy, ainda soa estranho, como se não combinasse com Kyla. Mas quem sabe quais teriam sido meus nomes anteriores. Será que combinavam melhor?

Ela remexeu em alguns papéis de uma caixa e tirou um arquivo.

— Ah, sim. Trazida para cá há poucas semanas, não foi? Tenho tentado agendar você com um dia de antecedência. — Ela suspira. — Sente-se — e aponta para uma cadeira, levanta-se e desaparece por outra porta com o arquivo na mão.

Obedeço.

E assim se passa boa parte do dia. Eu não saio da Unidade, fico sentada em cadeiras. As pessoas se aproximam e dizem olá ocasionalmente; alguém me esclarece que farei alguns testes e um tour pelo colégio amanhã, e mostra onde fica o banheiro. Me apontam um salão na

hora do almoço e, com vários outros Reiniciados, todos mais novos que eu, como os sanduíches que mamãe me deu pela manhã; nem sinal de Amy, ou Ben. Todos sorriem e mastigam, como o grupo de pacatas vacas pelas quais passamos de manhã. Não há muita conversa com os assistentes de professores que estão de pé próximo às duas extremidades da

mesa. Observando e ouvindo.

À tarde me entregam a História do colégio Lord Williams para ler. Mamãe havia falado Lord Bill. A instituição é antiga, muito antiga. Fundada em 1559, então em breve terá 500 anos. Havia sido um colégio só para garotos, depois tornou-se mista. Costumava ter uma unidade para autistas. Será que é onde estou agora? O autismo já havia sido eliminado. O colégio ficou fechado por uma década ou mais após as rebeliões do condado; foi reaberto pela

Coalizão Central com muita pompa e cerimônia vinte anos atrás, com novos campos e pista de

corrida em um terreno anexo. Agora é também uma faculdade especializada em agricultura,

como a maioria dos colégios secundários.

Amy e Jazz vêm até mim no final da tarde. Sorrio aliviada para Jazz, que já está de volta do dentista: nada de ônibus.

— E então? Como foi? — pergunta Amy.

Dou de ombros.

— Foi chato. Só fiquei sentada o dia todo, esperando alguma coisa acontecer.

— Bem-vinda ao colégio — diz Jazz, rindo.

Seguimos um caminho entre os prédios de tijolos em direção ao estacionamento, até um carro amassado. É quase todo vermelho, mas com alguns pedaços remendados aqui e ali de

outras cores.

— Senhoras, sua carruagem — diz Jazz, se curvando.

Pego a maçaneta e acho que fiz algo errado.

— Permita-me, é preciso um certo jeitinho. — Ele puxa a maçaneta, coloca um pé na lateral do carro, para servir de apoio, e sacode com força.

Amy segura o banco da frente enquanto eu me ajeito no banco de trás, me perguntando se aquilo é uma boa ideia.

— Onde está o cinto de segurança?

— Não tem; quebrou. Segure firme — ele diz.

Bom conselho. Jazz arranca cantando pneu e segue para a estrada, entrando rápido em uma curva. Meu corpo vai para a frente e me agarro ao banco da Amy. A engrenagem range e

sacolejamos. Eu não estive em muitos carros, então talvez não seja justo, mas, tirando os tais

que odeiam Reiniciados, acho que eu preferia ir de ônibus.

Jazz sai da estrada, pega uma rua e desce uma pista sinuosa, depois para em frente a uma casa solitária no final de uma longa estrada.

— Temos de deixar Kyla em casa logo — avisa Amy. — Mamãe só volta a trabalhar amanhã.

— É rápido — ele diz. — Vamos chegar antes do ônibus.

Jazz escancara a porta do carro novamente; Amy e eu saímos.

— Vamos só visitar meu primo — ele me diz.

Ele bate uma vez e abre a porta.

— Mac, você está aí? — ele grita, entra com nós duas atrás e abre a porta dos fundos.

— Sim. Peguem uma bebida e venham para fora — uma voz responde.

Jazz se vira, abre um armário e pega alguns vidros marrons.

— Vamos lá — ele diz.

Eu os sigo até o jardim. Ao menos sei que é isso o que está depois da maioria das portas dos fundos, mas esse não é verde. Não há grama, nem árvores, nem flores. Há peças de carros

por toda parte. Mac desliza seu corpo, que está debaixo de um dos carros, e Jazz nos apresenta.

— Mac montou meu carro com pedaços de outros carros — diz Jazz. — Servida? — ele estica uma garrafa para mim. Sem rótulo.

— Você já bebeu cerveja? — Amy perguntou, e notei que ela não estava com uma.

— Não.

— Quer provar? — pergunta Jazz. — É o Mac quem faz; é fenomenal.

Olhei para Amy e ela deu de ombros, fazendo uma cara de quem sugere que isso não é tão fenomenal.

— Tudo bem — respondi, e ele a abre para mim. Viro a garrafa na boca, como fez Jazz, e seu conteúdo desce pela minha garganta com rapidez. Tusso.

— E aí, o que acha? — pergunta Jazz.

Ainda tossindo, por conta do gosto amargo, balanço a cabeça e devolvo a garrafa.

Mac ri.

— Isso não é para garotinhas. É muito forte.

Apesar do que ele disse, é difícil não gostar do Mac. Seu sorriso é contagiante e um pouco louco, embora ele se pareça muito com um de seus carros: feito de vários pedaços recuperados que não combinam. Os braços e as pernas parecem maiores do que deveriam ser;

cabelo castanho, embaraçado e desalinhado, como se ele mesmo cortasse e não estivesse preocupado se está reto, mas apenas se está longe dos olhos.

— Precisamos mesmo ir — diz Amy, olhando para o relógio. — O ônibus já está chegando lá.

— Ah, sim. O dragão! — Jazz vira sua bebida, depois a minha, e se levanta de repente.

Voltamos por dentro da casa.

— Você deveria dirigir? — pergunta Amy.

— Estou bem.

— Você não devia ter bebido duas.

— Eu não poderia desperdiçar, né?

— Eu dirijo — digo.

Os dois riem.

— Quer dizer que você tirou a carteira de motorista no hospital? — pergunta Amy, sorrindo.

— Não. Mas eu posso?

— Por que não deixamos ela tentar? — sugere Jazz. — Só nessa pista.

Amy revira os olhos.

— Vocês são malucos. Mas o carro é seu.

Jazz escancara a porta.

— Vá para trás — ele diz a Amy, e ela vai para o banco traseiro.

Eu me ajeito no banco do motorista, Jazz ao meu lado na frente. Ele começa uma longa explicação. Marchas, embreagem, freio...

Viro a chave da ignição. Eu não entendo bem o que ele está dizendo, mas minhas mãos e pés sabem o que fazer. Embreagem, marcha, virar para a pista.

— Foi automático. Ela é natural — diz Jazz, atordoado, enquanto ignoro os protestos de Amy e continuo seguindo pela rua principal.

— Deve ter sido minha habilidade como professor — diz Jazz.

Não. Eu me lembro. Desde que eu não pense muito sobre o que estou fazendo, minhas mãos e meus pés assumem o controle; alguma memória gravada em minha musculatura, nada a

ver com meu cérebro.

Eu sei dirigir. E sou melhor do que ele.

CAPÍTULO 15

— Oi, Kyla? Sou a senhora Ali. Sou a professora assistente que vai ajudar você a se adaptar pelas próximas semanas, começando com um tour — ela sorri, me encara com seus

olhos escuros e estica a mão. Eu a cumprimento.

O colégio pode ser mais interessante hoje.

Eu a sigo porta afora e caminhamos pelo terreno do colégio.

Ela segue falando e apontando os edifícios: prédio de inglês, biblioteca, centro de agricultura. Matemática, áreas esportivas e projetos da turma da sexta série — cultivo de

novas plantações de primavera. Os antigos edifícios de tijolos se misturam com as novas construções espalhadas pela grande área gramada com um labirinto de caminhos se entrecruzando entre eles.

— Não se preocupe se você se perder no início; acontece com todo mundo. Vou ser sua sombra por algumas semanas e posso acompanhar você por aí.

Não. Não vou me perder. O mapa está bem claro na minha mente, uma rede de caminhos e edifícios. Mas eu apenas sorrio.

Ela me leva até o edifício da administração, do outro lado do terreno do colégio, passando pelos demais edifícios e uma sala de aula depois da outra, até o gabinete da direção.

Há um labirinto de mesas, armários e computadores; telefones tocando; meia dúzia de trabalhadores ocupados.

— Esta é Kyla Davis, para o processamento — anuncia a senhora Ali.

Momentos depois, um homem alto e sério, de óculos grossos, aparece de trás de uma fileira de arquivos.

— Venha por aqui — ele diz, e nós o seguimos por outra porta.

Processamento? Eu olho para a senhora Ali.

— É apenas para fazer sua identificação de aluna — ela diz.

Mas é mais que isso. Primeiro meus dedos são pressionados um a um em uma pequena tela para um cadastro digital. Depois minha cabeça é segurada com firmeza e me dizem para

não piscar; uma luz forte e contínua é direcionada contra meu olho direito para escanear minha

retina. Meus olhos lacrimejam e fico vendo borrões quando isso termina. Continuo vendo uma

imagem fantasmagórica como de galhos de árvores, preta na parede branca, branca no chão

escuro, até ir desaparecendo. Finalmente é tirada uma fotografia normal. Ele então remexe em

um computador e um cartão de plástico sai pelo outro lado.

— Você precisa usar isto o tempo todo — ele explica, prendendo-o a um cordão e colocando-o no meu pescoço.

Eu o seguro para ver: lá estou eu. “Kyla Davis”, diz embaixo da foto, e há um R depois do meu nome. Em meus lábios, um sorriso tímido, que a senhora Ali conseguiu extrair

antes do

flash.

— Aqui está. Você é oficialmente uma aluna do Lord Williams — ela diz, como se isso fosse uma conquista, ou uma escolha. — Agora temos de voltar para a Unidade.

Dessa vez saímos pela porta da frente da Administração. Situado ao lado do edifício fica um grande monumento de pedra, cercado por roseiras, com o ano 2048 gravado na parte

superior. Seis anos atrás.

— O que é isso? — pergunto.

— É um memorial. Para alguns alunos que morreram.

Eu me aproximo, atraída de alguma forma, e a senhora Ali me segue.

Há uma lista de nomes gravada na pedra, com as idades ao lado. São muitos. De Robert Armstrong,

15 anos, a Elaine Weisner, 16, e trinta nomes ou mais entre eles. Todos da minha idade ou quase isso. Parados, quietos, silenciados eternamente. — O que houve com eles?

— Estavam em uma excursão para o museu britânico, em Londres, quando houve um ataque do TAG. Nada a ver com eles; foi um desvio de trânsito que os colocou no lugar errado

e o ônibus foi atacado. Poucos sobreviveram.

Eu a encarei, incapaz de aceitar.

— TAG?

— Terroristas Antigovernistas: homens-bomba — os lábios dela ficam tensos ao pronunciar as palavras, como se elas tivessem um sabor ruim. — Vamos embora — ela diz;

então a sigo de volta à Unidade. Enquanto meus pés caminham de modo automático, não posso

evitar as imagens que aparecem em minha mente; um ônibus preso no trânsito de Londres, explosões, chamas. Gritos; mãos ensanguentadas acenando pelas janelas; a explosão final. E

depois, o silêncio.

Um memorial de pedra, rosas espinhosas, e todos aqueles nomes.

A senhora Ali me deixa em uma cadeira do lado de fora de um escritório.

— Aguarde até que ela chame você — ela diz e desaparece pelo corredor.

A porta traz “Doutora Winston, Psicóloga Educacional”. Ela logo se abre e outra aluna

sai.

Uma voz feminina chama do lado de dentro:

— Próximo!

Será que sou eu? Não há mais ninguém por perto.

— Próximo! — a voz chama novamente, mais alto. Eu me levanto e atravesso a porta, indecisa.

— Olá. Você é Kyla Davis? Não seja tímida. Entre.

Ela sorri. Será? Seu rosto tem uma marca de batom vermelho vibrante em forma de lua crescente. Ela está tão maquiada, que, se sorrir com vontade, seu rosto pode rachar.

— Você já fez sua identificação escolar, estou vendo. Muito bem. Veja, ao lado da porta: você passa o seu cartão quando entra. Ele diz quem você é.

Eu retorno. Há uma fenda com a forma do cartão em uma pequena máquina presa à parede ao lado da porta.

Olho receosa para a minha identificação, a pego com uma das mãos e olho novamente para a doutora Winston.

— Você não precisa tirá-la do cordão, apenas segure, vire para baixo e passe pela fenda. — Faço isso e ouço um bipe.

— Boa menina. Sente-se. De agora em diante, você fará isso na entrada e saída de toda aula; e também da Unidade. Assim, sempre sabemos onde cada um está — ela mostra seu sorriso de batom.

Eu me sento na beirada de uma cadeira alta em frente à mesa dela.

— Agora preste atenção. Vou explicar como será o resto do seu dia — e ela me diz que farei testes durante toda a tarde, para ver em que nível me encontro. Para saber se posso ir para turmas regulares; se terei aulas na Unidade, para começar; ou se uma mistura das duas

coisas. E terei um calendário de aulas determinado para amanhã de manhã.

— Alguma pergunta? — ela quer saber, mas já está desligando o computador.

— Bem, sim, uma.

— Ah! — ela para, surpresa.

— Posso ter aulas de artes? Eu desenho muito bem. Minha enfermeira disse que eu deveria, e...

Minha voz falha. Os olhos dela estão voltados impacientes para o relógio. Ela não está interessada.

— Vamos fazer o seguinte: que tal eu colocar uma nota em sua ficha? — ela mostra um sorriso radiante novamente e digita algo na tela. — Aqui está: “Kyla demonstra interesse em

artes”, está bom? Agora se apresse para o almoço; vamos lá, seja uma boa menina.

Levanto-me e sigo para a porta.

— Espere.

Paro no batente.

— Você precisa escanear novamente, é claro! Ou o computador pensará que você ainda está aqui.

Ah. Seguro o cartão na fenda e ele apita.

Na parte de baixo encontro a sala em que almocei ontem e desta vez noto que há um scanner ao lado da porta. Passo o cartão e ele apita.

Como prometido, a tarde é preenchida por horas de testes. Tudo no computador, múltipla escolha. A senhora Ali observa, enquanto aperto A, B, C ou D, sem cessar. A maioria

das perguntas são fáceis e sobre vários assuntos: matemática, inglês, história geral, geografia,

biologia.

Quando finalmente termino, meus olhos estão cansados e os ombros tensionados, mas acho que fiz um bom teste. Vão me dizer amanhã, explica a senhora Ali, e então me leva pela

porta enquanto o último sinal toca.

Pego o ônibus com o Ben, após convencer Amy de ir sozinha com Jazz e de que ficarei bem.

Atravesso o corredor atrás dele. Agora que minha mente está livre de todos aqueles testes, ela se ocupa novamente do memorial e do TAG atacando um ônibus cheio de estudantes. Um ônibus como este em que estou.

Eu não estava preparada para o balanço do ônibus.

Bato um pé no outro, tropeço e me curvo para a frente. Tento segurar em algo e me apoiar, mas minha mochila tomba, puxando meus braços para trás. Meu rosto bate na

traseira

de um banco e caio no chão.

Ouçó risadas.

Ajoelho-me e toco meus lábios; meus dedos ficam vermelhos.

Levanto e viro.

É ela. A garota que bloqueou o lugar vazio para que eu não sentasse ao seu lado.

— Aproveitando a viagem? — ela sorri.

Meus músculos estão tensos. Eu me aproximo dela. O sorriso some de seu rosto, seus olhos se arregalam.

— Kyla? Kyla! — Ben pega meu braço e me arranca dali. Me empurra em sua frente, para o fundo do ônibus.

O motorista sai de seu assento e vem pelo corredor.

— Tudo bem aí? — ele pergunta.

Ninguém responde. Ele não me vê atrás de Ben. Volta para seu lugar e logo o ônibus se afasta do colégio.

Ben coloca o braço sobre meu ombro e me guia para um banco.

— Você tem de olhar por onde anda, Kyla — ele diz, mas seu rosto é indecifrável. Os olhos mostram preocupação, e não ofensa, embora ele deva saber que ela me fez tropeçar. Que

não foi um acidente.

Ele encontra um lenço em seu bolso e me entrega. Eu o comprimo contra meus lábios, retiro e olho. Vermelho vivo, embora não seja muito.

Já tive piores.

Tive?

CAPÍTULO 16

— Estou bem.

— Você não parece bem — mamãe comprime meus lábios com um antisséptico. — O que houve?

— Tropecei dentro do ônibus. E bati meu rosto em um dos bancos.

Não mencionei o pé que me fez tropeçar, ou a risada que se seguiu quando me esborrachei no chão. Ou como me virei e estava pronta para esmurrar aquela garota no rosto.

E ela também sabia disso: uma certa onda de medo cruzou seu olhar antes que Ben me puxasse.

— Onde estava Amy quando isso aconteceu?

Eu não sei o que dizer. Sei que seu namoro com Jazz é segredo, mas andar no carro dele também é segredo? E mamãe não deveria estar em casa ainda; ela saiu cedo do trabalho.

Deve

ter algum radar dracônico.

— Ela não pôde me segurar — eu acabei dizendo. O que era verdade, já que ela não estava lá.

— Onde está ela agora?

— Na casa de uma amiga, eu acho — respondi, tentando ser vaga.

— Ela não veio para casa com você depois que se machucou?

— Ahn...

Sua boca se estreitou.

— Suba e vá se trocar.

Fiquei em meu quarto, colocando gelo nos lábios.

Eu ia bater naquela garota do ônibus; sei que ia. Não era algo consciente, nem planejado, era uma tensão muscular, minhas mãos se fechando para bater. Meu corpo reagindo.

Eu não deveria ser capaz de fazer isso. Meu Nivo deveria ter me impedido. Qualquer traço de violência deveria me apagar.

Mas nada. De alguma forma, me mantive em torno de cinco o tempo todo.

Ben e os outros apenas se sentaram juntos e sorridentes, como sempre, mesmo sabendo que alguém havia sido machucado deliberadamente. E não era como se não se importassem.

Ben veio e me ajudou, não foi? É como se em seus pequenos cérebros de Reiniciados e felizes

aquilo não fosse o suficiente para criar retaliação.

Não sou como eles.

Não compreendo.

A porta da frente se abre lá embaixo; ouço vozes.

Vozes furiosas.

Passam-se alguns minutos, e então escuto passos na escada. A porta se abre: Amy.

— Você está bem? — ela atravessa o quarto e ergue meu queixo para ver meu lábio. —

Deve estar doendo.

— Um pouco — dou de ombros.

— Bom.

Ela pega seu livro na cama extra, seu roupão atrás da porta e todas as suas coisas

espalhadas no meu

quarto da última semana em que ficou comigo, para que eu não ficasse sozinha à noite.

Ela atravessa o corredor e vai para o quarto dela, fechando a porta com força.

Como se soubesse por algum sentido felino que estava sendo necessário, Sebastian aparece no quarto, mia e pula para o meu lado. Esfrega a cabeça em meu braço até que o acarício. Uma lágrima rola por minha bochecha e chega ao lábio. Dói e eu passo a língua.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul nuvens brancas...

— Jantar! — grita mamãe lá embaixo.

Retiro Sebastian, que dorme em meus joelhos, o coloco na cama e desço para a cozinha.

— Fiz sopa para você; mais fácil de comer com esse lábio.

— Obrigada.

Sento.

Mamãe coloca uma tigela e dois pratos de macarrão sobre a mesa, depois coloca as duas mãos na cintura e vai até a escada.

— Jantar, Amy — ela grita e volta para a cozinha. — Bem, se a senhorita não se dá ao trabalho de se juntar a nós, que fique com fome — ela se larga na cadeira.

Olho para minha sopa.

— Vamos, experimente. Fiz especialmente para você.

Pego a colher.

— Você está bem, Kyla? — ela pega meu pulso exatamente quando meu Nivo vibra em 4.3. Ela suspira.

— No ônibus, não foi um simples tropeço, não é? — Um dragão que lê mentes. — Me diga.

— Não é isso.

— É o quê, então?

Não digo nada; apenas mexo a sopa.

— É a Amy, não é? O que ela disse?

Solto a colher e me largo na cadeira.

— Ela está zangada comigo, eu não entendo.

— Porcaria de garotas adolescentes, meu Deus! Meninos são tão mais fáceis. Espere aqui.

Ela sobe a escada com uma atitude decidida; momentos depois volta com Amy e a

arrasta para a cozinha.

— Sente-se!

Amy se senta.

— Escute aqui, senhorita. Kyla não me disse nada, está bem? Sobre seu namoradinho bobo, ou sobre dirigir aquele carro maluco, nem nada. Eu deduzi tudo sozinha. Agora, vocês

duas se acertem. Vou comer vendo TV — ela pega seu prato e vai para o outro cômodo, fechando a porta com o pé.

Amy me olha com expressão de culpa.

— Desculpe. Pensei que tivesse contado a ela.

— Ela parece ler mentes — eu digo.

— De alguma forma ela me fez confessar. Você não consegue guardar segredo; seu rosto é um livro aberto, não importa o quanto tente. Eu devia saber. Me desculpe.

Ela começou a jantar e não falou muita coisa. Mas posso ver em seus olhos: ela não me contará mais nenhum segredo.

Não sou de confiança.

E nessa noite ela fica em seu quarto, me deixando dormir sozinha.

O motorista buzina como um louco. Por que eu não sei. Eles não vão a lugar nenhum, estão em um engarrafamento. A rua se transformou num estacionamento, bem em frente aos

edifícios de tijolos pesados com uma placa pendurada: “Escritórios Londrinos dos Lordeiros”. Presos como ratos em um ninho.

Eu grito para o motorista. “Faça algo! Abra as portas! Deixe eles saírem!”, mas ele não sabe o que está prestes a acontecer. Ele não consegue me ouvir.

Primeiro há um som de assobio, um flash de luz, uma batida forte em meu crânio que faz meus ouvidos tinirem. E então os gritos começam.

Fumaça sufocante, mãos ensanguentadas batendo nas janelas que não abrem; mais gritos. Outro assobio, um flash, uma explosão. Há um buraco na lateral do ônibus, mas a maioria está em silêncio agora.

Eu tusso com a fumaça, engasgo com o amargo da queima de combustível, metal e coisa pior. Tapo os ouvidos com as mãos, mas os gritos continuam.

E então eles param.

E não estou mais lá. Estou em outro lugar — alguém — diferente. Terror, fumaça e sangue, tudo desaparece. Nem uma memória do passado, nem nada... tudo se foi. Um sonho.

Nada mais.

Nem menos.

Estou rindo e brincando de esconde-esconde com outras crianças em meu lugar verde. Árvores frondosas sobre campos largos, pontos brilhantes de flores silvestres roxas e amarelas. Me espremo atrás de uns arbustos e vejo: minhas mãos, meus pés. São pequenos. Sou pequena. Meu coração bate num tum tum tum gostoso, por causa da brincadeira. Será que vão me encontrar?

Quando meus olhos se abrem de repente, não consigo ver nada. Eu os abro um pouco, depois mais um pouco, me levanto e vou tateando pela parede até a janela, puxo as cortinas

para o lado e olho para fora. Não há lua hoje.

Funcionou. Ir para o meu Lugar Feliz no meio de um pesadelo. Realmente funcionou.

Sem gritos pela casa afora, sem apagões. Um quase aceitável 4.8 em meu Nivo.

Algo, porém, mudou em meu sono. As árvores, a grama e as nuvens ainda estavam lá.

Mas eu não estava sozinha desta vez. Estava brincando de esconde-esconde com crianças. Eu

era mais nova, muito mais nova, naquele lugar.

O horror do primeiro sonho está se apagando, os detalhes começando a se dispersar como fumaça flutuando no ar. E ainda assim parece tão real, como se eu estivesse lá, olhando,

naquele dia, quando todos aqueles estudantes morreram.

Loucura.

CAPÍTULO 17

Meu estômago se revira quando pego o ônibus na manhã seguinte. Mas Amy está me protegendo.

E lá está ela, em seu banco de sempre: a inimiga dos Reiniciados que me fez tropeçar ontem. Sentada e olhando pela janela. Eu a observei com cuidado quando passamos. Ela não

me pegará desprevenida novamente.

Amy segue meus olhos. “Foi ela?”, sussurra, mas eu não digo nada.

Quando me sento ao lado de Ben, no fundo do ônibus, seus olhos se arregalam.

— Coitadinha — ele diz e toca meu rosto com as pontas dos dedos, em volta dos meus lábios, um toque suave. Eles incharam durante a noite e parecem pior hoje do que ontem. —

Dói?

— Só se eu sorrio — respondo.

Ele coloca minha mão fria em sua mão aquecida.

— Sem sorrisos hoje, então — ele diz, com severidade, esfregando a mão.

Seu rosto, sério pela primeira vez, parece diferente. A uniformidade — aquela expressão de felicidade que todo Reiniciado tem — se foi. No entanto, seus olhos ainda sorriem. Estou presa novamente a uma sensação que diz que eu o conheço e sempre conheci;

que perto dele estou segura. Meu estômago torna a revirar. De um jeito bom.

A senhora Ali está esperando por mim na Unidade. Ela me dá uma olhada e franze a testa.

— O que houve com seu rosto?

— Caí no ônibus.

— Mesmo?

— Sim.

— Ouça, Kyla: se alguém estiver incomodando você, me diga. Será tomada uma providência. O que aconteceu realmente?

Olho em seus olhos e vejo apenas preocupação. Mas, justo quando penso que poderia contar a ela qualquer coisa, uma voz dentro de mim me diz que é uma má ideia.

— Eu tropecei e caí.

Ela franze a testa.

— Está bem. Se você se lembrar de algo mais, me diga. De qualquer forma, já temos os resultados do seu teste. Você é uma garota inteligente: hoje irá direto para as turmas regulares.

Segundo ano, você é só um pouco mais velha que os outros alunos. Mas ninguém saberá se

você não contar. De qualquer forma, a maioria é mais alta que você.

Ela me deu o horário de aula.

— Vamos lá: grupo tutorial para a cidadania primeiro. O seu é no prédio de inglês.

Abri o horário e passei os olhos. Rápido a princípio, depois novamente, com mais cuidado. Grupo tutorial, inglês, matemática, história, biologia, ciências, agricultura, “Unidade”

três vezes na semana, seja lá o que isso signifique. Não está lá.

— Mas e artes?

— O que tem, Kyla?

— Artes. Não está no meu horário.

— Não. Você não pode optar como os outros alunos. Temos de encaixar aulas extras na Unidade. Não há espaço.

Eu a encaro. Isso não pode estar acontecendo. É a única coisa que eu verdadeiramente quero cursar; parte do motivo que me fez ir para o colégio. Até no hospital tínhamos aula de

artes.

— Mas...

— Sem mas; não há tempo. Você vai se atrasar para encontrar o tutor. Se tem um problema com isso, fale com a doutora Winston — ela diz e debanda para fora da Unidade. Eu

a sigo, anestesiada. Isso não pode estar certo. Até a enfermeira Penny disse que eu poderia fazer artes, desde que eles me achassem boa o bastante, não disse? E que a médica não tinha

interesse em mim ou no que eu queria, isso tinha ficado bem óbvio. Não havia sentido em falar

com ela.

A senhora Ali me arrasta ao longo dos caminhos e dos edifícios, desviando de alunos que se apressam em todas as direções. Na sala, ela me lembra de passar o meu cartão, e então

me apresenta ao senhor Goodman, que não é apenas meu tutor, mas também meu professor de

inglês. Outros alunos começam a chegar e a pegar seus lugares. Ela sai, dizendo que estará de

volta para me levar à minha primeira aula, antes que esta termine.

Aguardo indecisa ao lado da mesa do professor, sem saber ao certo o que fazer. O senhor Goodman sorri.

— Espere aqui comigo por um momento, Kyla — ele diz.

Chegam outros alunos, passam seus cartões e se sentam, um após o outro; toca o último sinal. Uma última garota chega e atravessa a porta.

— Atrasada de novo, Phoebe?

— Desculpe, senhor — ela diz, mas não parece sincera. Ela se senta, na última mesa dupla; a última cadeira vazia na sala fica ao lado da dela: a garota que me fez tropeçar no ônibus.

Ela olha para meu lábio inchado e sorri, e eu também a olho, mas não sorrio.

Sussurros começam por toda a sala. Será que eles sabem?

— Silêncio agora, 11C — ele diz. — Essa é Kyla; ela vai se juntar ao nosso grupo tutorial. Eu quero que todos a façam se sentir bem-vinda.

Eu me mantenho ao lado dele e examino a sala cheia de olhos; uns apenas curiosos, outros hostis, alguns incertos. Mas todos encarando. A mim, e ao Nivo no meu pulso.

— Sente-se ali ao lado da Phoebe — ele diz.

Eu caminho, com os olhos alheios cravados em mim, arrastando meus passos, tornando difícil me mover. Puxo uma cadeira para o mais longe possível de Phoebe, ainda na mesma

mesa, e me sento.

Ele se volta para escrever no quadro branco. Todos observam Phoebe.

Meu Nivo vibra. Eu olho de relance: 4.4. Phoebe sorri debochada; ele vibra mais forte.

4.2. Ela ergue a mão.

— Senhor? Acho que nossa nova aluna está prestes a explodir.

Todos dão risinhos e encaram. Tantos olhos; olhos por toda parte.

3.9...

Fecho os meus. Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul nuvens brancas...

Ouço pisadas fortes e sinto uma mão em meu ombro.

— Tudo bem, Kyla? — É o senhor Goodman.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul nuvens brancas...

Abro meus olhos.

— Sim.

— Boa menina. Agora copie do quadro sua promessa de cidadania, por favor.

Abro meu computador.

A última aula da manhã me traz uma surpresa agradável: Ben. Ele está em minha turma de biologia.

Ele acena quando passo meu cartão na porta e sussurra para alguns garotos, que resmungam e mudam de lugar, deixando um lugar vago ao lado dele.

— Como está indo?

Dou de ombros, não digo nada, mas deve estar na minha cara.

— Vai melhorar — ele diz, sério. — Vai mesmo. Meu primeiro dia de aula foi horrível também.

Eu o encaro e me admiro. Às vezes ele se parece com qualquer outro garoto Reiniciado — de cérebro em branco e sorridente como um lunático — que eu já conheci. Mas percebo

que ele tem pensamentos próprios também. Talvez, e apenas talvez, eu não seja tão diferente

do restante deles como parece. Ou talvez seja só o Ben me fazendo sentir como se eu não estivesse nisso sozinha.

Ele faz uma careta.

— Lembre-se, não sorria. Isso dói.

— Ah, sim. Está certo — eu bani o fantasma de um sorriso que estava surgindo e, em vez disso, sorri para ele com meus olhos.

Nossa professora de biologia, senhorita Fern, é louca e engraçada. Ela nos fez escolher uma ave que gostaríamos de ser, buscando por detalhes em livros e sites, para depois fazer um cartaz.

Folheei um livro para começar, sem ideia de que ave escolher. Até ver uma de olhos pretos e penas brancas, um rosto solene, em forma de coração, tão chato que parece uma máscara com fendas escuras. A coruja das torres. Algo nessa coruja diz que ela sou eu.

Deixo de lado a descrição taxionômica e os hábitos alimentares para desenhar: esboçar minha coruja em diversas posições para começar, depois em pleno voo, asas bem abertas. Mergulhada no esboço, me lembrei bem na hora de não usar minha mão esquerda. Isso atrapalha um pouco, mas ainda assim é bom.

A senhorita Fern olha por sobre meu ombro.

— Kyla, isso é incrível — ela diz. — Você tem um dom.

Os outros alunos se acercam e dizem coisas gentis também. Esta turma parece muito mais tranquila com a minha presença; talvez porque Ben tenha me recebido. Ele atrai os olhos

das garotas, parece fazer amizade fácil com os garotos. Ele é apenas um deles; eles o aceitam,

então me aceitam também. Como é que ele faz isso?

O sinal toca; posso ver a senhora Ali através da porta, esperando no corredor.

— Vem almoçar? — pergunta Ben.

Eu sorrio.

— Está bem. Me dê um minuto — e então arrumo minhas coisas calmamente, até que a maioria dos alunos tenha ido. Ben espera com uma pergunta em seus olhos. Terei coragem? Eu

vou até a mesa da professora.

— Senhorita Fern? Eu queria saber se... quero dizer, eu tenho esperança de que talvez, você possa me ajudar...

— No que, Kyla? Desembucha.

— Quero fazer artes, mas não me deixaram. Dizem que não posso optar.

— Isso é verdade. Vou ver se posso fazer algo a respeito — ela diz. — Posso pegar isto emprestado? — ela aponta para meu cartaz de coruja e eu entrego a ela.

Quando me viro, levo um susto: a senhora Ali está parada atrás de mim, lábios em uma linha fina. Não a ouvi se aproximar; sequer ouvi a porta.

— Posso almoçar com o Ben? — pergunto a ela.

— Não. Você está agendada para almoçar na Unidade e tem de se ater à sua agenda — ela se vira para Ben, que aguarda junto à porta.

— Sinto muito, Ben. Kyla tem Unidade agora.

Ele acena e desaparece.

De volta à Unidade, a senhora Ali gesticula para que eu a siga em direção ao escritório, e

não para o refeitório.

— Almoçar está na minha agenda — eu ousou dizer.

Ela bate a porta.

— Kyla, ouça com muita atenção. Você está em uma corda curta, pendurada. Se a corda fica muito curta, a queda é longa.

Isso é uma ameaça? Ainda assim ela sorri, seu sorriso acolhedor e gentil. Não combina com suas palavras.

— Não entendo.

— Kyla, estou aqui para ajudar você o máximo possível a se tornar uma feliz e útil integrante de nossa sociedade. Para isso você precisa seguir regras. Seu horário é apenas uma

outra regra formal. Você assinou um contrato quando deixou o hospital, prometendo seguir as

regras: da família, da escola, do grupo, de toda a comunidade. Se você quebrar as regras, tentar contorná-las ou mesmo distorcê-las um pouco, haverá consequências. Vá almoçar.

CAPÍTULO 18

— Boa noite a todos — a enfermeira Penny está usando outra calça brilhante para combinar com sua voz: desta vez é laranja.

Quinta-feira, sete da noite. Hora do grupo. Nem sinal do Ben, ou da Tori, como se isso importasse. Os outros estão todos sorrindo em seus lugares, e eu tento imitá-los. Um dia depois e meu lábio ainda está impressionantemente ferido, mas nem um pouco dolorido.

— Agora talvez possamos começar, cada um da roda falando um pouco sobre o que vem fazendo desde nosso último encontro.

Ela começa no outro lado da sala, olhando de vez em quando para o relógio enquanto as histórias são contadas. Um tentou andar a cavalo; outro fez exame de vista; um terceiro ganhou

um cãozinho. Coisas fascinantes.

É quase minha vez quando a porta se abre e Ben entra de supetão, encharcado e pingando. Camisa de manga comprida e short colados, delineando seu corpo de forma interessante.

— Mil perdões pelo atraso — ele se desculpa, pegando uma cadeira. Ele a coloca ao lado da minha e eu tento não encarar.

Penny finge estar zangada com seu favorito, mas não tem sucesso.

— Você não estava correndo com esse tempo, Ben.

Ele encolhe os ombros.

— Só um pouco d'água, não vai me matar.

— Kyla estava prestes a nos contar o que fez esta semana.

Todos os olhos se voltam para mim.

— É... comecei a ir ao colégio na segunda-feira. E comecei a ter aulas hoje. Ben está na minha turma de biologia.

Penny parece surpresa.

— Já nas turmas regulares? Sério?

Dou de ombros.

— Sim. Mas... — eu paro. Será que falar sobre as aulas de artes seria violação a alguma regra?

— Mas o quê? — ela insiste.

— Nada. Está tudo bem — respondo.

— Não se esqueça de falar do domingo — lembra Ben.

Penny olha para ele, que explica:

— Nos encontramos no show — e ele se empenha em uma descrição do Show de Ovelhas que faz todos darem risinhos. Até Tori tinha rido dos nomes bobos das ovelhas e da

forma como elas ficavam paradas no palco.

— Esperem aí! — eu exclamo. — Onde está a Tori?

Ben me olha e depois para Penny, um ponto de interrogação em seu rosto.

— Tori não está mais no nosso grupo — ela diz. E se aproxima do próximo do círculo, que tinha aprendido a fazer biscoitos com pedacinhos de chocolate. Surge então uma caixa de

biscoitos e a conversa termina enquanto ela é passada adiante.

Ben mastiga direto da mão cheia, farelos se grudam em sua camisa molhada. Eu controlo o impulso de passar a mão para limpá-la.

— Ben — falo em voz alta. — Por que a Tori não está mais no grupo? Ela te contou? Por que ela não foi ao colégio esta semana?

Ele encolhe os ombros.

— Ela não disse nada. Eu não sei.

— Vocês não estão preocupados? Pode ter acontecido alguma coisa com ela.

Ele faz uma pausa.

— Talvez ela esteja gripada ou algo assim; eu não pensei muito nisso — ele diz, mas posso notar pela sua expressão que ele está preocupado agora. — Vou fazer o seguinte: passo

pela casa dela mais tarde e vejo se ela está bem.

Balanço a cabeça e o grupo continua. Tento entender essa história com Tori e a reação de Ben ao seu desaparecimento sem explicação. Ela era sua namorada, ao menos era o que eu

pensava. Mas eu tinha a sensação de que, se eu não tivesse perguntado, ele não teria pensado

em procurá-la. E não era como se ele não se importasse; ele apenas não tinha pensado nisso.

De certo modo eu também, já que eu havia notado que ela não estava no colégio, mas não disse nada. Tinha tantas outras coisas para me preocupar.

Fico me perguntando se ele notaria se, algum dia, eu me desviasse das regras e não estivesse mais aqui. Ele se sentaria ao lado de outra garota nas aulas de biologia e não pensaria mais nisso?

Penny me fez esperar no final.

— O que houve com seu rosto, querida? — perguntou, preocupada.

— Tropecei e caí no ônibus.

— Entendo. Foi um acidente?

Hesitei.

— Pode contar, Kyla. Não vou dizer nada se você não quiser.

Balancei a cabeça negativamente.

— Não foi um acidente. Alguém me fez tropeçar.

— Oh, que terrível! Sinto muito. Você precisa tomar cuidado. Algumas pessoas não são muito gentis, não é mesmo? Como estão as coisas agora?

— Tudo bem. Sei com quem tomar cuidado.

— Querida, entender que você precisa ter cuidado com algumas pessoas já é um grande passo. Me avise se houver algo que eu possa fazer para ajudar — ela diz e aperta minha mão.

Olho para ela, pensando que tenho coisas para entender ainda. A senhora Ali parecia tão legal e no final das contas não era. E Penny era tão irritante quando a conheci, mas, agora, sinto como se ela estivesse do meu lado.

— Obrigada — sorrio e me levanto para sair.

— Espere, Kyla — ela diz. — Chamei sua mãe para termos uma pequena conversa.

Pouco depois, mamãe aparece no final do corredor, sacudindo um guarda-chuva.

— Que tempo horrível! — ela diz, resmungando e batendo os pés no chão.

Mamãe é outra a ser decifrada. Ela está do meu lado ou não? Ela é o dragão ou alguém que me faz sopa quando estou machucada? Não sei.

Mamãe conversa com Penny sobre mim, mas desta vez eu as deixo continuar e não interrompo. Penny está dizendo que estou pronta para ter mais liberdade e fazer algumas coisas por mim mesma para aumentar minha independência. Mamãe discorda. Mas acaba cedendo.

Uma noite cheia de surpresas.

CAPÍTULO 19

Volto meu rosto para o céu. Para as minúsculas gotas, tão pequenas que não são sentidas uma a uma, mas como sensação de umidade. Mais uma névoa que chuva. Mas elas se juntam,

algumas gotinhas se juntam e descem geladas por meu rosto. Não são quentes como lágrimas.

— Você deveria colocar seu capuz para não se molhar, e não deixá-lo por aí como um coletor de chuva — Ben chama a minha atenção. E coloca uma mão de cada lado do meu rosto, puxa o capuz da minha jaqueta e então ajeita meus cabelos dos dois lados. Suas mãos são quentes.

Nossos olhos se encontram e ele para, as mãos ainda segurando meu rosto. A chuva e a floresta desaparecem. Seus olhos com manchas douradas, ainda mais profundos que à primeira vista, prendem os meus.

Mas então suas mãos se soltam e ele olha para os lados. Não há ninguém por perto, mas há vozes não muito longe.

— Vamos lá — ele diz e começa a se afastar dos outros. Depois se vira de volta para onde ainda estou parada, em dúvida. Devo segui-lo? Ele ergue a mão direita, o dedo mindinho curvado, os outros fechados.

E eu olho para a mão dele, ainda em dúvida, até que ele olha para baixo, para minha mão esquerda, e então para os meus olhos. Eu seguro minha mão. Ele junta meu dedinho

ao

dele, se vira e caminha pelas árvores, comigo a seu lado agora. A mão dele ainda segura a minha, com nossos dedinhos trançados. É tão bobo que começo a rir.

Eu não havia notado, a princípio, que Ben estava nos afastando dos outros pouco a pouco. Mas por quê? Apesar do frio, senti uma onda de calor. Nossa aula de biologia é no meio do bosque. Fomos enviados para recolher amostras de águas num riacho e deixar para

identificar a vegetação e as árvores depois. As vozes estão distantes, cada vez mais.

Ele se detém e volta seu rosto para mim. Subitamente nervosa, dou um passo para trás.

— Devíamos pegar algumas folhas? Que tal estas?

— Preciso falar com você — ele diz, e seu sorriso desaparece. Ele também não parecia ser o mesmo no ônibus esta manhã, agora me dou conta disto. Eu havia feito uma pergunta com

os olhos e ele tinha dito depois.

Então agora é depois. Ele só queria ficar sozinho comigo para conversar. Uma parte de mim está confusa; fico aliviada, depois aborrecida. Confusa.

— Sobre o quê?

— Tori.

Viro a cabeça, para que ele não veja o súbito flash de dor quando ele diz o nome dela.

Eu deveria saber.

— Você me deixou preocupado, algo pode ter acontecido com ela. Fui à casa dela após o encontro do grupo ontem à noite — ele hesita. A chuva está aumentando e ele se encosta em

uma árvore, as gotas se tornam mais e mais pesadas, um pinga-pinga de grandes gotas de chuva cai das folhas da árvore.

Ele segura minha mão e me puxa para mais perto, embaixo de um galho grande.

— Ela não está mais lá — ele praticamente sussurra, como se as árvores fossem espiãs.

— O que quer dizer?

— Falei com a mãe dela, e foi muito estranho. No começo ela só disse que a Tori não mora mais lá. E eu perguntei por quê, se ela está morando com o pai em Londres. E ela ficou

meio esquisita. Disse que as coisas não estavam dando certo, então a Tori foi devolvida. Ela

tinha um olhar incomum, depois disfarçou, disse que eu não devia estar lá, não devia estar

fazendo perguntas. Ela praticamente me expulsou.

— Ela foi devolvida? — senti meus olhos revirarem em choque, enquanto eu tentava entender aquilo. — Eles podem fazer isso?

Ele fez que sim.

— Foi essa a palavra que ela usou. Como se estivesse falando de um par de botas que não se ajustou ou um pacote enviado de volta aos correios.

— Mas devolvida para onde? — perguntei. A compreensão ia fazendo com que o horror suplantasse o choque. Tori tinha dezessete anos, e você só pode ser um Reiniciado se tiver menos de dezesseis, então eles não podiam simplesmente consertá-la. Será que eles a entregaram a outra família? Se não, o que houve com ela?

Ouvi um som, uma suave vibração, abafada pelo casaco de Ben.

— Deixe eu ver — eu digo, e ele me mostra sua mão. Eu levanto a manga para ver o seu Nivo: está em 4.3. — O que posso fazer?

Ele dá de ombros, um pouco perdido.

— Eu deveria correr — ele diz, mas não se move. Sua outra mão aperta meu ombro e seu Nivo vibra novamente. 4.1.

Eu coloco meus braços em sua cintura; o dele envolve meus ombros. Ele se aproxima. A chuva está mais forte, mas ele é tão alto que me protege quando se curva. E, mesmo através da

calça e do casaco do colégio, posso sentir o tum tum, tum tum do seu coração. O meu está batendo mais rápido, um calor me envolve quando enterro meu rosto em sua jaqueta úmida.

Mas ele está chateado por causa da Tori. Não sou eu que ele quer abraçar.

Soa um apito, nós damos um salto e nos afastamos.

— É a senhorita Fern chamando todos para dentro. Ela deve ter decidido que está chovendo forte demais — ele diz.

— Vamos correr? — pergunto.

E corremos, escorregando e deslizando em folhas molhadas pelo caminho, até alcançarmos o grupo poucos minutos depois, quando a senhorita Fern começa a contar cabeças.

Como a prática de hoje foi abandonada por causa do tempo, ela nos dá questões para responder.

Mas não consigo me concentrar. O que houve com a Tori? Tenho uma sensação de mal-estar em meu estômago, que diz: isso não é bom. Eu não a conhecia há muito tempo. Ela tinha

o dom de dizer em voz alta o que eu estava pensando. Mamãe tinha grudado nela no show, dizendo a ela para ter cuidado com as palavras. Talvez mamãe não estivesse sendo antipática

como tinha parecido. Talvez mamãe estivesse tentando avisá-la.

Os níveis de Ben estão subindo e descendo tanto que a senhorita Fern acaba por liberá-lo da aula e o envia para dar voltas na pista de corrida com um professor assistente.

Quando está perto de tocar o sinal, a senhorita Fern se aproxima e olha sobre o meu ombro, vendo como fiz pouco do exercício.

— É esse o agradecimento que recebo? — ela reclama. Mas depois sorri e percebo que ela não falava sério.

— Pelo quê?

Ela se senta na cadeira vazia de Ben.

— Falei com o senhor Gianelli, diretor do Departamento de Artes, mostrei a ele seu desenho da coruja e falei do seu sonho de se tornar uma artista — ela piscou.

— E...?

— Ele está fazendo de tudo para tê-la em sua aula. Vamos esperar, mas talvez ele consiga. Ele é insistente.

Não vejo Ben novamente até a hora da reunião.

Ele está sentado com o tutor do seu grupo, algumas fileiras à frente, mais para o lado.

Seu cabelo está grudado na cabeça — chuva ou suor? — e sua cor está melhor. Ele se vira quando a sala se enche e me vê.

“Tudo bem?” — eu pergunto, movimentando os lábios. E ele acena que sim, com um sorriso tímido.

Todas as turmas se reúnem uma vez por semana. O segundo ano é nas tardes de sexta, e esta é minha primeira reunião. Estou na última fila, com Phoebe distante o bastante para ser

ignorada. Julie, a garota ao meu lado, sentou-se comigo também na aula de inglês de ontem —

embora não exatamente amiga, ela é legal. Me mostrou onde estávamos em *Romeu e Julieta* e

me explicou algumas coisas. Estavam todos confortáveis em seus lugares e havia um burburinho que cessou abruptamente quando a porta da frente se abriu.

— Aquele é o diretor Rickson — Julie assopra em meu ouvido. Ela continua dando explicações.

Ele usa um terno azul que não fecha direito na barriga e está muito apertado, como que para compensar. Seus olhos frios passeiam pela sala, parando aqui e ali como a dizer Estou de

olho em vocês. Embora eu não tenha certeza se é ele que faz com que todos fiquem quietos e

parados como uma pedra, ou os dois homens e a mulher que estão atrás dele.

Seus rostos estão neutros, as roupas são iguais. Calça e paletó cinza.

— Lordeiros — sussurra Julie, tão baixo que não tenho certeza se ouvi ou imaginei a palavra.

Eles são iguais aos que vimos no show do condado, quando silenciaram a multidão só com sua presença, exatamente como fazem agora. E, como naquele dia, meu estômago se revira de medo.

Quem, ou o quê, são os Lordeiros? De alguma forma eu sei e não sei ao mesmo tempo. E então me lembro do meu sonho: o ônibus do colégio explode, muitos alunos morrendo, e a placa pendurada em um edifício próximo que diz Escritório Londrino dos Lordeiros. Mas se

foi só um sonho, algo que minha mente inventou após ver o memorial, como foi que coloquei

Lordeiros lá quando eu nem sabia o que eles eram? Talvez não tenha sido só um sonho. Talvez

os Lordeiros fossem o alvo das bombas que mataram aqueles estudantes. Mas se não era um

sonho... por que eu estaria lá? Seis anos atrás, eu teria apenas dez anos de idade. Não faz sentido.

Os Lordeiros se posicionaram em um canto, sem fazer nada específico, apenas ouvindo, observando.

Rickson se dirigiu ao grupo de alunos e eu cuidadosamente desviei meus olhos dos outros três e olhei para ele, me esforçando para ouvir com parte do meu cérebro, já que a outra parte ainda girava em estado de choque. Ele fala sobre as conquistas acadêmicas e esportivas dos alunos, menciona o treino aberto que acontece no domingo entre os times

de

colégios do outro lado do país, diz que espera que muitos de nós possamos comparecer e cita

os alunos de nosso colégio que passaram nas finais do condado no ano passado. As eliminatórias dos times serão no mês que vem. E então ele diz com muita tristeza que alguns

alunos não estão alcançando seu potencial e sugere que todos nos esforcemos mais.

Todos se levantam. Julie me cutuca para fazer o mesmo. Começamos a formar uma fila passando entre os Lordeiros. Quase não consigo respirar, mas de alguma forma coloco um pé

após o outro com cuidado, mantendo meus olhos voltados para frente. O tempo todo esperando

por uma mão fria me alcançar e agarrar meu ombro.

Eles pararam alguns alunos na saída e os puseram de lado. Esses alunos ficaram pálidos e todos evitaram olhar para eles. Talvez não estivessem alcançando seus potenciais.

Talvez Tori também não estivesse.

CAPÍTULO 20

Ele espalha uma coisa branca — cimento? — com uma coisa metálica, tipo uma espátula de bolo, por sobre a fileira de cima, uma de cada vez, e coloca tijolos por cima. Raspa o cimento que sobra entre os tijolos e o espalha entre eles. Depois começa outra fileira.

Eu observo. Ele me olha algumas vezes e continua o trabalho, colocando tijolos, um após o outro.

Sei que estou encarando e não devemos encarar as pessoas. Elas geralmente não gostam disso. Mas não consigo evitar.

Tijolo após tijolo. Já são cinco fileiras do chão.

Se ficar aqui por muito mais tempo, terei problemas. Mamãe provavelmente está cronometrando o tempo que levo para colocar no correio, na esquina da próxima rua, a carta

que está em minhas mãos. A primeira vez que tenho permissão de ir a algum lugar por conta

própria. E também será provavelmente a última vez se eu não conseguir.

Ele olha para cima novamente e fica de cócoras. Tem por volta de trinta anos, usa um macacão azul, coberto por manchas de tinta, cimento e fuligem; o cabelo é gorduroso. Ele cospe no chão.

— E então? — ele diz.

Eu levo um susto.

— Quer alguma coisa, querida? — ele dá um sorrisinho quando seus olhos focam em meu pulso, meu Nivo, e depois de volta para o meu rosto.

— Desculpe — eu respondo e me apresso em atravessar a rua e virar a esquina, ouvindo o riso dele atrás de mim.

Posto a carta e atravesso a rua de volta. Há uma van branca estacionada onde ele está trabalhando; nela está escrito *Melhores Construtores*. Ele ainda está colocando tijolo após tijolo, erguendo um muro no jardim.

Ele assobia quando me vê e eu continuo no caminho de casa, as bochechas ardendo.

— Por que demorou tanto? — perguntou mamãe, pendurada no degrau da frente, observando. Ela tinha acenado assim que virei a esquina da nossa rua.

— Por nada; estava caminhando.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo — me dirijo para as escadas.

— Para onde está indo?

Me virei.

— Fazer o dever de casa — menti.

— Está bem. Você é uma aluninha aplicada, não é? O jantar ficará pronto em uma hora. No meu quarto, fecho a porta e pego meu bloco de desenho, minhas mãos tremem. Meu Nivo está caindo: 4.4... 4.2...

Começo a desenhar um muro. Tijolo após tijolo a partir do chão. Meu lápis se move cada vez mais rápido e meu Nivo para de cair, subindo novamente para 5.0. Preciso terminar

o muro e preciso desenhá-lo com minha mão direita, que é o certo. Após tudo o que houve hoje, a devolução de Tori, os Lordeiros na reunião, Lordeiros no meu sonho, de alguma forma

sei que, enquanto eu estiver fazendo o muro, tudo ficará bem.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul nuvens brancas...

— Não é um tema muito interessante.

Dou um salto. Amy: de algum jeito ela deve ter aberto a porta, atravessado o quarto e olhado sobre meu ombro, tudo sem que eu ouvisse um único som.

Fecho rapidamente meu bloco de desenho e dou de ombros. Mais calma, agora que o

desenho está terminado: os tijolos cobrem cada pedaço da página. De alguma forma, isso é muito importante.

Por quê?

Eu quase tinha esquecido o muro durante o jantar, com o anúncio surpresa de mamãe e papai sobre sua decisão de que Amy, Reiniciada ou não, tem idade o bastante para encontrar

Jazz quando quiser. Lavo as mãos e escovo os dentes, o que já estou começando a odiar, agora

que não é mais novidade. Dever de casa — dever de casa de verdade desta vez.

Mas, antes de ir dormir, pego o desenho, verificando se não há falhas no muro, imperfeições que possam ser atravessadas. Pelo quê, eu não sei. Eu faço sombras nos contornos e finalmente o largo e fecho os olhos. Buscando o vazio, o nada, eu durmo. Mas tudo o que vejo são tijolos sendo cimentados no lugar, um após o outro.

Tijolos... cimento...

Muro.

A dor preenche minhas pernas, meu peito. Não há como seguir em frente, não para mim. Eu caio exausta na areia.

Não importa o quanto ele grite ou ameace ou implore. Em breve, nada que ele possa me fazer irá importar.

Está se aproximando.

Ele se ajoelha, me segura e me olha nos olhos.

— Jamais se esqueça de quem você é. Está na hora. Rápido, agora! Erga o muro.

Mais perto.

Então eu o construo, tijolo por tijolo, fileira a fileira. Uma torre alta ao redor.

— Jamais se esqueça de quem você é — ele grita, e me sacode, com força, enquanto coloco o último tijolo — plic — no lugar. Isso corta toda a luz.

Tudo o que há agora é escuridão, e som.

Gritos horríveis cortam meu crânio. Terror e dor, como um animal acuado em um canto. De frente com a morte.

Ou algo pior.

Isso foi um pouco antes de eu me dar conta.

Sou eu.

E então é como se eu pisasse em um caleidoscópio; tudo se transforma e se modifica. A

grama faz cócegas em meus pés descalços. As vozes das crianças soam por entre as árvores,

mas eu me deito, escondida na grama alta, e observo as nuvens passeando pelo céu. Não quero brincar hoje. Pouco a pouco as nuvens e a grama desaparecem. Abro meus olhos. O sonho terminou por hoje. Não vou impedi-los daqui em diante.

Funcionou de novo — ir para o meu lugar feliz no meio de um pesadelo.

Mas, desta vez, eu não queria deixá-lo, não importa o quão horrível estivesse sendo. Eu me sentia prestes a encontrar algo, algo importante. Como se ter visto tijolos sendo cimentados hoje, um após o outro para formar um muro, de alguma forma tenha sido o estopim

de alguma coisa escondida dentro de mim. Algum tipo de reconhecimento, uma pista que, se

seguida, pode me ajudar a finalmente entender quem ou o que eu sou, o que há de errado comigo.

O que estava me perseguindo? Quem era aquele homem? *Jamais se esqueça de quem você é*, ele disse.

Mas eu esqueci.

E o mais importante: por que — e como — eu estava construindo um muro?

CAPÍTULO 21

Era estranho voltar ao hospital pela primeira vez depois que saí. Naquele dia eu estava com tanto medo de deixar aquelas fronteiras e me aventurar no mundo selvagem: parecia ter

sido havia séculos, uma outra vida, embora sejam apenas dias.

Mas talvez não cheguemos a tempo para minha consulta das 11 da manhã com a doutora Lysander. Na verdade, talvez não cheguemos de jeito nenhum. Amy está buscando caminhos

alternativos no mapa e mamãe está xingando baixinho e procurando nas rádios informações

sobre o tráfego.

— Levamos vinte minutos para percorrer o último quilômetro. Poderíamos muito bem dar a volta — diz mamãe.

— E se pegarmos a próxima saída? — sugere Amy. Ela estava tão ansiosa para vir hoje, que de alguma forma convenceu mamãe de que, se pudesse, gostaria de conhecer a doutora

Lysander. Ela não queria perder a chance agora.

Mamãe desliga o rádio.

— Sem notícias — ela franze a testa. — Não gosto disso. Algo está acontecendo. Amy, ache meu telefone e ligue para o seu pai.

Amy o encontra na bolsa da mamãe e aperta alguns botões enquanto eu observo em choque. Telefones celulares são proibidos para qualquer um com menos de vinte e um anos.

Será que está tudo bem, já que a mamãe está ao lado dela e a mandou fazer isso?

— Não atende. Devo deixar uma mensagem?

— Sim. Diga a ele que estamos presas no trânsito e peça que ligue de volta.

Subimos uma ladeira. Alguns helicópteros sobrevoavam. Chegamos perto do topo da colina e paramos. Soaram sirenes, carros pretos passam acelerados pelo acostamento.

O telefone toca. Mamãe atende.

— Entendo... Está bem... Certo. Tchau.

Ela desliga.

— Há uma blitz logo à frente. Nada com que devamos nos preocupar, eu acho.

O trânsito começa a se mover novamente, devagar. Chegamos ao alto da colina. Do outro lado da M25 o trânsito está parado. Andamos um pouco e paramos novamente. Um bando de homens vestidos de preto, como os guardas do hospital, param e revistam carros dos

dois lados da rua. Eles acenam para nós.

— Quem são eles?

— Lordeiros — diz Amy.

Me viro para olhar em volta novamente: eles não usam roupas cinza, mas calças e longas camisas pretas, com algum tipo de colete por cima. Eles estão vestidos exatamente como os guardas do hospital: quer dizer que eles também eram Lordeiros?

Me sinto mal e finalmente pergunto o que estava evitando.

— O que são Lordeiros?

Mamãe se vira, as sobrancelhas erguidas.

— Você sabe, Agentes da Lei e da Ordem: eles buscam por gangues e terroristas. Estão procurando alguém.

E eles queriam realmente encontrar, pois estavam parando e revistando cada um dos carros da autoestrada.

— Mas são os mesmos que usavam roupas cinza no show e no colégio? — perguntei.

— Sim, eles estavam no show; não faço ideia do motivo. Eles normalmente usam cinza, mas se vestem de preto quando estão em operações: na maioria das vezes contra o terrorismo,

hoje em dia. Costumavam ser gangues. Mas há Lordeiros no colégio? — pergunta mamãe, franzindo o rosto. — É verdade, Amy?

Amy afirma com a cabeça.

— Às vezes eles vão às reuniões. Não estão sempre lá; só de vez em quando.

Ultimamente com mais frequência.

O terreno à nossa esquerda é uma subida, há árvores na parte de cima. Eu percebo um movimento: um flash de luz, como se o sol estivesse refletindo em algo de vidro ou metal.

— Tem alguém lá em cima — aviso.

— Onde? — pergunta mamãe.

— Naquelas árvores — respondo, apontando. — Vi uma luz.

— Tem certeza?

— Sim.

Ela pega o telefone novamente, mas surge um helicóptero onde eu estava apontando e alguns homens correm em direção às árvores. Ela o larga.

Ra-ta-ta-tá soa alto pelo ar.

— O que eles estão fazendo? — meus olhos estão arregalados. — Estão atirando em alguém?

— Nos batedores — diz Amy, dando uma fungada. — Eles querem liberdade ou morte? Que seja a morte.

O trânsito logo recomeça a andar e mamãe liga para o hospital avisando que chegaremos atrasadas.

Chegamos ao Novo Hospital de Londres da mesma forma como o deixamos, há quase duas semanas; ele se descortina diante dos meus olhos. As áreas ao redor estão novamente lotadas de pessoas e tráfego; os escritórios e apartamentos estão em atividade. Mais próximos

de nosso destino há mais guardas nas esquinas, vestidos de preto: Lordeiros. A multidão parece se afastar deles, como se estivessem cercados por uma bolha invisível que não pode ser cruzada.

Assim que os guardas das torres do hospital ficam à vista, vemos outra blitz: mais

Lordeiros. Entramos na fila para passar entre um ônibus e um caminhão e começo a pensar no

meu sonho: um apito, um flash de luz, uma explosão. Meus olhos buscam de um lado para o

outro, mas não vejo nada suspeito. Eles revistam os carros, nós nos aproximamos. Mas então,

exatamente como na autoestrada, eles acenam para passarmos, sem nos parar. Desta vez noto

que os Lordeiros olham para mamãe e então tocam seus ombros esquerdos com a mão direita,

depois esticam as mãos para a frente.

— Por que eles não nos param como fazem com todo mundo? — pergunto.

— Às vezes, ser filha do meu pai vem a calhar — mamãe explica, e eu me lembro:

William Armstrong, que deu fim às gangues que aterrorizavam o condado há quase trinta anos. — Às vezes não — ela completa, tão baixo que quase não ouço.

— Como assim?

— Você precisa fazer tantas perguntas? — ela reclama. E suspira. — Desculpe, Kyla. Podemos falar sobre isso outra hora?

— Por que você brinca de esconde-esconde em seus sonhos? — doutora Lysander se recosta, as mãos cruzadas. Observa e aguarda.

Aprendi logo cedo que com a doutora Lysander é bom dar algo real. Eu não disse a ela sobre a praia, o medo, a fuga: de vários modos, esse tem sido um sonho recorrente desde que

dei por mim no hospital. Mas, se eu não disser a ela algo real, ela saberá.

Não é só porque ela é boa em interpretar expressões faciais, gestos involuntários, movimentos e piscar de olhos, todas as coisas que você normalmente aprende a observar. Mas

com este Nivo em meu pulso monitorando emoções, fica simples e registrado. Tudo o que ela

precisa fazer é escaneá-lo e verá se estou dizendo a verdade ou mentindo. Embora a doutora

Lysander esteja convencida de que pode ver tudo sem recorrer a esses dispositivos, sua confiança é justificada.

Mesmo assim, enganá-la não é impossível, apenas difícil. É como tentar ser um mágico e atrair a atenção para longe do que ela gostaria de examinar, se fosse percebido. Tentando

não entregar o truque.

— Posso fazer uma pergunta? — eu arrisco.

Doutora Lysander se recosta. Ela normalmente responde às perguntas, se você ousa fazê-las. Mas é melhor checar primeiro, já que nem sempre ela está disposta.

Ela balança a cabeça. Permissão concedida.

— Por que o interesse no esconde-esconde? É um sonho feliz; só estou brincando. Nada de errado está acontecendo.

— O que isso pode representar?

— Não entendo.

— Você se esconde dos outros. É um jogo que você está jogando, entende? Por que você se esconde? O que você esconde?

Ah. Penso naquilo por um instante. Estou escondendo alguma coisa? Não que eu saiba.

Deixar o hospital é quase como da última vez, no dia em que conheci minha família.

Sáímos do subsolo da garagem para um portão; meu Nivo e o de Amy foram escaneados, os

guardas deram uma rápida olhada no carro e finalmente levantaram a cancela. Fui tomada por

alívio enquanto deixávamos as cercas e os guardas para trás. Hoje, todo o complexo hospitalar me pareceu pesado e denso ao redor, como se estivesse bloqueando o ar em meus

pulmões. Como consegui viver lá por tanto tempo?

E os guardas: eles também são Lordeiros. Quando eu vivia atrás daqueles muros, eu aceitava as torres com suas armas, as janelas com grades, os guardas que patrulhavam com cães pelo lado de fora. As cercas altas.

Tudo isso era para manter as pessoas do lado de dentro, ou de fora?

Olhei pela janela durante todo o caminho de volta do hospital. Mamãe dirigia, mergulhada em seus pensamentos, enquanto Amy estava amuada, chateada porque sua heroína,

doutora Lysander, não lhe concedeu um tempo para que falasse com ela e simplesmente a dispensou.

Estamos indo para casa. Mas ela é minha? Ela está ficando familiar; confortável, na maior parte do tempo. Não acordo mais pela manhã sem saber onde estou e sem encontrar meu

caminho no escuro. Passar pela segurança do hospital e por trás das grades e guardas das

torres não foi confortável hoje, e sim claustrofóbico: desejei pular do carro e sair correndo durante todo o caminho de volta ao condado. Para longe daquelas ruas com guardas, e da multidão apressada. Autoestradas e blitz com vans pretas e armas.

Ao menos a doutora Lysander concordava com a enfermeira Penny e disse a mamãe para me deixar fazer mais coisas por conta própria agora. Disse que eu posso explorar e andar sozinha se quiser. Mas mamãe não ficou muito contente quando a doutora Lysander disse que

quer me ver não apenas a cada quinzena, mas toda semana. Teremos que fazer essa jornada

todos os sábados.

Antes que eu me dê conta, estamos perto de casa. Por que mamãe ligara para o papai para perguntar o que estava acontecendo na estrada? Não estava passando nada no noticiário

das rádios, nem naquela hora, nem agora.

Como ele poderia saber?

CAPÍTULO 22

No domingo pela manhã o céu está de um azul radiante, mas tão frio que minha respiração se torna uma nuvem branca diante do rosto. Tremo de frio, cruzo os braços e espero pelo ônibus que vai me levar para o treino do cross country. Chegam mais alunos e um professor

com uma prancheta.

O ônibus segue para o colégio, seguido por um carro: Ben. Espero por ele enquanto os outros entram no ônibus. Seu sorriso é de surpresa.

— Não sabia que você corria — ele diz.

Tinha sido aquela horrível sensação de enclausuramento no hospital no dia anterior que tinha me feito decidir ir. Eu sei por que Ben corre; eu também costumava correr, nas esteiras

da academia do hospital. Endorfinas, é como são chamadas: substâncias químicas liberadas

em seu cérebro quando você corre muito, no limite da exaustão e das dores musculares. Para

uma região onde você não sente mais o que está fazendo ao seu corpo, apenas a euforia envolvendo e você não quer mais parar; seu interior se torna calmo e claro, em extrema concentração. E pode ser, talvez, que eu queira correr por causa do meu sonho, quando não

consigo mais correr e caio de exaustão. Quero conseguir me livrar daquilo.

Mamãe demorou um pouco para se convencer de que eu falava sério e queria ir, e teve que ser lembrada de que a doutora Lysander disse para me deixar fazer coisas por conta própria. Amy apenas deu um sorriso malicioso e me perturbou sobre Ben quando nossa mãe

não estava ouvindo.

O treinador do cross country, o senhor Ferguson, me lançou um olhar engraçado quando chegamos ao ônibus.

— Outra fã, não — ele diz, revirando os olhos para Ben. Alguns dos outros garotos deram risinhos e comecei a entender o que ele estava dizendo.

— Eu consigo correr — eu disse, irritada com o rosa surgindo em minhas bochechas.

— Bem, veremos, mocinha — ele diz, dando risada.

Há mais ou menos uma dúzia de garotos e quase o mesmo número de garotas. Todos eles parecem se conhecer e eu sou a menor de todos.

Escorrego para um dos assentos, ao lado da janela; Ben senta-se ao meu lado. Enquanto o ônibus se afasta do colégio, ele se curva e sussurra em meu ouvido:

— É verdade?

— O quê?

— Você só está aqui por minha causa?

— Não! — respondo, indignada, e lhe dou um soco no ombro.

— Ai! — ele esfrega o local. — Eu meio que estava torcendo para ser verdade.

Olho para o lado, confusa. Ele está falando sério? Mas e a Tori? Não sei o que dizer, então não digo nada.

O percurso de dez quilômetros é através do distrito de Chiltern: caminhos sobre campos e bosques, com algumas colinas, valas e riachos para dificultar a travessia. Não é exatamente

uma esteira e começo a me perguntar como vou me sair. Todos eles já fizeram essa trilha antes. Ferguson me mostra um mapa e diz que há marcadores de percurso — pequenas bandeiras laranja — por todo o caminho. Eu analiso o mapa, várias vezes: é preciso apenas

alguns momentos para salvar a rota na memória.

Os garotos começam. Eu os observo sair através dos campos. Precisamos aguardar dez minutos. Eu faço alongamentos e me aqueço. Ferguson se aproxima.

— Você não esteve em nenhum dos outros treinos — ele diz.

— Não. Não havia como. Eu só entrei no colégio há uma semana.

— Muito bem. Apenas tenha cuidado, e vá no seu ritmo, certo? Dez quilômetros é muita coisa. Eu fico em apuros toda vez que preciso chamar uma ambulância.

— Sua preocupação é tocante — eu digo.

Ele demonstra surpresa e sorri.

— Ha! Você está certa. Vamos ver o que você pode fazer, ok?

Algumas das garotas não parecem nada satisfeitas.

Ele dá início.

Começamos correndo pelos campos; desacostumada com o chão irregular, eu vou com cuidado, pegando o ritmo. Estamos espalhadas pelo meio do caminho, os garotos totalmente

fora de vista.

O sol, o tuc tuc dos meus pés no chão, o apressado tum tum do meu coração: tudo está indo bem. Hora de acelerar. Eu mudo o ritmo quando pegamos um caminho pela floresta.

Ao fazer uma curva, um galho se ergue do chão de repente. Não há tempo para saltar ou desviar, não há nada a fazer a não ser tropeçar e cair. Eu voo pelos ares, com as mãos para a

frente. Ao cair pesadamente, duas garotas largam o galho e saem correndo. Rindo.

Não consigo respirar, fico deitada no chão, arfando como um peixe tirado do mar. Pouco a pouco a respiração volta ao normal e me sento.

Algumas garotas passam e depois outra; uma delas para.

— Você está bem? — ela pergunta. Eu apenas aceno, e ela segue em frente.

Todos me passaram.

Há arranhões em meu braço e um corte em um dos joelhos. Eu fico de pé com cuidado e testo minhas pernas; tudo parece estar bem. Ao menos Ferguson não precisará entrar em apuros para chamar uma ambulância hoje. A raiva me consome. Danem-se elas! Eu estava adorando correr, por que elas tinham de fazer aquilo? Respiro fundo, uma vez e outra vez, para me acalmar, e dou uma olhada em meu Nivo: 5.8. Deve estar alto ainda por causa da corrida.

É uma corrida longa, uma vizinha me lembra. Uma corrida muito longa.

Começo novamente.

Vou rápido e depois mais rápido. Há marcadores de trilhas, como disse o Ferguson,

bandeiras laranja aqui e ali que mostram o caminho. Mas então, quando o caminho se divide

em dois, a bandeira está na esquerda e não na direita: caminho errado? Eu paro e fecho os meus olhos, lembrando do mapa que memorizei antes de começarmos. Definitivamente é o

lado errado.

Será que alguém está fazendo uma brincadeira? Não importa. O mapa está claro em minha mente; ignoro a bandeira fora de lugar e continuo correndo.

Logo passo pela garota que perguntou se eu estava bem e as outras que não disseram nada. Estou *ali*, no lugar em que correr e respirar é tudo, onde o que importa é cada pé batendo no chão e me levando adiante. Estou coberta de lama, por ter passado na beira de um

riacho, meu braço e joelho estão sangrando, mas eu não me importo.

Eu sorrio e passo as duas garotas que me fizeram tropeçar com o galho, deixando-as bem para trás. Posso ver a surpresa, depois o esforço das duas tentando acelerar, mas sem conseguir. Elas desaparecem atrás de mim.

E então eu passo mais uma e outras mais. Perdi a conta — seria a última garota? Não estou satisfeita em apenas me sair bem. Quero ser a primeira. E acelero.

Passo por alguns dos garotos também, depois mais alguns, antes que o final apareça ao longe. O lugar em que começamos.

Ferguson, Ben e meia dúzia de garotos que já terminaram começam a torcer quando surjo na colina.

Quando passo da linha de chegada, Ferguson lança um olhar em seu cronômetro.

— Caramba! Você acelerou o caminho todo?

Parei e tentei responder, mas não conseguia falar. O mundo começou a girar de maneira doentia.

— Não me responda! Continue! — diz Ferguson.

Ofegante, nauseada, corro em círculos pelo estacionamento, várias vezes, cada vez mais devagar, até que finalmente paro sem querer vomitar.

Mais garotos terminaram e um pouco depois as garotas.

— O que houve com você? — perguntou Ferguson, quando viu o sangue em meu braço e na perna.

Dei de ombros.

— Tropecei — respondi. — Está tudo bem; não vou precisar de ambulância.

Ele ri, pega o kit de primeiros socorros e coloca um curativo em meu joelho.

— Somos um bom time, você e eu — diz Ben, quando entramos no ônibus.

— É?

— Fui o primeiro dos garotos; você foi a primeira das garotas.

— Você chegou quanto tempo antes de mim?

Ben deu de ombros.

— Cinco minutos ou mais. Por quê?

— Começamos dez minutos depois de vocês. Isso significa que fui mais rápida que você.

Seu rosto demonstrou compreensão, depois surpresa, e ele sorriu.

— Bom. Eu precisava de uma razão para treinar mais.

Ele olha meu Nivo: 8.1, e me mostra o dele, 7.9.

— Você me vence nisso, também — ele diz. O ônibus começa a andar e Ben chega mais perto. — Então agora é uma boa hora para isso — ele diz, a voz baixa, tenho de me curvar e

estou feliz com isso. Seu corpo irradia calor e o meu está frio, mais frio a cada segundo.

— Boa hora para quê?

Seu sorriso desaparece.

— Tenho investigado um pouco, feito algumas perguntas.

— Sobre?

— Tori não é a primeira a desaparecer. Houve outros em nosso colégio, Reiniciados, que certo dia simplesmente não estavam mais lá. Sem explicação.

— Devolvidos — sussurrei e senti um arrepio gelado. Ben passou um braço pelos meus ombros.

— Isso não é tudo. Outros também: não Reiniciados. Como aqueles três que foram tirados da reunião na sexta. Eles sumiram, e não é a primeira vez que isso acontece. Pessoas comuns também estavam desaparecendo? Aqueles na reunião foram separados pelos Lordeiros; eles devem tê-los levado. Meu estômago dá voltas.

— Mas por quê?

— Os garotos eu posso entender. Ouvi dizer que um deles foi pego com um telefone celular. E o outro era um verdadeiro idiota, sempre se metendo em brigas e confusões. Talvez

estivesse em uma gangue.

— E a garota?

Ben deu de ombros.

— Ela nunca fez nada de errado. Mas era muito inteligente; sempre fazendo perguntas estranhas para os professores, como em história. Sobre por que as coisas acontecem ou não.

Fazendo perguntas estranhas. Como Ben.

— Ben! Você tem de parar de investigar essas coisas; você pode ser o próximo.

— Mas e a Tori? Se ninguém perguntar, ninguém vai se importar. Você não vê, podia ser você, podia ser eu. Tenho de saber o que houve com ela.

— Não quero que você desapareça — eu sussurro. E ele me puxa para mais perto. Lama e suor em um abraço, seu coração batendo sob meu ouvido.

Alguns dos garotos fazem sons de beijos para nós, e Ferguson se vira.

— Nada de amassos no ônibus — ele grita, e eu me sento direito. Ben ainda segura firme a minha mão.

Assim como segura firme a da Tori.

Uma surpresa: não apenas mamãe, mas papai também me espera quando o ônibus retorna para o colégio. Eu aceno para Ben e os outros e ando até o carro, enlameada e exausta, com

um curativo no joelho. Está tudo ficando tão rijo agora que colocar um pé diante do outro exige um esforço enorme.

Mamãe salta do carro.

— O que diabos te aconteceu? — ela pergunta, o horror estampado em seu rosto.

— Estou bem. Olhe — e mostro meu Nivo em 6.6. Mesmo com a angústia dos nossos sussurros no ônibus, correr é certamente a melhor maneira de manter meus níveis altos.

— Mas olhe o seu estado! — e ela se afasta para ter uma palavra com Ferguson. Papai sai do carro também e me olha de cima a baixo.

— Foi divertido, heim? — ele sorri.

— Ah, foi! — eu sorrio de volta e me apoio no carro, sentindo que vou cair sobre ele se não me apoiar. Não tenho visto papai desde que ele me assustara na escuridão da cozinha —

ele tem estado fora, a trabalho —, mas agora ele parece feliz, relaxado, nada como aquele pai

severo que me interrogou praticamente berrando quando me surpreendeu no meio da noite.

— Como foi?

— Cheguei em primeiro lugar.

Ele gritou e levantou a mão.

— Toca aqui!

— O quê?

— Levante sua mão, assim — eu obedeço, e ele bate a mão dele contra a minha. E então gesticula para mamãe e pisca. — Ela não vai gostar se você continuar assim. Ela tem pouca

tolerância para sujeira e sangue.

Naquela noite, Jazz vem para o jantar. Amy sorri abobada para ele a noite toda, mamãe faz sua melhor cara de dragão e papai conta piadas ruins. Jazz até responde quando o chamam

de “Jason”, parece resignado à sua sina e não fala muito além de “sim, por favor” e “obrigado”. Eu apenas me concentro em comer.

— Com fome hoje? — pergunta mamãe, surpresa por eu repetir o assado e as batatas.

Molho de carne e pudim yorkshire: nham.

Dou de ombros.

— Eu corri dez quilômetros esta manhã.

— Não se esqueça de comer vegetais também — ela diz. No meu prato há alguns galhinhos verdes, como pequenas árvores. Até agora eu os evitei.

— O que é isto?

— Brócolis. Ainda não provou? — ela pergunta, parecendo surpresa.

— Acho que não — todos os olhos estão em mim, não há o que fazer. Espeto alguns com o garfo, mastigo e continuo mastigando. É flexível e horrível. Tento engolir de uma vez, mas

minha garganta se rebela: não desce. Me engasgo e começo a sufocar.

— Você está bem? — mamãe se ergue um pouco, mas eu levanto a mão e ela se senta novamente. De algum jeito, consegui engolir. Quando ninguém está olhando, eu coloco o resto

do meu brócolis em um guardanapo e, mais tarde, na lata de lixo. Aquilo era nojento.

CAPÍTULO 23

— Você vai pular a reunião com o tutor e falar com a doutora Winston — diz a senhora Ali. — Agora.

— O quê? Por quê? — eu a confronto, mas seu rosto está irredutível.

— Suponho que ela vai lhe contar. Suba e espere — ela sorri, mas isso não me faz sentir melhor.

Sobre o que será? Subo as escadas e sento-me com as mãos juntas. Talvez, de alguma forma, eles saibam que Ben e eu temos conversado sobre pessoas desaparecidas. Talvez o ônibus tenha uma escuta e os Lordeiros o estejam tirando da sala enquanto estou sentada ali.

Talvez eles...

A porta se abre; um garoto sai.

— Próximo! — grita uma voz.

Levanto-me e ando até a sala. Passo meu cartão, fecho a porta e me sento.

— Bom dia, Kyla! — ela está sorrindo com seu sorriso pintado de batom.

— Oi.

— Um professor tem me falado sobre você. Sabe o assunto? — ela faz beicinho.

Busco na memória. Um professor? Fiz algo de errado?

— Um dos meus professores? Eu... eu não sei.

— Não entre em pânico. É um dos seus professores, mas você ainda não o conhece.

Senhor Gianelli, diretor do Departamento de Artes. Parece que ele viu um dos seus desenhos e

tem insistido bastante que você vá para a turma dele.

— Mesmo? — posso sentir o sorriso tomando o meu rosto.

Ela franze a testa.

— Ele foi bem irritante.

— Sinto muito por isso, mas... quer dizer que posso assistir às aulas dele?

— Sim. Aqui está sua nova grade de horários — ela a empurra para mim. — Tivemos de remanejar suas aulas de matemática para caber. Você terá de ir à Unidade na hora do almoço duas vezes por semana para dar conta, e pode fazer o que quiser nos outros dias de agora em diante.

— Obrigada, muito obrigada, eu...

— Apenas vá.

Eu salto da cadeira e passo meu cartão na porta.

— Ah! Kyla?

Eu me viro.

— Sim?

— Não fique muito animada com isso. Não quero ser incomodada tão cedo por você ou por qualquer pessoa para falar sobre você. Está claro?

Ela sorri com vontade enquanto diz essas palavras, o que as torna piores, de alguma maneira.

Eu apago o sorriso do meu rosto.

— Sim — respondo e caio fora da sala, descendo as escadas.

O senhor Gianelli, meu herói, não era exatamente o que eu esperava.

— Quem é você? — ele pergunta enérgico, franzindo a testa, quando entro logo após o sinal.

— Kyla Davis.

— Quem?

— Uma nova aluna. O senhor não combinou com a doutora Winston?

Ao mencionar o nome dela, sua careta se intensifica.

— A-ha! Você é a garota da coruja. Tive de aturar três reuniões com aquela mulher detestável a seu favor.

Olho preocupada para as minhas costas, mas a porta está fechada; a senhora Ali se fora.

Quando me viro e olho para os alunos, meu coração para: Phoebe. Oh, que maravilha. Ela está

na minha turma de artes também.

Ele saca meu desenho de coruja de uma pilha em sua mesa, ergue-o para a turma e, antes de me deixar sentar, começa a dizer a todos como eu poderia tê-la feito melhor. E ele está certo.

Mas hoje estamos pintando.

Pintar o quê?

Meu Lugar Feliz: talvez isso me ajude a ir até lá. Começo com o céu. Logo estou absorvida com os azuis, misturando-os na paleta, adicionando pequenas nuvens, rodamos

brancos com uma faca de paleta. Tão envolvida com o céu que quase não percebo as vozes baixas atrás de mim.

— Imagino o que ela deve ter feito para ser Reiniciada.

— Aposto que foi ruim.

— Não pode ter sido algo tão notável: ela é uma magrela covarde.

— Talvez tenha torturado criancinhas, porque são os únicos seres menores do que ela.

— Talvez ela tenha ateado fogo à sua casa e assado os pais vivos. Tipo um churrasco de mãe e pai. Aposto que eles gritaram.

Eu me virei.

— Talvez eu tenha rasgado a garganta de alguém com uma faca de paleta — eu a balancei com uma mão como se verificasse seu peso.

Sua amiga para, mas Phoebe ri.

— Você sabe que ela não pode ferir ninguém agora, não importa o que ela tenha feito antes. Ela morrerá se tentar. Seu cérebro fritaria: zap!

Voltei para minha pintura.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul nuvens brancas...

— Feliz com sua nova grade de horários? — pergunta a senhora Ali, sorrindo satisfeita no intervalo.

Não sei se digo um óbvio sim, porque com ou sem Phoebe, e tentando não pensar no que elas disseram, eu adorei. Ou será que ela vai achar que eu estou dando voltas e que estou com

problemas porque estou feliz com isso?

Ela ri.

— Seu rosto: você devia vê-lo de vez em quando.

Então ela está de bom humor hoje.

Sorrio indecisa.

— Adoro minha aula de artes. Ela realmente vai me ajudar a — busco na memória pelo que o diretor disse na reunião — “alcançar todo o meu potencial”.

Ela parece animada.

— Não repita as palavras apenas, Kyla. Você precisa se esforçar a toda hora para cumprir seu contrato.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— O que acontece se alguém como eu não cumprir o contrato? Um Reiniciado pode ser... devolvido?

Ela me olha nos olhos. Alguma coisa passa pelo seu rosto, tão rápido que não estou certa do que seja; e então se foi. Ela sorri.

— Apenas fique com sua cabeça baixa por um tempo, Kyla, até que a doutora Winston esqueça o quanto você a aborreceu.

Ela me acompanha até minha próxima aula, e eu penso no que ela disse. Ela não respondeu minha pergunta. E aquilo, por si mesmo, era uma resposta.

CAPÍTULO 24

Tap tap; tap tap. Meus pés fazem barulho pelo caminho.

Talvez ela tenha torturado criancinhas... talvez tenha posto fogo em sua casa e queimado os pais vivos... ou rasgado a garganta de alguém com uma faca de paleta.

Corro rápido e mais rápido.

Posso ver minhas mãos, com uma faca. Talvez uma afiada da cozinha, não uma faca de paleta: muito cega. Ou provocando um incêndio: espirrando gasolina e acendendo um fósforo.

Ou, então, líquido inflamável numa jarra de vidro, um pano com fogo na ponta e tudo jogado

contra uma janela. Será que eu teria ficado para ouvir os gritos? Não. Como ter certeza de que

escaparia?

Mas eu não tinha escapado. Aqui estou eu.

O resquício de memória se vai e eu corro para manter meus níveis altos, mas não posso parar com os pensamentos e imagens desordenados em minha mente.

E sobre torturar criancinhas? Eu não poderia ter feito isso. Poderia? Lembro-me então do meu sonho: alunos feitos em pedaços no ônibus. Eles não eram muito mais que crianças.

Eu teria sido capaz de alguma dessas coisas?

Alguém está chegando perto, atrás de mim; eu acelero, mas ainda assim ele me alcança.

Olho para minha direita: é o Ben.

— Ei — ele cumprimenta. — Pode ir.

Faço que sim com a cabeça, impossibilitada de falar, os pulmões cheios pelo esforço de manter o estoque de oxigênio para o corpo.

Mais algumas voltas, e mais algumas, Ben está ao meu lado agora. Assim que o pincel saiu das minhas mãos e a aula de artes acabou, as palavras de Phoebe se repetiram sem parar

em minha cabeça. Eu tinha vindo direto para a pista de corrida do colégio no final da

última

aula da manhã — hoje era o primeiro dia em que eu não precisava ir para a Unidade almoçar.

A presença de Ben é confortante, apesar de ele ter desistido de falar, já que não respondo. Ele

diminui o passo. Relutando em deixá-lo para trás, eu desacelero com ele, pouco a pouco.

— Acabou? — ele finalmente pergunta, e eu balanço a cabeça que sim. Nós diminuímos o ritmo e paramos. Ele passa o braço pelo meu e me leva de volta, e passeamos pelo jardim

do colégio e pelos caminhos entre eles.

Outros alunos andam por ali, mas nos ignoram.

— Quer me dizer o que há de errado?

Dou de ombros.

— Algo fez você correr como uma louca.

— Apenas algumas coisas que umas garotas disseram, só isso. É bobagem.

— O quê?

Não respondo, mas puxo sua mão para mudar de direção. Passamos pelo edifício da administração até chegar ao memorial, e eu paro em frente a ele.

Tantos nomes, encravados em uma pedra: todos mortos. Seis anos atrás. Que imaginação eu tenho. Me dou uma sacudida. Eu tinha apenas dez anos de idade então, eu não poderia ter

estado lá.

— Kyla, o que é isso?

— Você nunca se pergunta? O que você fez para ser um Reiniciado? E se eu fui uma terrorista? E se eu matei pessoas, como esses estudantes: joguei uma bomba no ônibus? Ben sacode a cabeça.

— Eu não sei o que posso ter feito. Não consigo pensar que teria sido capaz de algo tão horrível quanto isso; nem você. Mas nunca vamos saber. Tudo o que podemos fazer é viver as

nossas vidas

como elas são agora; ser quem somos agora.

Considero essas palavras. A questão é que não posso imaginar Ben fazendo algo terrível; ou Amy. Mas, de alguma forma, não tenho tanta certeza em relação a mim.

— Mas como posso saber quem eu sou agora se não sei quem eu fui?

— Eu sei quem você é: Kyla, corredora maluca e minha amiga — ele passa os braços ao redor dos meus ombros. — Kyla, de sorriso tímido e rosto que demonstra tudo o que sente. O

que mais há para saber?

Olho para cima, para os olhos quentes de Ben, que lembram chocolate derretido e que neste instante estão me perguntando: Quem é você, Kyla?

— Eu gosto de desenhar e pintar — respondo, devagar. — E sou boa nisso.

— Kyla, a artista. Bom. O que mais?

Vasculho meu cérebro por respostas.

— Odeio brócolis. Gosto de gatos — isso já é um começo, eu acho.

Ben sorri e seus braços me apertam mais. Meu estômago dá voltas. Na flor dos dezesseis e nunca foi *beijada*. Há algo em seus olhos que diz que vai ser agora. Eu, com as roupas grudadas na pele e descabelada pela corrida; ali na área aberta onde qualquer um pode

nos ver. Tori ainda está presente entre nós, mas agora ele parece não se importar, e muito menos eu.

Mas algo desvia o meu olhar e me faz voltar a atenção para o memorial e todos os nomes gravados. De repente, o primeiro deles salta em minha mente, como se alguém tivesse

gritado bem alto.

Robert Armstrong.

Engasgo e dou um giro. Ben me solta.

— O que foi? — ele pergunta.

Eu volto até o memorial e passo a mão nas letras. Amy contou que mamãe tinha um filho chamado Robert, que havia morrido. Antes de ela se casar com papai, o sobrenome dela era

Armstrong.

Robert Armstrong.

É o filho dela? Meu... irmão?

— Kyla, o que há de errado?

Mas eu sacudo a cabeça; não posso contar a ele, embora veja seu desapontamento. O rosto dele diz *Você não confia em mim? Amy me fez prometer jamais mencionar Robert, então como posso?*

A tarde voa. Meus níveis se mantêm acima de 5, ainda por conta da corrida, mas os pensamentos estão tumultuados. Como mamãe pode ter ficado comigo — e com Amy — se seu

filho foi morto por terroristas? E, anos antes, os pais dela também. Para ser um Reiniciado, você precisa ter feito algo realmente ruim. E se eu fui uma terrorista?

O jantar naquela noite é estranho. Mamãe me encara o tempo todo, me controlando. Para sentar direito; comer meu brócolis, que, não importa o quanto eu tente, me dá ânsia de vômito;

responder a perguntas tolas sobre o colégio. Talvez ela queira que eu faça bastante bobagem

para poder me mandar de volta. Me devolver, como a Tori.

Amy tem de estudar para um teste de matemática; levanto rapidinho para lavar a louça.

Farei tudo muito bem-feito. Concentro-me em guardar os pratos, enxugar a bancada, lavar a

louça com extremo cuidado e...

— O que deu em você esta noite?

Eu me viro e largo um copo no canto; ele cai e se quebra. Os cacos voam por toda parte.

Mamãe suspira e eu corro para buscar a pá e a vassoura no armário.

— Me desculpe — eu digo e me ajoelho para catar os cacos com a pá.

— Kyla, foi só um copo. Não tem problema. Agora me diga: o que há de errado? — e eu olho para

mamãe, realmente olho para ela, e ela não é o dragão, ao menos não agora. Seu rosto está preocupado, e não zangado, e ela estica a mão para me ajudar a levantar. — O que foi, heim?

Sinto umas pontadas por trás dos meus olhos e pisco furiosamente, mas não dá certo.

— E então?

— Odeio brócolis — e caio no choro. Mas não é por isso que estou chorando, é? É mais porque eu já odiava brócolis na primeira vez que provei, ali mesmo, alguns dias atrás. Assim

que coloquei na boca, engasguei. Meu corpo o reconheceu. E, se eu sempre odiei — mesmo

antes de ser Reiniciada —, não sou uma nova pessoa, não importa o quanto eles digam que

sou. E se não sou uma nova pessoa, seja lá o que eu tenha feito, ainda está aqui, ainda é parte

de mim, escondida em algum lugar. Enquanto meu cérebro está às voltas com esses pensamentos, todo o resto de mim está ocupado chorando, engasgando e soluçando — como se

meu corpo e meu cérebro não estivessem conectados, não andassem juntos. E eu não entendo

por quê.

Meu Nivo começa a vibrar; mamãe xinga baixinho, me arrasta para a sala de estar e me coloca no sofá. Acha o Sebastian e me faz chocolate quente. Senta ao meu lado e massageia

meu ombro enquanto Sebastian ronrona em meu colo. Em seu rosto a expressão de quem não

compreende, mas ela não diz nada.

— Eu dou muito trabalho, você vai querer me enviar de volta — eu finalmente quebro o silêncio.

— O quê? Claro que não. O que você quer dizer?

Conto a ela sobre a devolução de Tori. E ela não se surpreende.

— Tori era a garota bonita ao lado de Ben no show, não é?

Balanço a cabeça.

— O que houve com ela?

Ela hesita.

— Por favor, me conte.

— Honestamente, eu não sei — ela responde, mas parte de mim pode ver que ela concorda comigo e com Ben: nada bom. — Mas a mãe dela pode não ter nada a ver com isso.

— Como assim?

— Tori era bem insolente. Alguém pode ter ouvido algo que ela disse e decidiu que ela não estava cumprindo seu contrato, entende? Ela não estava sendo grata o bastante para ter uma segunda chance.

— Alguém... Quem, por exemplo? Estão todos em volta me espionando o tempo todo?

— viro de um lado para o outro como se olhos e ouvidos invisíveis estivessem atrás dos móveis.

— Não é tão terrível assim, Kyla — ela explica, gentilmente. — Alguns farão relatórios regulares: seus professores, sua enfermeira e a doutora Lysander, eu acho.

— Você faz relatórios sobre mim? E papai?

— Claro. É parte do nosso acordo quando pegamos você e Amy. Mas não se preocupe, eu jamais diria nada que os deixassem preocupados. Está bem?

Foi a minha imaginação ou ela enfatizou o “eu” naquela frase?

— Kyla, me escute: não vou mandar você de volta. Está bem? Eu não faria isso.

— Por motivo nenhum?

— Por motivo nenhum. E também não vou fazer você comer brócolis novamente.

Mais tarde, naquela noite, deitada na cama, com Sebastian como uma longa faixa de calor esticado em minhas costas, ronronando, é difícil lembrar o que me fez ficar tão triste para chorar. Mas algo eu percebia, como não gostar de brócolis, ser capaz de dirigir, desenhar melhor com a mão esquerda. E a forma como chorei, em grandes soluços. Eu não sabia como

chorar, não era boa nisso. Não era algo que eu já tivesse feito.

Seja lá quem for Kyla, há outra pessoa escondida. E, na verdade, é dela que eu tenho medo.

Primeiro foi um som.

Arrasta, bate; arrasta, bate. Como algo metálico se arrastando por uma superfície áspera, ou uma pá empurrando a areia, levantando e jogando, vez após outra.

Abri os olhos.

Não é uma pá, mas uma colher de pedreiro: se enterrando na grossa argamassa e derrubando-a no topo da fileira de tijolos, bem acima de mim.

Arrasta, bate; arrasta, bate.

Os tijolos formam um padrão circular ao redor. Se eu estico minhas mãos alguns centímetros, de lado a lado, na frente ou atrás, tudo que alcanço são paredes ásperas e arredondadas. E está ficando mais alto, fileira a fileira. A única luz é um círculo difuso bem acima, que se torna cada vez mais difuso.

Estou em uma torre, sem janelas ou portas. O topo das paredes está muito acima de mim e — arrasta, bate; arrasta, bate — se afasta um pouco mais a cada segundo.

O círculo de luz desaparece abruptamente. O som cessa.

O pânico se agita por dentro e se torna raiva. Me jogo contra as paredes, chutando e socando várias vezes, até me recostar exausta, incapaz de me sentar em um espaço tão confinado. Estou descalça, mãos e joelhos feridos e ensanguentados.

Me deixe sair! Eu grito.

Meus olhos se abrem. Na minha frente, dois círculos refletidos de luz. Eles piscam:

Sebastian?

Eu me sento e acendo a luz ao lado da cama. Sebastian está ao meu lado, o pelo arrepiado, a cauda empinada; no meu braço há uma fileira de arranhões paralelos, pontilhados de vermelho.

— Você me acordou? — murmuro e estico a mão trêmula, para acariciá-lo levemente. Ele pode ter me salvado de um desmaio. Será que de alguma forma ele sabe, ou apenas me arranhou porque bati nele enquanto sonhava?

Seu pelo logo se abaixa, ele se larga ao meu lado e ronrona. Meu coração diminui o ritmo; aos poucos, meu Nivo melhora de 3 para quase 5, mas não fecho os olhos. A luz vai ficar acesa.

Estou com medo do escuro.

CAPÍTULO 25

— Sua carruagem — diz Jazz, se curvando.

Já que o acordo para Amy ver Jazz implica que ela não fique sozinha com ele, parece que não vou pegar tão cedo o ônibus do colégio com Ben. Entro no banco de trás.

Não há cinto de segurança. Amy e Jazz ficam na frente; eu suspiro e me seguro enquanto Jazz deixa o terreno do colégio e pega a estrada principal; em seguida, sai por uma pista. Parece que não vamos direto para casa.

— Tenho uma surpresa para você, Kyla — diz Jazz, olhando mais para mim pelo retrovisor do que para a estrada.

— Cuidado! — exclama Amy, e ele freia rápido, bem na hora de desviar de uma ovelha que cruza a estrada. Um fazendeiro sorri; até seu cachorro parece sorrir. A ovelha atravessa

lentamente, sem expressão.

— Ops! — Jazz acena e sussurra desculpe para o fazendeiro.

— Qual a surpresa? — pergunta Amy quando voltamos a andar.

— Mac encontrou um cinto de segurança recuperado para colocar no banco traseiro.

— Oba! — exclamo, realmente entusiasmada. Tente se manter na estrada enquanto isso, eu penso, mas não falo em voz alta.

Jazz presta mais atenção no que está fazendo depois de quase ter atropelado a ovelha, e eu relaxo, só um pouquinho. Minhas pálpebras começam a se fechar sozinhas, estou cansada

após o sonho de ontem à noite e o esforço para me manter acordada depois disso. Toda vez

que meus olhos se fecham, sinto paredes de tijolos ao meu redor. Agora minha cabeça se inclina para o assento da frente e imagens saltam em minha mente: o monumento, “Robert Armstrong” gravado nele, a torre...

— Tente ficar acordada — diz Amy, e meus olhos se abrem novamente.

— Sabe, eu não dirijo tão mal, já que os passageiros conseguem até cochilar — diz Jazz.

Mac tira o banco traseiro do carro.

— Podemos dar uma volta? — pergunta Jazz, piscando para Amy. — Mas talvez você esteja muito cansada — ele disse, se dirigindo a mim.

— Sim, você parece cansada — diz Amy. — Não vamos demorar — eles começam a se afastar, em direção à placa de uma trilha na estrada.

— Se não querem que eu vá, por que não dizem logo? — resmungo às suas costas.

Mac me olha da parte traseira do carro e ri.

— Pegue uma bebida, se quiser.

— Não, obrigada — respondo, me lembrando da cerveja caseira que provei da última vez.

— Há outras bebidas leves na geladeira — ele comenta, com um sorriso que revela saber exatamente o que acabo de pensar. — Vá em frente, faça um lanche, se quiser. Ligue a

TV. Eles provavelmente vão demorar — ele ri novamente.

Ou seja: não fique aí parada me olhando trabalhar em uma pilha de carros velhos.

Tudo bem. Eu me arrasto para dentro da casa. Na geladeira encontro bebidas que parecem mais inofensivas que as garrafas marrons do armário. Estou com fome, após correr

umas mil voltas na hora do almoço para manter meus níveis altos. Ben apareceu por lá, mas

não perguntou por que eu corria. Talvez ele tivesse desistido de me perguntar coisas que não

respondo.

Encontro queijo e um pão cortado de qualquer jeito: será que foi feito em casa? Coloco a cabeça para fora da porta e grito:

— Quer um sanduíche?

— Claro — ele responde. — Estarei aí em um instante.

Então faço alguns sanduíches. Não sou muito fã de TV, mas ligo e vejo todos os três canais. Na BBC1 está passando um programa de comédia idiota, com momentos de risadas

que não fazem sentido para mim; na BBC2 há um programa de jardinagem sobre como aumentar a produção de um loteamento; na BBC3 são as notícias e a previsão do tempo. Assisto enquanto como. São esperadas chuvas para os próximos dias. As estimativas de colheita são altas para este outono. Algumas cenas de bairros londrinos. Aparecem imagens de

estradas que vi no caminho do hospital, mas elas não parecem iguais. Os edifícios queimados

não estão lá. Nem os guardas.

— Você parece pensativa — Mac está parado na porta.

— É que eu estive nessa estrada e parece diferente na TV. Está mais limpa, diferente.

Mac ergue uma sobrancelha e se senta.

— Eles normalmente só mostram nos jornais pessoas e lugares felizes.

Faço uma careta.

— Isso não é exatamente uma notícia, é? As pessoas não estão felizes o tempo todo.

Aquele prédio... Olhe ali: estava destruído quando passamos por ele, há uma semana. Não pode ter sido restaurado tão rápido.

Mac pega um sanduíche.

— Ah, mas parece mais bonito desse jeito, não é?

— Que idiotice.

— Com certeza — ele ri novamente.

Olho para Mac, comendo seu sanduíche. Ele não se parece com um adulto, nem fala como um. Bem, ele não é tão velho assim, eu acho.

— O que foi? Pergunte qualquer coisa que esteja nessa sua cabeça — ele diz. Um olhar divertido em seu rosto.

— Você fez esse pão?

— Sim.

— Você mesmo corta seu cabelo?

— Sim.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

Ele não é tão velho, então. É mais novo do que pensei. Seis anos mais velho do que eu. Uma ideia me vem à cabeça: seis anos mais velho do que eu. O memorial do colégio tem seis anos.

— Você estudou no Lord Williams? — pergunto, as palavras saindo sem pensar. Deve ser a falta de sono.

— Estudei.

— Você conheceu Robert Armstrong?

Ele me encara e uma sombra passa por seu rosto. O riso desaparece de seus olhos. Ele se levanta, pega uma daquelas garrafas marrons do armário e torna a sentar.

— Conheci. Ele era meu amigo — ele diz, em voz baixa, enquanto tira a tampa com um abridor.

— Ele era meu... irmão?

Ele dá de ombros e toma um gole da garrafa.

— Depende da forma como você entende as coisas, eu acho. Ele era filho da mãe que você tem agora.

A mãe que eu tenho agora. Não a verdadeira. Jeito curioso de falar, quando todo mundo insiste que ela é minha mãe.

Abro a boca para perguntar sobre Robert, mas Mac ergue uma mão.

— Quem faz as perguntas agora sou eu. Por que você está tão interessada sobre o Robby? Eu o encaro, agora sem sono e um pouco assustada. Robby, e não Robert. Ele era real, uma pessoa de verdade. De alguma forma eu sei que esses assuntos são perigosos. Por que comecei?

— Está tudo bem — ele diz. — Me fale.

Tem algo no Mac que me faz pensar que posso confiar, então digo a ele, que está surpreso por eu ter tido coragem. Sobre como fiquei fascinada com o memorial e não parei de

pensar sobre todos aqueles alunos, de apenas quinze e dezesseis anos, que morreram naquele

ônibus. E que tive um pesadelo sobre aquilo e então vi o nome: Robert Armstrong. Mas não

sabia exatamente quem era ele.

— Você, mocinha, é uma criatura interessante.

— Eu não sou uma criatura!

Ele ri.

— Desculpe. Você é uma Reiniciada, e, ainda assim, ao contrário daquele moleque desmiolado do Jazz que está neste momento tentando dar uns amassos por aí, você parece ainda ter pensamentos próprios.

— Mas a Amy também não é desmiolada! E ela não está... bem... — não sei o que dizer, já que não faço ideia do que ela e Jazz possam estar fazendo. E tenho a desconfortável sensação de que deveria estar me preocupando com eles e estou falhando em minhas obrigações.

Ele ri novamente.

— Tudo bem, ela não é idiota; não foi o que eu quis dizer. Ela só não questiona nada. Ah! Então de volta ao Kyla é diferente.

Ele se inclina na cadeira, a risada desaparece novamente e ele está muito sério.

— Tenho uma pergunta muito importante para fazer — ele diz.

— O que é?

— Perguntar é uma coisa, mas o que você vai fazer com as respostas?

Posso ver que ele está falando sério, então penso por um momento. O que fazer com as respostas...

— Acho que estou tentando entender melhor as coisas. Só por mim.

Ele balança a cabeça.

— Só por você... Isso é importante, Kyla. Você deve guardar as perguntas para você mesma na maior parte do tempo. Cuidado com quem você vai falar. E as respostas, guarde-as

o tempo todo. Você consegue? Pode guardar as coisas só para você?

— Sim.

Ele se recosta novamente na cadeira e toma um gole da cerveja.

— Certo, desembucha. O que você quer saber?

Engulo em seco. Quero saber o que houve naquele dia. Mas será que devo? Eu me esquivo.

— Como ele era, o seu amigo Robby?

— Um cara como a maioria, eu acho. Sério, um pouco tímido, e inteligente. Fazia ciências e outras coisas. O mais incrível sobre ele era que namorava a garota mais bonita

do

colégio. Não podia dar certo.

— Eles noticiaram nos jornais o que houve? Não deve ter sido bonito.

— Verdade. Mas eles noticiam coisas assim. Disseram apenas como os cruéis e desumanos Terroristas Antigovernistas massacraram inocentes estudantes como parte de sua

infindável campanha de terror.

— Foi isso que aconteceu?

— Não exatamente. O TAG tentou bombardear os escritórios dos Lordeiros e o ônibus se colocou na frente. Eles morreram. Não acho que fosse esse o plano.

— Mas ainda assim aconteceu. Eles mataram o Robert e todos aqueles outros alunos — eu falo, indignada. Não importa qual era o plano. Eles estavam tentando matar outras pessoas,

que podiam

merecer ou não, mas não um ônibus cheio de crianças. Mas ainda assim eles o fizeram.

— Sim, e não.

— O que quer dizer?

— Robby não morreu no ônibus.

— O quê? Mas ele está no memorial; é o que diz ali. Como você sabe?

— Eu estava lá.

Olhei para Mac, horrorizada. Eu havia me esquecido de perguntar a coisa mais importante; eu não sabia como perguntar. Talvez eu devesse ter descoberto isso sozinha. Meu Nivo vibra.

— Você está bem, Kyla?

Olho para baixo, 4.3. Encolho os ombros.

— Por enquanto, tudo bem. Tem chocolate?

— É só disso que precisa?

Ele encontra um chocolate e eu como, focada na doçura, em respirar e entender aquilo.

Meus níveis voltam a subir e chegam até quase 5.

— Desculpe, não posso evitar.

— Deve ser mesmo uma droga.

— Se fico aborrecida, só piora as coisas.

— Imagino.

Respiro fundo.

— Por favor, me conte, o que realmente aconteceu?

— Você aguenta?

— Acho que sim.

E ele começa a contar. Estava na parte da frente do ônibus. A parte de trás tinha sido mais atingida. Ele se lembra dos sons, da fumaça, das pessoas gritando e depois parando de

gritar. Bem parecido com o meu sonho. Ele me diz que teve apenas um ferimento leve e foi

arrastado para fora. Robert estava lá também, sendo contido e gritando Cassie, *Cassie*, sem

parar. Era o nome de sua namorada. Ele não parecia ferido. Mac desmaiou depois disso.

Depois, no hospital, perguntaram a ele o que tinha visto naquele dia. Ele só disse que não conseguia se lembrar de nada, que apagou, embora só tenha perdido a consciência mais

tarde. Eles pareceram acreditar. Ele saiu do hospital e lhe disseram quem tinha morrido: Cassie e Robert estavam na lista.

— Mas, se Robert não estava ferido, o que houve com ele?

— Não sei ao certo. Eu estava muito assustado para perguntar.

Na maneira como ele desvia o olhar, nas sombras que percorrem seu rosto, vejo a vergonha que nunca passa. Por ter sobrevivido. Por nunca ter contado ao mundo sobre Robert.

E algo mais: ele sabe. Há algo mais nessa história que ele não está me contando.

Ele se levanta, abre uma gaveta e me entrega uma foto.

— Aqui: Robby e Cassie.

Ele se parece com mamãe: o mesmo queixo quadrado e cabelos encaracolados. Um rapaz comum abraçado a uma garota... linda. Pele perfeita, rosto com formato de coração, cabelos sedosos cor de mel. Tudo perfeito, até ela estar no ônibus errado, no dia errado.

— Mas o que houve com ele? Me diga.

— Tentei encontrá-lo em sites de pessoas desaparecidas um tempo atrás, mas nunca encontrei. Imagino que ninguém comunica um desaparecimento se acha que a pessoa morreu.

— Você tem um palpite sobre o que houve com ele.

— Talvez.

— O quê?

Ele hesita.

— Acho que ele se tornou um Reiniciado.

Eu olho para trás, incapaz de aceitar.

— Reiniciado? Não pode ser. Isso é apenas para criminosos.

— Claro. Por que existem tantos jovens perdidos, então? O que acontece com eles de verdade? Olhe, Robert deve ter ficado tão traumatizado, que eles provavelmente pensaram que, para fazer dele um cidadão útil, ele precisaria ser Reiniciado. Porque Robert não deixaria isso para lá de jeito nenhum. Eles estavam tentando ajudá-lo.

Mas posso ver, pelo rosto de Mac, que ele acha isso errado. Não sei o que pensar.

Jovens perdidos? Não consigo processar o que ele está dizendo. Crianças e jovens que não fossem criminosos poderiam ser Reiniciados?

— O que são esses sites de pessoas desaparecidas? Nunca ouvi falar.

— Escute, Kyla: isso é muito importante. Primeiro lugar na Lista Do Que Não Pode Ser Mencionado. Isso tem de ficar em segredo.

— O quê?

— Venha.

Eu o sigo para um quarto nos fundos. Está uma bagunça, com roupas e lixo para todo lado, e então, quando ele afasta algumas coisas, vejo que só estavam ali para esconder um computador.

— Isso é um pouco... muito... ilegal — ele diz. — Um kit antigoverno: shhh, shhh.

— Ahhh.

E ele me mostra. Há todo tipo de sites que o governo não controla, registrados fora do Reino Unido: na Europa e nos Estados Unidos. O de pessoas desaparecidas é apenas um tipo

de website; e são muitos desaparecidos, de todas as idades. Especialmente crianças.

— Quantos anos você tem? — ele pergunta.

— Dezesseis.

Ele começa a digitar. Dezesseis — sexo feminino — loira — olhos verdes.

— O que está fazendo?

— Vou apenas lhe mostrar o alcance disso.

Imagens saltam na página; datas de quando foram vistas pela última vez, nomes, idades: trinta e seis se encaixam. Vou rolando a página. Muitas garotas, a maioria adolescente

quando

desapareceu. O que pode ter acontecido com todas elas?

— Caraca! — exclama Mac.

— O quê?

— Olhe para a de número trinta e um — ele diz, e eu olho. Ele clica na foto e ela fica maior: uma criança bonita, sorriso com dentes faltando. Grandes olhos verdes, cabelos finos, loiro claro, de jeans e camiseta rosa, segurando um gatinho cinza em seus braços. Abaixo da

foto está escrito: Lucy Connor, *desaparecida da escola, em Keswick, Cumbria, aos dez anos*.

— Ela se parece um pouco comigo — eu murmuro.

— Ela se parece muito com você — diz Mac. E clica em um link que diz “provável aparência atual”.

A tela muda para uma versão adolescente de Lucy. Aquele rosto, aqueles olhos. Não! Não pode ser. Eu olho para o Mac, depois novamente para a tela, esperando que ela desapareça, que eu tenha imaginado ter visto aquilo. Mas ela ainda está ali, me encarando. Eu

sou mais magra, talvez; ela é um pouco mais alta. Fora isso, é como estar olhando para um espelho.

— Ela não apenas se parece com você. Ela é você. Deve ter sido o choque. Meus níveis não baixam, ficam em torno de cinco, mas me fixo na imagem na tela. Vejo e tento absorver

aquilo, mas não consigo. Começo a tremer.

Desaparecida?

Onde tenho estado desde os dez anos?

Lembro vagamente de Mac desligando o computador, pegando minha mão e me levando para a porta da frente.

— Sente-se — ele diz. E um momento depois: — Beba isto. — Ele coloca um copo pequeno em minha mão. Eu bebo; sinto a garganta queimar.

— O que é isso? — pergunto, tossindo.

— Uísque. É bom para passar o choque.

Sinto o calor retornar ao corpo. Ouvimos vozes subindo pelo caminho. Ele se ajoelha em minha frente e coloca um dedo na frente dos lábios.

— Nem uma palavra, Kyla. Falaremos sobre isso outra hora. Promete?

— Nem uma palavra. Prometo.

— Boa menina — ele diz e pega o copo.

Amy e Jazz entram pela porta da frente. Ela parece bastante contente, e nada amassada, até onde posso ver. Sem grama nos cabelos ou algo assim; eles só estão de mãos dadas.

— Desculpe por termos demorado tanto — ela diz, enquanto seguimos para o carro. — Espero que não tenha sido chato.

— Colocou o cinto? — pergunta Jazz, e eu prendo o novo (recuperado de um desastre) cinto de segurança.

Mac aparece na porta e acena; o carro dá uma guinada, pega a pista e ele logo está fora de vista atrás de nós.

Árvores verdes céu azul nuvens brancas, árvores verdes céu azul...

À noite, anseio pelo dever de casa e me tranco em meu quarto.

Sebastian normalmente sobe comigo após o jantar, mas não há sinal dele essa noite e eu sinto falta de sua companhia.

Lucy tinha um gatinho.

Sinto uma dor por dentro se olho para ela com mais cuidado em minha lembrança. Ela parecia tão feliz naquela foto, com o gatinho enroscado nos braços. O que aconteceu para que

a tirassem daquela vida?

Lucy é um ela, não um eu: só consigo pensar nela em terceira pessoa, como se algo nos separasse e distinguisse. De qualquer forma, talvez tudo isso seja apenas alguma estúpida coincidência. Ela não pode ser eu; apenas se parece comigo. Aquela versão de Lucy aos dezesseis gerada por computador é uma suposição. Ela pode estar completamente diferente agora.

Mas seus olhos sorridentes ainda estão impressos em minha mente; eles precisam sair.

Eu levanto de supetão e pego o bloco de desenho. O lápis na minha mão esquerda. E começo a

desenhar, só metade do pensamento atento ao esboço no papel enquanto minha mente rodopia

com a possibilidade de Lucy existir.

Talvez Lucy odiasse brócolis e gostasse de gatos.

Ela foi dada como desaparecida. Alguém em algum lugar quer saber onde ela está, o que houve com ela. Talvez os pais; talvez eles a amem e estejam desesperados para saber se ela está bem.

De todo modo, se eu sou — fui — Lucy, não haveria sentido em contactá-los, haveria? Lucy não está bem, ela está morta. Ela não existe mais. Ela foi Reiniciada.

Ela me encara através do meu desenho. Eu a fiz sem o gatinho, num cenário diferente, mas os olhos são os mesmos. Levanto para me ver no espelho e volto para o desenho. Meus

olhos. Além de serem mais jovens, os dela também são mais alegres, mesmo sem o gatinho.

Fiz o desenho com minha mão esquerda, sem prestar muita atenção. Está bom, está melhor do que bom. Ela parece que pode sair da página e vir para o meu quarto, ou se virar e

subir aquela... montanha?

Um arrepio gelado subiu por minhas costas. Atrás dela eu tinha desenhado uma longa colina que descia à esquerda, algo que eu nunca tinha visto pessoalmente: montanhas. Elas não

estavam na foto.

CAPÍTULO 26

Manhã seguinte e Sebastian ainda não apareceu.

Ele costuma estar em minha cama todas as manhãs quando acordo. Mas já faz duas manhãs que, meio acordada, busco em todas as direções sem conseguir encontrá-lo, nem o espaço aquecido onde ele teria estado.

Nem sinal dele também quando eu e Amy descemos para o café. Me surpreendo ao encontrar papai atrás de alguns papéis na sala da frente, enquanto mamãe corre pela cozinha

preparando os almoços em velocidade máxima. O jantar de Sebastian de ontem à noite ainda

está intocado em sua tigela.

— Onde está o Sebastian? — pergunto a mamãe.

— Não sei. Estou ocupada o bastante para sair atrás de um gato idiota. Ele provavelmente está caçando algum rato ou visitando um amigo.

Amy tira os olhos de seu cereal.

— Também não o vejo há alguns dias. Papai, você tem estado no barracão?

Ele tira os olhos de seja lá o que estiver lendo.

— Ontem à noite. Vou verificar após o café da manhã — ele diz e desaparece por trás daquilo.

— Às vezes Sebastian se esconde lá e fica preso — explica Amy.

Mas não posso evitar a preocupação. Se crianças desaparecem e nada é feito, imagine um gato.

Eu me apresso para ficar pronta, depois verifico o jardim. O barracão dos fundos está trancado e não tem janelas, mas eu chamo Sebastian pelo nome e colo o ouvido na porta: sem

resposta.

Um tum tum soa da frente da casa: é o Jazz. Agora que o namoro é oficial e seu carro está todo equipado com cintos, ele tem nos pegado para o colégio.

Dou a volta na casa e vejo que Amy já está lá.

— Andem, se chegarmos tarde, aposto que voltaremos de ônibus.

Pegamos a estrada e mantenho os olhos nos jardins e calçadas, procurando por Sebastian. E também na rua. São muitos os carros que passam pela rua em alta velocidade todos os dias, como o Jazz.

Mas não vejo nada.

Amy me pega olhando.

— Não se preocupe! Tenho certeza de que ele estará em casa quando voltarmos mais tarde.

— Preocupar com o quê? — pergunta Jazz.

— Nosso gato sumiu — eu explico.

— Gatos são exploradores, como eu; eles gostam de vagar pelo mundo, ver o que há para ver.

Amy revira os olhos.

— Certo, senhor Colombo; como queira.

— O que há com o barracão lá de trás? — pergunto.

— O que quer dizer? — pergunta Amy.

— Ele não tem chave. Não está junto com as outras chaves da casa, já verifiquei.

Ela dá de ombros, desinteressada.

— Não sei. Só papai o usa.

— Provavelmente está cheio de coisas de homem — diz Jazz. — Como ancinhos e cortadores de grama.

— Não. Eles estão no pequeno barracão ao lado da casa — explico. Eu tinha juntado as folhas alguns dias atrás enquanto Sebastian corria atrás do ancinho. Me sinto angustiada. Ele

tem sido minha sombra desde que cheguei. Onde pode estar?

Com Jazz dirigindo, passamos o ônibus e chegamos bem cedo. Corri até a unidade de recursos de aprendizado para pesquisar a outra coisa que não saía da minha cabeça: Keswick,

o lugar onde Lucy vivia, antes de desaparecer. Eu preciso saber: aquelas montanhas em meu

desenho são um lugar real?

Enquanto estou conectando, me vejo comparando o computador do colégio com o do Mac. Esse do colégio é como todos os computadores que eu já tinha visto. Até ontem. Temos

um igual em casa; papai instala e mantém sistemas de computadores por toda parte, e aposto

que eles também são iguais. Como sempre, a página de busca tem o link CC do lado esquerdo.

Eu nunca tinha prestado muita atenção antes: CC, para Coalizão Central. O governo. A tela de

Mac não tinha nem vestígio disso.

Meus dedos passeiam pelo teclado, a ponto de digitar Keswick, quando me dou conta.

Ontem, o Mac me preveniu para não buscar por pessoas perdidas ou algo relacionado em outros computadores. Eles são todos monitorados, ele disse. Eu, então, me desconectei, sem

fazer a busca. Subitamente enojada ao perceber que uma busca de Kyla Davis por “Keswick”,

onde uma tal de Lucy Connor havia desaparecido seis anos atrás, poderia soar um alarme em

algum lugar distante.

Alguns minutos depois, estou encarando um antigo e empoeirado atlas ilustrado do Reino Unido, retirado da prateleira de referências. Acho que eu estava errada. Na verdade, eu

tinha desenhado Lucy com um gato. A Cordilheira dos Gatos, uma cadeia de montanhas bem

conhecida por quem faz trilhas, *fácil de chegar por Keswick ao longo da costa de Derwentwater*. A imagem exata, sem tirar nem pôr, do desenho que eu havia feito na noite passada.

Talvez eu tenha visto uma foto da cordilheira em algum lugar e a reproduzi em meu desenho. Ou, talvez, uma parte de mim se lembre; uma parte de Lucy. Olho com atenção a foto

no livro e depois fecho os olhos. Tento ir até lá em pensamento. Mas não dá certo, está em duas dimensões; não consigo sentir nada sobre o lugar. Se penso diretamente nisso, não me

lembro de nada. Ainda assim, minha mão esquerda parece saber algumas coisas.

Uma bibliotecária está me olhando curiosa do outro lado da sala. Ela coloca sua xícara de chá sobre a mesa. Fecho o livro com pressa, o devolvo para a prateleira e saio.

O senhor Gianelli nos leva para um local ensolarado com nossos blocos de desenho. A previsão do tempo na TV de Mac estava errada, não há nem sinal de chuva, chuva, chuva, como eles disseram que começaria hoje.

Ele nos guia por um curto caminho até a reserva de Cuttle Brook e se acomoda em um banco com um cantil cheio de chá.

— Vão! Xô! Desenhem alguma coisa, voltem em uma hora e me surpreendam com seu trabalho.

Todos se dividem, a maioria em grupos de dois ou três. O caminho se abre em todas as direções. Observo qual deles Phoebe tomará e sigo pelo lado oposto.

Caminhos se cruzam à minha volta e me dirijo para a parte mais densa da floresta; corro um pouco, ansiosa para me distanciar dos outros. Encontro uma pedra, sento e começo a desenhar árvores, quase sem folhas agora. A grama está morrendo ao lado do riacho, e as folhas apodrecem sob meus pés.

Não há ninguém por perto. Mudo para minha outra mão. O que acontece se eu desenhar sem prestar atenção, deixando a mente vagar?

Penso na gatinha de Lucy. Cinza listrada, de pelo curto. Gordinha ou peluda, ou as duas coisas. Uma bola de pelo carinhosa e manhosa. Bote. Eu a desenho se preparando para dar o

bote em um pedaço de barbante. Ela meneia nas patas de trás, empina o traseiro, abana e salta.

Ela? Sim, de alguma forma, estou certa de que esse gatinho é ela.

Mas não posso me perder nesse desenho hoje. Em vez de uma gatinha cinza, Sebastian começa a aparecer em minha página. Preocupada e impaciente, fecho meu bloco e pego a trilha de volta.

Aquelas árvores foram plantadas na reserva florestal há mais de cinquenta anos, segundo nosso

professor de biologia. Parte delas se queimou durante as revoltas nos anos 20, mas cresceram novamente. Não mais regulares, mas selvagens. Pássaros revoam; os arbustos se

mexem. Afasto-me da trilha principal e saio vagando por um desvio meio apagado, que gradualmente me guia de volta pela direção de onde vim.

Quando me aproximo de um trecho curvo, ela está tão imóvel que não a noto a princípio: Phoebe. Sentada sozinha no chão, recostada em uma árvore com um bloco nos joelhos, distraída. Um pardal saltita pelo chão. Seria seu modelo? Ele gorjeia e ela parece conversar

com ele, murmurando algo, e o bichinho salta cada vez para mais perto, até que finalmente sobe em seu pé.

Ela sorri. Seu rosto se transforma: os olhos são pequenos e separados; os cabelos não veem escova há um bom tempo, e a pele tem muitas sardas. Mas, de alguma forma, ao sorrir

para o pardal, ela parece diferente; gentil, doce; não-Phoebe.

Ela não iria sorrir se me visse aqui, eu penso. Com cuidado, dou um passo para trás, mas ela deve ter percebido o movimento e se assusta; o pardal vai embora.

— Droga! — ela reclama, virando-se para ver quem estragou o momento, e franze o rosto ao me ver. — Está me espionando?

Não sei se respondo ou corro.

— Espionando? Não estou espionando — me ouço dizer. — Eu estava passando e vi você falando com o pardal. Como faz isso? — a curiosidade jogou as palavras para fora.

— Eu não estava falando com o pássaro — ela diz, na defensiva. — E você estava espionando, ou eu teria escutado você.

Devo admitir que ela está certa. Eu não espionei, como ela diz — ao menos, não de propósito —, mas, sem pensar no que estava fazendo, eu tinha evitado pisar em galhos que estalassem, me movendo com cuidado pelo gramado para evitar fazer barulho.

— Você consegue falar com pardais?

— Shhhh! — ela exclamou. E vejo que ele voltou. Ela sorri novamente, mas não para mim. Se me mexer e ele voar, estarei encrencada; se fico, incomodo. O que fazer? Ela desenha e eu inclino minha cabeça para ver. Está muito bom. Estou surpresa. Em aula, ela faz coisas medianas. Após um tempo, ele vira a cabeça para um lado e sai voando.

Ela fecha o livro.

— Olhe aqui. Não conte a ninguém que eu estava falando com um pardal, entendeu? Ou vai se arrepender.

Dou de ombros. Por que eu faria isso, e quem se importaria se eu fizesse? Viro para voltar pelo caminho de onde vim, mas alguma coisa me pinica por dentro e me vejo dando meia-volta. Sou só eu e ela; sem plateia para incomodar, e eu estou incomodada.

— Qual o seu problema comigo? Eu nunca lhe fiz nada.

— Você não sabe? Você é mesmo tão burra assim, sua mente-espiã?

Sinto meus punhos se apertando, mas os forço a relaxar e respiro fundo. Olho de relance para o meu Nivo: 4.8; por enquanto, tudo certo.

— Não tem ninguém aqui para ajudar se você explodir — ela riu.

— Por que me chamou assim?

— Por que você é uma mente-espiã. Você não é mais seja lá o que você costumava ser.

Você não é mais uma pessoa real. É uma espiã do governo que anda e fala, com um chip na

cabeça que rastreia tudo o que diz e faz. Você não é de confiança. Quanto ao resto de nós, nunca diríamos nada para alguém mais velho, mas você não tem como evitar. Tem? Você, assim como os outros iguais a você, dedura as pessoas, e, quando elas se dão conta, já desapareceram. Por sua culpa.

Ela se levanta e vem até mim. Estou congelada; ela me empurra com força pelo ombro para abrir caminho e segue pela trilha estreita.

Meu Nivo vibra. Não sou uma espiã. Não sou. Ou será que sou?

Quase me atraso para encontrar o senhor Gianelli. Ele está olhando o desenho de todos.

Não fiz muita coisa e tento me esconder no fundo, mas não dá certo. Ele pega meu livro: vê as

árvores desenhadas pela metade, a grama, o gatinho de Lucy e Sebastian.

— Deduzo que você não tenha encontrado seus amigos felinos debaixo de uma árvore — ele resmungou.

— Não...

— O motivo de tirar vocês, jovens artistas, da sala de aula, é para que desenhem o que veem ao redor. Geralmente é a Phoebe que tem de ser repreendida por só desenhar sua coleção de animais de estimação.

— Desculpe.

Gianelli se encaminha de volta para o colégio e todos o seguem. Começo a guardar minhas coisas na mochila quando uma mão segura meu bloco de desenho: é Phoebe.

— Devolve!

Ela se esquia do meu alcance e o abre. Um olhar — ou algo mais — passa por seu rosto quando ela vê o Sebastian. Ela ajeita as páginas e me devolve.

O telefone toca naquela noite, na hora do jantar. Mamãe franze a testa.

— Que deixem recado — ela diz, mas papai levanta-se para atender.

Mexo na minha comida, sem muita fome. Ainda nem sinal de Sebastian; após dois dias, até mamãe está começando a se preocupar.

Papai retorna, com um casaco nas mãos.

— Quem quer ir comigo buscar o gato?

Ele me conta no carro. Sebastian foi levado a uma veterinária a alguns quilômetros dali.

Ele tinha se ferido em uma briga, com uma raposa, talvez. Mas está bem.

— Como conseguiram nosso telefone?

— Ele tem um chip. Eles escanearam o chip para descobrir quem ele é, e onde vive.

Ah. Então Sebastian é um mente-grampeada como eu.

— Se não tivessem nos procurado, teríamos como localizá-lo? Com o chip?

— Depende do tipo de chip — explica papai, me olhando pelo canto de olho, enquanto dirige. — Com o do Sebastian não dá. Embora eles consigam fazer chips de rastreamento, usar

cães policias e assim por diante. Por que pergunta?

Dou de ombros.

— Me diga — ele diz. E há algo com papai, o tom de sua voz, que faz você responder quando ele lhe faz perguntas.

— É só uma coisa que me disseram no colégio. Uma colega disse que sou um tipo de espião do governo, porque tenho um chip em minha cabeça. Disse que não se pode confiar em mim.

Ele ri.

— Uma espiã? Bem, bem. Melhor eu ter cuidado com o que falo na sua frente, então.

— É verdade? Eles gravam as coisas que faço e falo?

— Claro que não! — ele diz, mas tenho a sensação de que há algo mais.

Na porta da veterinária tem uma placa onde está escrito “Fechado”, mas nós somos recebidos. — Ei, DD, como vão os negócios? — o veterinário pergunta para o papai. DD? Ah. David Davis.

— Você sabe, como sempre — eles trocam um olhar.

O veterinário empurra uma porta dupla atrás do balcão.

— Senhorita Best. Traga o gato, por favor — ele chama.

— Ele está bem? — pergunto. — Onde você o encontrou?

— Não fui eu. Uma garota que nos ajuda estava com ele em casa e o trouxe hoje. Ele está bem. Precisei dar alguns pontos e uma injeção, para não correr riscos.

— Quanto lhe devo? — pergunta papai.

— Fica por conta da casa — ele responde. — Venha dar uma olhada nisso — ele diz, e os dois entram em uma sala.

Por trás do balcão, a porta se abre e Phoebe aparece com Sebastian no colo. Mesmo do outro lado da sala de espera posso ouvi-lo ronronando, mesmo com o pelo raspado de um lado e com pontos salientes. Pobre Sebastian.

Mas o que Phoebe faz aqui? Meus olhos se arregalam e minha boca se abre quando me dou conta do que aconteceu.

— Cuidado para não engolir um mosquito, Reiniciada — ela diz.

— Você sabia. Você estava com ele e, quando viu meu desenho, soube que era meu gato, então o trouxe até aqui.

Ela deu de ombros.

— Alguém o encontrou machucado ontem e o entregou a mim para que eu cuidasse dele.

Então eu o trouxe hoje e disse ao veterinário quem era o dono. Embora ele o tenha escaneado

para verificar, de qualquer forma.

— Muito obrigada.

Ela colocou Sebastian em meus braços.

— Não seja estúpida pensando que isso nos torna amigas. Isso não muda nada, espiã — ela faz uma careta e retorna pela porta.

Me viro e vejo papai de volta à sala de espera, sobancelha erguida. Um olhar pensativo em seu rosto.

— Vamos. Hora de ir para casa — ele diz, segurando a porta aberta.

Entramos no carro e, quando estamos chegando, ele diz:

— Era ela, não era? — ele fez uma afirmação, não uma pergunta.

— Quem?

— A garota que falou que você era uma espiã.

Eu não disse nada. Se confirmo, é porque sou uma espiã, no final das contas.

CAPÍTULO 27

A primeira coisa que ouço na manhã seguinte é um ronronado forte e profundo: Sebastian. Ele parece ter decidido que meu travesseiro é um bom lugar para dormir e está enroscado sobre ele. Por mim, ele dorme onde quiser.

Ele não parece ter sido abalado por suas experiências: ter lutado com raposas, ou alguma outra criatura, resgatado e entregue a Phoebe, para ser costurado pelo veterinário. Ele

aceitou os petiscos especiais que mamãe lhe deu de jantar quando voltamos na noite anterior e

então foi direto para minha cama, dormir.

Phoebe: não consigo entendê-la. Ela é tão desagradável, e ainda assim aquele pardal confiava nela. Sebastian ronronou em seus braços e ela o trouxe de volta. Vi seu rosto quando

ela o entregou a mim; ela não queria devolvê-lo, mas ainda assim o fez. Ela deve gostar mais

de animais e pássaros do que de pessoas.

Bem, eu gosto mais de Sebastian do que da maioria das pessoas, então quem sou eu para julgar?

*

Como Jazz está numa excursão, eu e Amy seguimos de ônibus para o colégio.

Conforme andamos, me pergunto: será que devo contar a Phoebe que Sebastian está bem? Mas, quando tento um contato visual, ela faz uma careta e balança de leve a cabeça. Sendo assim, a resposta é não.

Sento-me nos fundos, ao lado de Ben.

— Ei — ele diz. — Tudo bem?

— Sebastian voltou para casa — eu digo, baixando a voz e aproveitando o barulho do ônibus para contar a ele o que Phoebe havia feito.

— Isso serve para lhe mostrar — ele diz.

— O quê?

— Que as pessoas nem sempre são como pensamos que são. Foi legal isso que ela fez. Quem podia imaginar? — ele sorri.

Tenho certeza de que ela fez isso por Sebastian, e não por mim. Não mudou nada, ela disse ontem à noite.

A senhora Ali aguarda do lado de fora da minha primeira aula.

— Podemos ter uma conversinha? — ela pergunta e me arrasta para um pequeno escritório do outro lado do corredor, sem esperar resposta. Ela fecha a porta às nossas costas.

— Algum problema? — pergunto.

— Não fique tão preocupada, Kyla. Você não fez nada de errado. Mas sabe que estou aqui para ajudá-la, não sabe?

— Sim, claro.

— Me escute, Kyla. Se alguém está incomodando você no colégio ou lhe causando problemas, você precisa me contar. Não gosto de saber das coisas por outras fontes. Fica parecendo que não estou fazendo o meu trabalho.

Olho confusa para ela. A única pessoa que preenche esses requisitos é Phoebe, mas ninguém sabe

sobre isso. Estávamos sozinhas na floresta quando ela me disse aquelas coisas.

— Não entendo. O que você ouviu?

A senhora Ali sorri e balança de leve a cabeça.

— Pobre Kyla. Este mundo deve ser tão confuso para você. É por isso que estou aqui para ajudá-la. Mas não tenho como fazer isso se você não me ajudar também. Então, há algo

que queira me contar, querida?

— Não. Nem sei do que a senhora está falando — respondo, embora convencida de que, de alguma maneira, ela sabe de algo sobre Phoebe e quer que eu conte. Mas não importa o que

Phoebe tenha me dito, eu não sou uma espiã.

No entanto, como eu poderia dizer algo contra ela, já que, se não fosse por ela, não

teríamos Sebastian de volta? Sequer saberíamos se ele estava vivo ou morto.

A senhora Ali me encara e posso ver em seus olhos: ela sabe que estou escondendo algo. Ela balança a cabeça.

— Desculpe, Kyla. Você pode não saber que precisa de ajuda, mas precisa. Eu sou tudo o que existe entre você e... a maioria das possibilidades desagradáveis. Cuide-se. Agora, vá

para a sala de aula.

Ela se vira, abre a porta e caminha para fora.

Meus joelhos parecem geleia. Será que aquilo foi uma ameaça? Que possibilidades desagradáveis?

Permaneço na sala, fecho a porta e tento me recompor. Me imagino em meu lugar feliz, flutuando nas nuvens. Mas cada vez mais tenho a sensação de que algo está errado, de que fiz

alguma coisa. E pagarei por isso.

No mínimo vou levar uma bronca por chegar atrasada à aula. Balanço a cabeça: certo,

Kyla, recomponha-se. Respiro fundo e alcanço a maçaneta da porta, mas ouço passos.

Rápidos, precisos. Eu vacilo; minha mão cai para o lado. A luz do escritório está apagada, o

corredor está aceso e há uma janela na porta. Dou um passo atrás na escuridão e observo. Os

passos ficam mais próximos: dois homens de terno cinza aparecem. Lordeiros.

Eles abrem a porta oposta à minha sala de inglês, onde eu deveria estar neste momento.

Seria esse um caso de possibilidade desagradável? Eles tinham vindo me buscar?

Eles desapareceram no interior da sala e voltaram momentos depois. E entre eles estava uma pálida Phoebe.

No final do dia, quando peguei o ônibus, havia murmúrios; murmúrios e rostos pálidos.

Os olhares percorriam minha espinha enquanto eu seguia pelo corredor e sentava ao lado de

Ben, mas, quando me virei para olhar, nenhum deles se voltava para mim. Eles pensam que eu

fiz algo. Eles sabem que ela foi desagradável comigo, então, de alguma forma, os Lordeiros

tirando-a da sala é minha culpa.

O assento que Phoebe costuma usar continua vazio; ela não aparece. O ônibus dá a

partida. Então eles não falaram com ela simplesmente e a deixaram ir, não foi? Sinto calafrios.

— Você está legal?— pergunta Ben, segurando minha mão e observando meus olhos, que buscam pelo ônibus, de rosto em rosto. Ele vê os olhares se desviando. — O que está acontecendo?

Balanço a cabeça. O que posso dizer com tantos ouvidos hostis prestando atenção? Quero correr hoje à noite, quero correr agora, mas estou encurralada dentro do ônibus, todos aqueles corpos em volta. Me concentro na mão quente de Ben, fecho meus olhos e desejo estar em qualquer lugar, menos ali.

— Me diga o que está acontecendo — ele diz. — Talvez eu possa ajudar.

Abro meus olhos e balanço a cabeça.

— Agora não. Você vai treinar esta noite, depois do grupo? — pergunto, e ele confirma com a cabeça. — Posso ir?

— Claro! — ele sorri.

— Conversaremos lá, então.

E sua mão segura a minha com força. Ele sabe que é algo sério, se preciso correr para ser capaz de falar sobre o assunto.

CAPÍTULO 28

É preciso ser convincente. Mamãe jamais me deixaria ir, mas papai ainda está em casa. Já de saída novamente, mala na mão para uma viagem de trabalho.

— Por favor, preciso correr — eu digo, e ele parece entender, convencendo a mamãe. Quando Ben bate à porta, papai já se foi.

— Tem certeza, Kyla? Parece que vai chover — diz mamãe, examinando o céu escuro com preocupação.

— Vou ficar bem. Isto é à prova d'água, não é? — pergunto, esticando a manga da minha jaqueta. E não havia como não me enxergarem nesse colete fluorescente que ela me obrigou a vestir por cima da jaqueta.

— Vocês vão seguir por ruas e caminhos principais?

Ben promete tomar conta de mim e a olha confiante. Ela parece satisfeita e lá vamos nós. Começamos devagar e aumentamos o ritmo. Temos uma hora até a reunião do grupo, cinco quilômetros pela frente. Moleza.

Ben me olha vez ou outra com curiosidade enquanto corremos. Posso notar que está

esperando que eu fale, mas de repente não tenho certeza do que dizer.

Fato: Phoebe foi má comigo. Fato: ela foi tirada do colégio pelos Lordeiros e não estava no ônibus de volta para casa. Mas é tudo o que eu sei, não é?

Corro em alta velocidade. Ben me acompanha, no mesmo ritmo. Suas pernas, muito mais longas, não precisam se esforçar tanto.

— Vamos chegar cedo, nesse ritmo — ele diz. — Que tal diminuir?

E assim fazemos; primeiro uma corrida leve, depois uma caminhada.

— Tem algo a ver com a Phoebe? — ele pergunta.

— O que você sabe?

— Ouvi algo sobre isso quando saí do ônibus, esta tarde. Alguém disse que alguém a viu sendo empurrada para a van de um Lordeiro de manhã. Mas foi tudo o que ele disse. Nenhum

deles viu realmente alguma coisa. Embora ela não estivesse no ônibus.

— É verdade, eu os vi. Dois Lordeiros entraram na sala de aula e saíram um minuto depois. Um deles a segurava pelo braço; eles a levaram pela escada para fora do prédio.

— Alguém sabe por quê?

— Eu ia lhe perguntar isso.

Ele hesita.

— Algumas pessoas pensam que você pode ter dito algo. Para prejudicá-la.

— Eu não disse nada! Eu não faria isso!

— Sei disso. Ainda mais depois de ela ter trazido seu gato de volta — ele diz, e posso ver que acredita nisso. Mas não tenho certeza. Posso ter dito alguma coisa, mesmo sem querer.

— Algo mais? — ele pergunta.

Dou de ombros.

— Só umas coisas que Phoebe disse: que nós somos espiões do governo, por causa dos chips em nossos cérebros.

— Isso não é verdade.

— Mas e se for e nós não soubermos? Talvez eu a tenha dedurado sem sequer saber.

Talvez alguém tenha escaneado o meu cérebro e pimba!, ela se foi. Porque disse coisas que

não agradaram ao

governo.

Ben balança a cabeça.

— Isso não pode ser verdade.

— Por quê? Como você sabe?

— Porque, se fosse, nós teríamos sido os primeiros a ir.

Olho para ele em choque. Por força do hábito, verifico meu Nivo, mas está tudo bem — ainda alto pela corrida, próximo a 7 —, mas minha pele está reagindo ao que ele diz, formigando. Estremeço. Ele está certo. Tínhamos conversado sobre a devolução de Tori e dos

outros que foram afastados da reunião, e perguntado o que estava acontecendo. Muito pior do

que qualquer coisa que Phoebe tivesse dito ou feito.

Mas, não importa como, ainda tenho a horrível sensação de que, de alguma forma, deve ser culpa minha. Por causa da senhora Ali: ela disse que não gostava de saber das coisas por

outras fontes. Ela deve ter ouvido algo sobre Phoebe e, de algum modo, isso tem relação comigo.

— Descobri uma outra coisa — diz Ben. — Por que alguém levaria seu gato para Phoebe. Ela cuida de vários animais feridos; para pessoas que não podem pagar um veterinário. Ela leva jeito para isso.

Quem cuidará deles agora?

— Vamos correr — eu digo, correndo novamente.

Ultrapassamos o auditório onde o grupo se reunirá em breve e seguimos em frente.

Enquanto meus pés batem no chão vez após outra e meu corpo passa do cansaço à exaustão, penso em todas as coisas que não contei a Ben. Sobre Lucy Connor, a garota desaparecida; sobre Robert — Robby —, que sobreviveu às bombas, mas ainda está no memorial.

Finalmente retornamos ao grupo.

— Vamos nos atrasar — eu digo.

— Vamos? — Ben dá de ombros. Ele está sempre atrasado. Mas não acho que a tolerância especial da enfermeira Penny para o atraso dele se estenderia a mim.

Corremos para o auditório com cinquenta minutos de atraso.

— Eu estava prestes a ligar para sua mãe — disse a enfermeira Penny, as mãos nos quadris. Nenhuma palavra para Ben.

— Desculpe! Foi minha culpa — diz Ben. — Escolhi o caminho mais longo, não tivemos tempo suficiente para voltar.

Ela se derreteu e sorriu para Ben.

— Oh, tudo bem então, sentem-se vocês dois. Estávamos começando a falar sobre as metas de cada um para os próximos meses.

Eu me desligo enquanto ela se dirige ao grupo. Minhas metas: me manter o mais distante possível dos Lordeiros, ficar longe de problemas. E descobrir *o que aconteceu com Phoebe* é

um sussurro insistente em meu pensamento.

Quando ela se dirige a mim, estou tão preocupada que não percebo, até Ben cutucar meu ombro.

Penny faz uma careta.

— Tente não se distrair, Kyla. Talvez a corrida seja demais para você. Agora, você tem alguma meta que gostaria de compartilhar?

Não muitas; não em voz alta. Mas o que acabo dizendo reflete meus pensamentos: me sair bem no *colégio e ficar longe de problemas*.

A reunião finalmente termina.

— Cuide-se — diz Ben, apertando minha mão e começando a correr para voltar para casa. Eu o vejo ir e desejo poder segui-lo.

Os outros se dispersam e me dirijo para a porta também, mas Penny me chama.

— Espere, Kyla. Quero dar uma palavra com você.

— Sim? — eu me viro.

— Está tudo bem?

— Ficaria bem se as pessoas não me perguntassem toda hora se tudo está bem! — respondi sem pensar. E corei. — Me desculpe. Eu não devia ter dito isso.

Ela poderia ser uma das pessoas que ficam tomando nota de cada palavra minha, cada pensamento.

Ela suspira.

— Sente-se, Kyla.

Eu me sento.

Ela fecha seu netbook e se acomoda perto de mim.

— Estou do seu lado — ela diz. E suas palavras são tão parecidas com a da senhora Ali, que recuo. Mas ela parece angustiada. — Não, Kyla. Não fique assustada comigo

desse

jeito. Para sua informação, podemos falar não oficialmente, compreende? Não vou correr para

contar a alguém tudo que você me diz. Pode confiar em mim.

Apesar de tudo, acredito que ela esteja falando a verdade. Mas quem sabe o que ela poderia fazer para o meu próprio bem?

— Então me diga. Está escrito na sua testa; algo está errado. O que é?

Talvez eu possa conseguir informações.

— Uma garota foi levada hoje do colégio. Pelos Lordeiros. Eu a conhecia, foi só isso.

— Oh, querida! O que houve?

— Dois deles entraram na sala de aula e a tiraram de lá. Ela foi vista sendo empurrada para uma van preta.

— Você sabe por quê?

— Não tenho certeza. Pode ter sido por algumas coisas que ela disse.

— Há algo mais nessa história, não há? — ela pergunta e levanta uma mão em seguida.

— Mas não me conte! Essa garota, quantos anos ela tinha?

— Não sei. Era da minha turma.

— Do segundo ano?

Fiz que sim.

— Escute, Kyla. Isto é muito importante. Não faça perguntas, fique fora disso — ela segura meus ombros com força entre suas mãos e me olha nos olhos. — É para o seu próprio

bem. Você me entende?

— Sim.

De repente ela muda de assunto e sorri alegremente.

— Vejo você novamente na próxima quinta! Tenha uma boa semana, minha querida.

Ela se afasta; me viro e mamãe está no corredor. Vou até ela, que ergue uma sobrancelha.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo — respondo. E então, numa súbita inspiração, acrescento: — Chegamos um pouco atrasados da corrida. Ela estava me chamando atenção.

Mamãe franze a testa.

— Pontualidade é importante, Kyla — e fez um sermão até em casa.

Na tarde seguinte, os alunos do segundo ano foram chamados para uma reunião, como toda sexta

feira. Mas há algo diferente nesta semana.

Todos estão cautelosos. Há pouca conversa, nada de brincadeiras, nenhum plano foi feito para o fim de semana. O diretor nem chegou ainda. Mas todos sabem sobre Phoebe, e estão assustados.

Ninguém falava por saber que eu estava ouvindo, é claro; mas percebi cochichos o dia todo. De alguma forma, o desaparecimento dela foi mais problemático que o de Tori ou dos

outros da semana passada. Todos compreendiam por que eles haviam sumido. Mas Phoebe praticamente não demonstrava ser uma pessoa desagradável; ela não se envolvia com coisas

ilegais ou desafiava autoridades; não como os outros que desapareceram.

Quando Rickson entra na sala, seguido por dois Lordeiros, a sala já está em silêncio.

Ele olha ao redor: todos os olhares para a frente; todas as colunas em linha reta.

— Boa tarde, segundo ano — ele diz sorridente, nitidamente satisfeito.

A reunião é rápida. Quando termina, os Lordeiros tornam a se postar na saídas, no fundo da sala. Eles observam, encarando um rosto de cada vez conforme nos organizamos para sair.

Nenhum ombro foi segurado, ninguém foi puxado para o lado.

Não desta vez.

Jazz é quem nos leva hoje; chego ao carro antes de Amy. Ela aparece pelo lado do prédio. Jazz a vê e acena, depois se volta para mim.

— Uma palavra rápida, antes de Amy chegar — ele diz, com a voz baixa.

— O que é?

— Mac quer ver você; ele disse que vai me avisar em algum momento da próxima semana. Mas não é para dizer nada, para ninguém. Está certo?

Amy chega antes que eu possa responder; ele se vira, a abraça e abre a porta do carro. Tento não tremer enquanto entro no banco de trás.

Mac e seu computador ilegal; seu site de pessoas desaparecidas, onde está Lucy (eu?).

Ele espera que eu guarde segredo e não conte a ninguém. Mac tem feito muito mais do que

Phoebe e os outros fizeram para desaparecer, e ele é muito velho para ser Reiniciado. O que

pode acontecer com ele se alguém descobrir?

Espero que ele não confie em mim. Seja lá o que ele queira me contar, eu não quero saber.

CAPÍTULO 29

Quero correr.

Surtem ondas de pânico, que aumentam conforme nos aproximamos do hospital. O trânsito está tão ruim hoje; mamãe está experimentando um outro caminho. Ela disse que é mais longo, mas deve ser mais rápido. Inspira, *expira*; inspira, *expira*: eu me concentro na respiração e na estrada. Memorizando as grades, enfileirando-as em minha mente para me distrair e não pensar na doutora Lysander.

Ela percebe tudo. Se eu não lhe disser nada interessante, ela vai insistir até encontrar algo. Mas hoje não tenho que proteger apenas minhas preocupações, mas também Mac. E Ben,

e Lucy. Eu/Lucy, um ser interior que quero acolher e proteger, mas que está aqui. Uma sombra,

um fantasma, que caminha comigo, seguindo meus passos.

Logo nos aproximamos do outro lado, novo aos meus olhos, mas o hospital parece o mesmo, com as grades altas. Torres com guardas em intervalos regulares. Eu automaticamente

mapeio as dimensões, os números. As saídas, os portões. Uma van de entrega desvia para um

deles quando passamos; nós continuamos pelo perímetro até chegar ao mesmo portão que usamos da outra vez.

Aguardamos em uma fila. Eles estão olhando sob os carros com espelhos, colocando todos para fora e escaneando enquanto os carros são revistados.

— Deve ser um alerta — diz mamãe, me dando um susto. Ela passou quase todo o caminho calada, deixando meus pensamentos me remoerem. Eu a observo: está com olheiras.

Ela parece cansada. Agora me recordo que o telefone tocou ontem à noite. Era muito tarde,

mas eu ainda estava acordada; ouvi seus passos sobre minha cabeça, o murmúrio de sua voz.

— Está tudo bem? — perguntei. Ela deu um sorriso sem graça.

— Eu que deveria estar perguntando isso, não acha?

Avançamos um pouco enquanto o carro à nossa frente atravessava o portão. Faltavam dois.

— Eu perguntei primeiro — eu disse.

— Verdade. Mas aqui não é local para discutirmos isso. Na volta para casa, está bem? Mais um pouco para a frente. Então há algo errado e ela vai me falar sobre isso, mas perto dos Lordeiros não é conveniente.

— Não me conte nenhum segredo — falo com pressa. — Não tenho certeza se posso guardá-los.

Ela ri.

— Vou tomar cuidado.

Avançamos mais um pouco. Não nos liberam; mandam encostar, é nossa vez. Há um enxame de Lordeiros ali, mais do que já tinha visto em um único lugar. Estão de uniforme preto e não de terno cinza, com coletes e armas. Tenso. Não que alguma vez eles tenham parecido relaxados, mas hoje irradiam tensão.

Sáímos do carro e somos escaneadas, da cabeça aos pés, enquanto alguns deles correm para o carro. Mais uma vez não consigo evitar a reação, o medo que me toma na presença deles. Mas eles não parecem notar. Somos empurradas de volta para o carro e entramos.

— O que foi aquilo tudo? — pergunto.

— Não se preocupe, Kyla. Provavelmente estão preocupados com algum ataque, mas eles dão conta. Eles sempre dão.

Observo seu rosto. A forma como ela falou não pareceu natural. Como se os Lordeiros sempre à frente de tudo não fosse uma coisa boa, mas algo completamente diferente.

Imaginação, Kyla. Vá com calma. — Venha! — ela chama. Sua voz é familiar: clara, sem ser alta. Ela não precisa erguer a voz. Está acostumada a ser obedecida sem questionamento.

Como sempre, o meu lugar é o único ocupado em sua sala de espera, já que mamãe saiu para tomar chá com uma enfermeira conhecida. Eu paro e sigo porta adentro, feliz por escapar: dois Lordeiros estão parados no corredor.

— Bom dia, Kyla — ela diz. Doutora Lysander, diferentemente de mamãe e dos Lordeiros, e de mim também, parece tranquila. Como costuma ser, e sempre será. Seus olhos

escuras são analíticos, mas não são rudes; ela parece distraída, ainda que por um breve momento.

Quando me dou conta, estou sorrindo para ela, me sentindo estranhamente tranquila.

Perigo, tenha cuidado, sussurra uma voz dentro de mim.

— Você parece feliz em me ver hoje.

— Estou — eu me pego respondendo, enquanto sento diante de sua mesa.

Ela sorri meio de lado.

— Bem, acho que isso é bom, mas por quê?

Dou de ombros.

— Você é sempre você. Igual.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Não sei se devo tomar isso como um elogio. Embora seja muito preciso — ela olha para o computador e toca na tela. — Então, se você está achando a rotina confortante hoje, existem mudanças ou potenciais mudanças que estão incomodando você? — ela fixa os olhos

em mim.

Não há como me esconder. Diga a verdade, mas apenas parte dela, uma voz sussurra novamente. Eu pisco.

— Eu estava com medo de vir ao hospital hoje — admiti.

— Medo de quê?

— Toda essa segurança. A última vez que viemos aqui havia barreiras na estrada, e hoje eles estavam revistando os carros.

Ela inclina a cabeça para um lado por um instante, como se estivesse ouvindo seus próprios pensamentos.

— Talvez esse medo tenha sua razão de ser. Você sabe o que são os TAG, os Terroristas Antigovernistas? Há suspeita de que outro ataque esteja planejado para o hospital.

Eles estão sendo cuidadosos.

— Você não está com medo — arregalei os olhos.

Ela dá de ombros.

— Não. Já passei por tantos alertas de ataque que perdi o medo — ela se recostou na cadeira. — No entanto, ainda estou curiosa para saber por que eles incomodam você. Terroristas; bombas. Explosões, gritos e...

— Me conte, Kyla — ela insiste.

— Há um memorial no colégio. Há seis anos atrás um ônibus cheio de estudantes se

envolveu com um ataque do TAG e a maioria morreu.

— Sei. Você está começando a entender sobre causas e efeitos; o terrorista e a morte.

— Como eles puderam fazer aquilo? Eram crianças. Elas não fizeram nada.

— Estavam no lugar errado, na hora errada — ela encolhe os ombros.

— Eram pessoas reais!

— Claro — a sobancelha dela se ergue novamente. — Pessoas reais se machucam todos os dias, e isso causa dor para aqueles que se preocupam com elas.

— Você fala como se não fizesse parte desse grupo — digo com cuidado, olhando para ela e me dando conta de que também posso ver as coisas.

Seus olhos demonstram uma surpresa genuína.

— Muito bem, Kyla. Eu não faço.

— Por quê?

Ela dá de ombros.

— Em parte porque sou médica e sei que não posso curar todo ferimento; me concentro apenas naqueles que posso.

Em parte, ela disse. Há algo que ela não está me revelando. Mas não sou tão burra a ponto de mexer em sua ferida; é o trabalho dela cutucar as minhas.

Ela olha para a tela novamente.

— Vejo que está se saindo bem no colégio e no grupo, e que fez alguns amigos. Não teve mais apagões. Isso é muito bom. Tem tido pesadelos? — seus olhos retornam para mim.

Murada em uma torre, presa e batendo nas paredes...

— E então?

Mudo de ideia. Não sei por quê, apenas mudo. Conto a ela sobre meu sonho com o ônibus bombardeado. Ela escuta, enquanto descrevo os gritos e o sangue nas janelas. O cheiro

do combustível e da carne queimando.

Ela se encolhe; um leve movimento involuntário. Não tão controlada assim, afinal. Ela levanta a mão e eu paro.

— Você tem muita imaginação, o que é bom. Mas agora entendo por que o alerta estava preocupando você. Está segura aqui, Kyla: este é um dos lugares mais seguros para se estar.

Segura, fechada, trancada: ela está trancada no que está mais para uma torre de verdade do que qualquer torre que eu tenha imaginado em meus sonhos.

— Você nunca sai daqui? — pergunto.

— Como assim?

— Você tira uns dias de folga, vai para o campo, dá uma caminhada na floresta ou algo assim?

— Você está cheia de perguntas surpreendentes hoje! Eu saio, sim. Uma vez a cada duas ou três semanas, amanhã, por exemplo, mas não faço caminhadas. Tenho o Heathcliff, meu

cavalo. Saio para cavalgar e... — ela para de repente e estremece. — Não sei como você me

faz falar tanto assim — ela ri para si mesma. — Você deveria ser médica. Agora, escute aqui.

Pare de se preocupar com terroristas. Deixe que os Lordeiros cuidem disso; é o trabalho deles. Agora, vamos ao que você precisa fazer. Você precisa ter algo seu, uma meta, uma paixão. Um foco. Existe algo?

— Arte — respondo. Afinal de contas, é o que há de mais importante.

— Sabia que você diria isso — ela sorri. — Veja, você também tem seus momentos previsíveis. Concentre-se em seus desenhos, suas pinturas, faça disso sua razão de viver, e o

resto não será tão importante.

— Como o seu cavalo? — pergunto.

— Sim — ela responde rapidamente, e eu me questiono se o mais importante não deveriam ser seus pacientes.

Na volta para casa, ou mamãe esqueceu que ia me contar o que a estava incomodando, ou decidiu não me contar. De qualquer forma, não pergunto.

Minha mente está ocupada com as coisas que a doutora Lysander me disse, e as que não disse. Não houve comentários sobre a senhora Ali ou Phoebe, e ela não costuma se intimidar

com assuntos difíceis. A única possibilidade é que ela não saiba nada sobre isso. Ao menos

talvez isso signifique que a senhora Ali não preencheu um relatório desagradável sobre mim.

E acho que eu não disse nada que não devia, nada que pusesse alguém em perigo.

Quem sabe, no final das contas, eu possa, sim, guardar segredos.

Me ajude.

Lucy ergue as mãos. A direita está perfeita, cinco dedos brancos, com unhas. Meus dedos, um pouco menores. A esquerda está sangrando, os dedos inclinados em estranhos ângulos.

Dou um passo para trás.

Olhos verdes, meus olhos, brilham até que uma grossa lágrima escorre de cada pálpebra.

Por favor. Me ajude...

— Acorde, Kyla.

Acordo e abro os olhos, confusa. Mamãe está soltando seu cinto. O carro parou.

Chegamos em casa.

CAPÍTULO 30

Está frio e finalmente chegou a chuva que a meteorologia havia prometido na semana passada. Uma chuva constante, em vez de um dilúvio, mas já passou há algum tempo e as folhagens começam a ficar encharcadas de gotas d'água.

Corremos juntos, Ben e eu. Nos afastamos dos outros. Tão rápido que não sinto frio, apesar de estar encharcada.

— Porcaria de tempo ruim — reclamo.

— Sim, típico de outubro — diz Ben.

Como eu poderia saber? É o primeiro outubro de que me lembro.

Quando chegamos para o treinamento cross country esta manhã, em vez de mandar os garotos antes das garotas, Ferguson nos mandou começar com um minuto de diferença na ordem em que terminamos na semana passada. Assim, Ben e eu arrancamos primeiro, já que

fomos os mais rápidos da última vez. Apertamos o passo, sabendo que os outros teriam dificuldade de nos alcançar.

Saímos da floresta e pegamos uma colina. Sem cobertura agora, e chovendo forte, nossas pisadas são incertas com tanta lama e folhas. A trilha se abre pela colina, então a água

corre ladeira abaixo. Temos de diminuir o ritmo para não escorregar.

— Não é ótimo? — diz Ben, encharcado e respingado de lama da cabeça aos pés.

— Maravilhoso — digo, sarcástica. E rio. É maravilhoso correr ultrapassando os sentidos, para a zona onde me sinto realmente viva. Sinto cada gota que cai em minha cabeça e

posso ver cada uma delas descendo dos céus e diminuindo o seu ritmo com meu olhar, para

acompanhar sua descida. Meus sentidos estão mais apurados. Se eu me esforçar, posso até esquecer Tori e Phoebe. E ser assombrada por Lucy. Ela está lá quando fecho meus olhos, erguendo suas mãos, implorando por socorro. O que não faz sentido, por muitas razões.

— Pare um pouco — diz Ben, quando chegamos ao alto da colina.

Nos aconchegamos sob um grande carvalho. Ele se agacha para amarrar o cadarço, levanta-se e recosta na árvore. Daqui podemos ver todo o vale; o céu está escurecendo. Nenhum dos outros está à vista.

— Aposto que eles voltaram — diz Ben. — Frouxos! — ele ri.

— Devemos voltar?

— Não. Já passamos da metade do caminho, não faz sentido.

— Vamos em frente — eu digo, ansiosa para continuar correndo. Para fazer com que tudo desapareça.

— O que foi?

Dou de ombros, cruzando os braços.

— Me conta, Kyla — ele diz, e eu fito seus olhos castanhos, e confio, realmente confio, mas será que devo?

Estremeço e ele me abraça.

— Quero correr — insisto.

— Não até que você fale.

Os olhos de Ben são piores que os da doutora Lysander: eles me prendem contra a árvore. Conforme meu ritmo cardíaco e respiratório desaceleram, começo a tremer, mas não

de frio. Coloco meu rosto contra seu peito para desviar de seu olhar.

— Talvez eu possa ajudar — ele diz.

Há tantas razões para não dizer nada. Prometi ao Mac. Saber de coisas perigosas pode colocar Ben em perigo. Não sei se ele consegue guardar segredos, realmente guardá-los; nem

sequer sei se eu

posso.

Ben se afasta e se vira; senta-se em uma pedra sob a chuva torrencial e me coloca em seu joelho.

— Não vamos a lugar nenhum até que você me conte o que há de errado.

Suspiro, fecho os olhos e me aconchego contra ele. Ficar aqui, neste momento, não me parece ruim. Seu abraço se torna mais apertado, ele se vira, coloca uma mão sob meu queixo e

levanta meu rosto. Abro os olhos, os dele estão bem perto agora, ele se curva. Meu coração

palpita e começa a bater rápido novamente, embora eu tenha parado de correr. Seus olhos se

fixam nos meus, como naquele dia em que pensei que ele fosse me beijar, mas tudo o que ele

queria era falar sobre a Tori.

Tori, Phoebe e Lucy: eram tantos fantasmas entre nós. Mas posso exorcizar ao menos um deles com a verdade. Me afasto um pouco e escolho as palavras.

— Você alguma vez se perguntou por que transformaram você em um Reiniciado?

— Vamos voltar a isso? — ele dá de ombros. — Algumas vezes. É difícil evitar. Mas não há como saber quem fomos e...

— Mas eu sei.

Silêncio. Tudo que consigo ouvir é a chuva, e tudo que consigo ver é dúvida nos olhos de Ben.

— O que quer dizer? — ele pergunta, finalmente, seu rosto cuidadosamente neutro.

Engulo em seco. Não há por que ignorá-la, não é? Ela não irá embora.

— Meu nome era Lucy Connor. Fui dada como desaparecida aos dez anos de idade. Eu tinha um gatinho cinza e era uma artista. Alguém q-q-quebrou os meus dedos. E alguém sente

minha falta — a cada frase sussurrada eu estremeço. Alguma coisa se contorce dentro de mim,

estremece, tenta sair. Eu choro. Afundo nos braços de Ben e ele apenas me abraça, acaricia meus cabelos. A chuva cai forte de repente e começa a ventar. Outra tempestade se faz dentro

de mim.

— Como você poderia saber essas coisas? — ele, enfim, pergunta.

E, assim que as lágrimas diminuem o suficiente para que eu consiga falar, eu lhe conto sobre o computador ilegal, o site das pessoas desaparecidas e Lucy. Pouco a pouco percebo

que ele começa a acreditar.

— Não entendo — ele diz. — Pessoas desaparecidas?

— Muitas pessoas desaparecem. Não são presas e interrogadas, apenas desaparecem. Talvez nem sejamos criminosos.

Ben balança a cabeça.

— Eles não podem fazer isso, é ilegal. Como o governo pode desrespeitar as próprias leis?

— Talvez não tenhamos feito nada de errado, mas o governo apenas decidiu que não gosta de algo que fizemos ou dissemos. Você quer descobrir? Se você também está no site de desaparecidos?

O rosto de Ben se torna complexo. Ele começa a falar, mas eu levanto a mão.

— Espere — eu digo, virando a cabeça. É difícil ouvir direito com tanto vento e chuva, mas será que alguém se aproxima?

Surge uma silhueta no alto da colina. Tento me levantar rápido, mas Ben me segura firme. É um dos garotos do treino; ele sorri com malícia para nós dois sentados ali e passa direto.

Ben me solta e eu me levanto.

— Por que você fez isso? — reclamo.

— Ele ia nos ver de qualquer jeito. Melhor deixá-lo pensar que estávamos nos agarrando do que no meio de uma conversa perigosa.

Nos agarrando. Era isso que estávamos fazendo ou era apenas uma desculpa? Meu rosto pega fogo, embora eu comece a me sentir congelada. Torno a me virar por conta de um barulho; alguém mais nos alcançou?

— Vamos correr — convida Ben e, sem esperar por resposta, ele inicia uma corrida a toda a velocidade.

Muito bem. Eu o sigo e tento alcançá-lo, mas não consigo; ele deve ter se segurado antes. Seu passo fica mais espaçado e ele logo está fora de vista. É quase como se alguém o estivesse perseguindo, algo que ele não quer encarar.

Mas sou apenas eu.

CAPÍTULO 31

O pardal de Phoebe está na parede da frente do estúdio da sala de artes. Não há nenhum outro trabalho ali. Alguns estão dispostos nos cantos, nos fundos, mas nunca na frente. Ela

não

havia assinado seu esboço. Apenas nós poderíamos reconhecer a autoria. Em vez de gritar para que nos apressássemos, o senhor Gianelli está silencioso enquanto nos organizamos em

fila para escanear nossos cartões. O motivo: é nossa primeira aula desde que Phoebe foi levada. Todos veem seu desenho do pardal e também se calam.

Ele deve saber. Eu olho na direção da porta; a senhora Ali está lá, parada. Ela ainda me acompanha muitas vezes entre as aulas, embora seja óbvio que eu já saiba me orientar. Ela está de olho em mim, já percebi. Mas será sempre assim? Ben e Amy não têm ninguém na cola

deles.

A senhora Ali observa a sala. Ela sente que há algo no ar, olha rosto por rosto. E fica.

— Turma, hoje quero que vocês pensem sobre algo: a importância de se conectar com o que colocam no papel. Observem nosso amigo aqui, o senhor Pardal. Vejam a importância, a

conexão; é um momento único que leva você para um lugar além, torna você melhor do que é,

encontra o artista dentro de você. A conexão entre você e seu modelo. Dar e receber. A forma

como você vê seu modelo, como ninguém mais pode ver.

E ele dá um passo atrás, está conosco: todos os olhos estão no esboço de Phoebe. Todos juntos estudando o desenho. O pardal que confiou nela, saltando cada vez para mais perto. O

sorriso de Phoebe enquanto desenhava, murmurando para o pardal, e ele trinando para ela. O

tempo vai passando, um minuto de silêncio, depois dois.

Ele sacode a cabeça com tristeza e volta para a frente da sala.

— Hoje, desenhem algo ou alguém com quem vocês se importem, que os faça sentir algo; qualquer sentimento. Bom ou mau, não importa. Vamos! Comecem.

Ele vai para sua mesa. As pessoas começam a se mover pela sala, pequenos movimentos, sem pressa. Papéis ajeitados. Lápis e barras de carvão escolhidos. Como se tudo

acordasse de um sonho, um transe.

Eu me debruço sobre folhas brancas e grossas. Pelo canto dos olhos vejo a senhora Ali, cujo olhar está pensativo, intrigado; ela sai.

Gianelli parece mais velho hoje, as linhas sob seus olhos estão mais pronunciadas; sua pele está tão cinza quanto o cabelo. Um protesto silencioso por um de seus alunos ter sido levado, mas todos sabemos o que ele acaba de fazer, o risco que assumiu. Vejo-o pegar discretamente um frasco do bolso e derramar o conteúdo em seu chá. A seguir começa a desenhar algo.

Sem pensar ou questionar, uso minha mão esquerda. Sentada de um jeito que possa ver a porta, para o caso de a senhora Ali retornar.

Desenhar alguém com quem me importe; alguém que me faça sentir algo...

Traços rápidos e suaves; um tema que não tentei antes, mas não há tentativa e erro com minha mão esquerda, é acerto de primeira. Olhos pensativos. Queixo forte, cabelos escuros,

mais ondulados que encaracolados, logo abaixo das orelhas: Ben.

Onde você está? Ele não estava na aula de biologia esta manhã. A preocupação me faz morder o lábio com tanta força que dói. Ele teria feito algo estúpido? Perguntei à senhorita

Fern, mas ela não sabia; e não estava escondendo nada, não havia preocupação ou distanciamento em suas palavras. Começo a entender que há vários tipos de professores. Fern,

Gianelli, o instrutor de corrida, eles não são sempre legais, mas falam comigo como se eu existisse, como se fosse importante. E há os do tipo do diretor, Rickson, doutora Winston, a

psicóloga educacional e a senhora Ali, que, apesar dos sorrisos e do papo de “Só estou querendo te ajudar”, estão apenas esperando por um erro, por qualquer coisa que fuja às regras.

Dou um pulo quando toca o sinal. O tempo passou sem que eu notasse. Largo meu lápis quando a senhora Ali aparece na porta. Gianelli começa a recolher os desenhos e os pendura

ao redor do pardoal. Quando ele chega até mim eu digo:

— Espere, não está pronto.

Ele olha para o meu desenho, mas não fala nada; segue para o próximo aluno enquanto eu o arrumo.

Olho para os esboços. Um mar de rostos; importantes para cada um de nós. Alguns provavelmente são pais e mães, irmãos e irmãs, amigos. Um cachorro.

A senhora Ali olha sobre meu ombro.

— Deixe-me ver — ela exige. E abre minha pasta. Ela olha para o desenho de Ben e ergue uma sobrancelha. Eu corro. Ela observa o desenho. — É um bom retrato de Ben — ela diz, finalmente.

Está mais do que bom; não é só o fato de parecer com ele, são os olhos. Os olhos dele, algo que eu não quero compartilhar com ninguém, a forma como ele me olhou ontem, pouco

antes de talvez me beijar e de eu ter fugido. Antes que eu lhe dissesse sobre pessoas desaparecidas e sobre Lucy. Antes de ele sair correndo.

Andamos até a porta e Gianelli pendura seu desenho. Ele nunca tinha feito isso antes; nos mostrar algo que ele mesmo desenhara. Todos que ainda estavam na sala olharam e prenderam a respiração. É a Phoebe. Ele mostrou um lado dela que eu não conhecia. A raiva

desaparecera; seu rosto, o jeito dela, tudo é muito triste. Ela está só. A senhora Ali olha com

frieza para Gianelli.

Vou para a pista de corrida na hora do almoço, com receio de olhar, temendo o que possa significar se eu não o encontrar. Será que ele está aqui?

Visualizo toda a pista. Alguns corredores estão dispersos, agora que a chuva parou.

Reconheço a maioria das pessoas do treino, mas não vejo quem estou buscando. Passo os braços ao meu redor e os observo por alguns momentos. Tentando não pensar. Onde ele pode estar?

Me viro para ir embora e dou de cara com Ben.

— Cuidado — ele diz, esticando as duas mãos, uma em cada um dos meus ombros, para me acalmar.

— Onde você estava? — resmungo.

Ele dá de ombros.

— Aqui. Onde mais?

— Você faltou à aula de biologia.

— Não. Cheguei atrasado. Tive consulta médica e na volta o pneu do carro da minha mãe furou — ele diz, suas sobrancelhas erguidas, parecendo confuso.

— Você podia ter me dito! — reclamo, colocando as mãos em seu peito e afastando-o, para então sair andando. Eu tão preocupada e ele só estava numa consulta idiota.

— Bem, era difícil prever um pneu furado — ele diz, num tom racional que só me deixa mais brava. Ele me alcança e segura minha mão, enroscando o dedinho no meu e segurando

firme. — O que há de errado?

A raiva vai embora e meus olhos se enchem de lágrimas. Pisco.

— Achei que tinha acontecido algo com você.

— Você estava preocupada comigo? — ele sorri, parecendo muito satisfeito com isso.

Mas, antes que eu decidisse se lhe daria um tapa ou um abraço, aconteceu.

Bzzzzz: no meu pulso. Suspiro desesperada.

Ele segura minha mão e olhamos juntos: 3.9.

— Venha — ele me empurra de volta à pista. — Veja se consegue me alcançar hoje, você estava um

pouco lenta ontem.

Lenta?! Alcanço a pista antes de Ben e coloco toda a força em minhas pernas e pés. Ben, aos poucos, consegue me alcançar, mas não me ultrapassa. Embora talvez esteja se segurando.

Acelero, até nada mais importar. Pouco a pouco me coloco à frente e me sinto satisfeita. É assim que deveria *ser*...

Quando a corrida termina, uma parte de mim está alegre. Por que fiquei aborrecida com Ben? Não era racional. Estava confusa sobre ontem — sobre o porquê de ele ter ido embora

quando lhe contei sobre Lucy e não querer falar mais nisso —, mas, se ele é um pouco como

eu, precisou de tempo para aceitar. E esperava chegar a tempo na aula de biologia, então não

havia razão para me dizer que não estaria lá. Eu quase posso rir de mim mesma.

Mas não rio. Porque o problema aqui é sério. Algo que eu não quero encarar.

O que Ben significa para mim?

Quando paramos vejo Ferguson. Lá no ginásio, cronômetro na mão, balançando a cabeça. Passamos por ele quando saímos dali.

— Recorde maldito. Que vergonha — ele murmura para si mesmo, balançando a cabeça.

— Do que ele está falando? — pergunto, parando, antes que Ben possa me perguntar qualquer coisa.

— Não tenho certeza, mas acho que batemos algum recorde.

— Mas isso é bom, não é? — não importa a motivação para correr daquele jeito, não importa que possa ser difícil repetir o estado de espírito que me fez fazer aquilo.

Ben dá de ombros.

— Claro. Se você gosta de quebrar recordes.

— Mas ele disse que era uma vergonha.

— Claro, já que não podemos competir.

Estanquei de repente.

— O que quer dizer?

— Reiniciados não podem entrar nos times do colégio, você sabe disso.

E, conforme ele explica, me dou conta: eu realmente sei. Já tinham me dito alguma coisa assim. Mas eu não havia ligado os pontos em relação à corrida do cross country.

— Mas por que nos deixar treinar, então? Qual o objetivo? — a raiva cresce dentro de mim, mas meus níveis ainda estão seguros pela corrida.

Ben dá de ombros.

— Perguntei no ano passado se poderia treinar com eles. Assim que ele viu o quanto eu corria, disse que sim; acho que com você ocorreu o mesmo. Eu treino com o time, ajudo a incentivá-los, eu acho.

— Isso não o deixa zangado? Você é o melhor — ou, talvez, eu seja — e não podemos competir. Isso não é justo.

— Talvez eu seja, talvez você seja; talvez eu só tenha deixado você me vencer hoje — ele implica. Não está mesmo chateado com nada disso, posso perceber.

Mas, em vez de ficar mais chateada, fico pensativa. Eu me sinto como a Phoebe do desenho de Gianelli: isolada e sozinha. Mesmo Ben, com toda sua vontade de descobrir o que

houve com Tori, não parece perceber como as coisas funcionam, o quão injusto é tudo isto.

Ben pergunta se quero treinar antes da reunião de grupo novamente na quinta-feira.

Treinar para quê?

Mas digo que sim e o sinal toca para a próxima aula. Estou assustadora, sei disso. Meu cabelo está grudado na cabeça, minhas roupas coladas nas costas e não tenho tempo de usar o

chuveiro do vestiário. Ninguém vai querer sentar ao meu lado na aula de inglês.

Como sempre.

A senhora Ali me cerca no fim do dia.

Ela sorri seu sorriso gentil, o olhar é doce. Um arrepio gelado sobe por minha coluna.

— Kyla, querida, precisamos conversar — permanecemos na sala de aula depois que os outros alunos saem. Meu professor de inglês vê a senhora Ali e, murmurando algo sobre uma

xícara de chá, deixa a sala.

— Como vão as coisas, querida?

— Bem — respondo, me remexendo miseravelmente em minhas roupas úmidas, agora frias após o calor da corrida ter ido embora.

— Entendo. Você tem tido problemas em lidar com alguma coisa?

— Não — menti.

— Muito bem. Me escute por um momento. Noto que há um problema. Você e seu amigo Ben.

Incomodada, mudo de posição.

— O que quer dizer?

— Veja, querida, você está fora do hospital por apenas, o quê... três semanas?

— Vinte e dois dias.

— Apenas um pouco mais de três semanas, então. Agora, eu sei que Ben é um rapaz bonito e decente também — me sinto corar, sei para onde isso está indo. — Mas você sabe,

querida, que precisa se concentrar nos estudos, na família, em se reintegrar à comunidade. Não num garoto.

— Claro — eu respondi. — Posso ir agora?

Ela suspira.

— Kyla, também estou ciente de que o excesso de exercícios é uma maneira de mascarar os efeitos do monitoramento do seu Nivo. De agora em diante, você não poderá correr com

Ben na hora do almoço. Estamos entendidas?

— Perfeitamente — respondi.

— Você pode ir.

Atordoada, dirijo-me para o carro de Jazz. Mais confusa do que qualquer outra coisa.

Ben. Sinto uma pontada. Percebo que não o verei muito mais no colégio. Mas, enquanto continuarem as corridas, mesmo sem poder entrar no time do colégio, por que me

preocupar?

Ela, no entanto, não mencionara o treino de domingo. Talvez não saiba sobre isso.

Então o que incomoda a senhora Ali sou eu estar com Ben? Ou o “excesso de exercício”? No hospital, as enfermeiras me disseram para correr na esteira como estratégia para manter meus níveis altos. Será que ela quer que eu me prejudique?

O carro de Jazz não está estacionado no lugar de sempre, mas o vejo logo à frente. Ele saiu do estacionamento para entrar em uma fila para sair, mas os carros não estão se movendo.

O que está acontecendo? Ele e Amy saem do carro quando me veem aproximar.

— Onde você estava? — ela pergunta.

— A senhora Ali me prendeu depois da aula.

Ela estremece.

— Está tudo bem?

— Beleza — eu digo, prestes a falar mais, mas me distraí com Jazz.

Ele não está ouvindo, posso perceber. Seus olhos estão fixos em algo atrás de nós; o sorriso sumiu de seu rosto e eu começo a me virar para olhar. Ele coloca um braço no ombro

de cada uma de nós

para nos puxar para o carro.

— Entrem. Agora! — ele diz e escancara a porta.

Entro e me viro para olhar pela janela. Gianelli está vindo atrás de nós pela calçada do estacionamento, escoltado por um Lordeiro de cada lado e outro atrás dele. Eles seguem em

direção a uma van preta, estacionada ao lado dos ônibus escolares, bloqueando a saída.

Gianelli tropeça; um deles o agarra pelo braço e o puxa, e seguem em frente.

Nenhum dos ônibus saiu ainda, mesmo estando tarde. Os alunos estão esperando, mas as portas do ônibus estão fechadas.

Há Lordeiros espalhados por toda a área. De uniformes pretos. Armados. Uma dúzia deles, ou mais; talvez uns mil alunos.

Todos assistimos quando Gianelli — um homem idoso, um artista, que se posicionou e protestou de sua própria maneira — é empurrado para dentro da van. Sua cabeça bate no teto,

ele cai, e o Lordeiro o empurra com sua bota pela porta lateral da van. Ela é fechada com

força.

Ninguém faz nada; ninguém diz nada. Nem eu.

CAPÍTULO 32

— O que será que ele fez? Deve ter sido grave — Amy parece fascinada e nem um pouco aborrecida. — Ele não era seu professor de artes?

— Ele é meu professor de artes — respondo.

— Acho que não é mais. Eles nunca tinham arrastado alguém assim na frente de todo mundo, tinham?

— Não quero falar sobre isso! — digo, mas Amy insiste.

— Deixa disso, você deve ter ouvido algo. Conte.

— Chega, Amy! — exclama Jazz.

Amy parece surpresa.

— O que há com você? — ela pergunta.

Aproveito para escapar. Mas fui intimada a sair para caminhar com eles quando cheguei em casa. Não importa o quanto eu queira ficar sozinha em meu quarto. Mamãe disse que eles

não podiam ir sozinhos, e aqui estou eu.

Mas ninguém falou que não podíamos andar com alguma distância, não é? Me apresso na frente, necessitando de velocidade, necessitando correr. É a mesma trilha que peguei na primeira caminhada com eles, três semanas atrás. É só isso mesmo? Parece muito mais tempo

que isso. Naquele dia tudo era um sonho: a floresta, as árvores, o cheiro do mato. Naquela época, eu não sabia sobre os Lordeiros, não conhecia Ben. Não sabia sobre pessoas desaparecidas. A lista de coisas que eu ignorava era muito longa. Será que ainda é?

Não consigo parar de ver a cabeça de Gianelli batendo no teto da van e ele desabando no chão. Aquele Lordeiro chutando-o como um saco de batatas para dentro do carro. Tudo porque ele tinha feito um desenho da Phoebe. Agora ele está desaparecido, como ela; e também como Tori. Onde ele está agora? Onde estão todos eles?

Corro até o mirante, corro metade do caminho e então começo a andar de volta ao topo.

Apesar dos pensamentos obscuros, meu Nivo está seguro, muito bem disfarçado pelo excesso

de exercícios subindo e descendo a montanha.

Não consigo entender por que levaram Gianelli. Tudo o que ele fez foi desenhar Phoebe.

Não era segredo que os Lordeiros a levaram; eles a arrancaram da sala de aula, não foi? E não podia ter havido um jeito mais público de levá-lo; não há como esconder o que houve com ele.

Por dentro, ouço um sussurro: talvez seja essa a questão.

O minuto de silêncio de Gianelli por Phoebe, seu “desenhe algo com o que se importe” e a seguir desenhando-a ele mesmo. Todas essas coisas representaram dizer que levá-la estava

errado. Ele teve de ser punido por discordar das ações do governo. Fazer o que eles fizeram

em frente de todos os alunos foi como gritar em alto e bom som, sem usar palavras: Nós estamos no controle. Podemos fazer *o que quisermos. Se fizessem isso em segredo, qual seria*

a utilidade?

— Olá, Reiniciada.

Dei um salto. Tão absorvida que estava em meus pensamentos, não prestei atenção à minha volta. Meus pés tinham me levado para o mirante novamente, mas desta vez eu não estava sozinha.

Um homem se apoia em uma árvore visualizando a trilha. Está nas sombras, mas visível o bastante se eu estivesse usando meus olhos para olhar para fora em vez de para dentro. Me

sinto corar, imaginando que talvez ele estivesse observando minha subida por muito tempo,

que eu posso ter acabado de passar por ele sem notar. Que agora ele estava entre mim, Jazz e

Amy.

— Você não vai dizer olá? — ele sorri e não é um sorriso bonito. Cabelo ensebado, aspecto doentio, muito pálido, com pústulas vermelhas nas bochechas e nariz. Ele não parece

do tipo que faz caminhadas. Seu rosto é de alguma forma familiar, mas quem é ele? Ah, sim: a

parede de tijolos. Eu o vi construindo um muro no jardim do vilarejo e tive pesadelos com torres de tijolos.

— Não é uma feliz coincidência? — ele disse. — Eu queria falar com você. Venha e sente-se aqui. — A maneira como ele disse coincidência me faz pensar que não é nada disso.

Será que ele vem me observando? Ou seguindo?

Ele se aproximou e sentou sobre o tronco em que Amy e Jazz descansaram da última vez que subimos ali. Não me movo, olho para baixo, para a trilha. Eles não deveriam já estar aqui?

— Eu não vou morder — ele diz, e sorri novamente. — Só quero falar com você sobre minha sobrinha. Acho que você a conheceu. Phoebe Best.

— Phoebe? Você sabe onde ela está? — pergunto e dou um passo para mais perto dele.

— Venha, sente-se aqui que vou lhe contar — ele dá um tapinha no tronco.

Eu paro, indecisa, então me sento em uma ponta do tronco, deixando o maior espaço possível entre nós.

— Agora, você sabe que tem de chegar perto para falar dessas coisas. Eu não posso gritar, posso? As árvores podem ter ouvidos — ele ri e dá uma cuspidinha no chão.

Chego um pouco mais para perto.

— Assim está melhor.

— Phoebe está bem?

— Espere um minuto. Quero falar com você sobre outra coisa primeiro.

— Sobre o quê?

— Aquele era o seu gato, não era?

— Como assim?

— Um dia antes de ela sumir, deixei Phoebe na veterinária com um gato que ela pegou.

Ela estava sempre pegando um animal fugido ou criaturas da floresta para cuidar. Garota burra.

Eu não digo nada e olho novamente para a trilha abaixo. Onde estão eles?

— Mas Phoebe me disse que o gato pertencia a alguma vadia Reiniciada, uma com quem ela tinha trocado algumas palavras mesmo eu tendo avisado que era perigoso. E, por alguma

estranha razão, ela queria lhe devolver o gato. Então, logo no dia seguinte, Phoebe não volta

para casa após o colégio. Agora, o que você sabe sobre isso?

Dou um salto e fico de pé.

— Aonde vai? Você não quer conversar sobre a Phoebe?

Todos os meus instintos gritam corra. Mas alguma parte de mim está calma e aguarda, parada ali. Precisa ouvir o que ele tem para dizer.

— Phoebe era boa para mim. E agora ela se foi. Por sua culpa. Você disse algo para os Lordeiros, e eles...

— Não! Eu não fiz isso! — gritei. Corra. Corro pela trilha abaixo; ouço o movimento e sinto que ele está me perseguindo.

Ouçó vozes se aproximando assim que chego à primeira curva da trilha: Amy e Jazz estão perto. Finalmente.

Eles aparecem na esquina, de braços dados. Obviamente já esqueceram qualquer discussão. Eu quase me choco com eles. Jazz me faz parar com uma mão em meu braço. Estou

com os olhos arregalados.

Jazz franze a testa.

— Está tudo bem, Kyla? — ele pergunta, olhando para o caminho de onde vim.

Eu me viro, mas não há mais ninguém ali. Amy coloca o braço no meu.

— Me desculpe sobre o Gianelli. Jazz me explicou que você estava triste por causa dele — ela

repete as palavras, mas vejo que ela não entende.

Jazz me olha com curiosidade. Sabe que algo está acontecendo, mas não pergunta, deixa que Amy tagarele. Descemos a trilha de volta ao vilarejo.

Uma van está estacionada onde a trilha se une à estrada. Em sua lateral está escrito: *Melhores Tijolos. E lá está ele, no banco da frente: o tio de Phoebe. A janela está aberta; ele pisca um olho*, depois assobia quando passamos por ele.

Jazz faz cara feia e seguimos para a estrada; as risadas dele ecoam atrás de nós.

— Quem é ele? — pergunto.

— Aquele estropício é o Wayne Best — explica Jazz. — Mantenha distância, ele é maluco.

Conselho que pretendo seguir.

Chegamos em casa, finalmente. Amy entra correndo para perguntar se Jazz pode ficar para o jantar. Quando tento segui-la, Jazz me segura pelo ombro.

— Que foi? — imagino que ele irá me perguntar sobre o que me assombrou no mirante e não sei bem o que responder.

Ele espera a porta fechar.

— Mac quer ver você — ele diz, em voz baixa. — Na próxima segunda. Vamos até lá depois do colégio e vou sair com Amy para passear novamente. Tudo bem?

Mas antes que eu tenha chance de sequer pensar no que dizer, muito menos responder, Amy abre a porta. Ela sacode a cabeça.

— Mamãe disse que hoje não; outra hora, está bem?

Jazz parece aliviado por não precisar ficar para o jantar; Amy não se dá conta. Como é que ela não percebe as coisas quando são tão óbvias? Entro em casa, para que eles possam se despedir.

— Então, como foi o colégio hoje? — pergunta mamãe, do outro lado da sala, enquanto serve a comida direto nos pratos. Já que papai não frequenta o colégio, deduzo que ela espera que eu e Amy respondamos.

Olho para Amy, torcendo para que ela diga algo. Mas ela dá de ombros, aborrecida, provavelmente porque Jazz não foi convidado para o jantar.

Papai se levanta e leva os pratos para a mesa.

— Nenhuma história para contar? Foi um dia bom ou ruim? Aconteceu alguma coisa interessante, algo incomum?

Ele coloca um prato em minha frente e tenho a estranha sensação de que, de alguma forma, ele sabe ao menos parte do que houve nesta tarde.

Olho para Amy, implorando com o olhar para que ela diga algo, qualquer coisa. Mas nada.

Solto um suspiro.

— Meu professor de artes foi levado pelos Lordeiros.

Mamãe engasga e se senta.

— Bruno Gianelli? — ela pergunta.

— Sim — olho para ela, surpresa. — Você o conhece?

— Ele é mais velho do que parece. Foi meu professor de artes na época do colégio. Era um grande pintor e um bom... — ela para no meio da frase. — Bom, isso foi há muito tempo.

Quem pode saber quem ele é agora.

Quem ele era, corrijo em meu pensamento. Tão assustada, que já penso nele no passado.

— O que vai acontecer com ele? — pergunto.

Mamãe e papai trocam um olhar. Ela se levanta resmungando, mexendo algo no fogão.

— Depende do que ele fez, eu acho. Não se preocupe com isso — diz papai.

Mais tarde, naquela noite, estou finalmente em meu quarto, de porta fechada, enroscada na cama com Sebastian. Ele ronrona. Tento processar tudo o que aconteceu hoje de maneira que

faça sentido, mas não consigo. E também não consigo parar de pensar.

A única solução? Lápis e papel. Desenhe o que faça você sentir algo, bom ou ruim.

Mão esquerda. Traços febris; um após o outro, horas a fio. Os desaparecidos: Tori.

Phoebe. Lucy. Gianelli. E Robert, meu quase irmão, que não cheguei a conhecer.

O motorista do ônibus buzina, inutilmente. Eles não irão a lugar nenhum: é um engarrafamento.

Uma garota bonita e loira está próxima à traseira do ônibus e descansa a cabeça no ombro de um garoto. Ele passa o braço pelos ombros dela. Eles não se importam com o atraso. Os outros estão descansando. Alguns leem livros; uns garotos mais velhos atormentam um menor; garotas conversam sobre garotos, garotos falam sobre garotas, e os

menos amigáveis olham para fora da janela.

Eu grito para o motorista: “Faça algo! Abra as portas! Deixe-os sair!”.

Mas ele não sabe o que está prestes a acontecer. Ele não pode me ouvir.

A garota bonita sente frio. O garoto se levanta para pegar sua jaqueta para ela na parte de cima.

É quando tudo acontece: um som de assobio, um flash de luz, um estouro. E os gritos começam.

Fumaça sufocante; mãos ensanguentadas batendo nas janelas que não abrem; mais gritos. Mas o garoto com a garota que um dia fora bonita está quieto. Ele a abraça, mas é tarde demais para dizer que a ama. Ela está morta.

Outro assobio; um flash; uma explosão. Há um grande buraco aberto na parte interna do ônibus, mas a maioria está em silêncio agora. O garoto é puxado em segurança para longe da garota e é quando ele se junta aos poucos sobreviventes. Aos gritos.

Tapo meus ouvidos com as mãos, mas os gritos continuam.

Demora um pouco para que eu entenda.

Sou eu.

— Calma. Foi apenas um sonho.

Me debato até perceber onde estou. Na cama, em casa — ao menos a versão atual —, e

não são os braços de Amy, mas os de mamãe que me abraçam. Amy aparece na porta, bocejando, depois sai novamente. Mamãe devia estar acordada para chegar aqui antes dela.

Meu Nivo vibra: 4.4. Não muito baixo, ainda que eu tenha medo e sinta o gosto do sangue. Ainda é tudo muito vívido. Lá estavam Robert e Cassie — a garota bonita. Meu subconsciente deve ter gravado seus rostos daquela foto que Mac me mostrou.

Folhas de papel, meus desenhos, estão por toda a cama. Mamãe os ajeita, sem dizer nada, e os junta em uma pilha. Até que chega ao de Gianelli.

Eu o tinha desenhado como ele estava na sala de aula, desafiador diante de seu esboço de Phoebe, e então é um desenho dentro de um desenho. Phoebe é a Phoebe dele, a garota solitária que nunca conheci.

O rosto de mamãe está tão triste quando olha para Gianelli. Eu tenho apenas a presença de espírito suficiente para tirar os outros desenhos antes de ela ver o que fiz de Robert e Cassie. Ela toca o rosto de Gianelli e balança a cabeça tristemente.

— O que você fez? — ela sussurra para o desenho e se volta para mim. — Estamos sozinhas agora; isso fica entre nós. O que houve com Gianelli? Você sabe, posso ver que sabe.

Seu rosto é tão transparente. Você precisa aprender a esconder as coisas, como todo mundo.

Mas, por favor, me conte.

Então eu conto. Sobre o pardal de Phoebe e o que disse Gianelli. Que ele se manteve em silêncio e a desenhou como eu havia feito agora.

— Meu querido idiota. Pensar que as coisas ficaram tão ruins que eles o levaram apenas por isso. Agora me escute, Kyla. Eu sei, acredite em mim, eu sei como tudo isso é difícil para

você. Como é difícil de entender. Mas você precisa aprender a esconder as coisas dentro de

você. Ou não durará muito. Não quero que você seja levada embora. Promete que vai tentar?

Prometo. O que mais posso fazer? Eu realmente quero isso.

— Vou destruir isso — ela diz, segurando o esboço de Gianelli. — Os outros são como este? — ela pergunta, voltando os olhos para a pilha de desenhos. Mas, se ela vir o rosto de

Robert, o que fará? Mesmo que seja “entre nós”, como ela disse, não tenho certeza do que pensaria de Mac.

— Me deixe ver — ela exige e estica a mão para pegá-los.

Mas ouvimos passos nas escadas; passos pesados vindo de cima. Ela empurra o desenho de Gianelli junto com os outros para baixo do meu cobertor. A porta se abre.

Papai sorri.

— Está tudo bem aqui?

— Tudo bem — mamãe responde. — Apenas um pesadelo. Não é mesmo, Kyla?

— Sim, estou bem agora — respondo. Papai continua ali parado. Esperando pela mamãe?

Sebastian, que está zanzando por ali, pula na cama e gira sobre o cobertor, por cima dos papéis escondidos. Eles fazem barulho. Ele salta para o chão. Eu o acaricio e ele começa a ronronar. Onde *you were when I needed you, cat?* Mamãe apaga a luz ao lado da cama, levanta-se e sai, fechando a porta.

— Tente dormir um pouco agora — ela diz. Mas seus olhos dizem outra coisa.

Destrua esses desenhos.

Penso nisso por um momento. Depois os escondo. O carpete está solto embaixo da janela. Levanto a ponta e enfio os papéis.

CAPÍTULO 33

— Isso não é justo — Amy teima, as mãos na cintura.

Amarro os cadarços do tênis; Ben logo estará aqui.

— Acho que você tem razão. Isso não é justo — diz mamãe, e um sentimento de medo passa por meu corpo. Cale a boca, digo para Amy com um olhar, mas ela não percebe.

— Se você não vai me deixar sair sozinha com Jazz para caminhar, por que Kyla pode sair com Ben sozinha?

— Nós não vamos sair, vamos correr, e depois para a reunião do grupo — explico. — E ele é só um amigo. — Será?, me pergunto por dentro.

— Bem, Amy tem razão — diz mamãe, mas então vira as costas para Amy e pisca para mim com um olhar travesso, depois volta a olhar para Amy. — Vamos fazer o seguinte: que tal

você ir correr com eles?

Amy recua.

— Correr? Está falando sério? — ela sobe as escadas batendo os pés.

— Você toma cuidado? — me pergunta mamãe, fechando mais a minha jaqueta.

— Claro.

— Tem um ponto de interrogação no seu rosto.

— Tem?

— Qualquer dia desses, Kyla, você deveria praticar uma poker face em frente ao espelho.

— O que é uma poker face? — faço outra pergunta para desviar a atenção da primeira.

— Pôquer é um jogo de cartas. Você tenta manter o rosto o mais neutro possível, para que os outros jogadores não descubram se você está ou não com uma boa mão.

Afasto a cortina para olhar para fora da janela. Vamos lá, Ben; chegue na hora ao menos uma vez.

— E, para responder à pergunta que você não teve coragem de fazer, você é diferente de Amy. É estranho, mas confio em você correndo sozinha com Ben. Não confio nela com Jazz.

Entende? — o telefone toca e ela atende.

Às vezes, mamãe percebe mais do que imagino. Mais do que Amy compreende. É verdade que Amy e Jazz estão toda hora se tocando, de braços dados e se beijando, e eu e Ben

não fazemos isso. Mas eles não fazem isso na frente dela, então como é que ela pode saber?

A senhora Ali vê as coisas de outro jeito. Mal falei com Ben durante a semana desde que ela me proibira de correr com ele na hora do almoço; os dias parecem estranhos quando

não tenho um tempo livre com ele. Mas a senhora Ali viu o desenho que fiz de Ben. Mamãe

não viu, nem verá, já que o escondi com os outros, sob o carpete.

Dou mais uma olhada através das cortinas e desta vez Ben vem correndo pela rua.

Finalmente.

— Tchau, mamãe! — eu grito, saindo pela porta.

Como sempre, aceleramos na corrida para começar. Sem falar nada além de “oi”.

Exercício em excesso: será que é isso? Adoro o tum tum dos meus pés sobre o asfalto, um escape para outro lugar, para onde todos os problemas ficam para trás. As longas pernas de

Ben correm em um ritmo mais lento para se igualar à minha velocidade, então seu tup tup

com

o meu tum tum se misturam num som suave e familiar que me acalma.

Tem sido estranho no colégio, depois que Gianelli se foi. Sequer ouvi boatos, como quando Phoebe se foi e todos cochichavam sobre isso. Desta vez há um silêncio pairando no

ar. Talvez porque todos viram o que houve com ele, então não há por que criar histórias sobre

isso. Gianelli não foi substituído. As aulas de artes foram canceladas até nova ordem. Aquele

meu tempo vago foi movido para a Unidade, onde a única atividade aceitável é fazer o dever

de casa.

Começo a diminuir o ritmo; normalmente é Ben quem faz isso, para conversar. Mas hoje eu tenho outras coisas em mente.

Ben não diz nada; diminui o ritmo e não pergunta nada, ao contrário do que costuma fazer. Na verdade, ele não falou muito a semana toda. Eu havia pensado no que dizer e em como dizer, mas, quando olho para ele ao subirmos uma calçada, tudo se foi.

— Você está chateado comigo?

— O quê?

— Você me ouviu. Você não tem estado normal a semana toda. Desde domingo, na verdade.

— Não seja boba. Claro que não estou chateado — ele diz, mas parece chateado.

— O que foi então? Eu fiz alguma coisa? — insisto.

Ele passa as mãos nos cabelos.

— Kyla, nem tudo é sobre você o tempo todo, está bem?

Recuo, dando um passo para trás. Aquilo foi como um tapa na cara.

— O que houve então?

— Shhh! — ele diz, e eu noto que tinha aumentado minha voz. Ele segura minha mão e entrelaça os dedos nos meus. Um carro passa; ele olha para os dois lados. Ninguém à vista. —

Venha — ele diz, me puxando para as árvores de um lado da rua.

Há uma trilha ali, escondida na escuridão; ela segue até uma cerca com um portão de metal que brilha suavemente sob o luar. Do outro lado há um pasto. A estrada está a poucos

minutos de distância; sons distantes e luzes surgem de vez em quando, quando os carros passam.

Ben para e se recosta na cerca, seu rosto nas sombras.

— Palavras silenciosas no meio da noite — ele sussurra, põe as mãos em minha cintura, me ergue e coloca sobre a cerca de madeira, assim ficamos olhos nos olhos; ele me apoia com

um braço em minha cintura. Meus olhos começam a se ajustar melhor à escuridão e posso ver

que ele está com aquela expressão no rosto. Como quando estávamos na chuva e eu pensei que

ele fosse me beijar; aquela expressão que desenhei na aula de Gianelli e depois escondi.

Ele se inclina tão rápido que não tenho tempo de reagir, e me beija suavemente no rosto.

— Não estou chateado com você, Kyla — ele diz em meu ouvido, e suas palavras me dão arrepios no pescoço. Meu estômago dá voltas e, como se tivesse vontade própria, minha

mão começa a tocar seu rosto, seus lábios, e...

Ele balança a cabeça, os olhos demonstram arrependimento, e me afasta.

— Precisamos conversar — ele diz. — Não temos muito tempo.

Minha mão cai ao meu lado.

Mas, então, ele se recosta novamente na cerca, em meio às sombras, e não diz nada.

Uma brisa agita as folhas, a cerca parece gelada sob minha pele e, agora que parei de correr,

sinto arrepios nos braços e pernas e começo a tremer.

Ele se aproxima e segura minhas mãos.

— Senti falta de correr com você na hora do almoço — ele diz. Eu consigo dizer a ele que tinha sido proibida de correr na pista do colégio.

— Eu também.

— Você sentiu minha falta?

— Senti falta de correr! — ele levanta uma sobrancelha. — E de você — admito, e ele sorri. Lá está: ele sabia disso o tempo todo. Só queria me fazer dizer.

— Bem, posso entender sobre a corrida. Só quando acelero pareço ser capaz de focar nas coisas, de pensar melhor — ele franze a testa. — Mas todas aquelas coisas que você me

disse no domingo, elas

não se vão nem quando corro.

E eu ouço as palavras da senhora Ali nos meus ouvidos: o excesso de exercícios é uma maneira de *mascarar os efeitos da monitorização do seu Nivo*. E me dou conta de que as únicas vezes em que vejo Ben como ele está agora, e não apenas o garoto Reiniciado e sorridente que conheci, é quando ele corre. É como se a corrida mostrasse quem ele realmente

é.

Ele solta minhas mãos, deixando-as geladas e vazias, e se recosta na cerca.

— Não consigo parar de pensar no que houve com a Tori. — cruzo meus braços, para esconder a dor que sinto por dentro. Tori é o fantasma que sempre aparece entre nós. E então

balanço a cabeça para espantar esse pensamento. Não, nada de fantasma! Ela não pode ser. Será? — ... e com Phoebe, e com o seu professor de artes e com todas as outras pessoas que

desapareceram. E aquelas pessoas do site que você me falou. Quanto mais descubro, pior fica.

Cada vez mais e mais pessoas desaparecem.

— Então venha comigo. Segunda-feira, depois do colégio, e você verá por si mesmo.

Verá se estão no site — quebrei a promessa de não contar a ninguém. Ben não é um ninguém,

eu confio nele. Mas a culpa me corrói do mesmo jeito.

— Acontece que eu não quero, Kyla! Não quero saber.

— Não compreendo.

— Você foi dada como desaparecida. Alguém se importa com você, querem você de volta. E se ninguém me quiser e é por isso que estou aqui? Como o que houve com Tori: sua

nova mãe decidiu que não a queria mais. E se meus pais verdadeiros não me queriam mais?

— Mas não é assim que funciona. Você tem de ter sido preso e julgado por algo, ter feito algo para se tornar Reiniciado — mas, quando me escuto dizendo isso, me soa falso. Começo a entender as implicações daquelas crianças desaparecidas, como Lucy. Essa é a forma como deveria ser, mas nem sempre é assim que acontece; não se aqueles sites forem verdadeiros. Não é como se você pudesse reclamar que não devia ter se tornado Reiniciado.

Quando isso acontece, você não se lembra de nada. E, afinal de contas, ninguém que tenha

sido condenado de verdade está desaparecido. Os pais saberiam o que houve.

— Você entende agora, não é? — diz Ben.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu não tinha pensado dessa forma.

— Então por que devo tentar descobrir? Que bem isso me fará? Eu não me lembro de nada, não sou mais a mesma pessoa. E minha família agora é boa; melhor do que boa, na verdade.

E me dou conta de que realmente não sei nada sobre a família de Ben.

— Me conte como é. — E, enquanto seguimos para a estrada para encontrar o grupo, Ben me fala sobre seu pai, um professor do ensino fundamental que adora tocar piano, e sobre

sua mãe, que dirige um curso de laticínios, faz arte com metais e canta desafinadamente. Eles

não podiam ter filhos. Após três anos, ele se importa com os pais; por que estragar as coisas?

Enquanto ele fala, eu escuto, mas parte de mim está pensando no que ele disse no início: *e se ninguém me quiser?*

E eu penso Eu quero.

Mas não falo em voz alta.

CAPÍTULO 34

Lordeiros estão novamente revistando os carros nos portões do hospital. Dois estão de guarda no corredor, do lado de fora do escritório da doutora Lysander, e minha pele se arrepia

quando passo por eles. Não posso evitar olhar para eles ali na sala de espera. Estão em alerta,

dá para notar: para cada som e movimento do hospital. Mas não me dispensam mais atenção

do que para uma minúscula aranha no corredor. Reiniciados: indignos de serem notados. Não

somos ameaça.

— Entre — doutora Lysander finalmente me chama e eu me apresso para entrar, feliz por poder fechar uma porta entre nós.

— Algo está incomodando você? — ela sorri.

— Claro que não.

Ela ergue uma sobrancelha. Eu solto um suspiro.

— Já que insiste, aqueles Lordeiros me dão calafrios.

— Vou contar um segredo, Kyla. Eles também me dão calafrios.

— Mesmo? — arregalo os olhos.

— Mesmo. Mas eu apenas os ignoro, finjo que não estão aqui. Se não tomo conhecimento deles, então eles não existem.

Ela diz isso tão calma e com tanta certeza, como se sua falta de atenção realmente fizesse com que as pessoas desaparecessem. Ou sumisse com elas.

Eu me encolho, involuntariamente, e olho para ver se ela notou, mas está ocupada digitando algo na tela. Ela me olha novamente.

— Na semana passada, você decidiu focar em sua arte. Como está indo?

— Não muito bem.

— Mesmo? Por quê?

— As aulas de artes foram canceladas. O professor de artes foi levado pelos Lordeiros na frente de todo mundo do colégio.

Uma onda de choque passa tão rápido por seu rosto que seria fácil não notar — olhos que se arregalam, uma respiração mais profunda —, e então seu rosto volta a não ter expressão, um rosto neutro.

— Como você se sente a respeito?

— Tenho desenhado em casa, mas não é a mesma coisa.

— Você me entendeu mal. Como você se sente a respeito do seu professor de artes?

Isso é interessante. Eu sei, pela reação das pessoas, que é um tabu falar sobre o que os Lordeiros fazem e com quem. E aqui está ela, me perguntando diretamente o que penso. Tenha

cuidado, Kyla: eles estão ali no corredor. Quem sabe o que eles podem ouvir, ou como?

— Tenho certeza de que eles tiveram suas razões.

— Kyla, é óbvio que você sente alguma coisa sobre isso.

— É?

— Os olhos são a janela da alma.

Que chato. Tenho praticado minha poker *face* em casa, em frente ao espelho, como mamãe me recomendou. Mas sempre que penso em algo que mexe comigo, algo bom ou mau,

posso vê-lo refletido no espelho. Pense em Sebastian. Isso parecia ajudar.

— Eu tenho alma?

— Você está se saindo muito bem em tentar desviar minha atenção. Isso é só um ditado antigo, um provérbio.

— Mas os Reiniciados podem ter alma?

Ela se ajeita na cadeira, um sorriso divertido em seu rosto.

— Bem, se a pessoa acredita na existência da alma, não vejo que relevância o procedimento para se tornar Reiniciado tem para a presença ou não de uma alma.

— Você acredita?

Ela faz um movimento com a cabeça.

— Você está esquecendo quem faz as perguntas aqui, Kyla. Responda a minha — ela diz, com um tom de aviso na voz.

Eu então penso em algo que possa dizer sobre Gianelli que não seja muito perigoso, mas depois repenso: não. Ele merece mais. Ele merece a verdade.

— Ele era uma boa pessoa. Se preocupava conosco, e agora se foi. Como você acha que me sinto?

Ela franze a testa.

— Respondendo a uma pergunta com uma pergunta? Você pode fazer melhor que isso. *BANG!*

Uma onda sonora invade o escritório. O edifício balança e o chão estremece sob os meus pés; o medo atravessa o meu corpo. Gritos distantes e fracos, mas não distantes o suficiente.

Terroristas?

A porta se escancara atrás de mim e me viro na cadeira: são os Lordeiros do corredor.

Pela primeira vez estou feliz em vê-los. Um deles fala por um fone preso à orelha.

— Venha conosco, agora! — diz o outro para a doutora Lysander, mas ela não se move, parece congelada, o rosto branco, atrás de sua mesa. — Agora! — ele grita, e ela se levanta.

Os dois se posicionam ao lado dela, levando-a para fora. Devo segui-los?

Ela se vira.

— Kyla, vá para a enfermaria. Não se preocupe, você estará...

Mas então o Lordeiro a agarra pelo ombro e a empurra porta afora.

O olhar de choque retorna. Ela não consegue mais disfarçar.

Ouço estrondos distantes, gritos, sons de tiroteio, como nos filmes antigos. Armas. Mas

onde? Inclino a cabeça; foi em algum lugar acima, ou do lado de fora. Atravesso o escritório

da doutora Lysander em direção à janela.

Não há grades; a sala dá vista para um pátio interno, muitos andares abaixo. Com plantas, árvores e bancos. Algumas enfermeiras estão agrupadas; nem sinal de armas ou de quem as colocou ali.

Doutora Lysander disse Vá para a enfermaria. Então, vou até a porta, mas paro. O computador dela está sobre a mesa. Ainda aberto.

BANG!

O prédio inteiro estremece; essa passou perto.

Faço uma pausa: o pânico diz corra, mas a curiosidade fala mais alto: quando *você terá outra chance como esta?*

E estou tremendo, meu estômago embrulha, como se o café da manhã estivesse voltando.

O que faço? Olho para a porta, meus pés dão um passo à frente e outro para trás.

Quem disse que está mais seguro lá fora do que aqui?

Despenco na cadeira.

Minha foto está do lado direito da tela: Kyla 19418. Esse é o número do meu Nivo. Do lado esquerdo da foto estão as anotações da doutora Lysander: um breve resumo da conversa

interrompida de hoje, embora não mencione Gianelli. Uma lista de datas ao lado: a última semana está no topo. Hesito, depois clico. E lá está, tudo o que conversamos naquele dia. Suas

observações.

Há uma barra de menu na parte de cima, abaixo do meu nome, onde está escrito:

Admissão; cirurgia; acompanhamento; recomendações.

Clico em Admissão. E lá estou eu, em carne e osso. Um outro eu. Em uma cama de hospital, mas há algo diferente, há cordas ao lado da cama. Minhas mãos e meus pés estão amarrados. Meu cabelo está mais comprido, embaraçado. Estou até mais magra do que agora.

Meu rosto está sem expressão, meus olhos são vagos: nada de janela para minha alma ou coisa

parecida.

E, enquanto olho para a tela do computador, uma parte de mim ainda ouve: tiros, armas; um grito *sufocado*. Mas estou hipnotizada. Dou uma rápida olhada nas notas sobre minha

admissão e cirurgia, buscando por qualquer pista sobre o motivo de eu estar aqui, mas não encontro nada. Só blá, blá, blá sobre tomografias completas de imagens do meu cérebro.

Passos, tiros. Eles estão perto agora.

Mas o que é isso? Abro um link onde está escrito “Recomendações”.

Mais alto. Levanto os olhos para a porta.

Mova-se, esconda-se, agora! Novamente uma voz em minha cabeça. Onde? Olho ao redor da sala, olho para o computador, pensando em fechar as janelas que abri na tela, mas

então o último link que cliquei se abre: Recomendações. Uma tabela com datas e ações.

A junta recomenda a finalização. Doutora Lysander tem o controle. Novo tratamento realizado. Monitorar os sinais de regressão após o novo tratamento. Recomendados vigilantes

extras. A junta recomenda o término se houver reincidência. A última recomendação está com

a data de uma semana antes da minha saída do hospital.

Mova-se, esconda-se, agora!

A porta é escancarada.

Tarde demais.

Um homem me encara. Ele não é um Lordeiro: seu cabelo está desgrenhado, os olhos são selvagens, e as roupas pretas, que provavelmente deveriam ser um uniforme, de perto deixam

a desejar.

Uma parte de mim ainda se prende a esses detalhes, enquanto o resto se foca em uma única coisa. Uma arma em sua mão, que ele levanta e aponta para mim.

Outro rosto aparece sobre seu ombro.

— Deixe-a! Ela tem um Nivo. É uma Reiniciada.

Ainda assim ele aponta a arma para mim.

— Seria mais generoso, não seria? — ele diz.

Eu balanço a cabeça, me colocando contra a parede. Tento dizer: não, por favor, mas as palavras estão apenas em minha mente, ficam presas na garganta e não saem.

— Não desperdice munição! — grita o outro, puxando seu braço. Eles saem pelo corredor.

Escorrego até o chão, tremendo violentamente. Meu Nivo marca 5.1. Explique isso.

Não posso.

Após um tempo, o instinto de autopreservação toma as rédeas, me dando forças para levantar. Fecho todas as janelas abertas do computador, deixo-o como estava e saio porta afora. O corredor está vazio; ouço gritos na direção para onde os homens correram. Corro para o outro lado.

As luzes piscam várias vezes e então se apagam. Está escuro como breu. Meus olhos se abrem mais e mais, mas não vejo nada neste corredor sem janelas. Um grito começa a nascer

em minha garganta, tentando encontrar o caminho para fora. Controle-se; *você sabe como: lembre-se!* Respiro lenta e profundamente, delineando a planta do hospital em minha mente.

Oitavo andar.

“Vá para a enfermaria”, dissera a doutora Lysander.

Com uma mão na parede, luzes nos meus pés e tremendo bastante, sigo com cuidado para não fazer nenhum som enquanto ando para a extremidade do corredor. Portas duplas, viro

à esquerda: você chegou ao seu destino.

Tudo é silêncio. Dou mais um passo, as mãos para a frente, tentando encontrar a ponta de uma mesa, mas escorrego em algo e caio.

O chão está molhado. Grudento. Há um estranho cheiro metálico que alcança o fundo da minha garganta e me faz emudecer. Sangue.

Retorno às cegas, de joelhos, e me bato em algo no chão — não, em alguém —, uma mão, um braço. Uma pessoa inteira, uma mulher, num vestido de enfermeira. Nenhum som ou

movimento, uma enorme piscina grudenta... passo a mão em seu braço até o pescoço. Ela ainda está quente, mas obviamente morta. Aquele último grito que ouvi, antes de os dois homens chegarem. Com a arma. Eles atiraram nela; deve ter sido isso.

Morta.

Me levanto e saio correndo, de volta ao corredor escuro.

Pare; muito barulho! Esconda-se.

Alguma força instintiva me faz diminuir o ritmo e ter cuidado com meus passos.

Silenciosos. Tento pensar se notei a enfermeira na mesa mais cedo, quando saí do elevador.

Passei por ela pelo caminho, mas não lembro como ela era. Se eu a conhecesse, teria

notado,

não é? Mas eu estava distraída, dando adeus à mamãe e então...

Mamãe! Ela tinha ido tomar chá com uma amiga, como sempre faz. Para onde elas foram? Eu não sei! Mamãe, onde está você?

Controle-se. Acalme-se. AGORA!

Inspiro e expiro até que meu coração retoma o ritmo e a onda de pânico diminui; contendo-me. *Espere e escute*. Mas não consigo ouvir nada, nenhum som. O hospital está assustadoramente silencioso, como nunca foi.

Meus pés me levam por vontade própria pelas escadas de emergência, dirigindo-se automaticamente para o lugar que conhecem melhor: o décimo andar. Meu antigo quarto. Cuidadosamente e em silêncio, uma mão na parede, subo com um pé de cada vez. Parando para ouvir de vez em quando, mas não escuto nada. Chego finalmente à porta do décimo andar

e tenho medo de que esteja fechada. Está aberta: talvez por causa da falha de energia. Passo

pela porta e entro no corredor: há luzes de emergência acesas no chão. Vozes e pessoas se movendo; vozes calmas, nada de gritos ou tiros. Dou um passo à frente.

E então uma luz brilha em meu rosto.

— É você, Kyla? Oh, é ela! — A luz diminui. É a enfermeira Sally, uma das enfermeiras do décimo andar que era da minha ala quando eu ficava ali. Estou absurdamente feliz por ver

um rosto, um rosto vivo, que eu conheça. Sorrio e ela aperta meu ombro. — É você. Oh, querida, veio para um check up, não foi? Venha por aqui. Temos de ir todos para a cafeteria.

Você vai nos ajudar com alguns dos novatos. Eles estão confusos.

E ela me faz dar a mão a dois Reiniciados. Novinhos. Dando passos incertos, mas com enormes sorrisos, como se este fosse o dia mais incrível de suas vidas.

Ela empurra uma cadeira de rodas: uma novinha em folha. Não se sente segura para andar.

Seguimos pelo corredor, que logo fica lotado de enfermeiras e pacientes.

— Rápido! — exclama uma voz impaciente atrás de mim. Um dos muitos Lordeiros que está nos agrupando.

Nos arrastamos para a cafeteria do décimo andar — o único lugar grande o bastante

para caber todo mundo. Eles empurram o último de nós e bloqueiam a porta.

Há luz natural ali, vinda das janelas altas e gradeadas, e fortes luzes de emergência. Pisco os olhos.

— Kyla, você está ferida! O que houve? — a enfermeira Sally me empurra para uma cadeira, verificando meu braço, meu ombro.

— Machucada? Não... Ah, sim. Esse sangue não é meu — explico. — Tropecei em alguém, que... — não consigo pensar nisso, ou sequer terminar a frase, então mudo de assunto.

— O que está acontecendo?

— Não se preocupe. Tenho certeza de que tudo ficará bem.

— Eles estão atirando nas pessoas; matando. Não está tudo bem.

Ela escancara a boca e balança a cabeça.

— Esqueci o quão direta você costuma ser. Houve um ataque do TAG. Mas acabou.

Eles estão apenas capturando os últimos, mantendo-nos protegidos aqui.

— Você está bem, querida? — outra enfermeira sorri para mim, com uma mão cheia de seringas do elixir da felicidade. Fazendo rondas pela sala.

— Estou bem — respondo, pensando em Sebastian. Isso deve funcionar: minha poker face. Ela se afasta. Sally vai com ela; ambas começam a verificar cada um.

Afasto-me e sento em uma cadeira junto às mesas. Uma garota está amarrada em uma cadeira de rodas perto de mim, os cabelos castanhos caindo em cascata sobre o rosto. Seu Nivo vibra. Busco por uma enfermeira e aceno para Sally vir dar uma olhada, mas ela parece

não ver. A garota está pendurada em sua cadeira de rodas, tentando alcançar algo...

Ah. Ali, no chão. Eu alcanço o brinquedo macio que ela deve ter derrubado, um coelho de orelhas felpudas.

— Aqui está — eu digo, colocando-o em suas mãos. Ela olha para cima e sorri. Um belo sorriso de felicidade.

Eu recuo. Não, não pode ser! Esse sorriso não pertence a esse rosto. Ela é linda com ele, combina com ela, mas está tudo errado.

— Phoebe? — eu sussurro.

CAPÍTULO 35

Alguma coisa pontiaguda golpeia meu ombro.

Um calor desliza por minhas veias. Quase instantaneamente, meu coração diminui o

batimento, meu punho se abre. Ah... não é apenas o elixir da felicidade. É algo mais forte. Vou ficando grogue.

Em algum nível estou consciente.

As luzes retornam. Estou na cadeira de rodas, descendo o corredor, não sei de onde; tudo que vejo é o chão. Não consigo erguer a cabeça para olhar.

Sinto o calor de uma chuva. Uma enfermeira me mantém de pé enquanto outra esfrega minha pele. O sangue é lavado com tanta facilidade quando não é nosso... Observo

enquanto minha pele se torna perfeita e branca novamente. Linda.

Toalhas felpudas, roupas limpas.

Roupas de hospital. Isto não está certo. Luto para entender o motivo, mas não consigo. Fui colocada em uma cama, mas não é minha cama. Os lençóis são frescos, minha pele parece febril sobre eles. Não estou em minha cama? Tento manter os olhos abertos. Eles estremecem e se fecham.

— Kyla, vamos lá. Acorde. Kyla...

Estou aquecida e feliz; flutuando; desconectada do meu corpo. Não quero voltar.

Me deixe em paz. Eu deslizo através das camadas de escuridão, a voz está sumindo...

Os tijolos estão à minha volta. Acima também, até onde posso ver. Arranho a argamassa. Está começando a desmoronar. Pouco a pouco. Não vai demorar... logo estarei

livre.

Outra voz:

— Vamos lá, Kyla. É hora de ir para casa.

Mamãe?

Meus olhos se abrem de uma vez.

Damos a volta no estacionamento do hospital até a saída.

Mamãe parece completamente serena. Ela me disse, enquanto íamos para o carro, que estava no escritório com a amiga quando houve a primeira explosão. Elas se trancaram e se

esconderam embaixo de uma mesa.

Quando tudo acabou, ela não conseguiu me encontrar. Ninguém sabia onde eu estava. O andar onde eu estava e um andar abaixo — os consultórios médicos e as salas de reuniões —

tinham sido atacados. Mas ninguém da equipe havia se ferido. Eles foram todos retirados, como a doutora Lysander. Mas, quando pressionei, mamãe admitiu que algumas enfermeiras e

Lordeiros haviam morrido. E todo o pessoal do TAG.

Acabaram me rastreando. Já estava no país das maravilhas quando me encontraram.

Reação tardia e choque, pensaram, era o que tinha feito meus níveis despencarem. Me deram

uma injeção antes que eu apagasse de vez. E, uma vez sedada, não quiseram me liberar sem

um escaneamento total.

Mamãe disse que mexeu os pauzinhos. Telefonou para alguns amigos influentes para conseguir me tirar dali e me levar para casa. Disse que todos no hospital estavam tão perturbados que me liberaram só para que ela fosse embora.

Para casa.

Durmo um pouco no carro, depois finjo dormir. O efeito da injeção está acabando. As coisas começam a voltar: em partes, a princípio, depois tudo de uma vez.

E eu mal posso acreditar que terroristas entraram no hospital, muito menos que fizeram o que fizeram, as pessoas que eles mataram. Não *desperdice munição*. Se eles tivessem mais munição, talvez eu também estivesse morta. Todo aquele sangue; a enfermeira cujo rosto não

consigo lembrar...

Desvio minha mente desse pensamento, e ele volta para o escritório da doutora Lysander. Em seu computador estava escrito a junta recomenda a finalização; doutora Lysander tem o controle. O que isso significa?

Mova-se, esconda-se, agora!

O mais estranho de tudo: de alguma forma, apesar do que aconteceu, eu me mantive dentro dos níveis satisfatórios, ou perto o bastante. Isso não faz sentido.

Ver Phoebe foi o que afinal me tirou do eixo.

Como um tipo de reação retardada, os nervos de aço da mamãe esperaram até chegarmos em casa e atravessarmos a porta da frente, e então entraram em colapso. Ela se enroscou no

sofá e caiu no choro.

— O que faremos? — pergunto.

— Vamos ligar para o papai — sugere Amy. Mamãe balança a cabeça negativamente do

sofá. — Que tal a tia Stacey? — ela parece aceitar, então Amy telefona.

Logo Amy está brincando com o bebê Robert enquanto me ensina a fazer o jantar, e Stacey e mamãe estão se ocupando com uma garrafa de vinho tinto.

Até agora, Amy só sabe parte da história; que terroristas atacaram o hospital. Eu não disse a ela — nem a ninguém — que vi dois deles no escritório da doutora Lysander, ou que

um deles quase atirou em mim. Ou sobre a enfermeira que morreu. Amy está fascinada e quer

todos os detalhes, e isso basta para eu querer guardá-los para mim.

No noticiário da noite há uma menção de cinco segundos: Hoje cedo houve uma tentativa de forte *ataque a um importante hospital de Londres por partidários armados do TAG. Eles*

falharam. Diga isso à enfermeira cujo sangue estava por toda parte.

CAPÍTULO 36

— Que aventura você teve ontem — diz papai, um olho em mim, outro na estrada.

— Acho que sim.

— Você teve medo?

— Sim.

— Bom.

Olhei para ele surpresa.

— Você seria completamente louca se não sentisse medo — ele diz e para num sinal vermelho. — Você dormiu bem à noite?

— Sim.

— Pesadelos?

— Não — tive medo de fechar os olhos, mas, se sonhei, não me lembro de nada.

— Interessante. Você teve algo *real para ter medo, para variar, e dorme feito um bebê*

— *ele parece* fascinado, como se eu fosse um enigma que ele está tentando decifrar. Tenho a

sensação de que ele não gosta de não entender as coisas e as pessoas; qualquer coisa.

— Talvez ainda seja efeito da injeção que tomei no hospital — sugeri.

— Talvez — ele diz, mas tenho a sensação de que ele sabe que a tal injeção não dura tanto.

— O que você acha dos terroristas?

Será que, de alguma maneira, ele sabe que eu estive com dois deles, frente a frente?
Não. Como poderia? Seus olhos estão na estrada agora, enquanto ele lida com um trecho estreito.

— E então?

O que eu acho dos terroristas... Eu não parava de pensar neles. Explodindo ônibus lotados de estudantes e matando enfermeiras.

— Eles são maus — eu digo.

— Algumas pessoas acham que eles têm razão. Que os Lordeiros foram longe demais; que eles são os maus. Que o que acontece naquele hospital e em outros como aquele está errado.

Arregalo os olhos, em choque por ele ter ousado dizer isso, mesmo sendo algo que algumas pessoas — não identificadas e sem rosto — poderiam pensar.

— Mas o TAG mata pessoas, gente inocente, que não têm nada a ver com nada. Não importam os motivos, ainda assim é errado.

Ele inclina a cabeça de um lado para o outro, como se pensasse no que eu disse.

— Então, não é do ponto de vista deles, mas dos métodos, que você discorda?

Interessante.

Ele para em frente ao colégio. Eu ia pedir para esperar um pouco, na dúvida se a senhora Ali tinha mandado Ferguson me excluir do treino de domingo assim como me proibiu

de usar a pista durante o almoço. Mas de repente eu só quero sair do carro, ficar longe de papai e de suas perguntas. De seu jeito de dizer interessante, como se achasse que há muito

mais escondido em cada palavra.

E desta vez Ferguson já está lá. Ele faz um cumprimento, assim que saio do carro; não parece surpreso por eu estar ali. Papai acena e vai embora.

Mamãe havia insistido para que eu ficasse em casa hoje, mas papai disse que não poderia ficar de olho em nós o tempo todo, assim me deixou sair. Ela tinha voltado a ser ela

mesma esta manhã; na noite passada também. Quando tia Stacey saiu e nós fomos jantar, ela

estava toda contida. Quando papai chegou uma hora mais tarde, ninguém notaria que ela havia

se alterado.

Papai certamente diz as coisas mais estranhas.

— Eu sei o que houve com a Phoebe.

— O quê? Como assim? — Ben se apoia em uma árvore, respirando com dificuldade.

Eu havia corrido como se os Lordeiros estivessem me perseguindo, da linha de partida até o

alto da montanha. Ben mal conseguia me acompanhar. Até que fiquei exausta o bastante para

parar e conversar, sabendo que nossos níveis estariam seguros.

— Eu a vi.

— Onde?

— No hospital. Ela é uma Reiniciada.

Rapidamente resumo para Ben os acontecimentos do dia anterior. Pulo as piores partes

— não porque não quero que ele saiba, mas por não querer pensar muito naquilo —, como se

elas estivessem escondidas atrás de uma portinha, bem fechada, em minha cabeça.

Algumas

coisas fazem questão de permanecer em um lugar escuro e nunca sair, e para mim está tudo

bem. Visualizei isso em minha mente quando fui dormir ontem à noite: empurrar as lembranças

para trás de uma porta e trancá-la com chave. Talvez por isso eu não tive pesadelos?

— Os terroristas entraram mesmo no hospital? Não consigo entender — ele diz,

parecendo querer correr para a trilha. Eu agarro sua mão para impedi-lo e ele segura a minha

com força.

— Não se esqueça de Phoebe — eu digo.

— Tem certeza de que era ela?

— Sim, era ela. Apesar de estar com um sorriso de felicidade no rosto que eu nunca tinha visto antes, não tive dúvidas.

— Então agora é uma Reiniciada. Mas ela acabou de ser levada pelos Lordeiros.

Quando foi? Há uma semana e poucos dias? Não pode ter havido um julgamento ou algo assim.

— Não.

Caminhamos pela trilha. Levaria séculos para que alguém nos alcançasse ali: hoje não

está chovendo para nos atrasar, e, com a lama da semana passada quase seca, aceleramos. Quando alcançamos a rocha, o lugar em que sentamos da última vez, Ben parou, sentou-se e

me colocou em seu joelho. Depois me abraçou com firmeza.

— Estou tão feliz que você esteja bem — ele diz por entre meus cabelos. — Não sei o que eu faria se você também desaparecesse.

Também desaparecesse. Como Tori. Embora ser bombardeada por terroristas não seja o mesmo que ser levada por Lordeiros. Ao menos, se você explodir, seu destino é óbvio. Não,

se ninguém souber *sobre isso*.

Ficamos ali sentados, parados. É uma congelante manhã de outubro, mas o sol está quente em minhas costas e o resto do meu corpo é aquecido por Ben. Tão próximo. Meu rosto

está contra seu peito, respirando orvalho, doçura e algo mais. Simplesmente Ben. Sinto sua

respiração em meus cabelos; seu coração bate no mesmo ritmo que o meu e quero ficar aqui,

neste momento, para sempre.

Ele se afasta um pouco. O rosto sério.

— Escute. Phoebe tinha quinze anos — perguntei a uma amiga dela. Então, quando a pegaram, eles a transformaram em uma Reiniciada. Mas e Tori? Ela tinha dezessete. E Gianelli, décadas mais velho. O que houve com eles?

— Eu não sei.

— Temos de fazer alguma coisa — diz Ben, e o medo revira meu estômago.

— O quê, por exemplo? — pergunto.

— Conte às pessoas. Sobre Phoebe, pelo menos. Já que sabemos o que houve com ela. O que fizeram com ela é ilegal. As pessoas podem supor, mas elas não sabem realmente, sabem?

Balanço a cabeça.

— Você não pode contar nada! Ou será o próximo a desaparecer.

— Mas como as coisas vão mudar se ninguém souber?

— Não.

— Mas...

— Não! — Eu me levanto com um salto e caminho a passos largos de volta para a trilha.

Ben me segue.

— Kyla, eu...

— Não. Prometa que não fará nada.

Discutimos todas as possibilidades e, no final, a única promessa que consigo de Ben é que ele não fará nada sem falar comigo primeiro. E então saímos correndo novamente antes

que alguém possa nos alcançar. Correndo pela trilha, para o lugar onde tudo que importa é correr e onde posso pensar sobre qualquer coisa ou sobre nada, porque tanto faz. Quando avistamos a chegada — nosso ônibus e Ferguson logo à frente —, puxo a mão de Ben.

— Escute. Venha comigo depois do colégio, amanhã. Venha ver os *sites de que falei*. As pessoas falam sobre essas coisas lá.

Ele sorri.

CAPÍTULO 37

Jazz parece muito aborrecido.

— Que parte de não conte para ninguém você não entendeu? — ele pergunta, fazendo uma careta.

— Ben é legal.

— Ele pode ser — Jazz dá de ombros. — Mas não é essa a questão.

— Desculpe.

— Agora não tenho certeza se levo você ao Mac ou não.

Dou de ombros. Por mim, não quero mesmo ir. Assim que comecei a pensar em tudo com mais cuidado, qualquer coisa que ele queira me dizer sobre seu computador ilegal, eu posso descobrir sozinha. Apesar de continuar praticando, minha poker face ainda não corresponde às expectativas se alguém me fizer perguntas, e quem sabe o que Ben pode perguntar?

Amy aparece vindo de uma direção, Ben de outra. Eu havia corrido para chegar primeiro e pedi a Ben que viesse devagar, para me dar a chance de me explicar.

— Bom, você decide — eu digo.

Jazz suspira.

— Tudo bem. Ele pode vir. Mac decide se afinal fala ou não com você sobre o que diabos quer falar.

Aceno para Ben para que ele saiba que está tudo em ordem para se aproximar; ele chega ao mesmo tempo que Amy.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Ora, ora, se não é o Ben.

Ele sorri, ela sorri de volta e eu me pergunto qual será a verdadeira razão para que Jazz não queira Ben conosco. Agora que eles estão lado a lado, vejo que Ben é mais alto, enquanto

Jazz está mais para um irmão mais velho; o sorriso de Ben e tudo o mais que se refira a ele é

imbatível. Jazz abraça Amy pela cintura e beija sua bochecha.

— Todos para dentro! — ele abre a porta e empurra Ben para o banco de trás. Ele entra e eu o sigo. Fico do lado que tem cinto de segurança.

— Segure-se firme, só tem um cinto — digo enquanto o coloco em mim.

Quando chegamos à casa de Mac e saímos do carro, Mac olha desconfiado para Ben, mas, assim que vê o Nivo em seu pulso, parece menos aborrecido do que Jazz por Ben estar

ali.

Jazz os apresenta, olha para mim e dá de ombros: será uma linguagem universal masculina?

— Vamos dar uma volta, Amy? — convida Jazz, erguendo a mão. Ele olha para Ben, a seguir para Mac. Mais palavras não ditas: a expressão em seu rosto diz devemos levá-lo conosco?

Mac balança a cabeça.

— Podem ir, meus pombinhos. Aproveitem o pôr do sol. Não haverá mais dias bonitos como este até a primavera.

Eles desaparecem pela trilha.

— Vamos lá. Bebidas? — pergunta Mac.

Nego com a cabeça, assim como Ben.

— Então, a que devo o prazer? — pergunta Mac.

— Pensei que você quisesse me ver — digo, confusa.

Ele ergue uma sobrancelha e eu entendo que ele se refere a Ben.

— Ah — sinto meu rosto corar. — Ben é legal. Você não contará a ninguém, não é?

— Claro que não — diz Ben. — Nós dois estamos preocupados com as pessoas desaparecidas e...

Mac ergue uma mão.

— Não é problema meu. Na verdade, não sei nada sobre isso.

Ben e eu trocamos olhares.

— Que tal vocês dois verem TV, ou fazer o que der vontade no sofá. Tenho que trabalhar em um carro — e ele sai pela porta de trás, que balança e bate com estrondo. Olho para Ben e dou de ombros, pronta a dizer alguma variação de não faço ideia do que esteja *acontecendo, quando a porta do corredor abre atrás de nós*.

Nós dois nos viramos. Um cara está parado na porta: vinte e poucos anos, cabelos vermelhos, sardas, um rosto sério. Que eu nunca vi antes.

— Olá, Lucy — ele diz e sorri.

Ele se aproxima de nós.

— Eu sou o Aiden — ele se apresenta e então olha para Ben, uma sobrancelha erguida.

— Este é o Ben. Mas não me chame de Lucy: eu sou a Kyla.

— Você é Lucy. Eu vi as fotos e agora estou vendo você em carne e osso. Mac está certíssimo. Você é ela; ela é você.

— Talvez. Mas não sou mais. E o que isso tem a ver com você?

— Sim, quem diabos é você? — pergunta Ben.

Exatamente o que eu estava pensando, mas me surpreendo quando Ben diz isso.

Aiden ri.

— Ben, vejo que você é alguém com quem preciso conversar. Estou feliz que tenha vindo.

Ambos ainda olhamos para Aiden, sem falar.

— Ah, me desculpem. Quem eu sou, ou quem eu deveria ser? — ele ri, mas não há felicidade em seu riso; é vazio. — Oficialmente, durante o dia, um técnico de telefonia; mas também trabalho para a DEA.

— DEA? — pergunta Ben, a curiosidade em seu rosto, mas as letras significam algo para mim.

— D-E-A: Desaparecidos Em Ação, não é isso? — pergunto. — Como no site.

Tentando descobrir o que aconteceu com pessoas como... como eu — falo, encontrando coragem para dizer em voz alta.

— Isso mesmo — ele responde, sorrindo. — Venha, vamos mostrar para o Ben.

E seguimos pelo corredor para o quatinho de Mac, onde o computador já está fora de seu esconderijo e ligado.

— Mostre a Lucy — diz Ben. Aiden busca pelo nome, e lá está ela. Posso ver Ben avaliando o rosto feliz na tela: Lucy Connor, dez anos. E então olhando para mim e para ela novamente. — Sim, definitivamente, é você — ele diz, finalmente. Meu coração dispara. Não

é que eu já não tivesse certeza, mas se alguém que me conhece tanto quanto Ben está convencido disso também, não há mais dúvida. As coisas mudaram de “talvez” para uma certeza.

— Então, o que acontece com Lucy agora? — Aiden sorri. Ele gira minha cadeira, uma mão em cada braço, e me olha nos olhos. Os dele são azuis, azul profundo, e firme. — A pergunta que tenho para você, Lucy, ou Kyla, seja lá como queira ser chamada, é esta: o que

você fará quanto a isso?

— Como assim?

Ele pega o mouse do computador e move o cursor para um ícone da tela que indica “encontrado”, abaixo da foto de Lucy.

— Devo clicar?

— Não entendo. O que significa isso?

— Simples: isso vai dizer a quem reportou você como desaparecida que você está bem. E então você envia informações para que possam entrar em contato.

— Não — eu digo.

Os olhos de Aiden estão de volta para os meus. O desapontamento refletido nos dele.

— Pense nessas pessoas, sempre preocupadas, imaginando o que teria acontecido com você. Talvez seja sua mãe ou seu pai, que não conseguiu superar a perda. Talvez você tenha

irmãs e irmãos que sentem sua falta, também. Talvez aquele gatinho que você segura na mão

seja agora um gato adulto, sentado no degrau de entrada de sua casa, agora mesmo, esperando

que você venha pela rua.

— NÃO! Isso é loucura. Eu não sei nada sobre a Lucy, ou de onde ela veio. Eu não sou mais ela.

A mão de Aiden se equilibra sobre o mouse e eu o arranco de sua mão.

Ele suspira.

— Pense nisso, Lucy.

Começo a protestar sobre o nome novamente; ele interrompe.

— Vou chamá-la de *Lucy*. *Não importa o que você pense agora por causa do que lhe fizeram, mas essa é quem você é* — ele diz, sentando-se novamente na cadeira junto à mesa,

um olhar pensativo atrás de seu sorriso preocupado. — Você acha que a DEA faz o quê?

— Tenta descobrir o que houve com as pessoas, eu acho.

— Isso é importante, mas é apenas uma pequena parte do que estamos tentando conquistar. Encontramos pessoas que foram levadas ilegalmente, para responsabilizar o governo por isso: mostrar isso ao mundo. Sem que ninguém se levante e diga “isso é errado”,

nada jamais será feito para impedi-los. Isso está acontecendo mais e mais, o tempo todo. Eles

precisam parar.

— Vocês estão com os terroristas, não estão? — pergunto.

— Não.

— Mas parece.

Ele balança a cabeça.

— Não, não estou. Não estamos com o governo; não estamos com os terroristas.

Estamos tentando encontrar uma solução melhor. Sem violência.

Ben segura minha mão.

— Kyla, escute. Isso parece com o que estávamos conversando ontem. Será que existe algo que possamos fazer?

Começo a tremer, meu Nivo está caindo. Ele vibra em 4.3.

— Nos deixe sozinhos um minuto — diz Ben. Aiden sai e fecha a porta.

— Você sabe que ele está certo, não sabe? — ele pergunta. Eu balanço a cabeça e me sinto enjoada com o medo de que, quanto mais descobrirmos, piores as coisas fiquem; que nada será o mesmo daqui em diante. Ben me abraça firme, me embala para frente e para trás,

até que paro de tremer. Meu Nivo começa a subir lentamente até chegar a 5, e Ben chama Aiden de volta.

Sua expressão é preocupada.

— Seus níveis estão bons agora?

— Acho que sim.

— É uma droga, não é? Ser grudada a uma dessas coisas. Mas deve existir um jeito de se livrar dos seus Nivos, antes de fazer vinte e um.

— Como? — pergunta Ben.

— Uma das coisas que descobrimos quando começamos a procurar por pessoas desaparecidas é que algumas delas são Reiniciadas.

— Como Tori — diz Ben, e depois explica. — Ela era nossa amiga; dezessete anos de idade. Nós achamos que ela foi levada pelos Lordeiros.

— Às vezes eles são levados pelos Lordeiros. Uma vez ou outra há problemas com o processo de reprogramação dos Reiniciados que não são detectados antes de a pessoa deixar

o hospital, alguns traços de memória que não foram eliminados. — Regressão, sussurra minha

mente. — Eles são levados de volta ao hospital, tratados novamente ou... — ele hesita.

— Exterminados — eu digo, e então me dou conta de que disse em voz alta, e não apenas em pensamento, como gostaria.

Aiden parece surpreso.

— Sim, isso mesmo.

Essas palavras estavam em meus dados no computador da doutora Lysander. Ele parece estar prestes a me perguntar como eu sei: e, não importa o quão distante deles Aiden pareça

estar, eu não contarei.

— Você disse que às vezes eles são levados pelos Lordeiros — digo rapidamente, antes que ele possa responder. — E os outros?

— Alguns são levados por terroristas.

— Por quê? O que o TAG poderia querer com eles? — pergunta Ben.

— Eles têm trabalhado para descobrir como desarmar e remover os Nivos. Nós não sabemos todos os detalhes, mas parece que eles têm conseguido.

— Mesmo? — diz Ben, a curiosidade estampada em seu rosto.

Mas qualquer dano ou interferência em um Nivo resulta em convulsão e morte para o usuário: somos avisados muitas e muitas vezes antes de deixar o hospital. O que aconteceu com os Reiniciados quando tentaram isso?

— Eles tiveram algum sucesso? — pergunto.

— Provavelmente mais fracassos.

Aiden fica mais sério.

— Verdade. Eles tentaram diversos tipos de inibidores de dor e extração física; induziram o coma; usaram o elixir da felicidade e outros medicamentos — ele tagarela sobre

analgésicos, endorfinas e compostos químicos sintéticos para o cérebro, e eu me desligo. Olho para meu Nivo. Mesmo uma leve pressão causa uma terrível dor de cabeça e faz com que meus níveis caiam. Não está apertado, mas, por causa da dor, eu mal consigo virá-lo.

O poder que ele tem sobre minha vida é absoluto.

— A dor... as mortes que ela deve ter causado — suspiro.

Aiden não contesta o que eu digo e sei que estou certa.

— Mas pense na possibilidade de se livrar disto — diz Ben, com um tom de voz entusiasmado.

— Vale a pena o risco.

— Não se não tivermos escolha! — implico. — É só esperar fazer vinte e um. Não parece muito se temos certeza de que vamos viver, não é?

Mas Ben parece fascinado. Meu estômago se embrulha, meu Nivo vibra a 3.9.

— Droga! — exclama Aiden. Ben me abraça e me embala para frente e para trás.

3.7.

— Kyla, está tudo bem; tudo ficará bem — sussurra Ben em meu ouvido, acariciando meu cabelo, mas só consigo pensar na dor...

3.4.

Tenho a vaga noção de Aiden saindo e voltando alguns segundos depois.

— Tome isto — ele diz, segurando uma pílula e um copo d'água. Eu faço um não com a cabeça, enquanto meu Nivo apita novamente, bem alto; os níveis ainda estão caindo, minha

cabeça está girando e a visão está ficando esquisita...

Aiden segura meu rosto entre as mãos e, antes que eu ou Ben possamos reagir, ele o inclina para trás com uma mão e enfia a pílula no fundo da minha garganta com a outra.

Engasgo e tusso, mas ela começa a descer.

— Por que você fez isso? — grito.

— Não queria chamar uma ambulância até aqui. Pense no Mac — ele diz. Tusso

novamente, ainda

meio engasgada, com o comprimido dolorosamente preso no meio do caminho. — Beba isto, vai ajudar — ele diz, me passando o copo. Bebo a água e, antes mesmo que a pílula desça totalmente, meus níveis já estão subindo. Não graças ao pequeno comprimido branco,

mas à raiva que corre em minhas veias.

— O que é isso? O que me fez tomar? — Aiden me olha com curiosidade. Posso ver o seu cérebro tentando ligar os pontos.

A garota é uma Reiniciada; seus níveis estavam caindo, ela fica irritada, e isso deveria ter feito os níveis caírem ainda mais. Por que ela não está inconsciente?

Kyla é diferente.

— O que você deu a ela? — pergunta Ben.

— É só o elixir da felicidade — diz Aiden. — Similar às injeções que eles usam no hospital. O TAG desenvolveu em forma de pílula.

E eu completo o resto em minha mente: desenvolveu para seus experimentos em Reiniciados sequestrados. Eles são tão ruins quanto o governo. E, apesar do que diz o Aiden,

que ele não está com os terroristas, que não tem nada a ver com eles e seus meios perversos,

ali está ele, com uma de suas pílulas.

— Fique com isto. Em caso de necessidade — diz Aiden, me passando um frasco de pílulas.

— Não quero — eu digo. — E não quero conversa com você.

Aiden dá um suspiro.

— Ouça, Kyla... se é quem você quer ser... Não posso obrigar você a nos ajudar. Eu acho que, por enquanto, você só precisa pensar melhor. Está bem? Mac sempre poderá entrar

em contato comigo se você quiser me ver novamente.

Ele se vira e sai.

— Espere um minuto — diz Ben. — Talvez eu possa ajudar. Será que estou nesse seu site?

— Quer descobrir? — pergunta Aiden.

Olho para Ben e ele concorda.

— Tem certeza? — pergunto. — Pensei que tinha dito...

Ele coloca minha mão entre as suas.

— Sim — ele diz, embora não pareça seguro.

Aiden senta-se diante do teclado e digita: masculino, dezessete anos, cabelos castanhos, olhos castanhos. Eles buscam por várias páginas de perfis que aparecem. Nenhum se encaixa.

Nem chega perto.

— Que pena — diz Aiden. O olhar de Ben é um misto de alívio e desapontamento. Será porque ele ajudou a DEA? Ou, talvez, porque ninguém esteja sentindo a falta dele.

Aiden se vira para sair; Ben o acompanha para se despedir.

Eu olho para o monitor e clico no botão de retorno até que o rosto de Lucy volte e tome a tela com um sorriso cheio de dentes. Apenas um clique em “encontrado” é necessário para mudar tudo, para sempre.

Mas são tantas coisas que levam ao não. Há uma certeza forte e assustadora de que isso só fará os Lordeiros me jogarem em uma de suas vans pretas; desaparecer de um modo que ser

uma Reiniciada pareceria uma boa coisa. Medo, também, de que seja lá quem estiver procurando por Lucy me ache defeituosa, ou que eu não queira conhecê-lo, ou as duas coisas.

Mas, sob todas essas ideias sensatas, há algo sombrio, algo enterrado. Na boca do estômago, bem lá no fundo, há uma fria certeza: eu não sei por que fui dada como desaparecida, porque tenho certeza de que o governo estava certo em me transformar em uma

Reiniciada. Há algo de errado comigo, bem lá no fundo, e eu não quero saber o que é.

Silêncio.

As coisas que não posso saber parecem fora do meu alcance, bem além da minha compreensão. Deve ser isso que eles observavam em mim no hospital: regressão. Doutora Lysander me salvou uma vez; mas agora, se mais alguém percebesse, seria o extermínio.

Fique quieta. Seja paciente.

Se Aiden está buscando alguém que queira ficar pulando para ser notado, e se está me considerando uma candidata, ele não poderia estar mais enganado.

Fique quieta como um túmulo.

Mais tarde, antes de nos despedirmos, Ben segura minhas mãos entre as dele. Me encara com aqueles olhos com os quais sempre quero concordar; nos quais eu nunca quero ver desapontamento, comigo ou com minhas ações. E agora eles estão tentando me persuadir. — Sei que isso é assustador, Kyla. Mas nós realmente poderíamos fazer algo, fazer a diferença. Pense em Tori, em Phoebe, em Gianelli. Me promete que vai pensar?

E eu prometo, porque, apesar de tudo, não consigo pensar em outra coisa. Ele me abraça, me mantém bem perto e eu desejo tantas coisas. Que pudéssemos ficar deste jeito. Que

pudéssemos ficar a sós em algum lugar, em um mundo sem Lordeiros, sem Reiniciados, sem

Nivos. Ou ao menos que ele pudesse dizer sim e fazer o que quisesse.

Mas eu simplesmente não consigo.

CAPÍTULO 38

Mais tarde, durante a noite, eu realmente reflito sobre tudo aquilo. E durante todo o tempo que fico no colégio, no dia seguinte, perambulo pelas aulas, sem me dar conta do que se passa

ao redor.

Das coisas que Aiden disse, o que mais martela em minha mente é que seja lá quem tenha me reportado ao DEA deve estar sentindo minha falta neste momento. Uma mãe, um pai,

irmãos e irmãs. Até mesmo aquele gatinho cinza.

Mas, com exceção de Lucy, essa família imaginária não tem rosto. São todos uma fantasia; seus sentimentos são abstratos e distantes. Embora, por outro lado, eu possa imaginar

a agonia de não saber o que houve com alguém que lhe é importante. Mesmo em relação a Tori

e Phoebe, as quais eu mal conheci e, no último caso, particularmente não me era querida, me

sinto desse jeito. A incerteza, o não saber. Ou eu me sentia assim com Phoebe antes, porque

agora eu sei o que houve com ela.

Talvez haja um lugar onde eu possa fazer algo.

*

— Vou correr — anuncio no carro, no caminho de volta para casa.

— Mas vamos fazer o dever de casa juntos — Amy protesta e olha para Jazz.

— E daí? Façam. Estarei em casa antes da mamãe — eu digo e eles logo concordam, embora seja “contra as regras” que eles fiquem sozinhos em casa. Jazz pergunta para onde estou indo e avisa que ficarei por minha conta e risco. E de certo modo é verdade quando digo

que vou me manter nas estradas principais. Vou me manter mesmo, até alcançar a alameda que

leva à casa de Phoebe.

Hoje cedo, o professor de inglês nos devolveu nossos livros com anotações. Eles foram recolhidos quando Phoebe ainda estava aqui, então, quando vi o dela na pilha, coloquei-o rapidamente dentro do meu livro. Do lado interno da capa, estava escrito tudo o que eu precisava saber: Phoebe Best, Fazenda do Moinho Velho. Segundo o mapa, a apenas poucos

quilômetros de distância de nossa casa.

Tum, tum. Meus pés me levam pela estrada, embora não esteja na minha

supervelocidade normal: preciso de tempo para pensar no que dizer. “Olá, sua filha é uma Reiniciada” parecia grosseiro. Tenha *cuidado. A última coisa que quero é a família invadindo o hospital e exigindo Phoebe de volta; aposto* que não demoraria para que os Lordeiros ligassem o problema a mim. E lá está o tio assustador, Wayne. Não o vejo desde aquele dia na calçada. Dou de ombros. Se sua van estiver estacionada na frente, desisto de tudo.

Quase passo direto, sem ver a placa desbotada. “Fazenda do Moinho Velho” aponta para uma rua, que está mais para uma pista coberta de mato e esburacada do que para uma estrada.

Sigo por ela caminhando. As árvores se dobram e se encontram na parte de cima, criando um

túnel verde. Nenhum *lugar para se esconder*. Um desconforto sobe por meu estômago. Saio

da pista e sigo pela densa floresta.

De acordo com o mapa, devo seguir meio quilômetro até a casa, mas seguindo por um caminho sem asfalto e cercado por árvores parece muito mais distante. Galhos puxam meus

cabelos, um espinheiro se agarra em minha roupa, e olho ansiosamente para a trilha.

Quando paro, indecisa se sigo em frente ou retorno, ouço um motor na direção da casa.

Um veículo se aproxima rápido. Eu me embrenho nas sombras de uma árvore. Uma van branca

passa pela pista.

Vejo o motorista de relance. É Wayne Best.

Meu coração faz tum-tum em meus ouvidos. Foi por pouco. O que ele teria feito se eu estivesse no caminho? E se tivesse visto quando me escondia? Devo estar louca. Apenas tenha

cuidado.

Mais uma curva e vejo construções. Embora se pareçam mais como uma porção de celeiros e barracões espalhados do que com uma casa, alguns quase caindo aos pedaços. Uma

cerca e um portão fecham o terreno. Na frente há um ferro-velho, cheio de carcaças enferrujadas de carros, tratores e outras máquinas que não sei identificar. Nenhum dos carros

parece estar funcionando: será que não tem ninguém em casa? Penso em retornar. Você chegou

até aqui.

Uma construção à direita do depósito parece estar menos decadente que as outras; há alguns arbustos espalhados na frente; e uma porta de verdade, em vez de um pedaço de madeira articulado.

Eu hesito, mas atravesso a pista e abro o portão. A pista se torna um caminho que leva para trás das construções, à esquerda; os campos se estendem e se elevam a perder de vista.

Pedaços de concreto espaçados em intervalos pela lama formam um caminho através do ferro-

velho até a porta. Primeiro *ouça*. *As árvores farfalham, não há vozes, nem som algum.*

Piso no primeiro pedaço de concreto e passo para o seguinte. Eles logo ficam tão afastados que praticamente tenho de saltar entre eles. A casa está apenas a alguns passos à frente, quando ouço um som fraco, um movimento, à minha esquerda. Me viro.

Dois olhos. Dentes afiados. Um rosnado baixo. Um cachorro enorme, provavelmente uma mistura de pastor alemão com outra coisa, e ele não parece feliz.

Começo a tremer. Dou um passo para trás lentamente, devo correr ou não? Verifico a distância entre mim e o portão. De alguma maneira, acho que se correr ele vai me perseguir.

Sou rápida, mas não tão rápida. O portão está muito longe. Estou mais perto da casa. Não se

mova.

Ele se aproxima um pouco, ainda rosnando, e então começa a latir.

Estremeço com o esforço para não correr e meu estômago começa a pesar. Isso, vomite no chão. Isso vai deixá-lo de bom humor. Engulo em seco e recuo lentamente, um passo de cada

vez, em direção à casa. Talvez haja alguém. Talvez a porta esteja aberta, ao menos.

Ele solta um rosnado do fundo da garganta e avança.

Corra.

Corro em direção à casa. Salto para a entrada e agarro a maçaneta. Mas ela não vira, está trancada.

Talvez seja o fim.

Ele se lança sobre mim. É enorme, uma pata acerta cada um dos meus ombros e me joga no chão, minhas costas na terra. Minha cabeça bate com força no chão, meus olhos se enchem

de lágrimas. Estou presa. Luto, não luto, não consigo decidir. Estou congelada de medo, olho

para os dentes afiados; sua respiração quente no meu rosto, os olhos dele nos meus. Ele rosna.

— Quietos! — diz uma voz masculina.

Os dentes recuam para dentro da boca do cachorro, mas ele não se move, ainda pesa sobre o meu peito, rosnando com as patas em meus ombros.

Ouçoo passos.

— Muito bem, Brutus, o que você tem aí? Levante-se para que eu possa olhar.

O cachorro — Brutus — sai de cima de mim. Sento-me, prestes a levantar.

— Fique aí — ele grita.

Sento-me na sujeira e encaro seu rosto: olhos muito juntos e cabelos enebados, tão parecido com Wayne que devem ser irmãos. Será o pai de Phoebe?

— Quem diabos é você?

— Sou Kyla. A-amiga de Phoebe — consigo dizer. As orelhas de Brutus se erguem quando digo o nome dela.

— Aquela imprestável não tem amigos com menos de quatro patas.

— Estudávamos juntas.

— E daí? Você deve saber que ela não está aqui, então. O que você quer?

— Ver a mãe dela.

— Ela também não está. Suma daqui!

Eu continuo olhando para ele. E para Brutus.

— Vá! Levante-se e saia daqui antes que eu mude de ideia.

Levanto-me e Brutus rosna mais alto. Esperando que o homem o segure, me dirijo para o portão. Estou quase lá quando ouço sons de passos, correndo atrás de mim. Sem me virar, saio

correndo, abro rápido o portão e o bato. O trinco trava no momento em que Brutus se joga contra o portão; ele balança, mas aguenta. O pai de Phoebe está rindo ao lado da casa.

— Não volte mais! — ele grita.

De jeito nenhum! Vê no que dá quando você tenta fazer a coisa certa? Chega disso. De agora em diante, Phoebe é um livro fechado para mim.

Meu Nivo marca 4.8, mas como? Exatamente como quando estava no hospital, assustada e correndo. Das duas vezes era esperado que meus níveis despencassem. Voltei para a pista,

muito trêmula para ir pela floresta desta vez, ou para correr. Subitamente, sinto que aquilo era

demais para mim; paro e meu estômago coloca o almoço para fora.

Que maravilha! Como se a lama, ou coisa pior, que estava por todo o meu corpo e uma horrível dor de cabeça já não fossem o suficiente.

Dor de cabeça? Coloco a mão na parte de trás da cabeça e estremeço. Meus dedos estão vermelhos: devo ter acertado o chão com mais força do que imaginei; estava distraída demais

pela fungada de um monstro de bafo ruim e dentes grandes naquela hora.

Eu quero me jogar no chão, aqui mesmo. Sem me importar onde estou, ou quem possa passar por aqui. Siga em frente.

Não é nada, não é nada, estou a quilômetros de casa. Acabo de retornar para a pista, quando me viro aterrorizada. Talvez eu não esteja me afastando rápido o suficiente: será que

ele enviou Brutus para me apressar?

Mas é uma mulher que corre em minha direção. Ela levanta a mão.

— Espere — ela diz e me alcança, sem fôlego, alguns instantes depois. — Você queria me ver? Sou a mãe de Phoebe.

Olho bem para ela: magra, cabelos presos de qualquer jeito, linhas profundas em torno

dos olhos, cheios de preocupação. Minha decisão de não me envolver mais com Phoebe e sua

família desaparece.

— Você sabe o que houve com ela? Por favor, me diga. Por favor.

Ela aperta meu braço com força.

Eu balanço a cabeça e estremeço com o movimento.

— Você está ferida? Deixe-me ver — ela pega um lenço e o coloca na parte de trás de minha cabeça. — É apenas um pequeno corte, mas talvez você precise de um ponto. Lamento

pelo Brutus. Ele virou um monstro desde que Phoebe se foi. Ele a amava.

— Aquele cachorro era dela?

— Ah, sim. Ele costumava segui-la o tempo todo, abanando o rabo, como um filhotinho gigante. Deixava o Bob tão zangado; ele é um cão de guarda, afinal de contas — e, quando ela

diz Bob, um lampejo de medo atravessa seu rosto. Imagine ser casada com aquele homem; imagine ter ele como *pai*. *Ela parece nervosa no caminho, como se ele pudesse aparecer, e eu começo a andar rápido na outra direção.*

Ela me segue, sua mão em meu braço. Um apelo silencioso. E eu escuto Aiden em minha cabeça:

imagine não saber o que houve, a preocupação. Imagine.

— Eu vi Phoebe na semana passada — confessei. — Por acaso.

— Onde está ela?

— Em um hospital de Londres.

— Oh, Deus! Ela está ferida?

— Não, não! Ela está bem.

— Eu não entendo. Por que ela está num hospital?

— Ela agora é uma Reiniciada.

Ela se detém, em choque, e eu me esqueço da perseguição e paro ao lado dela.

— Oh, Phoebe — ela suspira. — Você está perdida para mim — seus olhos começam a se encher de lágrimas.

— Sinto muito — eu digo, me virando para ir embora.

— Ela está feliz? Está bem?

— Sim.

— Obrigada por ter vindo e por ter me contado — começo a me afastar; ela se vira para o outro lado e volta para casa. — Talvez ela esteja melhor longe daqui — as palavras flutuam,

desaparecendo no ar.

Talvez.

— O que diabos houve com você? — pergunta Amy.

— Eu caí.

— Tire essas coisas aqui para não espalhar lama pela casa. Você também não cheira muito bem.

— Muito gentil.

Amy despacha Jazz para a cozinha e tira toda a minha roupa no corredor. Ela enfia minhas coisas na máquina de lavar enquanto tomo um banho. O corte atrás da minha cabeça

não está mais sangrando e fica escondido pelo cabelo.

Quando mamãe chega em casa, nós três estamos sentados à mesa da cozinha, tomando chá e fazendo o dever de casa.

— Vocês parecem tão ocupados — ela diz. A sobrancelha erguida como se de alguma forma ela soubesse que há mais do que pode ser visto.

Naquela noite Sebastian ronrona e eu tento dormir. Minha cabeça ainda dói, mas lateja mais do que dói.

Apesar do encontro com Brutus, estou feliz por ter falado com a mãe de Phoebe. Ao menos ela sabe. E vejo que eles não vão invadir o hospital ou iniciar uma confusão. O pai, porque não poderia se preocupar menos, e a mãe, porque não ousaria.

Talvez Phoebe esteja melhor longe dali: sua própria mãe disse. Qualquer família para a qual Phoebe seja encaminhada nos próximos meses será melhor do que aquela. Não é de se

admirar que ela fosse tão horrível para todo mundo; todo mundo, menos os animais, como aquele cachorro horrível. No hospital, seu rosto estava cheio de alegria. O que eles fizeram a

ela foi uma gentileza, não foi?

Talvez minha família fosse ruim assim.

A voz não irá embora, embora eu feche bem os meus olhos. Ela diz coisas em que não acredito e que não quero ouvir. Agora que é noite e tudo está silencioso, é ainda mais alta

dentro da minha cabeça. “Mamãe e papai não virão buscar você, Lucy. Eles não querem você. Eles deram você, e nunca mais os verá.”

Está frio. Puxo as cobertas para me cobrir. Os lençóis parecem estranhos, muito amassados. Nada está onde deveria estar, até o ar está estranho: tem um cheiro engraçado.

Um cheiro de mar que nunca senti antes.

Cubro meus ouvidos com o travesseiro e o seguro firme, mas ainda está lá.

“Eles deram você, e nunca mais os verá...”

CAPÍTULO 39

— Ei, como estão as coisas? — Ben mostra seu sorriso matador e eu quero responder, contar tudo a ele. Que eu realmente fiz alguma coisa, que falei com a mãe de Phoebe. E até

mesmo sobre o sonho que me acordou várias vezes na noite passada. Ele é o único para quem

eu poderia contar essas coisas, mas o que ele iria pensar do meu sonho? Se meus pais haviam

me dado e não me queriam, então por que teriam me reportado como desaparecida?

— Está tudo bem? — ele pergunta.

Apenas dou de ombros e passo meu cartão enquanto fazemos uma fila para a aula de biologia. O que posso dizer, cercada por tantos ouvidos?

Pegamos nossos lugares de sempre, no assento do meio, na parte de trás. E, na frente da sala, uma surpresa: nada de Senhorita Fern.

No lugar dela há um homem que nunca vi antes. Ele está sentado na ponta da mesa, olhando para a turma, observando cada um enquanto pegamos nossos lugares. Murmúrios logo

começam entre algumas garotas, e é fácil entender por quê: ele é lindo. E não são apenas as

partes atrativas — cabelos loiros e ondulados, com reflexos, sua altura e sua roupa, camiseta

e calças mais justas do que a maioria dos professores usa —, mas tudo isso junto. Ele chama a

atenção da turma.

Ele analisa a turma casualmente, assento por assento. Seus olhos encontram os meus e algo acontece. Não entendo o quê, mas é como se algo passasse entre nós. Nada idiota ou

piegas, mas uma outra coisa. Algo de reconhecimento no olhar dele, alguma resposta no meu...

mas não sou eu. Fico nervosa e um calor sobe por minhas faces, enquanto ele segura o meu

olhar, sério, por mais tempo do que seria razoável. Quando ele finalmente deixa de me encarar, é como se eu tivesse caído de um lugar alto. A cabeça gira, o estômago dá voltas.

— Bom dia, turma — ele diz. — A senhorita Fern não virá hoje e ficará algum tempo sem vir. Ela teve um acidente infeliz. Eu sou o senhor Hatten — ele se vira para escrever seu

nome no quadro.

Houve uma pausa entre as palavras “acidente” e “infeliz”? Nada de acidente. Sem Lordeiros, como foi com Gianelli; de novo, não. Mordo minha língua para focar naquela dor.

Será que eles a levaram, e, se levaram, por quê? Não consigo pensar em nenhuma razão. Ela

era uma boa professora, mas que passava despercebida. De qualquer forma, não houve segredos quando levaram Gianelli, então por que haveria agora?

Talvez haja outra razão para substituí-la. Talvez Hatten seja um deles.

Eu o observo enquanto anda pela sala, fazendo com que cada um se apresente enquanto mapeia os lugares. Ele não se parece com um Lordeiro. Para começar, eles sempre usam um

terno cinza, ou se vestem de preto nas operações. Mas é mais do que isso. Os Lordeiros, embora alertas e vigilantes, podem criar problemas. Eles não reconhecem qualquer um com

menos de vinte anos. Somos muito insignificantes para sermos notados. Mas Hatten é diferente: ele está aqui, presente, interessado e ciente de todas as pessoas da sala. Ele é diferente.

— E você é...?

Ben sorri.

— Sou Ben Nix. Mas a senhorita Fern está bem? O que houve com ela? — ele pergunta. Cabeças se viram, ouvidos ficam atentos. Nem sempre é a coisa certa a se fazer: perguntar.

Mas Hatten sorri.

— Ela ficará bem. Sofreu um acidente de carro e está no hospital. Próximo! — ele diz.

E seus olhos estão em mim novamente. Mesmo do outro lado da sala, eles têm uma cor estranha. Azul, mas muito pálido, uma sombra de azul. Se não fosse por uma linha mais escura

no contorno da íris, eles se misturariam ao branco.

— Meu nome é... Kyla — o que há de errado comigo? Estive prestes a dizer outra coisa, um nome que mal tinha existido e então desaparecera antes que eu sequer soubesse o que significava. Ele levanta uma sobrancelha divertido, como se percebesse o deslize que eu quase cometera. Controle-se. Desta vez, consegui olhar para o outro lado antes dele. Segurei

firme as minhas mãos para evitar que tremessem.

Hatten termina as apresentações e começa a aula. Ele pega um caderno de um dos alunos emprestado para ver quais capítulos tínhamos estudado. Havíamos acabado de iniciar uma

parte sobre classificação biológica.

Ele o fecha.

— Vamos fazer algo diferente hoje — ele diz. — Uma prática mental — ele aponta para mim e para Ben. — Vocês dois, venham me ajudar. Peguem as maquetes de cérebro e passem

adiante, uma para cada dupla — Ben se levanta e eu o sigo; pegamos umas caixas pequenas de

um armário que Hatten nos indica.

Dentro delas encontramos modelos tridimensionais de cérebros. Cada pedaço numerado e encaixado uns aos outros, como em um quebra-cabeças. Os minutos passam rápido com a

gente desmontando o cérebro e o montando novamente, escrevendo os nomes de cada estrutura

numerada em uma folha de trabalho. Cerebelo, tronco cerebral, córtex frontal, hemisférios esquerdo e direito... o diagrama me lembra das partes do meu cérebro que vi no computador

da doutora Lysander. Mas aquilo não era desenho. Era uma tomografia do meu cérebro.

— Escutem — diz Hatten. — Uma última coisa. Todos vocês, juntem suas mãos e deixem um pequeno círculo entre elas, pelo qual possam olhar — ele desenha um X no quadro

branco. — Ergam os braços e, com os dois olhos abertos, olhem para o X através do círculo

em suas mãos. Agora, fechem um olho de cada vez, sem mexer as mãos. Quando você fecha

um, o X deve desaparecer; quando você fecha o outro, ele ainda deve estar lá, no centro.

E assim fazemos: seguro minhas mãos no alto e olho para o X. E, de fato, quando fecho meu olho esquerdo e enxergo com o direito, o X está bloqueado pela minha mão. Quando fecho o olho direito e vejo com o esquerdo, ele fica no meio.

Hatten observa a sala e então se vira para mim.

— Kyla? Qual olho viu o X?

— Esquerdo — respondo.

Ele sorri.

— Interessante. Você deve ser uma anomalia biológica.

Não digo nada, ele continua.

— O olho dominante geralmente corresponde ao lado da mão dominante. Se você viu o X com seu olho esquerdo, você devia ser canhota. Mas aí está você, segurando a caneta com a

mão direita. E o resto de vocês, alguém mais descobriu que seu olho e sua mão dominantes

são os mesmos? — as pessoas cochicham. Me ajeito desconfortável na cadeira.

— Nosso tempo está acabando — diz Hatten. — Mas vocês devem estar se perguntando por que fizemos este último experimento junto com nosso trabalho com a maquete do cérebro

— os olhos dele ainda estão em mim, não olham para mais ninguém; apenas para mim. — Esta

foi uma descobertachave nos estudos sobre o cérebro: a influência da mão dominante no desenvolvimento e na organização de armazenamento e acesso da memória. Se você é canhoto,

em certos aspectos fundamentais, a memória de acesso está no hemisfério dominante direito;

se você é destro, o esquerdo é dominante. Embora isso não funcione para alguns raros indivíduos, normalmente aqueles com habilidades artísticas parecem ser capazes de usar seu

cérebro de maneira diferente — ele finalmente desvia o olhar de mim para o resto da sala, mas a seguir retorna para mim. — Isso tudo é muito importante em cirurgia e tratamento de

problemas no cérebro.

Cirurgia. Como ser Reiniciado.

O sinal toca. Fim da aula.

— Entreguem seus papéis na saída — ele diz.

Todos se movem, deixando os livros de lado.

Destra... canhota. Meu punho esquerdo se fecha por conta própria, meus dedos da mão esquerda foram esmagados com um tijolo. Mas aquilo foi só um sonho.

Foi mesmo?

— Kyla? — Ben me cutuca. — Vamos — desperto-me internamente e me obrigo a levantar, me aproximo cada vez mais da mesa do professor, meus pés estão como chumbo, tão

lentos que fico por último, após Ben. A senhora Ali está parada junto à porta, me esperando.

Coloco minha folha no topo da pilha, na mão de Hatten.

— Você achou isso... interessante? — ele pergunta e pisca.

Levo um susto e não respondo. Olho para a porta, para a senhora Ali.

Ela franze a testa.

— Quero uma palavrinha com você antes de sua próxima aula, Kyla. Vamos.

Ela me puxa para uma sala de aula vazia, ali do lado.

— Algumas preocupações foram levantadas ao seu respeito, minha querida. — Ela mostra o seu sorriso gentil. É quando ela é mais perigosa. — E, pelo que acabo de testemunhar, devo dar ouvido a elas.

O que ela acaba de testemunhar? Eu relembro os últimos momentos de aula freneticamente: ela estava lá quando Hatten disse que eu era uma anomalia biológica? Não.

Tenho certeza que não. Ela chegou no final. E não poderia tê-lo visto piscar; ele estava de costas para ela.

— O que a senhora quer dizer?

Ela faz uma careta.

— Aquele novo professor adorável lhe perguntou se a aula tinha sido interessante e você nem sequer respondeu.

Aquele novo professor adorável: hummm. Há algo mais a respeito dele e aposto que não, ele não é totalmente adorável.

— E alguns dos seus outros professores dizem que você tem estado distante, desatenta e

não está pronta para aprender.

— Desculpe. Vou tentar melhorar.

— Não tente; faça. Isto é um aviso, Kyla. Nós já conversamos sobre isso antes. Não esqueça que você será punida até completar vinte e um anos. Seu contrato requer que você dê

o seu melhor para se integrar e se sair bem no colégio, com sua família e comunidade. Você já

tem mais de dezesseis anos; se falhar, outras opções de tratamento estão disponíveis — ela

sorri calorosamente. — Agora, corra para sua próxima aula, querida. Tenha um ótimo dia.

Ela desaparece porta afora, descendo o corredor. Ben: preciso de Ben. Tudo está

desmoronando por dentro: dúvidas sobre Hatten, quem ele é, o que disse; choque e medo das

ameaças da senhora Ali. Meus níveis começam a cair.

Quando saio no corredor, Hatten está vindo do laboratório de biologia. Ele faz uma careta na direção da senhora Ali e revira os olhos.

— Que bruxa — ele sussurra, pisca novamente e dá um sorriso. Ele parece mais novo, mais natural deste jeito, como se a pose de professor de antes fosse uma máscara, e eu não consigo evitar sorrir de volta. Ele se inclina para perto e coloca um dedo nos lábios. — Shhh,

é nosso segredinho — e então segue na outra direção.

Eu poderia jurar que ele tinha ouvido cada palavra que a senhora Ali disse. Mas como?

E o que era “nosso segredinho”?

O tempo irá dizer.

Ben está na saída da frente, esperando.

— Vi a senhora Ali arrastando você para uma conversa. Está tudo bem?

— As coisas podiam estar melhor — respondo. Embora tenha verificado meu Nivo e esteja surpresa que subiu para 5.1: será que as caretas bobas de Hatten impediram a queda?

Ou seria por que ele se *aproximou*? *Meu coração ainda bate forte.*

— Você pode correr antes da reunião do grupo amanhã? — ele pergunta, a expressão preocupada.

— Claro. Conversamos lá — toca o primeiro sinal para a próxima aula e nós nos apressamos em diferentes direções.

Hora de ser atenciosa e estar pronta para aprender. Ou de melhorar em fingir isso, ao

menos.

CAPÍTULO 40

Puxo a cortina da porta da frente e olho a rua: nem sinal. Rápido, Ben.

— Kyla? — chama papai do cômodo da frente. Vou até a porta. — Venha conversar um pouco comigo enquanto espera.

Fico em dúvida, olho para os meus pés, já de tênis de corrida.

— Não se preocupe com isso, ela nunca saberá — ele diz.

Mamãe pode estar fora, mas tenho certeza de que ela tem algum tipo de radar que controla onde pisaram de sapatos no carpete. Eu os esfrego com cuidado no tapete e caminho

receosa até a porta.

— Sente-se — ele diz, sorrindo. — Me apoio na beirada de uma poltrona. — Seu garoto não é muito pontual, é?

— Não — admiti.

— Então ele é mesmo seu garoto.

— O quê?

— Seu garoto. Você sabe, quero dizer, seu namorado.

Fico vermelha.

— Não.

— ... ou, talvez, você gostaria que ele fosse.

— Não! Eu não sei. Somos apenas amigos.

Ele levanta uma sobrancelha e é como se soubesse; ele pode entender meus sentimentos confusos melhor do que eu.

— Tenha cuidado, Kyla. Só porque permitimos que Amy veja Jazz não quer dizer que você esteja preparada para ter um namorado: você saiu do hospital não faz muito tempo. E você sabe que, até ser liberada, aos vinte e um anos, você tem de ouvir à sua mãe e a mim sobre tudo, incluindo isso.

— Sim.

— Não sei se gosto de você saindo para correr com esse tal de Ben sozinha.

Não falo nada. Qualquer protesto que eu faça só lhe dará mais razão. Mas eu preciso ver Ben; preciso muito falar com ele. Depois de tudo o que houve esta semana, eu só quero segurar sua mão. *Ah*.

— Mas sua mãe parece pensar que está tudo bem, então vou concordar com ela nisso.

Por enquanto. Mas trate de manter as coisas como apenas amigos, do jeito que você disse.

Você entende o motivo?

— Hum, não tenho certeza.

— Há uma preocupação real de que você não consiga lidar com esses tipos de sentimentos logo após ter se tornado uma Reiniciada. Você poderia terminar com seus níveis

tão confusos que não conseguiria controlá-los.

Esses avisos eu já tinha ouvido no hospital. Mas como? Ben ajuda meus níveis a ficarem para cima, e não para baixo. A menos que...

— Você me quer sob controle — falo as palavras lentamente, surpresa por deixar que saiam antes que eu tenha a chance de censurá-las.

Um ar de divertimento passa por seus olhos.

Há uma batida na porta: é Ben. Levanto-me, mas papai ergue uma mão.

— Espere aqui um minuto — ele diz. Vai até a porta e a atende. Eu espero. Ouço papai se apresentando para Ben, alguma conversa sobre a corrida no colégio. Ben, como sempre, é

acessível, educado. Agradável. O tipo de garoto de que os adultos gostam.

Papai estica sua cabeça pela porta da sala da frente.

— Podem ir, então — ele diz. — Mas lembre-se do que conversamos.

— Desculpe por isso — eu digo, após a porta estar bem fechada atrás de nós.

— Pelo quê?

— Meu pai.

— O que tem ele? Me parece legal.

— Deixe para lá.

Corremos até a estrada, cada vez mais rápido, e logo estou perdida no ar frio da noite, no ritmo familiar dos nossos pés no chão. O tump, tump das longas pernas de Ben batem num

tempo diferente do meu, mas estamos iguais em velocidade. Lado a lado.

Diminuímos o ritmo quando alcançamos a calçada fora da estrada.

— Conversar? — pergunto.

Ele pega minha mão e me guia para a sombra, embaixo das árvores. A noite está clara, a lua quase cheia irradia luz suficiente para vermos o caminho. Enquanto seguimos até o portão,

penso no que papai disse, no que disse o hospital. Evite garotos: eles enlouquecem seus níveis. Mas os meus estão mais altos agora do que estiveram a semana toda. O que eles sabem?

Como da outra vez, Ben me levanta para me colocar sentada no alto da cerca. Ele para em frente a mim e coloca os seus braços em volta de minha cintura. A seguir, coloca meu cabelo para um lado do meu rosto e se inclina.

— Sobre o que você quer conversar? — ele sussurra em meu ouvido e seu hálito me dá arrepios no pescoço.

Eu não digo nada, minha mente fica em branco de repente. O sangue ainda pulsa em minhas veias, por causa da corrida. Por causa de outra coisa.

— Fiz uma promessa a mim mesmo — diz Ben.

— O quê?

— Que, se viéssemos aqui novamente, eu faria isto — ele coloca uma mão sob meu queixo, um toque suave, e tudo está misturado, num turbilhão por dentro, em pânico, mas do

tipo que lhe faz querer correr. A cerca fria abaixo de mim, o braço quente ao meu lado, a mão

no meu queixo, cada sentido hiperestimulado. Ben se inclina para a frente e encosta seus lábios suavemente sobre os meus. Doce e gentil: Ben. Ele se afasta e sorri. E tudo que quero

fazer é puxá-lo para mais perto, beijá-lo de novo e de novo. Acalme-se. E se papai estiver certo e isso desestabilizar os meus níveis?

— Agora, o que você queria falar comigo? — ele diz.

— Hã? — eu o encaro nos olhos. Contorno seus lábios com o meu dedo. Os meus estão formigando.

Ele sorri, divertido, e coloca minhas mãos entre as dele, entrelaçando nossos dedos.

— *Você disse que queria falar comigo sobre algo. Mas se você prefere...* — e ele se curva para me beijar novamente. Uma vez. Duas vezes...

Tudo está rodando e girando por dentro, mas então me lembro de algo e o empurro para um pouco longe de mim.

— Conversar?

— Se for preciso — ele diz, com a voz rouca, um pouco insegura, e então é minha vez de rir.

E conto a ele sobre ter ido ver a mãe de Phoebe e sobre eu ter revelado que ela agora era uma Reiniciada.

Os olhos de Ben brilham à luz da lua. Ele me abraça.

— Eu sabia que você iria entender, depois de pensar sobre as coisas, que devemos ajudar Aiden e a DEA.

Balanço minha cabeça.

— Não. Você está enganado. Eu queria contar à família de Phoebe o que houve com ela, e assim eles saberiam, mas não quero ir a público sobre mim.

— Mas e Lucy? E os pais dela?

— Pense bem sobre isso — eu digo. — Quantos anos tinha a Phoebe?

— Quinze.

— Então, quando ela saiu da linha, foi Reiniciada. Mas o que aconteceria comigo?

E eu conto a ele o que a senhora Ali disse, que ela me ameaçou. Outras opções de tratamento para quem tem mais de dezesseis. Estou sob aviso; sendo observada. Qualquer passo fora da linha e eu desapareço, como a Tori.

— Não quero que nada lhe aconteça — ele diz, empalidecendo.

Mas isso me lembra de outra coisa.

— Você costumava beijar a Tori como acaba de me beijar? — as palavras saem sem pensar e eu desejo poder guardá-las novamente.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Isso importa?

Antes que eu possa dizer outra coisa para me arrepender, ele ri.

— Não! Eu nunca beijei a Tori. Ela era só uma amiga.

— Mas eu pensei...

— Pensou errado. Tori teve problemas com a família. Ela precisava de alguém para conversar e eu sou um bom ouvinte.

Eu notei. Mas também notei que Tori não pensava em Ben apenas como um amigo. Mas, desta vez, consegui guardar isso para mim.

Ele sorri.

— Kyla, acredite: você é a única que eu quero beijar. E eu não quero que nada lhe aconteça — ele sacode a cabeça, esfrega a têmpora. — Eu não entendo como funciona o meu cérebro.

— O que você quer dizer?

— Quando professores e enfermeiras falam comigo, tudo o que eles dizem é certo, razoável e eu devo dar ouvidos a eles. Mas, quando Aiden falou conosco no outro dia, eu vi

que eles estavam errados e Aiden estava certo; que o governo deve ser responsabilizado pelo

que está fazendo. Agora você fala de perigos que deveriam ser óbvios, mas eu ainda não os

entendi bem. É como se eu não pudesse pensar direito às vezes. Meu cérebro parece só funcionar depois de uma corrida. Como agora.

Isto é ser Reiniciado.

Penso novamente no que Aiden disse, e na maneira como disse. Ele parecia ter tudo planejado, não estava preocupado com o que poderia nos acontecer se continuasse com seus

planos, estava? E sabia exatamente o que dizer a Ben para convencê-lo, sabia o quão sugestionável ele é. Como eu deveria ser também. Kyla é diferente.

— O que fazemos agora? — pergunto.

— Não quero que nada de ruim lhe aconteça. O que você acha?

— É porque você é um Reiniciado. Isso faz você querer continuar, fazer a coisa certa, fazer o que é esperado.

— Isso só faz piorar. Outra coisa que deveríamos resolver — seu rosto está preocupado, ele está pensando por conta própria, e é o que ele pensa.

Não. Fique muda, como um túmulo.

— Ben, escute. Temos que esquecer o Aiden e fazer o que esperam de nós no colégio e em casa. Aguentar até que retirem os nossos Níveis. Qualquer coisa que a gente faça antes disso, que chame atenção, é muito perigoso. Quando tivermos vinte e um, pensamos nisso novamente e vemos o que é possível fazer.

Ben me escuta e eu vejo o quanto ele é sugestionável. Afirme qualquer coisa forte o bastante e ele a abraçará. Que mundo perigoso para uma pessoa como ele; uma urgência irresistível de protegê-lo me domina. Ben é como... deveria ser, eu também deveria ser assim,

mas, de alguma forma, não sou. Não

do mesmo jeito. Uma Reiniciada, mas não como os outros. Kyla é diferente.

— Você está certa, Kyla — ele diz, me envolvendo com força em seus braços

novamente. Ele beija minha bochecha; isso poderia ter levado a algo mais, e eu desejei muito

que levasse. Mas me beijar talvez tenha sido apenas algo mais que eu sugestionei.

— Vamos lá. Vamos voltar para o grupo — eu digo.

Enquanto seguimos de volta para a estrada, pergunto a Ben o que achou de Hatten dizer que sou uma anomalia biológica e sobre lateralidade e cirurgia cerebral. Mas Ben muda de assunto, não parece querer falar sobre Hatten.

Corremos o resto do caminho e, enquanto fazemos isso, minha mente dá voltas. Antes me sentia protegida por estar ao lado de Ben, mas vejo que estava errada. Eu preciso protegê-lo.

Preciso ter cuidado por nós dois.

Por que posso pensar por mim mesma, e Ben não? Não compreendo.

CAPÍTULO 41

O rosto da minha mãe está sério, concentrado; as mãos seguram com tanta força no volante que suas juntas estão brancas. Mas não está acontecendo nada. O trânsito está bom.

Subimos a suave elevação da estrada e, quando chegamos ao topo, podemos ver a interminável fila para entrar no hospital. Estão usando uma entrada diferente hoje; fomos avisados ontem, antes da minha consulta com a doutora Lysander. Teria a entrada normal sido

danificada por uma bomba na semana passada? Logo alcançamos a fila e chegamos a uma barreira.

— Você está bem? — pergunto.

Ela se assusta e sorri meio sem jeito.

— Não deveria ser eu a lhe perguntar isso?

— Eu perguntei primeiro.

— Muito justo. Só estou me sentindo tensa por voltar ao hospital depois do que houve na semana passada. Você não?

Por incrível que pareça, não. Ao menos, não desse jeito. Sem dúvida os Lordeiros têm as coisas tão bloqueadas agora que um terrorista não teria chance de se aproximar nem a um

quilômetro. Mas mamãe parece querer saltar para a pista oposta e correr para o mais longe possível.

— Acho que eles não vão deixar nada acontecer, depois do que houve na semana

passada. Então, isso aqui está mais seguro do que nunca.

Mamãe vira a cabeça para o lado.

— Você deve ter razão. Eu ainda não quero voltar lá.

Eu também, embora por diferentes razões. Não sei se minha poker face está pronta para a doutora Lysander hoje. Preciso decidir se vou em frente e faço o que se espera de uma perfeita Reiniciada: essa é outra possibilidade.

— Eu sei. Vamos desistir e ir almoçar, então — sugiro.

Mamãe ri.

— Engraçadinha. Não seria maravilhoso se pudéssemos?

— Bem, você poderia me largar aqui e sair o dia todo. Você deve estar cansada de perder todo sábado me levando para o hospital.

— Verdade, mas não posso simplesmente sair por aí. Está vendo um poste em cada esquina? Como este aí do seu lado esquerdo — olho pela janela. Há um sinal de trânsito e um

poste junto a ele. Na sua ponta há uma pequena caixa preta, um tipo de dispositivo. Uma câmera.

— Eles monitoram a identidade e posição de todos os carros em Londres. Se eu começar a passear por onde não costumo, quem sabe o que pode acontecer? Embora, talvez,

eu consiga me livrar.

— Por causa de quem foi o seu pai?

— E minha mãe. Ela também foi importante.

— Então até mesmo os adultos não podem ir aonde querem.

— Não. Não hoje em dia.

— Eles podiam antes?

— As coisas mudaram, Kyla. Quando eu tinha sua idade, tudo era muito diferente.

— Foi quando tudo começou, nos anos 20?

Ela estremece.

— Eu pareço tão velha? Eu tinha dezesseis anos em 2031.

— Mas você se lembraria dos anos 20. Quando havia motins e gangues e todos se esconderam com medo em suas casas e nunca mais saíram.

Ela ri novamente.

— Essa é uma das versões. Foi também quando os celulares foram proibidos para

menores de vinte e um anos. Eles os usavam para organizar manifestações, entende? Mas não

era tão ruim assim. Não no início. Embora fosse diferente de hoje em dia, você tinha que ter

cuidado para onde fosse à noite, esse tipo de coisa — os olhos dela seguiam para os lados, para Lordeiros que estavam no canto. Vestidos de preto, segurando metralhadoras.

— Agora você só precisa ter cuidado com eles.

Ela balança a cabeça levemente e eu estou surpresa.

— Você disse que não era tão ruim no início. Mas e depois?

— Você não tem aulas de história no colégio? Depois da queda... Você sabe, a desvalorização da moeda e o colapso econômico que assolou a Europa... Quando o Reino Unido se separou da União Europeia e fechou as fronteiras, houve um período em que as coisas ficaram muito loucas.

— Já vi filmes sobre o motim.

— Eles mostram a pior parte. A maioria das manifestações de estudantes era pacífica, no início. Mas a frustração e a raiva cresceram.

Nas aulas de história, a multidão está sempre fora de controle, com adolescentes revoltados destruindo a propriedade alheia e matando pessoas. Atordoada por mamãe me contar isso, não digo nada. Ela talvez esteja falando para não pensar aonde estamos indo e o

que houve lá na semana passada.

— Minha mãe e meu pai costumavam discutir sobre isso tarde da noite: eu descia de mansinho a escada para ouvir.

— Seu pai era o comandante. Então ele vencía a discussão.

— A princípio não. Naquela época, ele era apenas outro candidato; as eleições estavam próximas. Mamãe era uma grande advogada, especialista em liberdade civil.

— O que é isso?

Ela balança a cabeça.

— Quem diria que você precisa fazer essa pergunta. O que você acha que é?

— Sei o que é liberdade, mas não compreendo a liberdade civil.

Ela faz outro meneio.

— Liberdade de expressão, liberdade de ação, liberdade para se reunir. Sendo assim, mamãe tinha ideias muito diferentes das de papai sobre como as coisas deveriam ser

resolvidas. Ela acabou fazendo campanha para o PL, um novo partido político: o Partido da

Liberdade.

— Então eles estavam em lados opostos?

— Sim.

— Mas seu pai venceu.

— Não exatamente. O resultado não ficou claro. Os dois partidos tiveram que formar uma coalizão, embora o partido de papai fosse o mais forte. Mas não passou disso. A verdade,

Kyla, é que nenhum deles ganhou. Eles fizeram um acordo. E isso nos deu você.

— Não entendo.

Ela aumentou um pouco o volume do rádio e se virou para mim.

— Para eu falar mais sobre isso, você tem que guardar segredo — ela disse em voz baixa. — Você me disse uma vez que não consegue. Eu acho que consegue. Mas você quer que eu continue?

Uma boa menina Reiniciada deveria dizer não e evitar tomar conhecimento de coisas perigosas. *Mas ela não está no controle neste momento.*

— Continue.

— Bem, de um lado havia o meu pai e o início do Movimento da Lei e da Ordem que criou os Lordeiros. Tolerância zero para a violência e desobediência civil; punição pesada para os infratores da lei. Do outro lado estava a visão do PL, de que os jovens (estudantes manifestantes, as gangues) deviam ser reabilitados; de que muitas vezes o que faziam não era

culpa deles. Era culpa da origem deles, do local onde haviam sido criados, de terem sofrido

maus-tratos. Eles merecem consideração e respeito como seres humanos; ajuda, não punição.

— Como isso leva até mim?

— Houve essas descobertas. Não entendo muito o lado científico. Sobre memórias no cérebro. Eles estavam tentando ajudar as pessoas com autismo e coisas do tipo. Mas eles descobriram, meio por acidente, que um certo procedimento apagava a memória de uma pessoa.

— Reiniciados.

— Exatamente. Assim, essa foi a solução perfeita para a coalizão governamental. Em vez de punir severamente os criminosos, eles poderiam ter a memória apagada, que é de onde

vem o termo popular Reiniciado, um recomeço. Uma segunda chance.

Pensei sobre o que ela disse.

— Então pode-se dizer que os dois lados conseguiram o que queriam. É isso que significa um acordo?

Mamãe ri, mas não é o tipo de risada para algo engraçado, e seu rosto não está contente.

— Está mais para como se nenhum dos dois tivesse conseguido o que queria e cada um culpasse o outro por tudo e por nada. Eles fizeram isso naquela época e ainda fazem agora na

Coalizão Central que temos hoje. E foi daí que também vieram os Nivos.

Olho para o círculo ao redor do meu pulso que controla a minha vida; está a 5.2 neste instante. Dou uma torcida nele e sinto uma pontada de dor nas têmporas. Sei que é isso que

acontece quando dou essas torcidas, mas não consigo evitar puxar a corrente da minha prisão

de vez em quando.

— Como foi que o acordo deles me deu um Nivo?

— Bem, os membros do PL disseram que precisamos garantir que os Reiniciados sejam felizes; os Lordeiros disseram que devemos garantir que eles não voltem para seus hábitos ruins. A solução? Um Nivo. Você tem de estar feliz; você não pode fazer nada de errado. Os

dois lados estão satisfeitos já que conseguiram o que diziam querer.

— Hum. É óbvio, eles nunca tiveram que usar um.

Mamãe ri novamente.

— É.

— De que lado você ficou? Entre sua mãe e seu pai.

— Eu basicamente tentei manter a paz em casa e fiquei em cima do muro. Daí...

— Daí?

Ela fica tanto tempo sem responder, que acho que não vai falar mais. Depois se vira para mim, os olhos cintilando.

— Digamos que quando eles morreram eu saí de cima do muro.

Estamos quase no local das revistas. Nenhuma de nós fala mais nada. Os pais dela

morreram quando uma bomba terrorista atingiu o carro em que estavam. Não importa o que ela

pensasse antes disso, não tenho dúvida de qual lado do muro ela escolheu: o dos Lordeiros.

Deve ter sido isso, após os terroristas matarem seus pais. Que outra alternativa?

Ainda assim, enquanto nosso carro estava sendo revistado, eu observei o rosto dela. Há coisas sobre mamãe que vão além das palavras. Como antes, os Lordeiros sabiam quem ela

era; há alguma deferência deles para com ela, que não vejo quando eles interagem com outras

pessoas. Ela aceita isso. Mas não gosta.

Fico me perguntando o que ela deixou de dizer.

Doutora Lysander toca de leve na tela do computador e olha para cima.

— Vejo que, durante o ataque da semana passada, você foi para o décimo andar. Depois seus níveis caíram tanto, que teve de ser sedada. Me fale sobre isso.

Direto ao ponto.

— Tentei ir para a enfermaria, como você disse. As luzes se apagaram. A enfermeira...

Eu parei. Não queria pensar naquilo.

— Eu sei sobre a enfermeira — ela diz. — Aquilo deve ter sido chocante para você.

Mas você não desmaiou.

— Não. Subi as escadas para o décimo andar. Não sei bem por quê.

— Aquele era o seu lugar, o que você conhecia melhor, faz todo o sentido você ir para lá. Mas por que você acha que passou por tudo aquilo e, justo quando as coisas estavam seguras, seus níveis caíram?

Por causa da Phoebe. Mas não posso dizer isso.

Dou de ombros.

— Talvez, quando parei de correr, tudo despencou sobre mim.

Ela inclina a cabeça para um lado, refletindo.

— Talvez — ela não parece convencida, como se soubesse que há algo mais por trás disso.

— Você ficou bem? — pergunto. — Estava preocupada com você — as palavras são verdadeiras quando as digo. Sem dúvida ela seria um alvo para os terroristas.

Seus olhos se abrem um pouco demais, o rosto se suaviza.

— Obrigada, Kyla. Fico feliz por isso. Fiquei bem, sim. Eles me levaram para um lugar seguro com algumas outras pessoas e cuidaram de nós.

— Por que não levaram aquela enfermeira também? Você a conhecia?

— Sim. Seu nome era Ângela — ela parece triste. — Mas às vezes certas decisões precisam ser tomadas.

— Mas...

— Chega, Kyla. Tenho algo para lhe perguntar. Você descobriu?

— O quê?

— Você descobriu o que queria?

Meu estômago embrulha. Ela sabe; de alguma maneira, ela sabe. Que olhei em seu computador. Fico em silêncio, minha barriga se revirando de medo. Imagine o que os Lordeiros farão com isso.

— Sim, Kyla, eu sei o que você fez. Há uma pequena câmera, está vendo? Em meu escritório; eu a monitoro. O computador também rastreia que arquivos foram abertos e fechados novamente. Então, vi tudo o que você fez — ela torna a se sentar na cadeira, calmamente. — Mas desliguei a câmera agora e apaguei aquela gravação. Ninguém mais sabe.

Venha cá. Puxe sua cadeira e vamos olhar juntas.

Meu queixo cai.

— Agora, Kyla — ela repete.

Puxo minha cadeira para o outro lado da mesa, ao lado da dela. E ela vai para os arquivos que olhei, um por um, e explica: o processo de admissão; minha tomografia do cérebro; a cirurgia. Depois vai para a seção “recomendações”, que eu não conseguia tirar da minha mente.

— Esta parte aqui: “A junta recomenda a finalização. Doutora Lysander tem o controle”. O que significa? — pergunto.

— O quadro hospitalar diz respeito aos seus pesadelos e controle em geral. Eles achavam que deixar você sair do ambiente hospitalar representava um risco para você mesma e para os outros à sua volta.

— Você rejeitou. Não concordou com eles.

— Foi o que eu disse. Mas eles estavam certos. No final, você foi um risco para si mesma.

— Não entendo. Por que você me deixou sair?

Ela deu ombros.

— Acho que me convenci de que você merecia uma chance; eu estava curiosa, é claro, sobre como você se sairia. Mas eu basicamente queria estudar você e ver o que aconteceria.

— Como um rato em uma gaiola.

Ela sorri de lado.

— Mais como um rato fora da gaiola.

— Mas você queria me estudar?

— Há algo diferente em você, Kyla. Eu quero saber o que é. Algo deu errado no procedimento? Não; todos os testes e exames dizem que foi um sucesso. E ainda assim há algo... aqui estamos só eu e você. Ninguém mais. Você quer falar?

— Não sei o que você quer dizer.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Há algo que você quer que eu saiba? Posso satisfazer sua curiosidade; e então, talvez, você possa satisfazer a minha.

Eu me contorço. Há tantas perguntas que eu poderia fazer, mas não devo perguntar nenhuma. *Pergunte.*

Mas isso é muito perigoso. Eu deveria ser a perfeita garota Reiniciada; eu disse a Ben, eu concordei comigo mesma em seguir o curso da ação. *Pergunte.*

— Quem é Reiniciado? Quero dizer, eu sei que os criminosos condenados viram Reiniciados. Mas quem mais?

— O que faz você pensar que alguém mais se torne um Reiniciado? Isso seria ilegal. Eu a encaro de volta, sem responder.

Ela balança a cabeça algumas vezes, o divertimento estampado no rosto.

— Você é perceptiva. E essa é uma pergunta bem interessante. Surpreendente até. Por que você pergunta isso?

— Algumas pessoas que conheço se tornaram Reiniciados e eu não consigo imaginá-las fazendo algo de errado.

— Às vezes, a vida é muito dolorosa, Kyla. O tempo todo as pessoas precisam de ajuda para passar por isso e nós providenciamos a ajuda.

— Não entendo.

Ela hesita.

— Um exemplo, então: sua irmã. Como é mesmo o nome dela? Eu a reconheci naquele dia em que ela esperou por você.

— Amy? Por que você se lembraria dela?

— Estou quebrando algumas dúzias de regras lhe falando sobre isto, Kyla — ela toca de leve na tela. O rosto de Amy aparece: Amy 9612. Ela vai para a tela de admissão. Novamente

uma foto, porém muito diferente. Amy está bem mais nova, mas seu sorriso não é estranho,

está cheia de felicidade em sua maneira de ser Reiniciada. Doutora Lysander digita uma senha

para continuar. Então foi por isso que não consegui descobrir mais sobre o porquê de eu ter

sido Reiniciada. Eu precisava de uma senha.

— Veja, aqui: “Paciente 9612 apresentou-se ao hospital implorando para ser Reiniciada. Ela foi avaliada e considerada uma boa candidata ao procedimento RV”.

— Não pode ser — balanço a cabeça. — Por que alguém iria querer ser Reiniciado?

Por que alguém iria querer isto? — dou um puxão em meu Nivo, com mais força desta vez, e a

dor bate em minhas têmporas de forma tão intensa que as lágrimas me encham os olhos.

— RV quer dizer Reiniciado Vítima. Alguns jovens estão tão prejudicados por sua vida anterior que a única maneira de se tornarem membros úteis da sociedade, quebrar a corrente,

acabar com os padrões de abuso e violência que vêm sendo impostos a essas crianças, é mandar a dor embora. Fazer parecer que nada disso aconteceu.

— O que era tão ruim para ela querer ser Reiniciada para esquecer?

— Eu me lembro dela; eu a avaliei. Ela estava muito angustiada. Tinha um bebê, sabe; foi estuprada aos treze anos. O bebê foi tirado dela pelas autoridades, com toda razão, devido

às circunstâncias. Mas ela não conseguia lidar com isso.

Oh, Amy. Não pode ser; não posso acreditar que isso aconteceu com ela, e poderia ter acontecido a qualquer uma. Doutora Lysander se ateu aos fatos, com sua voz normal, calma e

precisa. Ainda assim, consigo ver em seus olhos: o horror pelo que houve com Amy. Foi por

isso que não falou com Amy no dia em que ela veio comigo. Doutora Lysander não queria pensar naquilo.

— Amy veio aqui um ano antes de começarmos a checar sistematicamente casos como o dela. É um ato misericordioso. E é essencial para evitar que essas tragédias sejam repetidas

com as futuras gerações. É para o bem de todos e do indivíduo.

— Por que está me contando sobre a Amy? — sussurro.

— Porque sei que você pode suportar. Isso ajudará você a entender o que fazemos e sei que guardará essa informação para você.

— Se Amy soubesse... — minha voz falha. Ela escolheu não se lembrar; por que dizer a ela agora?

— Ela pode descobrir. Se quiser — diz a doutora Lysander.

— O quê? É só perguntar e vão nos dizer?

— Agora não. Mas, quando fizer vinte e um e seu Nivo for removido, você tem o direito de saber. Se quiser. Nada de nomes, lugares ou coisas específicas; apenas os fatos. Por que foi Reiniciado; o que você fez ou não fez. Mas a verdade é que, nesse ponto, quase ninguém

quer saber. Eles só querem continuar com suas vidas e deixar isso para trás. Você também.

— Eu, o quê? — pergunto, embora saiba o que ela quer dizer.

— Você quer saber? Quer ver sua ficha, colocar a senha e ver quem foi?

Dou um passo atrás, balançando a cabeça. Não quero saber. Sim, você quer.

— Kyla, é o suficiente por hoje. Mas durante a próxima semana espero que pense sobre essas coisas. Espero que você me retribua por ter respondido suas perguntas respondendo algumas minhas. Agora vá.

Era muito para um dia só. Primeiro minha mãe com todas aquelas coisas sobre seus pais, o governo e seus acordos.

Depois a doutora Lysander: ela quer algo de mim. Kyla *é diferente*. Mas o quê? Não posso responder às perguntas dela enquanto não consigo encontrar as respostas para as minhas. O que está acontecendo? E, além de tudo, por que ela me contou sobre Amy? Eu não

quero saber, não quero. Não consigo parar de pensar nisso. Apesar de ser a prova de que eu

estava certa: Amy nunca fez nada de errado para ser uma Reiniciada. Ela pediu.

É a única coisa que me impede de ir correndo abraçá-la quando chegarmos em casa. Ela pensaria que estou louca.

Amy quis ser uma Reiniciada; queria esquecer. Está melhor assim, sem aquela dor. Não está? Mas *foi escolha dela*.

E quanto a mim? E quanto a Lucy? Ela fez essa escolha?

Não quero saber, mas murmúrios do passado ecoam em minha mente. Eles não vão embora.

CAPÍTULO 42

Sem treino de cross country esta semana: eles estão mantendo só os habilitados na equipe.

Como os Reiniciados não são permitidos nos times escolares, Ben e eu fomos excluídos. Quem se importa se somos os mais rápidos do colégio, ou que cada músculo do meu corpo esteja gritando para se libertar? Mas não posso dizer nada: sou uma boa menina Reiniciada.

Até parece.

Para completar o dia tão maravilhoso, Amy veio com uma ideia para a tarde de domingo, e, depois do que descobri sobre ela, não pude dizer não. Mesmo querendo dizer. — Kyla, vamos lá! — Amy e Jazz estão parados na porta enquanto eu caço minha jaqueta no armário. Meu dever de dama de companhia oficial me espera.

— Estou com medo deste tempo — diz Amy, olhando para o céu.

Acho que está perfeito. O céu está num cinza opaco uniforme; frio e úmido. Não está chovendo, mas o ar está pesado e molhado, como se carregasse inúmeras gotinhas que não se

decidem se vão se unir e se transformar em chuva. Um clima que combina com meu humor.

— Não tenha medo; vim preparado para todas as eventualidades — afirma Jazz. — Em guarda! — ele se curva e finge uma luta entre seu imenso guarda-chuva e um galho de árvore.

Seguimos pelo povoado até a placa da trilha, e então paramos. Amy e Jazz inclinam-se sobre a parede de pedra perto da trilha.

— Não vamos continuar? — pergunto.

— Daqui a pouco — diz Amy, olhando para o relógio. Ela começa a falar sobre sua experiência de trabalho que começa na terça-feira numa cirurgia, e o “daqui a pouco” se transforma em minutos, e mais alguns minutos.

— Lá está ele — diz Jazz. Eu me viro e vejo Ben correndo em nossa direção. Ele acena.

— Surpresa! — diz Amy, sorrindo.

Na noite passada, durante o jantar, mamãe tinha dito que papai havia levantado a questão de eu e Ben correremos sozinhos. Eles decidiram que isso não seria mais permitido. Eu

não disse nada. E o que dizer? Qualquer argumento que usasse poderia dar-lhes mais razão,

como se houvesse algo entre nós, inadequado para recém-Reiniciados de dezesseis anos. Há

algo entre nós, não há?

— Eles sabem que ele vai conosco? — perguntei, antes que Ben nos alcançasse.

— Não. Você quer correr? Vá em frente e corra. Vamos caminhar atrás.

— Obrigada — digo, abraçando Amy. Ela parece surpresa e me abraça também.

— Já passei por isso. Sei como é — ela diz. E eu sei do que ela está falando; ela imagina que, assim que eles estiverem fora de vista, Ben e eu ficaremos como ela e Jazz.

Cheios de chamego. Mas hoje, mais do que nunca, eu quero — preciso — correr.

Ben e eu arrancamos pela trilha.

— Não tão rápido hoje — digo. Embora meus pés estejam pinicando para me levar na maior velocidade que conseguirem, não posso chegar em casa emplastada de suor, ou será óbvio que eu e Amy não estávamos juntas.

— Por quê? — ele pergunta. — Normalmente você nem espera para acelerar.

Eu hesito.

— Não posso aparentar que estava correndo. Eu deveria ficar com a Amy — explico, mas não menciono que meus pais decidiram que não posso mais correr com ele. Se não digo

isso em voz alta, é como se não fosse real.

Assim, Ben e eu nos exercitamos levemente pelo caminho. Ao longo da sebe, dos arbustos de azevinho e pelos campos, até nos esquivarmos das raízes das árvores em direção

à floresta. Ben nunca tinha estado ali antes. O céu acinzentado parecia descer para nos encontrar enquanto subíamos; gotas de neblina se grudam em minha pele, meu cabelo.

Umidade e frio penetram em meus ossos mesmo sem chuva. Gavinhas brancas reúnem-se à

nossa volta, estendendo-se para cima.

Eu paro diante do tronco no topo.

— É um mirante — digo sorrindo. — Daqui se vê todo o vilarejo.

— Me ajude a achar. É para que lado?

Eu o viro para a direção certa e ele espreita para baixo. Algumas das árvores mais altas parecem brotar da névoa fraca e fantasmagórica. Os campos e as casas abaixo de nós estão invisíveis.

— Ah. Vista impressionante.

Eu bato no braço dele.

— Em geral, a vista é melhor. Dá para ver até nosso jardim dos fundos.

— E agora? — ele pergunta, com um sorriso crescente de quem está tendo ideias. Do tipo que faz meu estômago embrulhar.

— Nós esperamos, até Amy e Jazz nos alcançarem. Ou será que deveríamos descer? Eles podem querer desistir por causa deste tempo.

— Vamos esperar um pouco — ele diz e sorri novamente, dando um passo para mais perto.

Não estou sentada numa cerca desta vez, e Ben é muito mais alto. Ele se abaixa, mas, em vez de olhar para cima, enterro meu rosto em seu peito. Seus braços me envolvem e acabam com o frio.

— É por isso que meus pais não querem que eu fique mais sozinha com você — falo e suspiro.

— Não! Sério?!

— Sim.

— Mas não os estou vendo agora.

— Tínhamos combinado fazer o que nos mandam e sermos bons. Até termos vinte e um.

— Cinco anos inteiros sem um beijo? Ah, não.

Ben, o rebelde. Ao menos em relação aos beijos.

— Está bem. Só um — concordo.

Com a névoa a nossa volta, é como se o mundo estivesse calado, tivesse se recolhido, desaparecido. *O que você não pode ver é mais perigoso.*

Mas conforme viro meu rosto, e Ben sorri e se inclina, ouço um ruído. Um estalo.

— Ora, ora, o que temos aqui.

Nós nos viramos. E damos de cara com Wayne Best.

— Kyla, não é? — ele diz, sorrindo.

Dou um passo atrás.

— Como você sabe o meu nome?

— Ora essa, você foi visitar meu irmão. Conheceu seu cachorro Brutus bem de pertinho, ouvi dizer — ele ri. — Não vai me apresentar seu amigo?

— Sou o Ben — ele diz, sorrindo. Sem se dar conta do que se passa.

— Olá, Ben — Wayne diz, estendendo a mão. Não, Ben. Mas é tarde demais. Ben estende a mão e Wayne vê seu Nivo. Ele retira a mão sem apertar a de Ben.

— Outro Reiniciado! Vocês devem dar em árvores — ele cospe no chão. — E eu estava

aqui para avisá-lo para não ficar por aí com uma Reiniciada vadia como essa.

— Espere um minuto — diz Ben, enfim entendendo que Wayne não é exatamente um cavalheiro.

— Cala a boca! — Wayne grita e empurra Ben para trás, na direção do tronco. — Sente aí e fique quieto. Eu quero... conversar com a Kyla.

Ben começa a se levantar, seu rosto se alternando entre confuso e irritado. Balanço minha cabeça lentamente.

— Fique aí. Está tudo bem. — E me voltando para Wayne: — O que você quer?

— Acho que meu irmão expulsou você muito rápido. Por que você queria falar com a mãe de Phoebe?

Então eles não sabiam que falei com ela. Eles não sabiam que Phoebe foi Reiniciada.

No entanto, eu apenas o encarei, a mente em branco. Estava convencida de que não devia contar a ele. Se a mãe de Phoebe achou que eles não deviam saber, tenho certeza de que

teve uma boa razão, e não sou eu quem vai contar. Ben, fique quieto, implorei em silêncio.

— Tenho meios de fazer você falar. Talvez você goste, talvez não — ele dá um passo à frente.

Ben se levanta e fica entre nós. Seu Nivo vibra, alto.

— Para trás — ele diz.

Mas seu rosto está branco, contorcido de dor. Não, Ben!

Wayne dá uma gargalhada.

— O que está tentando falar, seu desmemoriado? Talvez eu deva sentar ali e assistir — ele empurra Ben, que tenta se desviar, mas seu Nivo vibra mais alto e ele estremece, caindo no chão.

— Deixe-o em paz! — grito, chutando Wayne, com força, mas ele se move e erro meu alvo, acertando-o apenas na perna.

— Ah, sua vaca! Você vai ser mais divertida do que pensei — e ele se aproxima, mas eu não posso correr, não posso deixar Ben, e estou assustada, mas estou muito mais zangada.

Algo dentro de mim está sacudindo e chutando, gritando para sair.

Mas então Wayne olha por sobre meu ombro, recua e corre.

— Kyla? Kyla!

Jazz irrompe pelo caminho, Amy em seus calcanhares.

— Achemos ter ouvido você gritar. O que há de errado? — ele pergunta.

Não diga a eles.

— É o Ben — digo, já no chão, ao lado dele. — Seus níveis. Ben, Ben, você está legal?

— seu Nivo vibra novamente.

— Quanto está? — pergunta Amy, respirando com dificuldade, após a corrida.

Seguro a mão dele, olho para seu pulso.

— 3.2 — respondo, o terror tomando conta do meu estômago.

— Oh, Deus — ela diz.

Ben solta um gemido.

— Na minha mochila. Rápido. As pílulas — ele murmura.

Pílulas? Remexo a mochila, por entre uma garrafa de água e um par de meias extras, e minha mão encontra um pequeno frasco, que retiro dali. Serão comprimidos para dor de cabeça?

Olho para Amy; ela dá de ombros.

— Mal não vai fazer — ela diz.

— Agora. Me dá um — ele diz, com dificuldade.

Eu obedeço e ele engole a seco, sem esperar pela água. Eu o envolvo em meus braços, implorando em silêncio para que ele fique bem; Amy senta-se no chão conosco, alternadamente apertando minha mão e a de Ben. Jazz está a ponto de correr para chamar os

paramédicos. Mas Ben logo para de tremer, a cor retorna pouco a pouco a seu rosto, seus níveis começam a subir.

Ele sussurra para mim que as pílulas vieram de Aiden.

Pílulas da felicidade do Aiden.

Demora um pouco para Ben conseguir andar. Ele quase apagou. Por minha culpa. De alguma forma, convenci Jazz e Amy de seguirem na frente, só um pouco, para que pudéssemos

conversar. Mas faço questão de mantê-los à vista.

O braço de Ben está sobre o meu ombro, ele está um pouco torto e andando devagar.

— Desculpe — ele sussurra.

— Por quê?

— Eu queria proteger você. Mas não fui capaz.

— Não é culpa sua.

— Mas não entendo. — Sinto um repuxar desagradável em meu estômago; eu sabia que ele acabaria se dando conta. — Como é que os seus níveis continuaram bons?

Dou de ombros.

— Honestamente? Não sei. Não deveriam. Não diga a ninguém, de jeito nenhum. Ou vou desaparecer.

Ben faz uma pausa, digere isso e finalmente concorda.

— Por que você não disse a Amy e ao Jazz o que houve? Temos de contar para alguém sobre aquele homem. Ele é perigoso.

— Não. Não podemos. Isso iria me levar de volta ao fato de ter visto Phoebe e de ter contado para a mãe dela que ela foi Reiniciada.

— E daí?

— Essas não são ações de uma boa menina Reiniciada. Estou sendo monitorada e observada, lembra? Se começarmos a espalhar por aí o que houve, eles podem descobrir algo

sobre mim que não gostem.

— Está bem — ele diz, finalmente. — Mas me prometa que nunca andará por aqui sozinha. Nunca. Promete?

Eu prometo.

Jazz leva Ben para casa, que fica a poucos quilômetros de distância. Vejo a casa dele: um sobrado de tijolos, com um grande jardim. Algumas bicicletas encostadas ao lado e uma

cadela na frente. Mas ela não se parece nem um pouco com Brutus. Skye é uma bela e saltitante golden retriever que pula em Ben e em nós, balançando o rabo. Os pais a deram para

Ben quando ela ainda era filhote, quando Ben foi morar com eles.

A mãe de Ben sai da garagem usando um macacão. Ela é mais jovem e mais bonita do que imaginei. Trinta e poucos anos, talvez; longos cabelos negros presos para trás.

Quando ele nos apresenta, os olhos dela se iluminam.

— Esta é a Kyla? Muito prazer em conhecê-la — ela nos leva para sua oficina na garagem, repleta de máquinas brilhantes, sucata de metal e esculturas. Ela está terminando uma

coruja: garras de metal retorcido, olhos de parafuso e penas de antigas pás de ventiladores

entrelaçadas. Sucata de metal descartada como inútil se transformava em uma criatura selvagem que parecia pronta a levantar voo.

— Como o meu desenho — eu digo. E é quando vejo, pendurado na parede: o desenho que fiz de uma coruja e que Ben havia me pedido para guardar. Ela o usava como modelo. Deixamos Ben em casa e fico olhando pela janela do carro enquanto ele acena e depois desaparece para dentro da garagem.

A vida de Ben costumava ser feliz, descomplicada. A afeição sincera entre Ben, sua mãe e até aquela cadela enorme é óbvia. Sem DEA, sem pílulas da felicidade, sem maníacos de trilha ensandecidos.

Sem mim.

Naquela noite, Amy vem para o meu quarto conversar. Eu sabia que ela viria.

— Olhe, Kyla, estive pensando. Talvez mamãe e papai estejam certos.

— Sobre o quê?

— Sobre você e Ben. Aposto que vocês tiveram algum tipo de discussão ou algo parecido, e foi por isso que ele quase apagou. Seja lá o que tenha sido, se ele não consegue lidar com isso, se você não consegue, então talvez esteja cedo demais. Não acho que você deva vê-lo de novo. Pelo menos por um tempo.

— Não é isso! — protesto.

— Então o que é?

Não quero mentir para ela, então o que posso dizer?

— Não é isso — repito.

— Ok, não vamos mais ajudar você a se encontrar com ele. Então, faça o que fizer, isso é com você. Boa noite — ela diz e volta para seu quarto.

Sebastian salta sobre mim.

— Parece que somos só eu e você, gato — eu digo, e ele se deita e começa a ronronar, feliz por sua sorte.

Nada mais de beijos até que você tenha vinte e um anos.

Bah!

Não posso negar a conclusão de Amy, ainda que seu raciocínio esteja errado. Ben estaria melhor sem mim.

Ben ficará melhor sem mim. Não importa o quanto isso doa, sairei da vida dele antes de causar mais danos.

CAPÍTULO 43

Na manhã seguinte, chego à aula de biologia antes de Ben e penso em trocar de lugar e sentar com outra pessoa. Mas Hatten ainda está como nosso professor substituto e não quero

me aproximar dele nem um pouco. Então, continuo na última fila de sempre, com Ben.

— Preciso falar com você na hora do almoço — Ben sussurra para mim quando chega.

— Não posso.

— Por que não? — ele levanta a sobrancelha.

— Estarei ocupada.

— Você precisa ouvir isso. É algo que preciso contar sobre a senhorita Fern. Encontro você na biblioteca, está bem?

— Mas...

— Silêncio, pessoal — pede Hatten. — Espero que todos tenham tido um bom fim de semana como eu — ele diz e sorri como se tivesse sido exatamente o contrário. Algumas garotas dão risinhos. Ele se curva sobre o banco da frente. Está sem gravata: será que era coisa de primeiro dia? Usa uma calça preta e justa, uma camisa escura, mais desabotoada do

que a maioria dos professores usa. Ela desliza em seu corpo. Será que é de seda?

Ben me belisca na costela.

— Pare de encará-lo — ele diz. Eu me sobressalto e olho para outro lado da sala. Todas as garotas da turma (assim como alguns dos garotos) parecem hipnotizados com o professor

substituto. No meu caso, estou apenas nervosa.

— ... e hoje, turma, vamos continuar com nosso estudo sobre o cérebro — ele diz, e fico ainda mais nervosa.

Mas ele dá outra olhada em nossos trabalhos, corrigindo erros. A seguir, passa *slides intermináveis* de tomografias cerebrais para a classe. Nada acontece até que, na saída, ele pisca para mim.

Desta vez, porém, algumas garotas o veem fazendo isso. O olhar invejoso que elas lançam para mim sugere que eu pagarei por isso mais tarde.

A curiosidade não me deixará em paz. Ben espera, do lado de fora da biblioteca.

— E então, o que é?

Ele me olha. Algo passa por seu rosto.

— Aqui não. Vamos lá, vamos dar uma caminhada.

Eu o sigo pelos campos do colégio. Olhamos para os dois lados e escapamos pelo portão para a floresta. Para onde Phoebe desenhou seu pardal: parece ter sido há tanto tempo,

mas na verdade não foi. Não faz nem três semanas. Andamos em silêncio pelo caminho principal e então nos embrenhamos na mata mais densa, em uma trilha meio apagada. Ben continua mudo. Fosse o que fosse que quisesse dizer, já não está mais ali. Seu rosto está sombrio e indecifrável.

— O que tem a senhorita Fern? — pergunto, finalmente.

Ele suspira.

— Tudo bem; ela primeiro. Já lhe contei que meu pai é um professor do ensino fundamental? Outro professor que trabalha com ele fez faculdade com Ferny (é assim que eles

a chamam) e eles foram visitá-la ontem no hospital, ontem à tarde.

— Ela está bem?

— Ela vai ficar bem. Está com múltiplas fraturas. Ela está sendo esticada numa tal de tração.

— Foi um acidente de carro, como eles disseram?

— Aconteceu em um carro, mas não foi um acidente. Ela diz que alguém a jogou para fora da autoestrada.

— Foram os Lordeiros? — perguntei, ofegante.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Eles estão investigando.

— Mas, se não foram eles, quem mais faria algo assim?

Ben dá de ombros.

— Não faço ideia. Só achei que você gostaria de saber.

— É só isso? Porque tenho que voltar e...

— Kyla, escute. Eu lhe prometi que não faria nada sem falar com você primeiro. Então, aqui estou eu, falando com você.

— Sobre o quê? — pergunto, preocupada. Algo está errado.

— Isto — ele diz, puxando uma manga da camisa e mostrando seu Nivo. Um aro brilhante de metal, os números digitais no verde, a 7.8. Por que tão alto? Ele não parece tão

feliz assim. Ele segura seu Nivo com a outra mão e o torce selvagemmente. Seu rosto se contorce de dor.

— Pare com isso! O que está fazendo?

— Olhe — ele diz, segurando o Nivo em minha frente. Ele ainda está em verde. 7.6.

Torcer daquele jeito deveria ter feito os níveis caírem.

— Não entendo. Como fez isso?

— Tomei outra pílula do Aiden, e, não importa o que eu faça, meus níveis não caem. Já tentei todo tipo de coisa, eles continuam altos.

— E daí?

— Você não entende? A ligação entre o Nivo e o cérebro está bloqueada pelas pílulas. Ele pode ser removido sem me apagar, sem nenhum efeito — o rosto de Ben está radiante, seus olhos brilham de entusiasmo. Como se estivesse com febre. Ou drogado.

— Você não pode ter certeza — eu digo, mas minha mente está saltitando diante da possibilidade. E se ele estiver certo? O Nivo lê emoções através da comunicação entre os chips cirurgicamente implantados no cérebro. Quando cai demais, isso ativa uma cascata que

rapidamente interrompe o fluxo sanguíneo para o cérebro, fazendo com que a pessoa desmaie;

se continuar baixo, a interrupção é permanente, causando convulsões e morte. Mas e se os níveis não se alterarem?

— Sim! Tudo se encaixa. O que Aiden disse, sobre o TAG retirando os Nivos. As pílulas bloqueiam a conexão entre o cérebro e o Nivo. É necessário — ele coloca minhas mãos entre as dele, seus olhos encontram os meus. — Imagine, Kyla, como seria sermos nós

mesmos. Sentir o que quisermos.

Ele me segura, me abraça. Sua proximidade faz com que meu coração bata mais rápido, minha pele está formigan- do, meu corpo deseja coisas que desconheço. Todas as coisas que

dizem para evitar por causa do meu Nivo. Como seria viver sem aquilo? Ser quem quiséssemos ser; ficar juntos. Ninguém poderia dizer que estaríamos desestabilizando nossos

níveis. Poderíamos ser tão felizes, ou tristes, o quanto desejássemos.

Mas isso é um conto de fadas. Não haveria lugar para nós, aqui, neste mundo.

Eu me desvencilho dele.

— O que está planejando, Ben? — sussurro.

— Vou tomar algumas dessas pílulas e depois arrancar o meu Nivo e destruí-lo.

O medo cresce dentro de mim. Não, Ben, não.

— O quê? Você está louco?

— Não. Eu estava louco, fazendo o que mandavam. Agora estou mais são do que nunca.

Aiden estava certo, embora ele não tenha ido tão longe. Isto é errado, o que eles fizeram conosco. Olhe o que aconteceu ontem. Se Jazz e Amy não estivessem lá, então...

Ele não termina a frase. Minha mente também viaja. Na noite passada, levei aquela memória específica até uma pequena porta em meu cérebro, chutei-a para dentro e a tranquei,

bem trancada. Não quero pensar nisso para não arriscar encontrar o caminho para fora.

— Não, Ben, você não deve!

— Aiden disse que o TAG fez isso. E funcionou.

— Mas ele também disse que eles tiveram vários fracassos. Você não sabe como fizeram isso. E a dor, Ben: você ainda sentiu quando torceu seu Nivo. Eu vi isso em seu rosto.

Nem tudo é essa maravilha.

Ele dá de ombros.

— Vou suportar.

— Se você fizer algo errado, pode morrer.

— Qual o objetivo de viver assim?

— Você não fala sério. E não pode simplesmente arrancar o Nivo com uma tesoura.

Eles são quase indestrutíveis.

— A oficina da minha mãe tem coisas que podem cortar qualquer tipo de metal. Eu a ajudo sempre, sei como usar tudo.

Minha mente busca desesperadamente por um argumento a que ele dará ouvidos.

— Espere. E depois? Se você conseguir tirá-lo, o que vai fazer? Não poderá ficar com sua família, ou ir ao colégio. Todos olhariam para o seu pulso e saberiam o que você fez. Os

Lordeiros viriam atrás de você.

— Eu tenho um plano — ele diz, mas, quando pergunto qual é, ele não responde.

Ele disse que Aiden não conseguiu ir tão longe. Ele quer se juntar aos terroristas.

— Você não está pensando... não. Você não faria isso. O TAG não.

E lá está, em seus lindos olhos, a confissão, a confirmação. Ele quer ser um terrorista. Sinto um aperto na garganta. Ben não sabe do que eles são capazes; se soubesse, não pensaria
nisso.

— É a única maneira de fazer o governo ouvir, de mudar as coisas. Você não entende? Sacudo a cabeça e me afasto. Será mesmo o Ben, ou as pílulas? Elas o teriam feito pensar assim?

— Olhe para você — ele diz. — Depois do que houve ontem, você não quer nem olhar para mim. Não quis nem falar comigo. Eu não passei de um inútil.

— Não foi culpa sua, e não é nada disso!

— O que é, então?

— Você só está me fazendo ter mais certeza.

— De quê?

— Você estaria melhor se não tivesse me conhecido.

— Como pode dizer isso? Kyla, você não sabe o que sinto por você?

Não quero ouvir. Se o que ele sente o faz se matar, o que há de bom nisso? Nada.

— Não. Não! Você não pode fazer isso. Me prometa que não vai fazer.

Ele balança a cabeça.

— Tenho de pensar por mim mesmo; você não pode fazer isso por mim. Por mais que queira.

Olho em choque para Ben. O Ben sorridente e descomplicado, que pensei que precisasse de minha proteção. Ele não está mais sorrindo, porque não quer. Ele não quer saber

o que eu penso, ou o impacto que suas ações podem ter sobre mim. Nada.

O que mais há para se dizer?

Dou a volta e me dirijo para o colégio. Meu Nivo vibra. Ah, que ótimo... Dou uma olhada. 4.2.

Ben segue atrás de mim.

— Aqui. Peque um desses — ele segura o frasco de suas “pílulas para dor de cabeça”.

— Não, obrigada. Já vi do que elas são capazes.

E saio correndo.

O resto do dia passa como um borrão. Meus níveis pairam em torno de 4; enrolo uma faixa em meu pulso, para que ninguém o ouça vibrar. Só consigo pensar em Ben. Tenho de

impedi-lo. Mas como?

No final do dia, chego ao carro antes de Amy e peço a Jazz para dizer a Mac que quero vê-lo, torcendo para que ele também convide o Aiden. Eu havia prometido que não falaria com Aiden novamente, mas talvez ele possa evitar que Ben cometa alguma loucura, ou, ao menos, dizer a ele como o TAG faz. Se Aiden não estiver lá, talvez Mac possa me ajudar a persuadir Ben a esperar até que ele chegue. É a única coisa que me passa pela cabeça para tentar impedir Ben.

Mais tarde, naquela noite, papel em branco e lápis descansam em minhas mãos. Até o desenho me abandonou.

— A questão é de que maneira lidamos com a dor. A dor pode matar, por si mesma: o corpo entra em choque e desliga. Se for forte demais.

O garoto sorri; faz menos ideia do que eu sobre o que está para acontecer. Ele não se parece em nada comigo. Senta-se onde lhe dizem para sentar, fala quando falam com ele, e sorri como um drogado o tempo todo. Ainda mais agora, com aquele soro no braço e o copo

de uísque vazio na mão. Suas pupilas estão dilatadas, e um fio de suor brilha em sua pele, embora a loja esteja tão fria que eu consigo ver minha respiração.

— Não funciona sob anestesia geral: eles precisam estar conscientes. Ainda não descobri o motivo. Ainda — o garoto sorri, ou não está ouvindo ou não compreende. Ele é mais velho do que eu. Uns quinze ou dezesseis, talvez. — Desta vez, além da mistura de sempre, estamos tentando a velha e boa cocaína. Difícil de encontrar hoje em dia, mas conseguimos um pouco — o garoto reclama e o homem ordena.

— Fique com essa mão parada! — ele amarra a mão do garoto em uma mesa. Foi aí que vi a serra. Estava alinhada com o pulso do garoto.

— Você não... — protesto. Odeio sangue. Odeio. O cheiro metálico, a cor, a textura, e começo a sentir um embrulho por dentro, seguro na mesa com uma mão, meu estômago prestes a botar tudo para fora.

Ele me sacode, com força.

— Quem é você? — ele grita. O mal-estar desaparece abruptamente. Estou calma, atenta. — Você precisa se controlar. Não quer que ela saia, quer? — ele diz; sua voz soa perigosa.

— Não! Chorona medrosa! — eu me levanto.

— Boa menina. E não, não vou cortar a mão dele. Embora isso pudesse ser uma

experiência de dor interessante.

Ele puxa a manga da camisa do garoto e expõe um círculo metálico. Um bracelete, com números como um relógio, mas que não marca as horas.

— Isso é um... ele é um...

— Isto é um Nivo, e ele foi Reiniciado — ele torce o pulso do garoto e ajusta as amarras para que o Nivo fique alinhado no ângulo certo em relação a uma fissura da mesa

de metal. Alinhado à serra. — Esta serra tem ponta de diamante e é a única coisa que consegue atravessar o metal que eles usam nesses aparelhos; acredite em mim, já tentamos

de tudo. Frio, calor, reações químicas, todo tipo de aparelho de corte. Mas uma antiquada serra de diamante afiada funciona melhor — ele coloca óculos de proteção. — Afaste-se, pode espirrar um pouco — ele liga um interruptor, a serra começa a girar e a gemer. Ele a

empurra em direção à mão do garoto. Em direção ao Nivo.

O garoto observa, de olhos arregalados, receoso. Ele olha para mim. A serra alcança o Nivo, o toca e começa a ranger, liberando fagulhas. Ele então começa a gritar...

A dor se intensifica em meu braço; eu luto, mas logo percebo que é apenas o cobertor enrolado que me segura. As únicas coisas brilhando no escuro são os olhos de Sebastian. Acendo a luz ao lado da cama. O pelo de Sebastian está arrepiado, da cabeça à ponta do rabo. Uma fileira de arranhões desce por meu braço. Essa foi a dor que me acordou. Não teve

relação com meu sonho. A segunda vez que Sebastian me acorda no meio de um pesadelo.

— Obrigada pelo despertador, gato — sussurro. Ele logo se aconchega enquanto acaricio seu pelo. Ele se enrosca para dormir, mas eu deixo a luz acesa, sem vontade de mergulhar de novo na escuridão.

Imaginação, cruel e horrível, ou traços de memória que eu não deveria ter? Para onde vou em meus sonhos?

A intuição me diz que são as duas coisas. No meu sonho, eu não sabia o que era um Nivo, a não ser em teoria; eu não sabia que aquele garoto era um Reiniciado, embora isso fosse óbvio. Mas há uma conclusão inevitável.

Ben tem de ser impedido.

CAPÍTULO 44

— Hora de ir! — mamãe grita da escada.

Mas, quando desço, em vez de ela seguir em direção à porta da frente, ela se vira e se recosta na escada.

— Está tudo bem?

Está tudo tão longe de estar bem, que, mesmo se eu pudesse dizer a ela, não saberia por onde começar. Em vez disso, olho para o relógio sobre a porta.

— Vou me atrasar para o grupo se não formos agora.

Ela aguarda mais um pouco, a seguir abre a porta.

— Sabe, Kyla, talvez eu pudesse ajudar, se você me dissesse o que há de errado. Pelo jeito que você tem zanzado por aí nos últimos dias está óbvio que tem algo errado.

Uma parte de mim anseia contar tudo. Talvez ela possa ver algo que eu não consigo.

Perigo.

— É o Ben? — ela pergunta, enquanto saímos de casa. Eu confirmo com a cabeça. É o máximo que posso admitir. — Vocês tiveram algum tipo de discussão?

— Amy lhe disse isso? — faço uma careta.

— Não se zangue com ela. Ela estava preocupada com você, e com Ben.

Encaro a janela. As boas intenções de Amy estão me causando muitos problemas.

— Kyla, você consegue entender por que o seu pai e eu achamos melhor que você não corra mais com o Ben sozinha?

Olho para ela.

— Porque tenho que fazer tudo que seu mestre mandar — digo, sem pensar.

Ela sorri.

— Sei muito bem como é. Ser jovem e querer estar com alguém.

— Então por que não posso correr para a reunião do grupo com Ben?

— Porque não pode. Mas, para sua informação, eu nem sempre concordo com seu pai.

Eu concordei porque, oficialmente, ele está certo, e não podemos fazer coisas que a coloquem

em perigo, certo? Aguarde mais um pouco e vamos ver se conseguimos trazer Ben para perto

de vez em quando. Para uma visita vigiada, infelizmente — ela sorri e sei que está tentando

ajudar, que pensa estar do meu lado. Mas é tão mais complicado do que ela imagina. Logo Ben pode não estar mais por perto.

Se eu ao menos pudesse falar com ele sozinha, fazê-lo entender.

Espere um minuto.

— Talvez haja algo que você possa fazer para ajudar.

— O quê?

— Você poderia me pegar um pouco mais tarde hoje à noite? Não muito. Apenas para que possamos conversar por mais alguns minutos, colocar as coisas em ordem.

— Seu pai me cortaria a cabeça se soubesse.

— Eu não vou contar a ele!

Ela suspira.

— Tudo bem; eu também não vou contar. Você tem vinte minutos. Está bem assim?

— Obrigada.

— Oh, Deus, um sorriso. Tente mostrar outro mais tarde quando eu buscar você, está bem?

A reunião do grupo se inicia como sempre. Penny usa um suéter brilhante e está mais simpática que o

normal; Ben chega atrasado. Ele não se senta ao meu lado, e eu tento fingir que não me importo. Ele ainda deve estar zangado por eu tê-lo deixado, saído daquele jeito.

Todos falam sobre coisas sem importância. Olho para o relógio, como se estivesse numa contagem regressiva. Ultrapassamos alguns minutos e eu quase mordo minha língua para me

impedir de dizer algo. Quando Penny finalmente nos libera, Ben se levanta e dirige-se para a

porta, mas eu o alcanço.

— Espere.

Ele se vira, me olha nos olhos pela primeira vez nesta noite. Não diz nada, e sinto como uma punhalada em meu peito. Quase desisto, mas tenho de falar com ele. Tenho de encontrar

palavras que o façam desistir de seus planos.

— Ben, por favor. Podemos conversar? Minha mãe vai chegar mais tarde. Temos um pouco de tempo.

Ele lança um olhar pela sala; Penny está olhando para o outro lado, falando com os pais de alguém.

— Venha, então — ele diz, e eu o sigo na direção do estacionamento, pela penumbra do

corredor.

— Está zangado comigo? — pergunto, me arrependendo no mesmo instante. Há tantas coisas que precisam ser ditas; isso pode esperar.

Ele nega.

— Claro que não. Mas estou tentando ficar longe de você. Eu não quero que você seja vista comigo em público, assim, se algo sair errado... — ele faz uma pausa. — Não quero que

você tenha problemas.

Dou um suspiro.

— Isso não significa que você caiu em si? Você ainda planeja seguir com isso?

— Você acha que eu mudaria de ideia?

— Não. Apenas tinha esperança. Mas ao menos espere até podermos ver Aiden novamente. Ele pode lhe dizer como fizeram isso, dar uma chance maior. Tirar essa ideia da

sua cabeça.

Ben discorda.

— Escute aqui: eu não vou mudar de ideia — ele diz, em voz baixa, determinado. — E, de qualquer modo, pelo que Aiden disse, não sei se ele sabe o que eles fizeram.

— Por favor, Ben. Não quero que nada aconteça com você.

Ele me olha com ternura. Seu olhar se suaviza.

— O que eu realmente gostaria de fazer era te arrastar para a floresta e te beijar — mas a nossa volta os carros estão estacionando, pegando as crianças, há olhos por toda parte. Ele

pega minha mão e entrelaça os nossos dedos. — Por enquanto me contento com isso.

— Ben, você tem de ouvir a voz da razão. Não faça isso.

— Já passamos dessa fase, não?

— Como você vai fazer, exatamente?

— Comecei a procurar equipamentos na oficina da minha mãe. Decidirei algo neste fim de semana.

— Mas já?

— Sim. Minha mãe vai visitar a irmã do meu pai. Ela teve um bebê; meu pai já está lá.

Eu os convenci que posso ficar aqui sozinho.

Eu o olho desesperada.

— Por favor, Ben...

— Kyla, escute. Se isso funcionar, podemos tirar o seu também. Poderemos fugir para algum lugar, juntos. Sem nossos Nivos, ninguém poderá nos separar.

— E o TAG? — sussurro, o mais baixo possível. — Você pensou nisso?

Ele negou com a cabeça.

— Então, seremos só eu, você e a maior organização terrorista. Soa como o paraíso.

— Pense nisso. Poderíamos mudar o mundo.

O carro da minha mãe chega e ela acena. — Tenho de ir.

*

— Nem um sorriso, Kyla?

Eu me jogo no banco do carro.

— Sinto muito — ela diz.

Assim que chegamos em casa, fujo do chá e da convivência assim que posso, mas não posso fugir dos meus pensamentos. Ben, cortando seu Nivo: gritando de dor. Se ele sobreviver: Ben no TAG.

Tenho de impedi-lo.

Tudo está nebuloso, obscuro. Ajeito os óculos de proteção.

— *Aqui está o interruptor. Você empurra a serra por este trilho. O disco de diamante deve dar logo conta deste Nivo. O segredo é cortá-lo o mais rápido possível, antes que a dor e o choque causem a morte, mas não tão rápido que corte também a mão. A maioria das*

tentativas falha por parar quando a dor começa em vez de ir em frente. Entende?

— *Sim — estou calma, muito atenta. Interessada no experimento.*

O paciente está suando, os olhos dilatados. Sua mão imobilizada sobre a mesa. Ele fede a uísque.

Eu aciono o interruptor. A roda gira, soltando gemidos ao ganhar velocidade.

Empurrando para cada vez mais perto, encontro os olhos do paciente. Azuis e grandes. Não estão assustados. Ainda não.

— *Olhe o que está fazendo!*

Olho novamente para a serra enquanto ela toca o Nivo. Faíscas voam para todo lado.

— *Mais pressão!*

Os gritos começam.

Eu afasto a serra.

— Não! Ele vai morrer agora se você não cortar isso e rápido.

Mas estou girando, mais rápido que a serra. Gritos de agonia me atravessam o crânio. Cerro bem os olhos e com eles fechados vejo mais claramente. Ele muda: o garoto gritando desaparece. Em seu lugar está Ben.

— Não, Ben, não! — corro para a máquina, para parar a serra antes que ela o alcance, solto as amarras, mas dois braços me envolvem e me seguram com força.

— Você precisa se controlar. Você conhece as regras.

— Não!

— Você é a próxima.

Eu luto e chuto. Me debato, arranho e grito. Mas não adianta. Estou amarrada em uma cadeira, meu braço sobre a mesa.

Ouço o lamento da serra.

Bzzzzzzzzzz.....

Meus olhos se abrem rapidamente, estou desesperada para escapar daquele horror. Um sonho, mas ainda posso ouvir a serra.

Bzzzzzzzzzzzzzzzz....

Busco pela luz e, desta vez, sinto quando acontece novamente, no meu pulso: meu Nivo está vibrando a perigosos 3.2. Estou nauseada e tremendo. Era eu quem estava empunhando a

serra. Eu realmente teria sido capaz de fazer algo como aquilo?

Lentamente, bem lentamente, meu coração para de acelerar, meus níveis sobem, mas não consigo me livrar das imagens. Elas se repetem sem parar em minha mente. Uma lâmina com

ponta de diamante. Uísque. Um corte rápido.

Eu realmente tinha estado lá, torturado aquele garoto?

Em alguma parte havia uma rachadura, um raio de luz. Eu não quero saber, mas não posso evitar. Em meu sonho, quando foi a minha vez de ter meu Nivo retirado, fiquei aterrorizada. Mas não pela dor, ou porque eu pudesse morrer. Mas por ficar sem o meu Nivo.

Eu o odeio, pelo que significa e representa, pelo que faz com minha vida. Ainda assim, por

alguma razão, tenho tanta necessidade de mantê-lo que o mero pensamento de perdê-lo me enche de terror.

Mas por quê?

CAPÍTULO 45

Sexta pela manhã, quando chego à parte traseira do ônibus, encontro o assento de Ben vazio. Esticome enquanto o ônibus arranca e olho um por um. Não, ele não está sentando em

outro lugar. Ele simplesmente não está aqui.

Entro em pânico por dentro. Ele não fez isso. Não. Ele disse que seus pais viajariam este fim de semana, quando ele tentaria se livrar de seu Nivo. Ele não teria se adiantado...

Anestesiada, passo pelas primeiras aulas como se estivesse em um pesadelo. Chego a cogitar pedir ajuda à senhora Ali. Se digo a ela o que Ben está pensando em fazer, eles o impedirão. Eles não vão permitir que Ben faça isso. Mas por quanto tempo ele estaria seguro

e bem? O que os Lordeiros fariam com ele?

Se já não for tarde demais.

Vago pelo pátio sozinha durante o almoço. Quem poderia me ajudar? Tente o Jazz.

A sala comunitária do sexto ano, no prédio principal, é onde Amy diz que ela e Jazz costumam almoçar, então me dirijo para lá. Com Amy no estágio, não preciso evitá-la. Algo

instintivo me diz para não dizer nada a ela. Ela achava que eu não deveria mais ver o Ben; como ela reagiria se descobrisse que ele está planejando se livrar do Nivo?

Paro indecisa diante da porta. Por favor, esteja aí, Jazz. A sala está lotada, cheia de estudantes que conversam em grupos, almoçando em bancos, à mesa e em cantos de estudo,

fazendo trabalhos. Busco pelo corte de cabelo escovado de Jazz por toda a sala e não o vejo

em lugar algum. Mas não enxergo direito na direção das mesas e prateleiras depois de uma curva; então estico a cabeça para ver melhor.

— Saia da frente, por favor — diz uma voz atrás de mim. Chego para o lado e duas garotas mais velhas entram e me fuzilam com o olhar. — Suma daqui. Este lugar é só para as

turmas do sexto ano.

— Espere. Estou procurando pelo Jazz MacKenzie.

Elas me ignoram e seguem em frente.

— Jazz! — chamo, em voz alta. Sua cabeça familiar surge em uma das mesas, no canto

da sala. Ele sorri e se aproxima.

— Oi, Kyla. Tudo bem?

— Podemos conversar? Quero dizer, em particular.

— Claro. Espere um minuto — ele pega seu casaco. — Vamos dar uma caminhada. Seguimos pelo corredor e depois para fora do edifício. O céu está cinzento, e cai um leve chuvisco. Suficiente para que bancos e trilhas estejam desertos.

— E aí? — ele diz, quando ficamos livres do último bisbilhoteiro em potencial.

— Estou muito preocupada com o Ben. Ele não estava no ônibus hoje.

— Talvez ele tenha dormido demais, ou ficou resfriado, ou teve de ir ao dentista. Tantas possibilidades... — Não digo mais nada. Ele olha para o meu rosto. — Mas você não acha que seja nada disso.

— Não — suspiro, indecisa. Será melhor para Jazz que ele não saiba dos detalhes. — A questão é que ele estava pensando em fazer algo realmente estúpido. Agora estou com medo

de que ele tenha feito.

— Entendo.

— Não sei o que fazer — digo, consternada. O chuvisco se transforma em chuva, meu Nivo vibra, minhas mãos enfiadas dentro do meu bolso para que Jazz não escute.

— Amy acha que você não deveria vê-lo mais. Ela concorda com seus pais.

— O que você acha?

Ele dá de ombros.

— Acho que Ben é legal. Você está mesmo preocupada?

Faço que sim com a cabeça.

Jazz inclina a cabeça para o lado, pensando.

— É o seguinte. Vamos nos mandar do colégio esta tarde e investigar isso, está certo?

Ver se ele está bem.

Quando me dou conta, estou concordando; Jazz retorna à sala para buscar sua mochila, dizendo que irá me encontrar ao lado do seu carro em poucos minutos. Isso não é uma boa ideia.

Afasto esse pensamento enquanto atravesso o pátio para o estacionamento dos alunos, atenta para a presença de algum professor. A verdade é que matar a aula da tarde vai ser difícil de explicar, e a senhora Ali já está de olho em mim. Não é como se ninguém fosse notar. Uma péssima ideia.

Jazz demora mais que poucos minutos e começo a me preocupar. Será que mudou de ideia? Não. Ele teria me dito. Mas então ele surge na esquina, com um largo sorriso no rosto.

— Ben está numa excursão.

— Mesmo?

— Verifiquei. Eles colocam um aviso ao lado da secretaria. A turma dele de agricultura está passando o dia em uma fazenda. Estou surpreso que ele não tenha lhe contado.

Meus joelhos ficam fracos pelo alívio e me sinto tonta, quase como se fosse vomitar.

— Ei, você está legal? — Jazz me olha com curiosidade.

— Vou ficar. Eu só preciso muito falar com o Ben.

— Podemos ir à casa dele depois do colégio. Livre-se do ônibus que eu levo você lá, e deixo você em casa antes que Amy ou o dragão percebam algo.

— Mesmo?

— Claro. Por que não?

— Obrigada.

Ele balança os ombros e sorri.

— Sem dramas — ele pisca. — Encontro você aqui no final do dia, está bem?

— Combinado.

Me agarro a tarde toda àquela sensação de alívio. Por que Ben não me disse nada sobre a excursão? Embora tivéssemos outras coisas para conversar. Ou melhor, discutir.

O céu clareia durante a tarde. Quando encontro Jazz ao lado do carro, as nuvens já se foram. O sol está brilhando.

Sento-me no banco da frente pela primeira vez. Inquieta, começo a imaginar o que Amy pode pensar se alguém contar que me viu ali.

— Vou dizer a Amy que alguém estava incomodando você no ônibus, por isso lhe dei carona para casa. Tudo bem? — Jazz parece ter lido minha mente.

— Claro.

Me ajeito no carro, o sol da tarde tocando o meu rosto, o cinto de segurança posicionado. Seguro a porta com força, mas já estou um pouco mais acostumada ao jeito como

Jazz dirige, e nem me espanto quando ele pisa fundo nos freios em um sinal de trânsito para

depois sair acelerado, e repetir a mesma coisa no cruzamento seguinte. Ele assobia junto

com

o rádio.

O sonho da noite passada percorre minha mente, uma reprise em um ciclo sem fim.

Minha cabeça está cheia de gritos; do cheiro do medo, uísque e sangue, tudo junto, tão real que

tenho de lutar para

não vomitar.

Ben precisa ser impedido. Mas e se ele não der ouvidos?

Jazz estaciona quatro casas depois da de Ben.

— Meu amigo Ian mora nesta casa. Estarei aqui quando você quiser ir.

Quando chego à casa de Ben, Skye está no jardim da frente. Ela corre para mim animada e quase me derruba em sua ânsia de lambar meu rosto. Ben disse que ela está sempre tão feliz

que é como se fosse uma cadela Reiniciada.

— Senta! — eu brigo com ela e a acaricio.

Bato na porta da frente e aguardo. Não há resposta. Será que ainda não voltou da excursão?

Skye estava perto da porta da garagem quando cheguei. Atravesso o jardim em direção à garagem. Bato.

Não há resposta. Apuro os ouvidos; é aqui. Penso ter ouvido um som fraco do lado de dentro.

Tento abrir a porta. Está trancada. Bato novamente.

— Ben? — chamo.

Desta vez ouço passos, um som de porta sendo destravada. Ela se abre.

— Kyla? — Ben sorri. — O que está fazendo aqui? — ele olha para os dois lados, pega meu braço e me puxa para dentro. Skye tenta nos seguir e ele a empurra, fechando a porta em

seguida e trancando à chave novamente.

Ele não está com o uniforme do colégio. Seus olhos brilham de forma estranha.

— Você não estava em uma excursão hoje?

— Eu deveria estar. Mas decidi tirar o dia de folga.

— Você vai se prejudicar por causa disso.

— Não importa. Não estarei aqui na próxima semana — ele sorri. — Estou feliz que

esteja aqui. Assim posso dizer adeus.

E vejo um equipamento de corte separado, óculos de segurança, toalhas. Sua mochila cheia de coisas como se ele estivesse para ir a algum lugar.

O medo toma o meu corpo e me sinto gelar. Afasto minhas mãos da dele.

— Não, Ben, não! Você não vai fazer isso agora, vai?

— Por que esperar? Minha mãe foi para a casa da minha tia, meu pai já está lá. É a hora perfeita.

Balanço a cabeça, tremendo, as lágrimas brotando em meus olhos.

— Por favor, não faça isso. Não me deixe.

— Sssh, Kyla. Vou ficar bem. Um dia eu volto para você.

— Não se você estiver morto.

Ele ri.

— Vou encontrar uma maneira — ele encaixa o dedo mindinho no meu e os levanta entre nós. — Não se pode quebrar uma promessa feita com os dedinhos — ele segura com firmeza.

— Kyla, eu prometo. Ficaremos juntos novamente.

Ele se curva e me beija com delicadeza. Começo a me afastar, mas deslizo minha mão em seu pescoço e o mantenho bem perto, beijando-o várias vezes, desesperada para ficar assim, congelar este exato momento. Seus braços me envolvem com firmeza e fecho os meus

olhos, me apoiando nele. Por que tudo é tão difícil? Por que não podemos simplesmente ficar

assim?

Ele afrouxa os braços.

— Vá, Kyla. Vá agora.

Eu me recuso. Tenho de impedi-lo, fazer com que ele veja.

— Espere, por favor. Ao menos fale com Aiden. Talvez ele possa dizer como se faz, para que tenha mais chance de dar certo.

— Não, Kyla. Já conversamos sobre isso.

Pense. Tenho de mostrar a ele o quão estúpida é essa ideia, que não pode funcionar.

— Me diga o que planeja fazer.

Ben me mostra a nova e sofisticada serra de sua mãe. Algum novo tipo de serra que

deveria ser mais forte do que qualquer outra.

Balanço a cabeça.

— Não. Não vai funcionar. As de diamante são mais fortes.

Ele vira a cabeça para um lado e vai para outro banco.

— Aqui está — ele segura uma antiga esmerilhadeira. — Tem um disco com ponta de diamante.

— Ainda assim não vai funcionar, Ben. Não dá para simplesmente segurar sua mão no ar e arrancar seu Nivo. Você não vai conseguir segurar firme o suficiente, não quando a dor vier.

Ele encontra um grampo de carpinteiro.

— Deve servir — ele diz. — Vou prender no banco. Por favor, me deixe agora, Kyla.

— Vou ficar. Você não pode me impedir — digo, desesperada para encontrar palavras que o façam entender. Que o façam desistir desse plano maluco. Mas eu o encaro nos olhos e

desmorono. Nada que eu diga vai fazer diferença. Ele já tomou sua decisão.

Coloco a cabeça entre as mãos, praticamente tonta de choque quando me dou conta:

tenho de ajudá-lo. Preciso. Tem de ser um corte rápido. Ele vai começar e não será capaz de

terminar, terá uma morte dolorosa. Se eu não posso impedi-lo, tenho de ajudá-lo.

Olho para cima e enxugo as lágrimas. Me esforço para ficar calma, controlada por fora, enquanto por dentro estou gritando NÃO, NÃO, NÃO, NÃO...

— Eu faço isso — digo. — Corto seu Nivo.

— Não. De jeito nenhum, Kyla. Vá embora.

— Escute. Sei como usar esta coisa — explico, pegando a esmerilhadeira. A ferramenta me parece familiar, natural em minhas mãos. É mais difícil fazer isso com uma máquina desta

do que com a serra fixa do meu sonho, mas o princípio é o mesmo. — Será muito mais seguro

se eu fizer isso em vez de você. Você não será capaz de controlar isso com dor.

— Não posso envolver você. Não, Kyla.

— Olha, posso fazer isso — prendo um pedaço de sucata na esmerilhadeira e coloco os óculos de segurança. Ligo a esmerilhadeira, e o som, muito parecido com o do meu sonho, me

faz querer gritar, mas corto uma linha reta através da sucata.

— Mãos firmes, estou impressionado, mas...

— Nada de mais. Ou aceita minha ajuda ou fim de papo. Não vou deixar você fazer isso sozinho. Não vou deixar você morrer sozinho.

Ele me olha no fundo dos olhos e balança a cabeça delicadamente.

— Me deixe ajudar — eu digo. — Você sabe que faz sentido.

— Não quer dizer que seja certo.

— Então não faça isso! — começo a dizer, pronta para uma última tentativa de abrir seus olhos, mas ele balança a cabeça e minhas palavras ficam no ar.

Seu rosto está relutante.

— Faz sentido — ele admite. — Mas tem certeza de que consegue? Tem certeza de que quer?

— Sim.

Ele parece indeciso.

— Tudo bem — concorda, finalmente, segurando as pílulas da felicidade de Aiden. — Mas ao menos tome uma.

— De jeito nenhum.

— Não posso correr o risco de você desmaiar no meio do processo.

Fico em dúvida, mas ele está certo. E se meus níveis caírem e levarem a esmerilhadeira junto?

— Está bem — concordo, engolindo uma pílula com a ajuda de um copo d'água. Ben enche uma mão. — É seguro tomar tantas?

Ele dá de ombros.

— Muito é melhor do que pouco, eu acho — logo surge uma fina camada de suor em sua pele, suas pupilas ficam dilatadas. Como aquele garoto no meu sonho.

Meu sonho...

— Uísque. Você tem?

— Acho que sim. Por quê?

— Ajuda a amenizar o choque.

Há uma porta entre a garagem e a casa, e Ben passa por ela, retornando com uma garrafa. Ele bebe um pouco, tosse e faz cara feia.

— É horrível!

— Por favor, não faça isso, por favor. Não é tarde para mudar de ideia.

— Farei isso sozinho. Vá para casa, Kyla.

— Não! Se vai em frente, vou ajudar. Mas, Ben, me escute. Acho que, quando se começa a cortar o Nivo, não há caminho de volta. Ele tem de sair completamente para eliminar a dor.

— Sim. Não importa o que eu diga, você continua.

— Se você gritar, as pessoas virão até aqui.

— Não darei um pio.

— Você acha que é o Super-homem ou algo do tipo?

— Super Ben! — ele ri, sentando-se na cadeira ao lado do banco e prendendo seu Nivo ali. A compressão faz seu rosto se contorcer de dor.

— Kyla, se por acaso algo der errado, quero que pareça que fiz isso sozinho. Não importa o que acontecer, você tem de sair daqui. Prometa que vai sair. E, se for pega aqui, diga que me encontrou assim. Prometa!

— Ok, eu prometo.

— Coloque as luvas — ele diz. — Aqui estão. Limpe bem os controles, a maçaneta, tudo em que você tocou — eu coloco as luvas e faço o que ele me pede.

— Pronto? — respiro fundo.

— Espere.

— Sim? — desejo ardentemente que ele me mande parar, que tenha mudado de ideia.

— Kyla, aconteça o que acontecer: eu te amo. Sempre vou te amar. — Tudo bem, ele tomou pílulas da felicidade em quantidade suficiente para considerar um Lordeiro como amigo, além de todo aquele uísque. Ele mal sabe onde está, muito menos o que está dizendo,

mas parece que fala sério. Eu o olho e quero falar aquelas palavras também, mas elas estão entaladas em minha garganta e não querem sair.

— Vamos! — ele diz.

E é como se eu estivesse no meu sonho, naquele sonho horrível. Não sou eu mesma. Sou aquela garota do pesadelo: calma, confiante, capaz de fazer coisas como esta. De onde ela veio? Pego a esmerilhadeira, libero o pino de segurança e ligo o interruptor. Um corte rápido.

Tem de ser rápido.

A roda gira e solta seu lamento.

Olho para Ben. Ele me faz sinal de positivo com a cabeça.

— Vai! — ele murmura.

A lâmina gira e se conecta ao seu Nivo. Fagulhas saltam por toda parte. Diferente do garoto do meu sonho, Ben não grita. Mas seu rosto se contorce, o suor começa a brotar, e eu

tento não olhar para ele. Tenho de focar na lâmina, segurá-la com firmeza.

Skye deve saber o que está acontecendo, através de alguma ligação canina com Ben, que a ama desde que ela era um filhote. Ela uiva e arranha a porta, então começa a se jogar na porta e se bater contra ela.

Fagulhas continuam a voar, e como comecei não posso mais parar. A lâmina trepida e dá coices, estremece, e a esmerilhadeira está ficando tão quente que mesmo com luvas mal consigo segurá-la mais. Há um filete de sangue partindo da boca de Ben e seu corpo está em

convulsão, mas por algum motivo ele permanece em silêncio e não tenta se soltar.

A última ponta do Nivo ainda resiste. A lâmina trepida, ricocheteia e então... *plac*. O Nivo se desprende. Solto a correia e empurro a esmerilhadeira, mas não antes de o braço de

Ben estremecer. Seu pulso toca a lâmina e ela diminui a velocidade. O sangue escorre e eu jogo a esmerilhadeira para longe, apressada para soltar o clipe e pegar uma toalha para comprimir o pulso de Ben.

— Ben? Ben! — eu o sacudo, seu corpo está mole, ele está inconsciente, há mais sangue em sua boca. Será que ele mordeu a língua? Ele desliza para fora da cadeira. Eu tiro as luvas

e as jogo para um canto, para verificar seu pescoço. O pulso está irregular.

Ouçó Skye ganir baixinho. Um carro. A porta da garagem se move e então se abre.

É a mãe de Ben.

— Esqueci de pegar... — ela começa a dizer, quando avista Ben no chão, em meus braços. — O que houve?

Lágrimas descem por meu rosto, estou sacudindo a cabeça e não consigo falar.

Diga a ela o que Ben mandou.

— Vim visitá-lo e o encontrei deste jeito.

Ela me tira da frente e verifica a toalha encharcada de sangue. Então ela vê. A cor desaparece de seu rosto.

— O Nivo dele... — ela olha para mim. — O que aconteceu?

Eu dou de ombros, impotente. Minta.

— Não sei. Ele deve ter cortado.

O corpo mole de Ben se curva uma vez. E outra vez. Ele está tendo convulsões.

Convulsões? Oh, Deus, não! Danificar o Nivo leva a convulsões e à morte. É o que eles sempre nos dizem. Não funcionou!

Ela tira um telefone do bolso e chama uma ambulância.

— Saia daqui, Kyla. Vá!

Estou tremendo, sem forças. Com ou sem a pílula da felicidade, meus níveis estão caindo rapidamente. Meu Nivo vibra.

— Vá! Eu não sei o que realmente aconteceu aqui. Mas, por ora, vá. Saia daqui antes que eles cheguem!

Não posso deixá-lo. Não posso.

— Saia! É o que ele iria querer.

Sim. Foi o que ele disse para fazer.

Cambaleio até a porta e ouço as sirenes se aproximando.

— Por aí, não — ela diz. — Use a porta dos fundos e a passagem do canal. Vá!

Saio então aos tropeços pela porta dos fundos. Atravesso o jardim atrás da casa e saio pelo portão. Lá está a passagem do canal, como ela disse. De alguma forma, eu a atravesso cambaleante por trás das casas. Conteí quatro delas, até a do amigo do Jazz.

A música está tão alta que o chão vibra. Esmurro a porta dos fundos, mas ninguém atende. Eu entro.

Jazz me vê e desliga o som. Eles então ouvem as sirenes.

As lágrimas descem pelo meu rosto. Jazz coloca um braço em meus ombros.

— Kyla? O que há de errado? O que aconteceu?

Outra sirene se junta à primeira, como um dueto, mas o som é discordante, áspero, alto.

E se aproxima.

Minta.

— Ben. Ele tirou o Nivo — suspiro.

— Isso é possível? — pergunta Jazz, obviamente desconhecendo o perigo.

— Não deveria ser. Mesmo que a pessoa não desmaie, qualquer dano ao Nivo causa dores mortais — ou convulsões. Tento não pensar nisso, mas não consigo. Ben...

Pela janela da frente, vemos que agora há duas ambulâncias na frente da casa de Ben. O

que significa isso? Se Ben... engulo em seco. Até meus pensamentos vacilam, não consigo

imaginar o que possa ter acontecido de pior, não encontro palavras para as imagens que não se

dissipam. Tudo o que consigo ver é o corpo de Ben caído no chão, em convulsão, seu rosto

contorcido de dor.

Outra sirene começa a gemer ao longe. Mas essa é diferente. O ritmo, o tom, não são os mesmos das ambulâncias, e o som ressoa em minha cabeça, faz meu coração acelerar, minha

pele se arrepiar. *Esconda-se! Agora.*

Mas continuo presa à janela. A fonte do barulho aparece na esquina, uma grande van preta. Sem placas, mas com uma luz azul piscante na parte da frente. Me afasto correndo da

janela e puxo comigo Jazz e Ian, que estavam atrás de mim.

— O que é? — pergunta Jazz.

— Lordeiros — explico, me sentindo tonta, enjoada. Os paramédicos chamaram os Lordeiros. Eles não são de confiança.

— Temos que tirar você daqui — diz Jazz. — Agora.

Está tão frio. Estou presa num frio congelante da cabeça aos pés. Meu Nivo apita. Jazz agarra meu pulso e olha. 4.4.

Uma pílula da felicidade não é suficiente.

— Droga, Kyla, o que posso fazer para ajudar? — ele pergunta, a preocupação estampada em seus olhos.

— Nada. É tarde demais.

4.1

Seguro meus braços, tremendo. Eu deveria tê-lo impedido. É tudo culpa minha.

3.8

Eu o abandonei, simplesmente o abandonei ali...

3.5

Sangrando, morrendo, e fugi. Ben...

Jazz diz um palavrão.

— Não, Kyla. Não aqui e não agora. Vamos lá — ele praticamente me arrasta para a porta dos fundos, obrigando Ian a prometer segredo de que estivemos ali.

— Quem esteve aqui? — pergunta Ian. — Aviso a vocês se souber de algo sobre o Ben. Jazz me arrasta até a cerca, atravessamos o portão e pegamos a trilha.

3.2

— Corra! — ele diz.

— O quê?

— Corra como se sua vida dependesse disso.

Talvez dependa.

Correr? Agora? Olho para os meus pés, esperando que eles comecem a se mover, caminho cambaleando e começo a trotar.

— Mais rápido! — diz Jazz, me seguindo. — Sei que consegue ser mais rápida.

Corra como se os Lordeiros estivessem atrás de você. A todo vapor, concentrada, como se todos os

Lordeiros do mundo estivessem atrás de mim; como se Wayne Best estivesse prestes a me alcançar. Concentro-me no rosto feio de Wayne e um lampejo de energia encontra meus pés.

Jazz segura meu pulso. Está a 3.9.

— Não está bom. Continue — e corremos cada vez mais.

Ele respira com dificuldade, não está acostumado a isso. Continuo correndo, mas as imagens ainda inundam minha mente. Ben. Ferido, ou pior. Se ferido, foi levado pelos Lordeiros. O pior pode ser melhor. O que terá acontecido? O que eu poderia ter feito para impedi-lo? Não saber o que houve com Ben está destroçando meu coração. Quero parar, me

jogar no chão e chorar, mas, sempre que diminuo, Jazz me dá uma cotovelada por trás e me faz

continuar.

Os olhos gentis e lindos de Ben; e isso. Eles não combinam. O que houve com você?

Ian vai descobrir para nós.

Sim.

Continue correndo.

Já está escuro quando voltamos para o carro.

— Como estão os níveis? — Jazz pergunta.

— 5.2 — verifico. — Como sabia que tinha de me fazer correr?

Jazz dá de ombros.

— Algo que o Ben disse uma vez.

Ben.

— Venha, vou levar você para casa — Jazz pega a estrada, mantendo-se nas sombras. Nem sinal de ambulâncias ou Lordeiros. — Parece tudo limpo.

Ben.

Quando Jazz encosta em frente à minha casa, meu Nivo começa a vibrar novamente.

— Aguenta firme, Kyla. Vamos, você consegue.

Eu apenas balanço a cabeça, desamparada. Está caindo tão rápido.

— Hora de encarar o dragão? — ele pergunta. — Vamos lá.

Ele me sustenta até a porta, ela se abre antes de chegarmos lá.

— Onde diabos você esteve... — mamãe começa a dizer, quando vê o meu rosto. —

Entre, entre — ela diz. Jazz me ajuda a alcançar o sofá.

Bzzzzz...

3.1

Ben...

CAPÍTULO 46

Agonia. Meu mundo está repleto de dor, nada mais. Uma dor que pulsa, que respinga de vermelho, um torno que esmaga tudo o que sou, o que fui e o que posso vir a ser.

Lentamente, outras coisas se tornam tangíveis. O chão. Estou deitada no chão. Ouço vozes. Ben...

Um golpe em meu braço. O calor se disseminando através de minhas veias, por todo o meu corpo. A dor não vai embora, nada pode mandar esta dor embora. Aos poucos deixo de

me importar. Abro meus olhos.

— Olá — mamãe sorri. — Você está de volta.

— Hã? — e então tudo fica escuro.

— *Ben! Você veio.*

Ele sorri.

— *Eu não podia partir sem lhe dizer adeus — ele se ajoelha.*

— *Não me deixe. Não vá, por favor... Meus olhos se enchem de lágrimas.*

— *Não posso ficar, é tarde demais — ele sorri novamente, mas seus olhos estão tristes. — Seja forte, Kyla — ele se inclina, seus lábios tocam os meus, gentilmente. Nosso terceiro beijo.*

Ele se afasta, translúcido. A luz o atravessa.

— Adeus, Kyla — ele diz, com doçura, as palavras se desfazendo em silêncio. E então ele se foi.

Nosso último beijo.

— Ben! — eu grito seu nome, tento sentar, mas caio novamente. Estou na cama. Minha cama. Sebastian está aos meus pés; uma luz difusa entra pela porta aberta do corredor.

— Kyla — é minha mãe. Ela está sentada na cadeira ao meu lado. — Olá — seu rosto está cansado, pálido. Tento me sentar novamente, mas o movimento leva ondas de agonia pelo

meu crânio. Tusso. — Fique quieta — ela diz.

— O que houve com o Ben?

— Não se preocupe com isso agora.

Tento me concentrar; isso faz a dor aumentar. Mas existe algo, fora de alcance, que preciso saber.

— Me diga — imploro e sinto a umidade em minhas bochechas.

— Shh. Jazz trouxe você para casa; você desmaiou assim que atravessou a porta. É tudo o que eu sei.

— Os paramédicos vieram aqui? — murmurei.

— Claro que sim. Eles lhe deram uma injeção e depois outra; você voltou a si por um momento e então desmaiou.

Perigo. Fecho meus olhos. Eles saberão. Os Lordeiros: eles saberão que estávamos lá, na casa de Ben. Os paramédicos vão dizer a eles que eu desmaiei e Ben é meu amigo. Eles

vão ligar os fatos.

Volto para a escuridão.

Quando torno a abrir os olhos, o sol desponta nas cortinas e estou sozinha. Desta vez consigo me sentar, minha cabeça lateja constante e insistentemente, o enjoo revolve meu estômago. Agora não. Engulo em seco e respiro fundo até que passe.

Ouçó murmúrios lá embaixo. Vozes? Minha mãe e mais alguém.

Saio de baixo das cobertas; com esforço fico de pé e ando com as pernas trêmulas até a janela. Uma van preta está estacionada em nossa entrada.

Lordeiros.

A adrenalina toma o meu corpo e diz corra. Mas só consigo ficar de pé. Me jogo

novamente na cama. O melhor que posso fazer é fingir de morta. Alguns momentos mais tarde,

ouço passos subindo a escada e a porta se abre.

— Kyla? — minha mãe me chama, num tom de voz suave. Fico quieta. — Eu disse, ela está dormindo. Isso não pode esperar?

— Não. Acorde a garota ou faça isso para você — diz uma voz fria, masculina.

Ouçoo passos pelo quarto, minha mãe coloca a mão em minha bochecha.

Abro os olhos pela metade, gemendo. Ela está olhando para mim, seus olhos transmitem uma mensagem urgente. Mas qual? Dois homens de terno cinza estão parados como torres diante da porta, logo atrás dela, fazendo com que o quarto pareça menor. Feche os olhos. Eles

se fecham novamente, enquanto estremeço por dentro. O que ela terá dito a eles? O que eles

sabem? Se as versões não forem as mesmas... perigo.

— Não entendo por que vocês precisam falar com ela, pobrezinha. Ela já passou por tanta coisa. Já contei o que houve, que ela estava preocupada por esse tal de Ben não ter ido

ao colégio, eles foram...

Esse tal de Ben: dito num certo tom de desaprovação.

— Silêncio! — diz um deles. — Acorde a garota — um tom de ameaça em sua voz.

— Kyla, meu amor, acorde. Boa menina.

Mais mensagens. Ela está me mostrando como jogar. Sou jovem e tola, eles sabem que estive na casa de Ben, ela não gosta de Ben. Obrigada, mamãe.

Movimento-me desta vez. Abro os olhos. Dou um sorriso Reiniciado para ela e então estremeço.

— Meu estômago dói — faço voz de quem sente dor.

— Pobrezinha. Estes senhores querem perguntar algumas coisas agora, está bem? Deixe-me ajudá-la a sentar — ela afofa o travesseiro. — Diga a eles exatamente o que me disse que

aconteceu — ela diz. Outra mensagem? Diga a verdade como ela conhece. Busco em minha

mente o que ela sabe ou não.

Poker face em ação. Em meus pensamentos, finjo estar com Sebastian no colo e imito o rosto de Phoebe, transparente, feliz. Sorrindo e ocasionalmente estremeendo de dor

quando

movo a cabeça.

— Sim, mamãe — eu digo e me viro para os homens impacientes na entrada da porta.

Eles parecem não estar acostumados a esperar. Será que estão se comportando assim por minha mãe ser filha de quem é? Algo me diz que, se ela não fosse quem é, eu já teria sido arrancada da cama para ser interrogada, e não aqui.

O mais jovem dos dois homens consulta um netbook.

— Você é Kyla Davis?

— Sim.

— Por que desmaiou ontem?

Não vão perguntar o que aconteceu? Afastei a surpresa do meu rosto.

— Eu estava muito chateada. Meu amigo Ben não estava no colégio e meu outro amigo me levou até a casa dele para ver se ele estava bem.

— Seu outro amigo? — ainda é o mais jovem que fala, que toma as rédeas; ele olha para mamãe de vez em quando com respeito. Mas é com o outro que devo me preocupar. Ele tem

uma certa postura que diz que está no comando.

Respondo ou não respondo? Mamãe sabia.

— Jazz MacKenzie: Jason. Na verdade, ele é amigo da minha irmã. Mas ele cuida de mim.

— E depois...?

— Ben passou mal — minha voz demonstra aflição. — Havia ambulâncias e Jazz disse que não deveríamos atrapalhar, e eu tive que vir para casa. Mas eu estava preocupada com Ben, e acho que desmaiei.

Mamãe arquejou.

— Aquele Ben: a causa de tantos problemas.

— Minha mãe e meu pai me disseram para não correr mais sozinha com Ben — eu digo.

— Gosto de correr — dou um enorme sorriso Reiniciado.

— O Ben alguma vez lhe mostrou umas pílulas?

— Pílulas? Acho que não. — Amy viu as pílulas dele. — Não, espere. Ele levava uns comprimidos para dor de cabeça na mochila. Ele tomou um quando não estava se sentindo bem no domingo.

— Acho que já foram perguntas o suficiente — diz mamãe. — A pobre menina não está

nada bem.

Por falar nisso, meu estômago começa a se revirar novamente, mas desta vez não respiro fundo para acalmá-lo. Posso sentir a cor desaparecendo do meu rosto.

— Mamãe, acho que vou vomitar — ela pega a lixeira na hora exata. Ondas de enjoo tomam meu corpo e cada tremor se reflete em dor de cabeça. Meu estômago está quase vazio,

mas os Lordeiros se afastam com nojo.

— É o suficiente por hoje — diz mamãe.

O mais jovem começa a sair do quarto. O mais velho vira a cabeça para um lado, ergue a mão e o outro para.

— Espere — ele diz, olhando para o outro. — Faça uma busca no quarto.

Mamãe levanta os ombros.

— Isso é realmente necessário, agente Coulson? — ela pergunta, em um tom frio. A ênfase em seu nome diz sei bem quem você é se sair da linha.

Ele ergue uma sobrancelha, parecendo se divertir.

— Ah, acho que sim. Tire-a daqui primeiro — ele aponta com a cabeça para mim com desdém.

Ainda estou vomitando sobre a lixeira; só reflexo, não sai mais nada agora.

— Ela não consegue andar. Vocês vão ter que ajudar — ela diz, e, com um aceno do outro, o mais jovem se aproxima. Ele me levanta com cara de quem pega um rato de esgoto e

me deposita no quarto ao lado, na cama de Amy.

Revistam meu quarto, buscam por pílulas da felicidade, com certeza. Não encontrarão nenhuma. Recosto-me no travesseiro de Amy, cansada demais para pensar, para me mover.

Seus desenhos, uma voz sussurra dentro de mim, e meus olhos se escancaram.

Debaixo do carpete solto junto à janela: meus desenhos escondidos. De Gianelli após os Lordeiros o levarem. Minha mãe tinha dito para destruí-los. Queria ter feito isso. E um de Ben. Se eles virem como o desenhei, não vão acreditar na inocente menina Kyla e seu “amigo”. Saberão o que sinto por ele. Os minutos passam. Ouço mamãe avisando-os para não

fazer bagunça. Não há nenhum tumulto, nenhum “Olhe o que achei!”. Começo a ter esperanças

de que não irão encontrá-los, ainda que não sejam grandes esperanças.

Finalmente ouço passos pesados no corredor, descendo as escadas. Alguns momentos depois, a van é ligada. Eles estão indo embora. Simples assim? Mas sinto que o interesse deles por mim não acaba aqui.

Minha mãe pintou uma imagem de Ben que eles queriam ver: um garoto perigoso, de quem se deve manter distância. E eu a apoiei. Isso pareceu desleal, errado.

— Desculpe, Ben — murmuro. As lágrimas brotam. Ben ia querer você a salvo.

Rolo na cama, nem dormindo nem acordada. Meus pensamentos confusos e fora de ordem não fazem sentido; imagens planas, como fotografias, passam voando por minha mente.

Ben correndo. A coruja de sua mãe de asas bem abertas. Ben sob o luar do meu sonho, a luz

brilhando através dele. Passos na escada, uma porta se abre. Luto para abrir os olhos, para me

mover, mas meu corpo parece coberto de chumbo. A porta torna a bater. Ouço vagamente alguns movimentos no corredor, em meu quarto, então a porta de Amy se abre.

— Kyla? Ajeitei o seu quarto. Venha, Amy chegará logo — ela me ajuda a levantar e ir para o meu quarto. Está tudo cheiroso. Os lençóis são novos e macios. Quase posso esquecer

que os Lordeiros estiveram aqui, remexendo nas minhas coisas.

— Obrigada — sussurro. Por isso, por tudo.

Subitamente incapaz de me manter acordada mais um segundo, tudo fica escuro.

— Kyla? — diz mamãe. — Trouxe um pouco de sopa — ela parece normal, inabalada pela visita dos Lordeiros.

— Não estou com fome.

— Coma assim mesmo.

Ela me ajuda a sentar, tenta me alimentar, mas pego a colher e como sozinha. Eu não estava com fome, mas de repente, ao sentir o sabor do tomate, da laranja, ou de outro tempero

qualquer, está tudo tão saboroso, que a fome chega. Eu não deveria estar com fome. Como posso comer depois do que houve?

Termino a sopa.

— Temos de conversar — ela diz. — Desculpe. Você deveria estar descansando, mas isso não pode esperar.

— Está bem.

— Por que você desmaiou?

A pergunta dos Lordeiros, mas ela merece uma resposta honesta.

Afundo nos travesseiros. O que posso dizer, o que não posso, e é tanta coisa para lidar.

As lágrimas irrompem. E então minha mãe está ali, sentada ao meu lado, a mão suave em minha cabeça, alisando meu cabelo.

Abro os olhos e a vejo embaçada através das lágrimas.

— O que você sabe?

— Jazz não disse muito, apenas que você estava preocupada com Ben e ele levou você até lá, mas você não entrou porque havia ambulâncias e Lordeiros lá e depois ele a trouxe para casa.

Concordei e a seguir estremeci. Então deduzi certo, Jazz não disse que estive com Ben.

— O que houve com Ben? Por favor, me conte.

— Eu não tenho certeza.

— Tenho de saber. Por favor...

— Se eu conseguir descobrir, eu conto. Mas você não pode perguntar sobre isso a mais ninguém, está me ouvindo, Kyla? Isso é sério. Não fale sobre Ben, não pareça chateada, não

diga nada sobre ele. Nem no colégio, em casa ou lugar algum.

Olho para ela, a cabeça latejando insuportavelmente, mas não é tão ruim quanto a dor interior que sinto quando penso nele. Como fingir que não há nada de errado? Você precisa.

— O que você contou para os Lordeiros hoje é a sua versão. A única versão. Mantenha-a exatamente igual para qualquer pessoa que perguntar. Do grupo, do colégio, de casa...

— De

casa? Ela se refere à Amy e ao papai. As palavras que ela escolheu... O que eu disse é a minha versão. Minha versão, não a verdade. Ela sabe mais do que parece.

Ela se levanta e vai até a porta, depois se vira.

— Ah, Kyla? Aquele desenho do Ben estava lindo. Eu o encontrei junto com os outros ontem à noite. Sinto muito, mas tive de destruí-los — ela fecha a porta.

De olhos arregalados, encaro o local que ela acaba de deixar. Obrigada, mamãe.

Novamente. Eles os teriam encontrado, tenho certeza. De alguma forma, ela sabia que eles viriam, e remexeu o meu quarto na noite passada enquanto eu dormia. Deduzi que ela deve ter

encontrado o de seu filho Robert, também. Ela deve ter se perguntado como sei a aparência

dele. Como sei qualquer coisa sobre ele.

Será que ela está me protegendo? Ou talvez não confie em mim. Ela revirou o meu quarto para ter certeza de que não havia nada mais que me incriminasse além de alguns desenhos proibidos.

Como ela se sentiria se soubesse que foi por minha causa que Ben conseguiu as pílulas e teve a ideia de fazer o que fez, depois que o levei para ver Mac e Aiden? Como ela se sentiria

se soubesse que fui eu quem empunhou a esmerilhadeira que cortou seu Nivo?

Mais tarde, naquela noite, ouço um carro e me pergunto se os Lordeiros estão de volta.

Mas, quando saio da cama, vejo que é o meu pai. Ele esteve fora por dias. Há vozes lá embaixo, ele parece irritado. Muito.

Quando me levanto na manhã seguinte, ele já se foi.

CAPÍTULO 47

Minha mãe me impede de ir ao colégio por dias. Até que eu não aguente mais ficar entre quatro paredes, sem nada para fazer além de me afogar em pensamentos e chorar, com ela e

Sebastian cuidando de mim com abraços e gentilezas felinas. Amy se junta a eles quando chega em casa do estágio. Eles formam um grupo unido, de esforços concentrados para manter

meus níveis altos. Fisicamente, estou bem. Quase normal, apenas um pulsar maçante em minhas têmporas. Eu poderia ir ao colégio se não fosse pela dor chamada Ben, que me deixa

gelada por dentro, incapaz de me mover. Nem toda aquela gentileza ajuda. A única coisa que

ajuda é pensar em Aiden.

Quanto mais penso nisso, mais coloco naquela cabeça vermelha a culpa por toda essa confusão. E em Mac, por ter nos apresentado Aiden. E em Jazz também, porque Mac é seu primo. E eu não teria conhecido Jazz não fosse por Amy. Amy e eu não estaríamos aqui não

fosse por mamãe. Pouco a pouco minha raiva cresce, e eu alimento isso, como uma dor de dente, sem possibilidade de ir ao dentista. Eu preciso disso.

Esse sentimento me tira da cama e me visto. Desço as escadas em tempo de escapar.

— Kyla? O que está fazendo?

Olho para cima enquanto amarro meu tênis.

— O que parece? Hoje é dia de reunião de grupo, não é?

— Não sei se você deveria estar fora da cama.

— Você não acha que tudo ficaria melhor se eu aparecesse por lá hoje à noite?

Ela me encara, levando em consideração. E concorda.

— Se você consegue ser você mesma, deve ir. Levo você.

— Não. Eu quero correr.

— Você não está bem o suficiente para correr; faz só alguns dias que você desmaiou — seus braços estão cruzados, o rosto é sério.

Explique ou você não irá a lugar nenhum.

Respiro lentamente algumas vezes, viro-me e a encaro.

— Fisicamente, estou bem. Talvez não cem por cento, mas não está longe disso, e correr me faz sentir mais viva. Melhora os meus níveis. Não é por isso que quero correr; eu preciso

correr. Você entende? — ela morde o lábio, indecisa.

— Mas sozinha?

— Estarei bem, de verdade. Irei pelas estradas principais, nada vai me acontecer.

Prometo. — Ela acaba cedendo.

— Está bem. Mas vou buscar você. Combinado?

— Combinado.

Ela me envolve num abraço; eu abro a porta e saio.

Seria sensato começar correndo devagar, aumentar a velocidade lentamente e ver como me saio. Minha cabeça lateja com cada contato do pé no chão e não me alimento bem há dias.

Mas coloco todas as minhas energias em meus músculos, pernas e pés; acelero cada vez mais

até que assumo o controle. Paro de notar a dor em minha cabeça. A noite, a estrada, o tum-tum

dos meus pés são tudo o que existe.

Mas o som é vazio. A última vez que corri desse jeito, o ritmo de Ben combinava com o meu. Meus pés vacilam quando passo pelo caminho que leva para fora da estrada, onde Ben

me ergueu até a cerca. Onde estávamos sozinhos e ele me beijou pela primeira vez.

Agora que estou correndo posso pensar no sonho que tive com ele vindo para se despedir. Não pude pensar nisso antes; era como uma ferida que, se tocada, gritaria de dor. Doutora Lysander diz que meus sonhos são feitos de pensamentos e imagens aleatórias, roubadas do meu subconsciente. Que não são reais. Que, às vezes, pessoas misturam memória

aos seus sonhos, mas, se você foi Reiniciado, precisa construir seu banco de memórias antes

que isso aconteça, e, nesse meio-tempo, a mente inventa coisas para preencher o vazio. Resumindo, segundo ela, meus sonhos são inventados, não são reais. Às vezes eles são reais.

Alguns dos meus sonhos vêm de lembranças, assim como meus desenhos; tenho certeza disso. Como o desenho que fiz de Lucy com as montanhas que eu nunca tinha visto antes. Como aquilo não poderia ser uma lembrança? Mas, com alguns dos meus sonhos, não tenho

tanta certeza. Como aquele em que meus dedos são esmagados com um tijolo. Parecia real, na

hora; e agora, se penso nele, é como uma memória de um evento real, mas será que é só uma

memória do meu sonho? E então há sonhos como aquele que tive com o garoto Reiniciado amarrado e tendo seu Nivo arrancado. Parecia mais do que real. Mas então, quando Ben foi

sobreposto no sonho, aquilo não poderia ter acontecido daquela forma. Meu medo o colocou

ali. E os outros sonhos, em que eu corria pela praia e era perseguida, aqueles eram mais absurdos. Há menos detalhes para lhes dar fundamento, para que eles assumam algum traço de realidade.

Mas e o beijo de adeus de Ben? Será que seu espírito me visitou no sonho? Fantasmas são histórias *para crianças*. Não. Me recuso a acreditar. De qualquer forma, Ben não está morto; não pode estar. *Sim, ele pode estar.*

Aiden: eu o evoco em minha mente. Cabelos vermelhos. Passo correndo pelo corredor e sigo em frente. Olhos azuis? Sim, eram olhos azuis escuros e pensativos. Começo a diminuir o

passo. Salpicado de sardas no nariz e bochechas. Me viro, andando agora. Também me lembro de seu sorriso. Não era como de um Reiniciado; era real. Ou será que não? Ele queria

me usar por razões pessoais. A Ben também. Deu as pílulas para Ben, lhe enfiou aquela ideia

na cabeça. Estou quase lá.

Dou uma olhada em meu Nivo: 8.1. Sério? Mesmo com a corrida, não posso acreditar.

Quando corri com Jazz no outro dia, estava tão aflita que só consegui chegar a 5.

É a raiva.

Não entendo. Meus níveis caem quando estou aflita, mas a raiva os faz subir. Pensando bem, deve ter havido outras vezes como esta. Como quando Wayne me ameaçou, e com a Phoebe. Mas não faz sentido. Nivos são projetados para reagir a qualquer emoção extrema, é

verdade, então a angústia que senti nos últimos dias os manteve, como esperado, bem baixos,

às vezes de maneira perigosa. Mas o propósito principal de um Nivo é impedir a violência, qualquer perigo para nós mesmos ou para os outros. No entanto, a raiva parece elevar os meus

níveis. Kyla é diferente.

Estou diante da porta do salão: é hora de ser como todo mundo. Respiro fundo, ajeito os ombros, sorrio. Estou pronta.

Pego uma cadeira.

Dois estranhos borrões vermelhos reluzem nas bochechas de Penny. Seu sorriso parece tenso. Então eu o vejo, no canto da sala. Sentado e olhando como se desejasse estar em qualquer outro lugar.

Um Lordeiro. Mas não qualquer Lordeiro; o mais jovem, que me carregou e revistou o meu quarto. Não está usando o terno cinza ou o uniforme preto, está de jeans e camisa. Parece

quase normal.

— Oi, Kyla. Estamos todos aqui agora. Vamos começar? Todos tiveram uma boa semana?

Todos... Ela sabe que Ben não virá. Há uma dor interior. Talvez uma parte de mim fosse tola o suficiente para achar que ele poderia estar aqui; que tudo não tinha passado de um pesadelo induzido pelo desmaio, ou os paramédicos o tinham remendado e o enviado de volta

para casa.

— Para começar, hoje temos um convidado especial que vai dizer algumas poucas

palavras. Pessoal, esse é o senhor Fletcher — senhor Fletcher, e não agente Fletcher. Ele se levanta e caminha até estar ao lado de Penny. Os outros se lembram de seus treinamentos e, obedientes, dizem olá; lembrei a tempo de fazer o mesmo. Para não ficar de

fora. Ele se contorceu ante o peso de nossos sorrisos. Penny se senta.

— Hoje quero falar com vocês sobre drogas.

Ele então fez um longo discurso sobre os perigos e males das drogas e nos diz para nunca, jamais, tomar pílula nenhuma que não tenha sido indicada por nosso médico. E se alguém, algum dia, tentar nos oferecer algo, devemos contar aos pais ou a um professor sobre isso imediatamente. Seus olhos passeiam por todo o grupo, um por um. Ele não está aqui para fazer

um anúncio de utilidade pública; ele está procurando por alguém que saiba onde Ben conseguiu suas pílulas da felicidade. Posso ver que ele, para variar, está tentando não ser assustador, mas não está tendo muito sucesso. Muitos dos outros sorrisos vacilam quando ele

descreve as coisas horríveis que as drogas podem fazer.

Ben disse que as pílulas da felicidade o deixavam pensar por si mesmo, sem o Nivo para atrapalhar. *Era verdade. Isso é uma coisa horrível?*

Fletcher sai quando termina, um alívio claro em seu rosto quando ele se dirige para a porta. É como se ele pensasse que somos contagiosos. Penny pouco a pouco perde a expressão

estressada que tinha no início. Sua sobrancelha se suaviza e seu sorriso de sempre retorna, mas os olhos estão tristes. Ela sabe algo sobre Ben. Só pode.

Quando tudo termina, faço hora até que os outros saiam e me aproximo de Penny.

— Posso falar com você?

— Claro que sim, querida — ela diz isso, mas seus olhos estão assustados; ela balança a cabeça de um lado para o outro, dizendo não. — Preciso verificar o seu Nivo. Soube que você

desmaiou na semana passada.

Ela pega seu scanner, falando sem parar sobre o clima. Algo está errado.

Penny conecta o scanner em seu computador e tosse.

— Kyla, olhe para o gráfico. 2.1. Perigoso — olho para o que ela está olhando e também vejo o que ela não diz em voz alta: nos últimos dois dias, meus níveis estiveram entre 3 e 4 a

maior parte do tempo. O 7.1 de ainda agora era resultado da corrida. Ela segura minha mão e

balança a cabeça tristemente.

— O que houve? — ela pergunta. Mas coloca a mão no ouvido e balança a cabeça de novo.

Alguém está ouvindo.

Eu balanço a cabeça e movo os lábios, dizendo “entendi”. E conto a ela a história aprovada pelo Lordeiro, que Ben não estava no colégio, Jazz me deu carona e havia ambulâncias, mas não sei o que houve com ele.

— Kyla, querida. Esqueça esse Ben. Ele não vai voltar; tire-o da cabeça. Concentre-se em sua família e nos seus estudos — ela diz as palavras, mas seus olhos estão tristes e ela coloca um braço em meus ombros. Posso sentir as lágrimas brotando novamente em meus olhos. Encontre a raiva.

O movimento do ar — uma fria brisa que levanta os pelos do meu braço — me faz virar em direção à porta, receosa, quase esperando que Fletcher tivesse retornado. Mas, em vez disso, a surpresa foi outra.

— Papai?

— Oi, Kyla. Oi, Penny. Vamos? — ele sorri, mas não estou tranquila. Não o tenho visto desde aquela noite em que olhei de relance pela janela; ele não estava de bom humor pelo que

pude perceber e já havia partido pela manhã. Levantei-me e segui para a porta.

— Cuide-se, Kyla — diz Penny.

— Obrigada.

Entramos no carro, mas, em vez de virar à esquerda para ir para casa, ele vai para a direita.

— Pensei em darmos uma volta, ter tempo para uma conversa.

— Tudo bem — digo, com receio. Ele *quer conversar sem que mamãe ouça*. — Está tudo bem? Pensei que você só voltaria no domingo.

— Sou eu quem deve perguntar se está tudo bem. Tenho ouvido coisas sobre você, Kyla. Sobre você e seu amigo Ben.

— Ah.

— Ah. É tudo o que você tem a dizer?

Seu tom de voz é coloquial; o sorriso e o rosto aberto são perfeitos; suas palavras dizem

algo mais. *Tenha cuidado.*

— Desculpe. Mas como assim?

— Não acredito nisso.

— No quê?

— No enorme sorriso inocente, essa encenação toda. Você está envolvida, de alguma forma, no que aconteceu. Agora me escute: sua mãe me convenceu, desta vez, a deixar as coisas como estão. Que não será bom para mim se vier à tona que você aprontou algo diante

do meu nariz. E, francamente, nem quero saber do que você se livrou desta vez. Mas chega.

Não na minha casa. Nem tudo quem decide é sua mãe; há coisas que ela não pode controlar.

Entende?

Há um milhão de coisas que eu poderia dizer. Eu poderia negar as acusações disfarçadas em suas palavras, poderia repetir a versão oficial dos fatos, poderia chorar e fingir que não entendo.

— Sim, entendi — respondo. Seguro minhas mãos para que parem de tremer. Use o medo; alimente *a raiva*.

Ele balança a cabeça.

— Essa era a única resposta que poderia me impedir de devolvê-la agora mesmo.

Ele dirige em silêncio. Manobramos para retornar ao outro lado do vilarejo e ele para na entrada de casa.

— Você é esperta. Fique longe de encrencas.

CAPÍTULO 48

Segue-se uma noite sem sono. Muitas desgraças como turbilhões em minha mente, pedindo atenção. A chamada para o colégio vem cedo, mas não perguntam se quero mais um

dia de folga. Um bom Reiniciado não faria isso, e fui avisada: tenho de ficar longe de encrencas. Mas como sobreviver ao dia, ser uma pessoa normal, fingir que nada está errado?

Como? Coloque um pé diante do outro; dê um *passo de cada vez*.

Assim, saio da cama. Coloco o uniforme do colégio, escovo os cabelos. Finjo tomar café da manhã e espero pelo ônibus sob um chuveiro cinzento, os braços cruzados com firmeza,

tremendo pelo frio que desce dos céus e mergulha fundo em meus ossos. Sem carona com Jazz

e Amy hoje. Ela ainda está no estágio de trabalho.

Quando o ônibus chega, não consigo me sentar nos fundos, no lugar de Ben, então pego o único lugar vazio além daquele. Estamos a meio caminho do colégio quando me lembro de que

aquele era o lugar de Phoebe. Percebo alguns olhares faiscantes. Eles não gostam de eu ter sentado ali. Mas será que alguém notou um garoto Reiniciado a menos na fileira dos fundos?

Durante as aulas e intervalos, não há murmúrios de “onde está Ben”, como quando Phoebe foi levada. Não que eu pudesse responder à pergunta, mas esse silêncio me incomoda. Será

que eles não notaram ou estão com medo de perguntar?

E, então, o momento surge: me arrasto para a aula de biologia. Tenho tido receio dessa aula. Sem Ben ao meu lado no banco de trás, e com Hatten, com seus olhos sábios, descascando as camadas que formei à minha volta. Após todos passarmos nossos cartões e nos sentarmos, ele se levanta na frente da sala. Usa hoje uma camisa de um azul profundo. Isso

realça a falta de cor em seus olhos azuis desbotados. Ele dá seu sorriso mole; as garotas suspiram. Ele começa a aula e para um momento depois. Olha ao redor da sala.

— Está faltando alguém hoje?

Os alunos trocam olhares e é quando entendo: eles sabem. Eles notaram que Ben não está ali, mas isso é um tabu. Um assunto que não pode ser discutido. Ninguém responde.

— Vamos lá — diz Hatten. — Só estive nesta turma algumas poucas vezes; não pensem que já sei o nome de todos. Quem está faltando?

Fique imóvel. Não fale.

— Ben. Ben Nix não veio — eu digo, as palavras saem queimando, alguma compulsão me faz dizer seu nome em voz alta. Para torná-lo real, e não alguém que nem sequer existiu, que não tem importância.

— Onde ele está? — Hatten pergunta, seus olhos nos meus, e há algo naquele olhar. Um lampejo de divertimento, como um gato brincando com um rato preso sob sua pata. Ele sabe.

— Não faço ideia — respondo, bem convincente.

— Alguém sabe? — ele pergunta a todos na sala. Silêncio. — Não? Talvez ele não esteja bem.

Ele então continua a lição.

— Kyla? Espere. Quero dar uma palavra, por favor — Hatten sorri e mantém a porta da sala aberta para que as últimas garotas que estavam grudadas em seus pés possam sair. Elas

me lançam olhares de puro desprezo e vão embora.

Ele sai, olha para os dois lados do corredor, então retorna para dentro e fecha a porta, apoiando-se nela.

Eu não digo nada.

Ele sorri, e é um sorriso de maníaco, um sorriso largo de puro deleite.

— É você — ele diz.

— O quê? O que quer dizer?

— Você é a tal. Eu tinha certeza de que você conseguiria.

— Não sei do que você está falando.

Ele anda em minha direção e eu dou um passo atrás, mas escolho a direção errada. O canto da sala. Ele me cerca e sorri; estou presa. Ele coloca uma mão na parede sobre o meu

ombro. Sem tocar, mas tão perto que o calor de seu corpo me dá arrepios.

Ele se inclina.

— Você ouve as vozes, Kyla? Ou seja lá qual for o seu nome. Vozes na sua cabeça? — ele sussurra.

Meu coração palpita alto em meus ouvidos. Tu-tum, tu-tum.

— Escute as vozes. O que elas estão lhe dizendo agora?

Corra!

Me desvencilho dele e corro para a porta.

— Como é a sensação? — ele pergunta.

Me viro para ele, sem poder evitar.

— Que sensação?

— De saber que você matou Ben. Que ele está morto e que é tudo culpa sua.

— Eu não! Eu... — a cor desaparece do meu rosto. — Ele morreu mesmo? — sussurro.

Ele sorri.

— O que você acha?

Corra!

Avanço porta afora, atravesso o corredor, atravesso o pátio correndo. Vá para a pista.

Dou vários passos antes de me lembrar: a senhora Ali me proibiu de frequentar a pista na hora do almoço. Concentro-me. Não; não foi bem assim. Ela me proibiu de correr com Ben na

hora do almoço. E Ben não está aqui, está? Mas deixo bastante tempo para uma chuva de pedras no

final.

Há um lugar aonde tenho que ir depois do colégio.

CAPÍTULO 49

Aguardo pelo carro de Jazz no fim do dia.

— Oi — ele diz. — Não achei que você ainda fosse querer ir.

Forcei um sorriso.

— Está tudo bem? — me forçando a soar casual, como se não fosse grande coisa estar indo visitar o Mac como planejado. Mas é uma grande coisa. Aguentar firme, focando na raiva, para poder confrontar Aiden é a única coisa que tem me impedido de desmoronar. Ele

está morto e é tudo culpa sua. *Não! Se ele estiver morto, é culpa do Aiden. Dele e do Mac.*

— Claro — diz Jazz. — Eu estava torcendo para que você viesse. Vamos lá.

Estamos bem longe do colégio quando ousou perguntar.

— Jazz, Ian descobriu alguma coisa sobre o que houve com o Ben?

Ele vira a cabeça de um lado para o outro. Parece não querer responder.

— Me diga! Seja lá o que souber. Por favor, preciso saber.

— Não há muito para contar. Nada que já não soubéssemos, ou que não tenhamos deduzido.

— Me diga assim mesmo.

— A mãe de Ian é amiga da mãe de Ben. Ela disse que os paramédicos chegaram lá e o reanimaram, mas ele não estava respirando por conta própria. Talvez estivesse sem respirar

por muito tempo quando eles chegaram. Mas ela não sabe dizer, porque, assim que os Lordeiros entraram, eles a expulsaram de lá. Quando a ambulância partiu, a van dos Lordeiros

a seguiu, e eles não pareciam com pressa de ir ao hospital, não usaram luzes nem sirene, por

isso ela estava temendo pelo pior. Mas eles não vão informar a ela para onde levaram Ben ou o que houve.

Eu não digo nada. Pisco várias vezes e encaro a janela. Vivo ou morto, os Lordeiros o levaram. Não há nada para se dizer.

Jazz faz a última curva e logo estacionamos na casa de Mac. Ele para o carro na frente.

— Kyla, tem mais uma coisa. A mãe de Ben deixou algo para Ian lhe entregar.

— O quê?

— Está no porta-malas — saímos do carro e ele chuta o porta-malas com força, até que ele se abra. — Melhor que usar a chave.

Há uma caixa de papelão lá dentro: uma grande caixa.

— Vamos lá — diz Jazz, abrindo a tampa. Há um embrulho, eu puxo as pontas e vejo metal. Penas de metal! É a coruja. Ela deve ter terminado. Passo meus dedos por uma das asas.

— Ela disse que Ben havia pedido para fazer isso para você, então ela queria que você ficasse com ela — explica Jazz.

— Eu não sabia disso — suspiro. Ela trouxe essa criatura para a vida, baseando-se em um desenho meu. É tão bonito, e veio de Ben. Ela me deu mesmo assim, mesmo imaginando

que eu tivesse algo a ver com o que aconteceu. Ela nunca teria me dado se soubesse o que eu

fiz. As lágrimas começam a surgir em meus olhos e eu as seguro. Você não pode segurá-las.

Meu rosto desmorona. — Não posso levar isso para casa. Como vou explicar de onde veio?

— Imaginei. Por isso trouxe aqui hoje. Aposto que Mac pode guardar para você. Vamos perguntar a ele — ele diz, tirando a caixa do porta-malas. — Vamos lá.

Eu o sigo até a casa. A mãe de Ben não teria me dado isso se soubesse onde Ben conseguiu as pílulas. Se ela soubesse o papel que eu representei nisso tudo. Ele está morto e é

tudo culpa sua.

Jazz abre a porta.

— Olá! — ele chama.

Mac aparece da cozinha.

— Olá. Como vai você, Kyla? — ele pergunta, com um meio sorriso. Mas seus olhos estão tristes. Ele sabe sobre Ben. — Gostaria de um pouco de chá?

— Chá? — pergunta Jazz, debochando. E segue para o armário onde fica a cerveja. Mac enche a chaleira e, enquanto a água ferve, ele manda Jazz dar uma olhada em algum carro novo

em que ele está trabalhando.

Me debruço sobre o armário.

— Aiden está aqui?

Mac confirma com a cabeça.

— No quarto dos fundos. Sinto muito pelo Ben. Ele era um cara legal — seu rosto está cheio de tristeza, mas, se não fosse por ele, Ben não teria conhecido Aiden e pegado aquelas

pílulas. *Se não fosse por mim.*

— Há algo que eu possa... — Mac começa a dizer, colocando uma mão em meu ombro, mas eu o afasto. Quero mostrar a ele minha fúria, mas me contenho por enquanto e aguardo.

— Quero falar com Aiden.

— Tudo bem. É melhor que Jazz não o conheça nem saiba sobre ele, está bem? Vou mantê-lo lá nos fundos mais um pouco. Vou dizer a ele que você queria ficar um tempo sozinha.

— Certo. Tanto faz.

Caminho silenciosamente pelo corredor, em direção ao quarto do computador e abro a porta.

Aiden está sentado à mesa, com a cabeça nas mãos.

Ele olha para cima.

— Oi — ele diz, com seus olhos grandes, redondos, de um azul escuro que surpreende na pele pálida. — Mac acabou de me contar sobre Ben. Não posso acreditar — ele se levanta e

estica a mão em minha direção, mas eu corro para fechar a porta.

— O que você sabe? — pergunto.

— Só o que ouvi do Mac, que deve ter ouvido do primo. Que Ben tirou o Nivo — ele balança a cabeça. — Por que ele faria isso?

— Você realmente não sabe? — pergunto, enojada.

— Como assim?

— Você deu a ele aquelas pílulas; elas fizeram algo com ele. E você lhe contou sobre o TAG retirando Nivos com sucesso. Você causou isso tudo! — minha voz está mais alta, estridente.

— Fale baixo — ele diz, olhando pela janela.

— Faz dias que estou calada, sem conseguir dizer nada. Vou dizer o que quero agora, e você vai me ouvir.

— Estou ouvindo — ele responde, a voz baixa, retraída.

— Aquelas pílulas não eram apenas pílulas da felicidade, eram? Elas não só aumentaram os níveis dele, fizeram algo mais.

Aiden inclina a cabeça para frente.

— É verdade. Elas ajudam a impedir que o Nivo domine seus pensamentos.

— Elas fizeram Ben fazer aquilo!

Ele balança a cabeça.

— Não é assim que funciona. Elas fazem você pensar por si mesmo.

Balancei a cabeça, negando aquelas palavras. Mas parece Ben falando.

— Entendo sua raiva sobre o que aconteceu, mas não é culpa minha. Não entendo por que ele faria isso. Apenas pensar por si mesmo não faria isso. Alguma coisa deve ter acontecido,

alguma coisa deve tê-lo impulsionado a isso. Ter feito Ben sentir que era a única opção.

Eu o encarei horrorizada. A coisa que aconteceu... foi Wayne, e Ben se sentindo incapaz de me proteger. A culpa é sua.

Cruzo os braços, a raiva e a desolação começam a se misturar.

— Não! Está errado. Se você não tivesse lhe dado as pílulas, isso nunca teria acontecido.

Aiden hesita:

— Sinto muito, Kyla. Muito mesmo. Mas pense bem. Não é culpa minha ter dado as pílulas a ele, ou de Mac por ter me trazido aqui, ou de Jazz por ter trazido você.

Eu o encaro apavorada. É como se ele estivesse lendo meus pensamentos, acompanhando meu raciocínio. E ele não pode tirar a minha raiva. Preciso dela. E a única pessoa que pode

ser responsabilizada, se todos eles forem descartados, sou eu.

— Então de quem é a culpa? — suspiro.

— Pense nisso. Quem transformou Ben em um Reiniciado? Quem colocou o Nivo nele e o

bloqueou sem chance de ser removido? Quem fez essas coisas?

— Os Lordeiros.

— Agora você entende por que é tão importante o que fazemos. Temos de expor o que eles fazem. Me ajude com DEA.

Perigo. Balanço minha cabeça e dou um passo atrás. Não. Após tudo o que ocorreu, ele ainda distorce as coisas, me manipulando para tentar me obrigar a fazer o que ele quer. Tudo o

que ele diz parece tão razoável, mas está errado. Sem Aiden, nada teria acontecido a Ben. E o

que aconteceria comigo se eu o ajudasse? Qualquer passo fora da linha e papai irá me devolver; foi o que ele disse. E os Lordeiros, a senhora Ali, a doutora Lysander e o seu “me

diga o que há de diferente em você, Kyla”. Eles e Aiden estão todos me sufocando. Essa é a

caçada. Eu sou a presa.

— Você está bem, Kyla? — pergunta Aiden, percebendo finalmente que perdeu, que meu Nivo não vibrou nem uma vez esse tempo todo. Ele olha com curiosidade para o meu pulso,

mas eu o cubro com a mão. Mantenha a raiva.

Me encaminho para a porta.

— Se houver qualquer coisa que eu possa fazer, qualquer coisa... — sua voz falhou.

Eu parei.

— Há sim. Descubra o que houve com Ben.

Ele não diz nada. Eu me viro.

Seu rosto está triste.

— Kyla, sinto muito. É improvável que Ben tenha sobrevivido. Mas, se sobreviveu, os Lordeiros estão com ele. Não será por muito tempo.

— Descubra — repito.

— Se eu descobrir algo, aviso ao Mac — mas ele enfatiza o se, como se fosse um caso perdido.

Eu o deixo e fecho a porta.

Mac e Jazz ainda estão lá fora, mas não me junto a eles. Ainda não. A tristeza ameaça a raiva; não consigo focar, estou vacilante, e meus níveis estão caindo. Cambaleio até a cozinha

e lá está, sobre a mesa, a caixa com a coruja. Isso não vai ajudar.

Tiro o resto do papel e a coloco sobre a mesa.

É fantástica. A última vez que a vi as asas não estavam terminadas, mas agora estão, são imensas. É impressionante como diferentes pedaços de metal se juntaram para formar algo muito mais incrível. Passo meus dedos pelas asas, pelas garras afiadas e pelo bico. Uma criatura linda, solitária, mas mortal se você for um rato. Passo o dedo nas costas da coruja. O

que é isso? Um som suave, um ruído, como se algo estivesse solto. Viro a coruja para olhar

melhor.

É difícil ver. Uma minúscula ponta branca. Consigo prendê-la entre duas unhas e puxo; sai um pequeno quadrado de papel.

Um bilhete? Minhas mãos começam a tremer enquanto o desdobro.

Querida Kyla,

Se você encontrou isto, significa que as coisas deram errado. Sinto muito pela dor que lhe causei.

Mas saiba que foi decisão minha, apenas minha. Não há ninguém para se culpar.

Com amor,

Ben

Mais tarde, naquela noite, o sono me abandona novamente. Meus níveis estão em torno de 4 e meu Nivo idiota continua vibrando cada vez que estou prestes a apagar. Quero a escuridão, a noite, o silêncio; sem sentimentos ou pensamentos. Mas isso não vem. Estou sozinha na noite; nem mesmo Sebastian está aqui para manter os demônios afastados. Por fim, não consigo me manter parada por mais tempo e penso em descer as escadas e beber alguma coisa. Mas há uma luz no quarto da frente. Dou uma olhada pela porta; mamãe

está lá, um livro em suas mãos e Sebastian em seu joelho.

— Como você vive com essas coisas? — pergunto.

Ela se assusta um pouco, olha em volta e me vê parada na porta. Abaixa seu livro.

— Coisas?

— Coisas ruins acontecem com pessoas de que você gosta. Com seus pais. E com seu filho.

— Venha aqui — ela diz. Seguro sua mão e me aproximo. Sento ao seu lado, no sofá. Ela

passa o braço pelo meu. — Eu deveria ser capaz de responder isso, mas não sou. Não há resposta. Você apenas segue em frente, um dia de cada vez. Fica mais fácil após um tempo.

Ela nos faz um chocolate quente, pega um cobertor e ficamos no sofá. Ela lê, Sebastian ronrona e eu acabo dormindo.

CAPÍTULO 50

Hoje tenho de agir como nunca agi antes. E não é apenas a versão oficial sobre Ben que tenho de manter, mas também as pessoas e eventos envolvidos com o que houve com ele que

tenho de esconder. Na semana passada a doutora Lysander disse que queria uma resposta: por

que sou diferente dos outros Reiniciados?

E agora eu sei. Finalmente descobri como sou diferente, embora ainda não saiba o motivo. Quando acordei pela manhã, grogue e dolorida por ter dormido no sofá, a resposta estava em minha mente.

Está tudo relacionado à raiva.

Meu Nivo faz seu trabalho se fico chateada ou angustiada por várias razões, os níveis caem como esperado. Eles podem cair tanto que eu desmaio. Mas, quando estou com medo ou

com raiva, eles não caem. Parece que isso protege meus níveis. Embora o propósito maior de

um Nivo seja impedir o Reiniciado de agir com raiva, prevenir a violência contra eles e os outros.

O meu não funciona.

Não tenho dúvida de que, se alguém descobrir isso, eu viro história. A doutora Lysander pode ficar curiosa e querer remexer no meu cérebro para determinar como ou por que isso aconteceu, mas nem mesmo ela consegue manter afastada a direção do hospital, os Lordeiros.

Chega de Kyla.

Minha poker face está melhor, mas não é o suficiente. Não importa o que aconteça, não posso ficar irritada. Nem aqui no hospital, nem no colégio, onde há olhos por toda parte. De

jeito nenhum. Boa sorte.

Hum.

A única maneira que conheço para fazer isso é deixar entrarem a dor, a angústia e a perda. Todas as coisas que venho tentando bloquear desde que Ben... Engulo em seco. *Bzzzzz.*

Olho para o meu Nivo: 4.4.

Está alto.

— Entre! — chama a doutora Lysander, e eu entro. — Sente-se, Kyla — ela dá um sorrisinho e uns toquinhos na tela. Eu me sento.

Ela finalmente levanta o olhar.

— Não vou perguntar como foi a sua semana. Estou vendo no seu arquivo: nada boa.

— É.

— Me fale sobre seu amigo Ben — ela diz, a voz suave, encorajadora. Algo incomum em seu caráter usual: simpatia.

— Ben era meu amigo no colégio. Ele também estava no grupo. Meu único amigo, na verdade.

— O que houve?

— Ele não foi para o colégio na sexta e eu fiquei preocupada. Pedi ao namorado de Amy para me levar até a casa de Ben, mas havia ambulâncias e Lordeiros lá. Ele me levou para casa e eu desmaiei. E Ben não voltou para o colégio, nem para o grupo, e ninguém fala nada

sobre ele! É como se ele nunca tivesse existido; ninguém se importa.

Meu sangue ferve, minhas mãos começam a se fechar, involuntariamente, mas as faço relaxar, forçando o mesmo com a respiração.

— Eu me importo, Kyla.

— Então pode me dizer o que houve com ele? Por favor.

— Honestamente, não sei. Isso não me diz respeito, a não ser que ele se torne um paciente neste

hospital; de outra forma, não tenho como saber.

— Você pode descobrir?

— Não — ela diz, gentilmente. — Mas, Kyla, você sabe o que lhe ensinaram sobre o Nivo. Eles não podem ser retirados sem causar dor, desmaio ou morte: os níveis despencariam muito rápido para o Nivo ser destruído a tempo de impedir a morte de seu usuário.

— Sempre? — pergunto, num fio de voz. — Não há nenhuma chance...?

— Sempre há uma pequena chance de o equipamento falhar. As coisas podem ter dado errado na cirurgia ou no chip implantado. Nada é infalível. É meu trabalho minimizar essas

possibilidades, e, se qualquer coisa der errado, descobrir o motivo — ela pende a cabeça para o lado. Estará pensando na pergunta que me fez na semana passada?

Perigo! Deixe vir a dor.

Mas não consigo suportar...

Você precisa.

Mentalizo o rosto de Ben. Em como ele ficava quando sorria. Correndo como o vento.

Segurando minha mão. Com amor, Ben — ele disse no bilhete. E, apesar de tudo isso, a última

vez que o vi, em convulsão e com dor, eu o deixei. Eu o abandonei e corri para me salvar.

Lágrimas quentes incomodam meus olhos.

Bzzzzzz..... 4.2

Bzzzzzz..... 3.7

Doutora Lysander aperta um interfone e diz alguma coisa. Uma enfermeira aparece. Elas conversam e a enfermeira aplica algo em meu braço. Um calor muito bem-vindo me invade e

toma o meu corpo, meus níveis começam a subir lentamente.

A enfermeira se retira e a doutora Lysander digita algo em sua tela, me lança olhares de vez em quando e senta-se de volta em sua cadeira.

— É o suficiente por hoje — ela diz. — Mas, Kyla, confie em mim quando lhe digo que é melhor esquecer-lo. Mas, se não conseguir, com o tempo fica mais fácil.

O jeito como ela fala... parece com a minha mãe.

— Você sabe como é — murmuro.

— O que quer dizer?

— Você sabe, não sabe? Você perdeu alguém. Algo horrível lhe aconteceu.

Ela se remexe na cadeira, mexi em um vespeiro. Por um instante vejo dor em seus olhos, um flash de algo real e então desaparece. Seu rosto está em branco. Ela também tem uma poker face.

— Vá para casa agora, Kyla — ela diz. Assunto encerrado.

Levanto-me e sigo até a porta.

— Ah, Kyla? Não me esqueci do que estávamos conversando na última vez. Mas não

vamos tocar nisso hoje, está bem?

Uma suspensão temporária, então. Não escapei.

Só bem mais tarde, deitada em minha cama, desejando dormir, me dou conta do meu erro.

Eu não deveria saber que Ben tentara cortar seu Nivo. Mas, quando a doutora Lysander começou a falar sobre isso, não perguntei o motivo, nem pareci surpresa, nem nada.

Ops! Um gigantesco ops.

E então percebi outra coisa. Se ela realmente não soubesse nada sobre Ben e o que aconteceu com ele, ela também não saberia sobre aquilo.

Ela estava mentindo. *Me vi cercada por uma escuridão absoluta. Abri meus olhos bem abertos, mas está tudo tingido de preto. Não consigo ver nada. Odeio isso! Jogo-me contra a parede de tijolos, o círculo apertado que cerca este cubículo onde estou. Não há espaço suficiente para esticar meus braços de lado a lado ou para me sentar. Nenhuma fissura para encaixar meus dedos e escalar a parede.*

Tem de haver uma maneira de sair.

A torre de Rapunzel tinha uma janela; ela tinha cabelos longos. Tudo que tenho é a escuridão; unhas, punhos, pés.

E a raiva. Dou impulso e chuto as paredes, várias vezes. Nada. Até que finalmente, exausta, escorrego pela parede. E é quando sinto em minhas mãos.

Um pedaço do cimento está solto! Um pedacinho, um pouco abaixo da cintura. Começo a escavar, sem parar ou me preocupar com minhas unhas ou com o sangue ou a pele. Sei muito bem que mãos se curam.

Finalmente vejo um pequeno ponto de luz. Quase choro de alívio. É uma tortura, é muito baixo para que olhe através dele. Para ver o que há lá fora. Por mais que eu tente, não consigo me espremer o suficiente neste espaço apertado.

Chega! Grito com ódio.

Me deixe sair!

CAPÍTULO 51

Durmo tarde e quando finalmente abro meus olhos estou surpresa que mamãe tenha me deixado sozinha, mesmo sendo domingo. Após o sonho ter me acordado na noite passada, tive

de manter a luz acesa. A escuridão era muito pesada e sufocante, e deitei-me aqui, pensando,

para depois pegar meu bloco e desenhar por horas. Só me deixando dormir quando o sol

nasceu.

O que meu sonho significa?

Se minha raiva está na prisão, ela precisa ficar lá. Isso não vai acabar com a dor, apenas prolongá-la por mais tempo. Não posso parar de sentir o que sinto pelo Ben. Muito menos deixar de ser quem eu sou. Ou negar quem já fui.

Todos esses sonhos fragmentados: verdades insignificantes e meias verdades, eventos reais ou imaginados. Como posso separá-los? Não posso.

Também não notei que a doutora Lysander estava mentindo. Como ter realmente certeza de que Ben estava errado em querer fazer aquilo?

Aiden está certo. Se Ben está morto, a culpa é certamente dos Lordeiros e seus hospitais. Do governo e de médicas como a minha. Eles são os inimigos, e não Aiden.

Sim! Foque sua raiva neles.

Não. Era aí que Ben estava errado. Ele queria se unir aos terroristas. Ele teve cuidado com o que disse, não queria que eu soubesse de nada que me causasse problemas. Não há nada

ali que possa me ligar com o que ele fez ou estivesse planejando fazer, mas eu sabia, era para

essa direção que ele seguia.

E não eu.

As respostas de Aiden são perigosas. Mas a forma como ele quer fazer as coisas está certa.

Pego meus desenhos das horas escuras e lá estão eles, os desaparecidos. Ben, Phoebe, e até Lucy. Não posso virar as costas para eles. O mundo precisa saber. E, principalmente, eu

preciso saber: o que houve com Ben?

No andar de baixo, Amy está fazendo o dever de casa na cozinha, papai ainda não chegou e mamãe está preparando uma sopa.

Ela sorri quando eu entro.

— Acordada, finalmente. Vejo que o sono extra lhe fez bem.

Sorrio de volta para ela. Não foram muitas horas de sono. A questão é que, em vez lutar contra mim mesma, acho que sei o que quero fazer agora. O que preciso fazer. Isso me faz parecer descansada como nunca desde que conheci Aiden.

— Vou sair para caminhar — aviso.

Mamãe olha pela janela. O sol está brilhando, mas pesado; nuvens negras se aproximam do oeste, cobrindo metade do céu.

— Melhor que seja rápido.

— Devo ir junto? — Amy pergunta.

— Não. Quero ir sozinha.

— Mantenha-se nas vias principais, Kyla — mamãe avisa.

Atravesso o vilarejo, passo pela trilha que Amy e Jazz costumam pegar. Onde Ben e eu caminhávamos — não, onde corríamos — à frente deles, e tantas coisas me vêm à mente.

Continuo em direção ao final do vilarejo, depois de algumas fazendas, até a floresta.

Estou pensando em voltar quando um movimento atrai o meu olhar.

Me viro. Incapaz de ver algo no início, busco pelos campos e pela floresta. E então eu a vejo. Em uma cerca entre os campos e a floresta: uma coruja. Branca como a neve, me olhando, observando o campo como se fosse sua dona. Mas estamos em pleno dia, não é noite,

e até eu sei que corujas são criaturas da noite.

Mas ninguém lhe disse isso.

Fascinada, eu observo.

Ela me observa também e eu me aproximo, saio da estrada e passo pelo caminho estreito entre a cerca e a floresta. Me aproximo o bastante para ver os seus olhos, a perfeição de suas

penas. E então ela voa. Batendo as incríveis asas brancas, assim como a escultura de metal.

Ela mergulha e pousa novamente. Em um portão do outro lado do descampado. Talvez a uns

vinete metros à frente. Ela vira a cabeça para trás, os olhos na minha direção.

Esperando?

Eu, então, me aproximo. Repetimos essa dança algumas vezes. Sempre que reduz a distância entre nós, ela voa, e então espera até que eu a siga.

Isso se repete por um tempo, até que estamos dentro da floresta e começo a perceber que estou completamente perdida. Meu senso de direção desapareceu. Não prestei atenção onde

meus pés pisavam e segui o voo de uma coruja. O céu desce sobre mim, negro e furioso agora,

cobrindo o sol. A chuva logo vai cair. A ave descansa em um galho de árvore desta vez;

alto o

suficiente para não sair voando quando me aproximo.

— Muito obrigada — digo para ela. — Você me trouxe aqui, o que quer agora?

Ela me observa atentamente e vira a cabeça para um lado. Olha para minhas costas e alça voo, muito acima das árvores. Sumiu de vista.

— O que faço com você agora? Ora, ora.

Viro para trás.

É ele. Wayne. O pedreiro.

Pisco algumas vezes, sem acreditar no que estou vendo.

— Você me seguiu? — pergunto e começo a me afastar.

— Bem, sim, segui. Parece que você tem me observado com frequência, então pensei que também poderia observar um pouco — ele sorri, mas apenas com sua boca de poucos dentes,

não com o olhar. Ele se aproxima.

Dou outro passo para trás, viro-me e saio correndo, mas tropeço quando meu pé agarra em uma raiz.

Ele se move mais rápido do que eu esperava. Suas mãos seguram e torcem meu braço.

Ele me empurra contra uma árvore.

— Não tem ninguém aqui para ajudar você desta vez — ele diz em meu ouvido e passa as mãos em minhas roupas. Eu luto. — Garota estúpida. Seja boazinha. Você sabe que quer isso.

Além do mais, se ficar chateada ou zangada, vai desmaiar. Pode até... morrer.

Ele agarra meus cabelos e puxa minha cabeça para mais perto.

Meus músculos se lembram. Os instintos assumem a direção. Eu relaxo, paro de lutar.

— Assim mesmo — ele diz, se curvando e me beijando, apalpando e arranhando, forçando a língua em minha boca até me dar vontade de vomitar. Giro meu corpo lentamente e

acerto meu joelho com força entre os dele.

É quando algo... estala. Dentro de mim.

Quase audível, um craque, uma rachadura. Um fio de luz brilha onde antes nada podia alcançar.

A parede.

Ele xinga e cai, ainda agarrado com força aos meus cabelos, me puxando com ele para o

chão.

— Reiniciada vadia! Você vai me pagar por isso — ele rosna.

Acho que não.

Ele é bem mais alto. Talvez tenha o dobro do meu peso. Meus braços, pernas e músculos sabem exatamente o que fazer.

Eu ataco.

Logo está acabado.

Me levanto. Aquele homem, que se atreveu a me tocar, agora está caído e imóvel, sangrando no chão. A mandíbula esmagada; o sangue brota de um corte atrás de sua cabeça.

Será que está... morto?

Me aproximo, com medo de ter certeza; com medo de não ter. Curvo-me sobre ele, não querendo tocá-lo, mas forçando minha mão até seu pescoço para sentir o pulso.

Seus olhos se abrem de repente. Dou um salto para trás, mas ele segura meu tornozelo. Solto um grito e puxo com força, chutando várias vezes, mas sua mão é um torno bem apertado. Me abaixo e levanto seus dedos, um por um, então saio correndo.

Em direção à floresta. Os galhos batem em meu rosto e meus pés tropeçam nas raízes, mas eu acelero o quanto posso por entre as árvores e arbustos entrelaçados até que subitamente eles dão passagem para uma trilha. A trilha; sim. Foi por aqui que vim. Eu me lembro agora. Meu lado lógico e analítico toma controle dos meus pés e diminui o ritmo.

Meu Nivo marca 6.

Como pode ser?

Minha cabeça começa a latejar ferozmente, as mãos tremem, os pés cambaleiam.

— O que foi que eu fiz? — sussurro para as árvores. — E como foi que eu fiz?

Silêncio.

— Quem disse isso?

Viro-me, mas estou sozinha.

E em algum lugar dentro de mim me sinto calma. Uma nova parede está sendo construída, bloqueando o que deveria conectar meu Nivo com meus pensamentos e sentimentos, e é algo forte.

— O que foi que eu fiz?

Mas minhas perguntas se desfazem tão logo se formam.

Deixe para lá.

Viro-me novamente; não há ninguém ali. A voz está na minha cabeça. A voz que sempre esteve em minha cabeça.

— Quem é você? Lucy?

Não! Aquela fracote chorona se foi, para sempre. Eu sou... você. O que restou de você.

— O que você quer?

Que fiquemos juntas.

— Não.

Você não tem escolha.

— Não!

Caio no chão.

E essa intrusa dentro de mim empurra um tijolo. A rachadura aumenta, o cimento se desmancha, os tijolos se despedaçam e caem. A torre inteira cai.

Um caleidoscópio invade minha mente. Imagens começam a surgir aos poucos, depois se transformam em flashes rápidos em meu cérebro, que rodopiam e giram. Estou tonta, minha

cabeça parece prestes a explodir, mas não posso parar. Minhas entranhas se revoltam e eu vomito, várias vezes, até que não há nada mais em meu estômago, mas ainda assim continuo no

chão.

Como pode ser isso? Minhas memórias deveriam ter sumido. O que houve, o que está acontecendo agora?

Observo o céu escurecendo, o coração batendo violentamente por trás de minhas costelas.

Minha cabeça vai parando de girar; as lembranças param de exigir atenção e se acalmam. Se

enfiam rapidamente onde se encaixam, e onde não se encaixam.

Como pode ser? O que significa isso?

Os pálidos e frios olhos azuis; eles sabem. Eles sempre sabem. Seu rosto aparece em minha mente: angelical quando ele sorri, quando faço o que deve ser feito. Evito pensar em

quando não faço.

Suspiro alto ao lembrar seu nome. Nico. Que foi como o conheci, lá atrás, quando ele era o centro da minha vida. Ele a controlava; a dor, o prazer, como um pode se tornar o outro.

Algo como amor e ódio. Ele me ensinou como ser duas pessoas ao mesmo tempo: a patética

Lucy e seu alter ego. A guerreira e a covarde. Lucy se foi; apenas a outra sobrevive. Foi Nico

quem esmagou os dedos de Lucy com um tijolo quando ela resistiu à separação. Mas ele fez

isso por mim, para me proteger. Me manter segura se os Lordeiros colocassem as mãos em meu cérebro. E eles conseguiram. Me tornaram Reiniciada. Então, tudo o que ele fez por Lucy

me salvou no final.

Como foi que ele me encontrou?

Não como Nico. Mas, mesmo usando roupas diferentes, e num novo papel de professor, seu sorriso continuava igual. Apenas para mim, e só para mim, ignorando as outras garotas da

sala, tendo olhos apenas para sua preferida. Seu jeito de piscar devagar. Que bruxa, ele tinha

dito naquele dia, sobre a senhora Ali. Ainda do meu lado. Sem se importar com o fato de que

eu não podia lembrar quem ele era. Ele tentou me impulsionar, percebo agora, sendo tão horrível sobre Ben. Ele estava tentando fazer com que minhas memórias se libertassem de onde estavam escondidas.

Não importa como ele me encontrou, mas ele, ou algum de seus amigos terroristas, deve ter colocado a senhorita Fern no hospital para que ele pudesse tomar o lugar dela no colégio.

Nico — ou Hatten, como é conhecido agora — se meteu em muita confusão, e só poderia haver um motivo. Para estar no mundo de Kyla. No meu mundo. Mas por quê?

Meus olhos se abrem.

O que ele quer comigo?

Mal a pergunta se forma, as imagens começam, saltitando por minha mente uma após a outra, cada vez mais rápido. A morte e os instrumentos da morte: explosivos e agentes detonadores, armas e bombas incendiárias, onde os melhores colocam uma lâmina escondida.

Nico me ensinou muitas formas de acabar com uma vida. Até mesmo com minhas próprias mãos.

Não!

Sim. Pergunte ao Wayne.

Levanto-me e corro entre as árvores, para longe do corpo de Wayne e na direção da estrada. NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, grito em pensamento, meus pés surrando o chão. Não

vou! Não posso. Não sou essa pessoa, não sou mais.

E o Ben?

Ben. Meus passos vacilam. Olho para o meu Nivo, igual ao que arrancamos de sua vida; talvez, para isso, tirando sua vida. 6.2? Eu o torço no pulso, com força. Nada. Deveria, ao menos, causar dor. Depois de tudo que fiz esta tarde, eu deveria estar morta, com o cérebro

queimado por esta coisa que tem me controlado desde que me tornei uma Reiniciada. Ainda

está em meu pulso, mas de alguma forma bloqueado por novas barreiras em meu cérebro.

Ben tentara se ver livre de seu Nivo, para que pudesse fazer a diferença. Fazer alguma coisa.

E aqui estou eu. Livre do meu.

Sinto arrepios nos braços.

Me recosto em uma árvore e fecho os olhos. Lá estão os dele: castanhos e quentes. Os que se importaram comigo, sem se perguntar quem, ou o quê, eu tinha sido. Será que ele sentiria o

mesmo se soubesse da verdade?

Não consigo acreditar que ele tenha sido detido, que tenha ido para sempre. Imóvel e silencioso como a coruja de metal.

EU ME RECUSO a acreditar nisso.

Nico pode pensar que estou aqui para fazer o que ele quer, mas ele vai ter uma surpresa.

Há um preço que ele precisa pagar. Ele me ajudará a encontrar Ben, ou não terei nada a ver

com ele e seus esquemas.

Sussurro uma promessa para as árvores e para o vento, para a chuva que começa a cair, para a coruja, cujo voo me trouxe a este lugar.

— Ben, estou indo encontrar você.

FIM

Document Outline

- [PRÓLOGO](#)
- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
- [CAPÍTULO 29](#)
- [CAPÍTULO 30](#)
- [CAPÍTULO 31](#)
- [CAPÍTULO 32](#)
- [CAPÍTULO 33](#)
- [CAPÍTULO 34](#)
- [CAPÍTULO 35](#)
- [CAPÍTULO 36](#)
- [CAPÍTULO 37](#)
- [CAPÍTULO 38](#)
- [CAPÍTULO 39](#)
- [CAPÍTULO 40](#)
- [CAPÍTULO 41](#)

- [CAPÍTULO 42](#)
- [CAPÍTULO 43](#)
- [CAPÍTULO 44](#)
- [CAPÍTULO 45](#)
- [CAPÍTULO 46](#)
- [CAPÍTULO 47](#)
- [CAPÍTULO 48](#)
- [CAPÍTULO 49](#)
- [CAPÍTULO 50](#)
- [CAPÍTULO 51](#)